

FELIPE COLBERT

HÁ SEMPRE UMA *palavra* QUE NOS UNE

Bellewille



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

FELIPE COLBERT

Belleville

HÁ SEMPRE UMA *palavra* QUE NOS UNE



Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colbert, Felipe

Belleville / Felipe Colbert – Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.

ISBN: 978-85-8163-495-1

1. Ficção brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



Capítulo 1

Campos do Jordão, 20 de janeiro de 1964.

Ilustre desconhecido,

Hoje é o seu dia de sorte. Você acaba de ser premiado com um passeio de montanha-russa! Espere, não estou brincando. Não despreze as minhas palavras. Leia a carta até o final para descobrir o que eu quero dizer.

Poucas pessoas nesta cidade sabem que meu pai, Rodolfo, além de requisitado fotógrafo jordanense, foi um homem com certa habilidade na carpintaria. Encantado pela natureza e pelos detalhes captados por sua objetiva, papai não se contentava em registrar momentos. Mais do que eternizar sorrisos, ele queria inventá-los.

Até a data em que a tuberculose extinguiu suas forças, ele trabalhou horas a fio juntando recursos para que, nos períodos de lazer, pudesse dedicar-se a um sonho: dar de presente para sua única filha uma montanha-russa particular. Aqui, no lugar onde você encontrou esta carta, ele iniciou a construção do nosso "brinquedo", que batizou de Belleville — em homenagem a uma das mais famosas e sofisticadas montanhas-russas construídas no século passado.

Seguindo mais o seu instinto do que as leis da Física, papai desenvolveu uma série de estudos para concluir o projeto. Passou muitas noites em claro buscando respostas para seus cálculos. Meu pai não tinha conhecimentos avançados, mas tinha um sonho. E esse sonho tornou-se tão grande que ultrapassou o próprio tempo, a própria vida. Ele morreu sem chegar perto de concretizá-lo, mas sinto que seu legado permanece. O presente que ele me daria, então, passou a ser de mim para ele. Construir Belleville é uma

homenagem que eu gostaria de prestar à memória do meu pai. Infelizmente, vivo sozinha e minhas possibilidades são limitadas neste momento.

Por isso, peço a você, o ilustre desconhecido que encontrou esta carta: por favor, me ajude a realizar o sonho do meu pai. Você não tem nenhuma obrigação, é claro. Provavelmente se mudou para esta casa e tem planos que não incluem construir uma montanha-russa no seu terreno, com base no projeto maluco deixado por um fotógrafo excêntrico! Além disso, não ganhará nada em troca, a não ser, quem sabe, o passeio de seus filhos nos trilhos de madeira do sonho que me ajudará a realizar. Acredito, todavia, que este convite seja o mais inusitado e irresistível que algum dia você receberá.

Com esta carta, entrego Belleville nas mãos do destino e do tempo; entrego Belleville em suas mãos.

Despeço-me com sinceros cumprimentos,

Anabelle



Capítulo 2

Campos do Jordão, cinquenta anos depois.

Como regra pessoal, eu não conseguia entrar numa fase nova da minha vida sem que algo desse muito errado.

Seu Lincoln pareceu embaraçado ao perceber que não recebia minha atenção. Cinco minutos antes eu havia deixado minhas malas no degradado saguão da casa. Ele, o corretor responsável pelo aluguel, fazia questão de me apresentar cada canto do lugar enorme, carregando um exagerado molho de chaves nas mãos e o contrato debaixo do braço. Eu, com vinte anos e às portas de me tornar universitário, só pensava na reação do meu pai se soubesse o tamanho da encrenca em que havia metido seu único filho quando assinou o contrato. “Acho que foi má ideia”, provavelmente ele diria.

O corretor pigarreou de propósito. O som ecoou pelo ambiente como o estrondo que precede um tsunami — óbvio que isso nunca iria acontecer ali, em Campos do Jordão, cidade que fica 1.600m acima do nível do mar.

— Ouviu o que eu disse, meu jovem?

— Lucius — lembrei-o.

— Ah, sim. — Ele desvencilhou o contrato do sovaco e deu uma conferida no texto, mas só encontraria a assinatura do meu velho, Fernando. — É um nome bem diferente... Nunca vi.

Da forma como ele comentou, pensei que talvez meus pais devessem ter me premiado com *Lincoln*.

— Desculpe. Sobre o quê o senhor falava?

— O barulho da água quando passa pelo encanamento. Não se incomode. É meio assustador, mas não é pior que o da minha casa.

Assenti com a cabeça. Meu pai, pequeno comerciante e cultivador de orquídeas, tinha encontrado o anúncio da casa em um site de aluguéis da região. Descobrimos que o atual proprietário arrendou o imóvel em um leilão por uma pechincha, mas não pretendia ocupá-lo (talvez pelo estado descuidado da coisa). Bem, eu iria morar sozinho nos próximos cinco anos, tempo suficiente para me formar em Matemática em uma das melhores universidades do país. Contrato longo, aluguel barato. Fazendo as contas, parecia uma boa ideia. Analisando agora, eu tinha sérias dúvidas se as fotos no anúncio haviam passado por uma sessão de embelezamento no Photoshop.

— Que tal vermos os quartos? — sugeri.

Subimos a escada. Os degraus rangiam a cada passo, como se fizéssemos massagem cardíaca na casa. Entramos no primeiro aposento. Fiquei surpreso ao ver que não se parecia com os demais ambientes. Se somasse a idade de todos os móveis que encontrava pelo caminho, quem sabe atingisse o período romano. Aquele espaço, porém, tinha um quê de aconchegante, com lambris de madeira por todos os lados e janelas compridas e retangulares que, quando estivessem devidamente limpas, deixariam a luz do dia se deitar pelo chão sem pedir licença. Havia uma cama de solteiro, dois criados-mudos e um biombo com detalhes esculpidos em forma de flor num dos cantos. Um espaço feminino. Uma jovem, talvez. Imaginei quais tipos de pessoas haviam morado naquela casa, se viveram e morreram nela, e me arrepiei com o pensamento. Depois me convenci de que aquilo não tinha importância. Afinal, uma casa velha é só uma casa velha.

Continuei a caminhar pelo quarto e parei a um palmo do vidro da janela. Lá de dentro tínhamos a vista de um bosque de araucárias, que começava a alguns metros dos fundos da casa e se estendia até sabe-se lá onde. Dava para sentir o ar limpo e úmido,

misturado com o cheiro da mata, entrando pelas frestas. Até que Seu Lincoln, com sua loção pós-barba, colocou-se ao meu lado.

— Conheço escritores que matariam por uma vista destas — comentou ele, satisfeito.

Tive que dar o braço a torcer. De fato, a tranquilidade ajudaria a me concentrar nos momentos de estudo. Imediatamente decidi que aquele seria o meu quarto, mesmo antes de ver os outros.

Aprofundando o olhar para o bosque, algo me chamou a atenção.

— Está vendo aquilo? — perguntei.

— Hein? O quê?

Tentei abrir a janela, mas estava emperrada. Com a ajuda de Seu Lincoln, forcei até que ela abriu completamente. Olhei para além das folhas e galhos que balançavam com o vento. Não foi suficiente. Mudei o foco para baixo do peitoril. A cerca de um metro dele havia um parapeito branco, com trinta centímetros de largura, estendendo-se por toda a lateral externa.

Como bom matemático que me tornaria, avaliei as probabilidades.

Coloquei meu corpo para fora da janela e me espremi no espaço sutil. Seu Lincoln manifestou sinais de desespero, mas eu o ignorei, como antes. Apoiando-me nos sulcos da alvenaria, escalei a parede externa até alcançar o telhado. Não era tão difícil assim, especialmente para caras como eu, que só haviam frequentado a academia para fazer aulas de escalada.

Cheguei à parte mais alta da casa. Ao contrário da subida, a inclinação do telhado me preocupava. Procurei algo em que pudesse me agarrar. Dei dois passos para o lado. Antes de me enlaçar no ferro semicorroído da antena, testei sua firmeza. Parecia que ela olhava para mim, dizendo o quanto eu era burro por estar ali em cima, ou quem sabe estivesse apenas captando o que Seu Lincoln pensava naquele momento. Qualquer descuido, eu

despencaria de mais ou menos dez metros de altura, e ele teria muito trabalho para se explicar.

Ainda que as telhas escorregadiças sob meus pés não colaborassem em nada para minha segurança, empertiguei o corpo ao máximo e forcei a visão.

— O que está enxergando daí? — o corretor gritou. Eu daria tudo para ver a sua expressão.

— Eu não sei direito... Vejo um caminho sinuoso feito de estacas no chão. Parece que alguém quis construir alguma coisa no terreno e desistiu.

— Tudo bem, desça! Você quer ir até lá?

Pensei por um instante. O que eu gostaria mesmo era de ficar sentado ali em cima, por um bom tempo, com o vento batendo no rosto e deixando o ar fresco das montanhas invadir meus pulmões até não aguentar mais. Só que isso também não seria possível, pois precisava liberar Seu Lincoln.

— Não — respondi, contundente. — Tenho certeza de que não é nada importante. Nada mesmo.



Capítulo 3

Minha primeira semana na universidade não foi muito diferente do Ensino Médio (inteiro). Nunca fui um cara popular ou que me integrasse a círculos. Claro que já cabulei aulas, tive algumas amizades e até me saí bem em determinados esportes, em especial os que necessitam de concentração e equilíbrio. Porém, sempre fui maduro em comparação com os caras da minha idade, e bom demais nas matérias em que a maioria refuga, como Matemática e Lógica. Mesmo fora da vida acadêmica, enquanto todos buscavam seus ídolos na música, cinema ou esporte, minhas duas maiores referências eram Bernhard Riemann e Carl Friedrich Gauss. Filme predileto? *Uma Mente Brilhante*, com Russell Crowe. Jogo? Xadrez. Eu seria capaz de explicar a sequência de Fibonacci com tanto entusiasmo que nem mesmo um disparo de pistola Taser me calaria.

Isso tudo me levou a decidir cursar licenciatura em Matemática, mas o fato de constantemente me sair melhor que os outros — e, confesso, de me gabar disso — também me trouxe vários problemas. A todo instante muros transparentes surgiam à minha volta, ainda mais quando as pessoas citavam palavras como “festa” ou “balada”. Nem preciso dizer que essa série de fatos refletia diretamente no meu entrosamento com as garotas.

Isso me chateava. Sempre pensei que as mulheres preferissem homens maduros, mas não funcionava comigo. Nunca me considerei um cara de extremos, bonito ou feio, apenas normal. Mais ou menos alto, desde os dezesseis anos adotei um corte de cabelo bacana, que me deixava com um ar mais *cool*. Ao menos era o que eu me forçava a enxergar no espelho. Mas devia haver algo de diferente, pois meus relacionamentos nunca bateram a casa dos

três meses. Nem me lembro de ter ouvido uma garota dizer que namorava sério comigo, quanto mais que me amava.

Naquele dia, me dei conta de que dificilmente isso mudaria.

Minha classe tinha quatorze pessoas, sendo apenas duas garotas. Uma delas, oriental; não sei se falava a minha língua, pois nunca escutei sua voz. A outra, em termos estéticos e comportamentais, lembrava a mulher-gorila, aquela atração comum nos parques de diversão.

Em vez de ficar pensando baboseiras, eu deveria estar prestando atenção na matéria, criando perpendiculares, paralelas e ângulos com meus esquadros e compasso, uma vez que a disciplina era Desenho Geométrico e eu curti bastante. Mas estava distraído porque não havia aprendido nada de novo, e compreendia que os professores necessitavam daquelas primeiras semanas para se aquecer, como se o grande show ainda estivesse por vir.

Assim que terminou a aula, recolhi todos os meus pertences e arrastei os pés pelo corredor central. Sem muita pressa, parei diante do quadro de avisos do diretório acadêmico, ao lado da escada, procurando alguma notícia que tornasse meu dia menos enfadonho. Já estava a ponto de ir embora quando escutei alguns caras trotando degraus abaixo.

O que vinha à frente quase esbarrou em mim.

— Calouro! — disse ele.

Primeiro achei que falava comigo, depois percebi que aquela manifestação era um aviso para seus dois amigos e que eu era apenas o assunto. Então ele se virou e sorriu com os dentes tão brancos que senti falta dos meus óculos escuros. Os outros dois limitavam minha área como cones de sinalização.

— Qual é o seu curso, calouro?

— Matemática — respondi, desconfiado.

— Ei, querem ouvir uma piada de Matemática? — perguntou o Cone A, que fungava atrás de mim, bem na minha orelha direita. — Sabem qual é o volume de um tigre morto? — Ele puxou a resposta com uma risadinha alta: — Uma ex-fera. “Ex-fera”, entenderam?

Eu quase vomitei.

— A piada está errada — comentei um pouco de lado, mas suficiente para que ele me escutasse.

— O quê?

— Existe uma fórmula que deve ser dita antes da resposta. A pessoa fica em dúvida, e então você fala sobre a esfera.

— Tanto faz. — Ele deu de ombros.

— Ah, sim. E não é uma piada de Matemática.

O Cone A me encarou, desconfiado.

— Não é Matemática. É Física. Uma piada de Matemática seria algo do tipo: existem três grupos de pessoas no mundo: as que conseguem contar e as que não conseguem. Ou então: Deus é real, a não ser que seja declarado inteiro.

— Isso não tem graça — interpretou o Cone B.

Eu concordaria com o comentário, mas vi que o Dentes Brancos mantinha o sorriso Colgate um pouco mais trincado do que antes.

— Ele está certo, idiotas. O que há com vocês?

— Qual é, Ed? — disse o Cone A.

Ok, sem réplica para a ofensa. Uma constatação de quem era o líder da manada, afinal: Ed.

— Beleza — ele se manifestou. — Mas, agora que nosso amigo aqui já se divertiu... que tal descolar algum pra cerveja, calouro? E, caso você não saiba, nós fazemos parte do grupo que sabe contar.

— *Cerveja!* — urrou o Cone A, voltando a sorrir. — *Cerveja!* — o outro fez couro, levantando os braços em sinal de vitória.

Desde o início daquele encontro casual, eu não sabia se em algum momento tinha recuado ou dado um passo para trás. Se fiz, foi um erro. Fiquei me perguntando que tipo de babaca se comunicava daquele jeito. Bem, o que havia quase esbarrado em mim — o Ed — era do tipo que usava agasalho com o emblema da universidade e parecia gostar de enfiar o jeans dentro de um moedor de carnes só para ficar na moda, enquanto passava gel no cabelo preto, queridinho da mamãe orgulhosa. Já os outros dois... não mereceriam tantas observações assim. Eram apenas cones, e todo mundo sabe como são os cones.

Sempre me preparei para receber um trote quando entrasse na faculdade. Aliás, não pensei que me revoltaria contra isso, pois o considerava um ato normal, assim como o alistamento militar ou o voto obrigatório. Mas a situação ali passou longe. Os três davam ordens sumárias, me encurralando como se eu fosse um coelho assustado, com a obrigação de obedecer-lhes para não ser devorado. Nas palavras deles, “descolar algum pra cerveja”. Mais tarde isso se tornaria frequente, porque é sempre assim que acontece com quem cede na primeira vez. Todavia, eu tinha a chance de dar uma resposta bem-humorada e considerar a situação. Acatar na boa, gastar minhas migalhas com aqueles três malucos, quem sabe ganhar tapinhas nas costas e assim me tornar um cara legal, geniozinho da matemática com o cabelo *cool*, a mais recente garrafa a fazer parte daquele engradado.

É claro que não cedi. Eu era mais inteligente do que isso, então os presenteei com a minha melhor paulada:

— Sabe, me orgulho por ter nascido com os polegares evoluídos. Vocês não?

Recado dado. Não havia mais sinal de sorriso no rosto de ninguém, exceto por um breve esboço que fiz com os lábios. Ainda bem que eles também se orgulhavam por terem nascido da mesma forma que eu e não revidaram com qualquer truculência.

O conflito terminou no nível intelectual, mas sem nenhuma garantia de que fosse ser sempre assim. Ed soltou um “Você tem que tomar mais cuidado com o que vai falar da próxima vez”, mas, o que quer que significasse aquela frase, eu a ignorei. Assim, me desvencilhei deles e encerrei minha participação naquele encontro casual e desnecessário, sabendo que daquele grupo não surgiria nenhum amigo. Mas também sabia que havia dado a oportunidade de mais alguns muros transparentes se levantarem ao meu redor, desta vez muros bem altos — e eu não poderia reclamar depois.



Capítulo 4

Hoje seria o primeiro dia em que eu exploraria o terreno nos fundos da casa. A propriedade estava em um lugar para o qual só havia uma entrada, através de uma estradinha de terra batida. Àquela hora da tarde, sempre que eu chegava da universidade, o aroma do entardecer na brisa fresca me acolhia, e eu começava a esquecer os outros odores do lugar. Dentro da casa, a atmosfera carregada de umidade se misturava ao cheiro de mofo, madeira envelhecida e tecido molhado. O olfato foi o sentido que me permitiu ter a primeira sensação de lar. Não era doce, mas era o meu *velho* novo lar.

Difícil mesmo era me acostumar com os sons. Havia noites em que a ventania fazia as portas baterem com tanta força que eu tinha a impressão de que uma rajada mais forte as derrubaria. Às vezes parecia que toda a casa iria pelos ares. Além do sibilar melancólico do vento e da orquestra que passeava pelos canos sempre que eu abria uma torneira, os sons noturnos dos vizinhos (corujas e morcegos, que não gostavam das minhas luzes acesas) também me faziam companhia.

A caminhada pelo bosque foi cautelosa por causa da quantidade de gravetos e folhas espalhados pelo chão. Conforme eu avançava, meus pés afundavam no matagal, que precisava ser aparado com urgência. Precisava. Se quisesse, eu mesmo teria que cumprir essa tarefa; contratar um jardineiro estava fora de questão. Meu orçamento não comportava gastos extras. Eu estava por conta própria agora, e, mesmo que não fosse estudante de Matemática, tinha que colocar tudo na ponta do lápis.

Com as aulas ocupando quase todas as minhas manhãs e tardes, eu ainda não havia tido tempo de explorar o galpão e, para ser

franco, temia descobrir o que existia ali dentro. O que quer que houvesse naquele anexo parecia selado por décadas. O cadeado pendia aberto na fechadura de ferro. Empurrei o portão devagar, mas ele não se moveu. A madeira se arrastava no chão, e foi preciso dar alguns pontapés para forçar minha entrada. É claro que, com o gesto, não me dei conta de que levantaria tanta poeira — que me cegou por instantes.

Eu esfregava os olhos enquanto procurava algum interruptor ou lanterna quando dei uma joelhada em alguma coisa rígida. A luz fraca do entardecer, que avançava pelo portão atrás de mim, não me permitia enxergar com clareza. Agachei-me e tateei até apalpar uma lona. Logo percebi um objeto rígido por baixo dela. Arranquei a lona e afastei-me, tentando habituar minha vista à pouca iluminação, quando encostei a cabeça na corrente de uma luminária pendurada ao teto. Puxei e fez-se a luz.

Eu estava diante de uma motocicleta. Para ser mais preciso, uma linda e inacreditavelmente abandonada Vespa!

Montei na moto. Estava contente com a descoberta. Talvez aquele veículo enganasse as garotas, me fazendo parecer mais maneiro e bad boy, mas eu nunca tive vocação para rebelde, muito menos para galanteador barato. Daquela moto, porém, decidi que não abriria mão; era a sucata de uma relíquia e uma ótima alternativa para eu me locomover pela cidade. Como meu pai tinha alugado tudo o que havia naquele terreno, eu me via no direito de usufruir dela, e seria muito burro se não a restaurasse.

Quando desviei a atenção da Vespa, percebi que aquele espaço era um local de trabalho. Havia uma mesa de madeira encostada na parede direita, na qual estavam penduradas diversas ferramentas. Sobre a bancada, uma papelada envelhecida e amontoada. Desci da moto e me aproximei do fundo do galpão, onde várias toras de madeira estavam empilhadas, muito parecidas com as que eu tinha visto no primeiro dia pela janela, encravadas no terreno a poucos metros de distância dali. Não era possível determinar para quê serviria tudo aquilo, mas ao reparar no

carrinho de madeira encostado do lado esquerdo, tive uma suspeita.

Seria possível?

Soprei a poeira acumulada sobre a bancada. Puxei a gola da camiseta para a frente do nariz, antes que meus pulmões se enchessem de terra. Encontrei várias folhas de papel com rabiscos feitos a lápis. Com os olhos ardendo, carreguei depressa os desenhos para fora do galpão.

Observei atentamente o que tinha nas mãos. Era um projeto amador, que confirmava minha suspeita.

Alguém planejara construir uma montanha-russa naquele lugar.

Arrastei a motoneta para fora do galpão e avaliei superficialmente os estragos. Para começar, ela precisava de uma recauchutagem geral, que, com meus conhecimentos básicos de mecânica, eu não seria capaz de fazer sozinho.

Depois de um tempo estudando a ignição, acionei o motor de partida. Como esperava, nenhum assopro. Aquele veículo não devia sentir o gosto de combustível há muitas décadas, sem contar que o óleo já teria se transformado em algo tão seco que poderia ser removido das engrenagens com uma britadeira. Tirei a camiseta e usei-a para espanar a sujeira superficial, deixando em evidência vários arranhões na pintura verde-água. Talvez fosse preciso substituir algumas peças que não seria fácil encontrar. Os faróis quebrados, o banco de couro carcomido, os pneus carecas, as manoplas rasgadas, tudo saltava aos olhos.

Imaginei quanto custaria consertá-la. Novamente me lembrei do orçamento limitado. Meu pai havia depositado recursos para a universidade numa conta corrente em meu nome, considerando um pequeno adicional para eventuais emergências. O resto, ele disse claramente, teria que ser por mim. Lógico que eu não contava com emergências nas primeiras semanas, mas talvez conseguisse, como bom estrategista, bolar um motivo razoável para usar aquela verba

extra sem que meu pai soubesse onde, de fato, eu investia meu dinheiro.

Lembrei-me de que Seu Lincoln, o corretor, me presenteou com uma lista telefônica no dia da entrega das chaves e que eu a atirara displicentemente em um canto do escritório. Empurrei a Vespa até a frente da casa e entrei. Abri a lista, escolhi o primeiro mecânico que encontrei — um tal de Ezequiel — e telefonei. Com um pouco de curiosidade da sua parte, combinamos que ele me faria uma visita em meia hora.

Quando terminamos a conversa, meus olhos passearam pelos livros da biblioteca. Uma das paredes do escritório era ocupada por uma imensa estante, cujas prateleiras mais altas só podiam ser alcançadas com o uso de uma escada. Até aquele momento eu ainda não havia me dado conta do tamanho do *brinde* que ganhara com a casa mal-assombrada. Se quisesse, levaria uma eternidade para ler todos aqueles livros, e mais do que isso para limpá-los. Uma biblioteca era um santuário numa casa como aquela, no entanto me fazia sentir velho e solitário como a pessoa que um dia a idealizou e conservou.

Na altura dos meus olhos, passei as mãos pelas lombadas. Ao puxar o primeiro exemplar de uma enciclopédia, algo se libertou do espaço entre dois volumes e caiu aos meus pés.

O preto-e-branco esbatido da fotografia revelava os traços singelos de uma moça, num vestido claro, ajoelhada na terra. No rosto sereno e delicado, ela sustentava um sorriso triste. Nas mãos, segurava uma espécie de caixa. De repente me peguei estudando a foto, como se a garota fosse me dizer alguma coisa. Aproximei meus olhos dos dela. Eram grandes e brilhantes. Eu suporia que eram verdes. E lindos. Ainda que tivesse o semblante juvenil, seus cabelos semipresos num arranjo com um largo arco, a franja longa repartida de lado, davam-lhe um ar mais maduro, de mulher. Procurei a data no verso do papel, mas não havia nenhuma anotação.

Mais do que a data, a partir daquele instante eu desejava saber o nome dela.

Ainda que a jovem não fosse conhecida, eu sentia certa familiaridade ao olhar para a fotografia. Talvez estivesse simplesmente encantado pela sua beleza, descobrindo a comum sensação de ver uma pessoa pela primeira vez e ter a impressão de já conhecê-la... Mas não era só isso. Quanto mais observava os detalhes da imagem, mais próximo eu me sentia daquele tempo, daquele lugar, daquela garota.

Estreitei a vista e reconheci a Vespa ao fundo, estacionada a poucos metros da garota. As ferramentas espalhadas, uma pá de jardinagem, um buraco e o monte de terra no chão, bem próximo do que parecia ser um dos pilares que havia lá fora, me fizeram questionar que motivos teria a menina para enterrar uma caixa no terreno. O que ela escondera ali? E, o mais intrigante: aquela caixa ainda estaria enterrada no mesmo local, depois de tantos anos?

Curioso, vesti outra camiseta e deixei o escritório às pressas. Além da motoneta, havia outros tesouros para descobrir naquele terreno.



Capítulo 5

“A oportunidade sempre surge no momento menos oportuno.”

Foi do famoso preceito de Ducharme que eu me lembrei quando o mecânico chegou à minha porta no mesmo instante em que eu saía para tentar localizar e descobrir o que havia na caixa enterrada pela jovem misteriosa. Já estava ficando tarde, a luz natural desapareceria em pouco menos de uma hora. E eu estava ansioso demais, não queria deixar a tarefa para o dia seguinte. Porém, assim como a rapidez com que o homem atendeu ao chamado, não deveria demorar muito para ele ir embora, e seria melhor colocar minhas prioridades em ordem.

Ezequiel era um negro tão corpulento que achei que conseguiria levantar aquela motoneta com um só braço. Ele ficou extasiado diante da relíquia e fez uma primeira avaliação do quanto eu precisaria desembolsar para ressuscitá-la. Diante da minha expressão apreensiva, tentou aliviar, dizendo que talvez conseguisse peças de reposição em algum ferro-velho especializado em motos antigas e que, com um pouco de criatividade, daria um jeito nas restantes. Ele poderia, por exemplo, improvisar as manoplas com borrachas de *scooters* mais modernas. Fui claro ao comentar que não era colecionador, que não me interessava em deixá-la com as características originais; eu desejava apenas me locomover de casa para a universidade de maneira simples e barata — e coloquei bastante ênfase nesta última palavra. Sendo assim, de acordo com ele, eu não deveria me preocupar tanto:

— Você disse que ela ficou bem guardada. Com sorte o motor está em melhor estado do que aparenta — comentou.

Ainda um pouco reticente com o orçamento de Ezequiel, ajudei-o a colocar a Vespa na picape. Ele me entregou um cartão da

mecânica. Quando o carro desapareceu na estrada, meu celular vibrou no bolso da calça. Mesmo sem olhar a tela, eu já sabia quem era.

Meu pai parecia ter uma antena apontada para mim. Enquanto morávamos juntos, ficávamos conectados o tempo todo, e, mesmo distantes, aquela sensação não parecia ter se alterado. Muito pelo fato de minha mãe ter morrido há dez anos e, algum tempo depois, ele precisar passar por uma cirurgia emergencial na qual implantou duas pontes de safena. Eu entendia que aquilo tudo fora bastante traumático para ele, um homem inseguro quanto à própria saúde, tendo que cuidar do negócio de orquídeas e do filho, mas nunca entendi por que não quis se casar de novo. Um pouco do seu lado sombrio que eu desconhecia e que não me incomodava, porque o seu lado não sombrio sempre estivera acima de tudo em nossas vidas, como se nos iluminasse dia após dia, uma coisa espetacular e única. Cortava-me o coração saber que ele estava sozinho agora, mas eu precisava caminhar com minhas próprias pernas. Nós dois precisávamos crescer, cada qual a sua maneira.

Ainda assim, por um breve instante, pensei em contar sobre a motoneta e pedir sua opinião. Talvez eu recuasse da minha ideia inicial e lhe pedisse dinheiro emprestado, mesmo com todos os gastos que ele estava tendo com meu futuro. Só que, se o fizesse, estaria lhe dando mais um motivo para continuar ligado aos meus assuntos. A superproteção nunca terminaria, e ele nunca se casaria outra vez. Isso se eu fosse, por alguma razão, o motivo do seu lado sombrio.

— Oi, pai — atendi.

— Sabe do que eu mais sinto falta? — Ele deu um suspiro teatral.
— Do seu café. O meu fica meio estranho, como se tivesse sido feito com água da privada.

Eu sorri.

— Nós sabíamos que, quando eu saísse daí, a bolha estouraria.

— Talvez eu me cadastre em um site de relacionamento para velhos. Ando pensando nisso. Para conseguir alguém que faça o meu café, é claro.

— Você acha que alguma mulher se interessaria por um homem de cinquenta e cinco anos com duas pontes de safena que prefere um *cheeseburger* gorduroso em uma lanchonete suspeita a um jantar à luz de velas em uma cantina?

— Não uma mulher normal — disse ele. — Como andam as coisas por aí?

— Movimentadas. Está anoitecendo e eu ainda tenho algumas tarefas. — *Por exemplo, avaliar tesouros arqueológicos enterrados no rico solo jordanense.*

— Já fez amizades? Na universidade?

— Ok, tem certeza de que está falando com seu filho? — indaguei. — Sinto informar, pai, mas esse assunto não é uma equação matemática! Não dá pra achar um erro e resolver.

— Você só pensa nisso?

— O quê?

— Racionalidade?

Minha voz se transformou num gemido antes de dizer o que ele mais queria ouvir:

— Bem, eu estou começando a gostar daqui. Quem sabe?

— Ótimo! Basta de homens solitários nesta família — comentou. — Vou desligar agora, pois tenho um bule inteiro de café para despejar no ralo da pia. — Ele pigarreou, mesmo após ter largado o cigarro há cinco anos. — Se precisar de algo, por favor, me telefone. Só isso.

— Obrigado, pai. Pode deixar.

Depois das duas interrupções, havia chegado o momento de procurar a caixa misteriosa. Eu precisava ser rápido, antes que

caísse a noite. Com a fotografia no bolso, desci outra vez em direção ao galpão. Em meio às ferramentas penduradas na parede, escolhi uma pá e uma tesoura grande de jardinagem, ambas muito antigas e enferrujadas. Fui com elas até o lado de fora, mais precisamente na grande clareira onde as madeiras haviam sido instaladas na terra. E, então, eu travei.

Comecei a contagem. Havia dezenas delas cravadas no chão, em dupla, fazendo curvas sinuosas como o corpo de um réptil. Respirei fundo. Eu não sabia por onde começar. Um daqueles pilares, com certeza, era o que estava na foto. Mas qual?

De repente, surgiu uma boa alternativa: os pilares não só faziam curvas como se alternavam em altura, às vezes subindo e descendo. Afinal de contas, aquilo era para ter sido uma montanha-russa, e qual seria a graça se não fosse construída dessa forma? Sendo assim, saquei a fotografia do bolso e tomei como ponto de referência a altura que a linda jovem devia ter. Agachada sobre os joelhos, não ultrapassaria 1,10m de altura. A madeira ao lado dela era um pouco mais baixa, talvez com um metro.

Mesmo com o mato ao redor dos pilares, eu havia conseguido reduzir minhas possibilidades a seis deles. Supostamente, o local mais baixo seria o ponto de partida para o carrinho, e isso me levou à ideia seguinte. Recorri aos desenhos das plantas e identifiquei qual teria sido o primeiro pilar fincado, ou seja, a “pedra fundamental” daquela construção. Era um chute, mas com bastante efeito.

Iniciei o trabalho cortando o mato ao redor do pilar com a tesoura enferrujada. Um trabalho muito difícil, já que ela só abria e fechava mediante uma força monumental. Assim que terminei, investigatei a terra ao redor. Quase exaurido, larguei a tesoura de lado e comecei a cavar. Quando finalmente senti a pá encontrando uma barreira sob a terra, cutuquei a superfície rígida e abri espaço para remover o objeto. Lá estava. Uma pequena caixa de madeira com detalhes em prata, pouco menor que minhas duas mãos juntas. Sem trancas ou fechadura, estava pedindo para ser aberta.

Devagar e com a delicadeza de um arqueólogo que encontra um artefato milenar, posicionei-a no chão e retirei a tampa. Para minha surpresa, o tesouro era uma carta, e a caligrafia que se revelava no papel, bastante requintada. Quem escreveu demorou-se no ritual de desenhar cada letra.

Foi a primeira carta que eu li começando pelo fim.

Anabelle. Era esse o nome dela.



Capítulo 6

Eu, Anabelle, faria dezoito anos hoje. Por causa disso, acordei com vontade de comer bolo de cenoura, daquele cuja receita só a minha mãe conhecia. A grande recordação que guardava dela, o caderno de receitas, ficava sempre na gaveta da cabeceira de minha cama, estimado como um diário. Quase diariamente eu o folheava, mesmo que não fosse selecionar nenhum daqueles pratos para cozinhar. Fazia isso para sentir-me perto de minha mãe. O caderno, já com algumas folhas soltas e respingadas dos experimentos na cozinha, ainda mantinha a sua letra e o seu cheiro. Pelo menos eu ainda o sentia ali.

Era doloroso pensar que fazia um ano que havia me despedido de minha mãe, Cecília, e apenas seis meses de meu pai, Rodolfo, cuja tuberculose pareceu se agravar com a morte da mulher. Eu agora vivia sozinha num casarão, e com toda a responsabilidade de mantê-lo. Meu luto parecia não ter fim, pois eu não tinha família nem amigos. Havia concluído o ensino secundário e, por conta disso, não tinha motivos para sair de casa a não ser para ir ao mercado.

Em uma gaveta, eu guardava as economias de meu pai. Tudo o que ele havia me deixado estava ali. Sempre que a abria, eu tornava a fechá-la depressa para não conferir o quanto sobrava. Desta vez, porém, minha mão tocou o fundo, encontrando apenas duas notas grandes e algumas moedas. Fechei a gaveta com força e cruzei os braços, deixando as costas deslizarem no encosto da cama. Afundei até me cobrir de novo com a colcha de retalhos.

Eu podia ouvir a barriga roncando mais alto que o canto dos beme-vis em minha janela, mas estava desmotivada, e minha vontade era não sair da cama. Do que eu me escondia? Por que me

escondia? Tentando encontrar as respostas, senti uma súbita vergonha de mim mesma e expulsei as cobertas. Meu gato preto, Tião, que dormia encolhido a meu lado, pulou assustado da cama e ficou me encarando. De repente, me dei conta de que meus pais nunca se acovardaram diante de alguma dificuldade. Determinada, peguei o dinheiro e guardei-o na bolsa. Desci as escadas e fui até o depósito, na cozinha.

Suspirei, satisfeita, quando percebi que tinha, dentre os poucos mantimentos que restavam, quase todos os ingredientes essenciais de que precisava. Arrumei-os sobre a bancada e percebi que faltavam apenas os ovos, e sem eles a receita não ficaria completa. Eu deveria incluir exatamente o que era indicado para que a massa ficasse bem fofinha, do jeito que mamãe fazia.

— Tião, eu vou precisar sair. Por favor, não faça nenhuma besteira nesta bancada. Preciso de tudo o que está em cima dela!
— anunciei a ele, que se lambia sem me dar muita atenção.

Segurando a bolsa junto ao peito, vesti uma roupa leve e despentei para enfrentar o verão jordanense. Ainda que me custasse todo o dinheiro que possuía, aquele bolo de cenoura haveria de sair.



Capítulo 7

Com esta carta, entrego Belleville nas mãos do destino e do tempo; entrego Belleville em suas mãos.

Despeço-me com sinceros cumprimentos,

Anabelle

Agora sim, tudo fazia sentido!

Depois de ler a carta, a confusão em minha cabeça se desmanchou em um sopro, dando lugar a uma emoção desconhecida e bem complicada de explicar em palavras. Infelizmente, mesclado com toda essa emoção, existia um sentimento de tristeza por aquela garota.

Quantos anos ela teria quando enterrou a caixa? Por quanto tempo ela viveu sozinha depois da morte do seu pai?

Sentei-me na terra e tirei do bolso a fotografia de Anabelle, colocando-a junto com a carta. A sensação era a de estar assistindo a um filme de época, cuja protagonista, de olhos grandes e brilhantes (eu ainda podia apostar que eram verdes!), tinha uma atuação impecável para um mero espectador como eu. O fato é que estávamos separados por cinquenta anos, e eu não podia lhe dar uma resposta; não podia sequer proporcionar a ela qualquer tipo de esperança, ainda que por escrito. Eu era realmente um desconhecido, mas não era ilustre. Também não era um cara de sorte.

Por mais inusitado e irresistível que fosse o convite, minhas condições financeiras não comportariam o investimento, e meus conhecimentos acadêmicos de Física não eram suficientes para arriscar dar continuidade àquele projeto. Quem sabe eu poderia

buscar uma solução com a ajuda de outra pessoa? Ainda assim, fiquei impressionado com a coragem e a determinação do fotógrafo por construir algo tão complexo. A estrutura que ele iniciou também revelava sua grande habilidade com a carpintaria.

Minutos depois, sentado à escrivaninha do escritório, eu olhava para a folha de papel na minha mão. Claro que, há cinquenta anos, escrever uma carta deveria ser uma tarefa bem mais fácil, mas o problema não era só esse. A criatividade que me faltava sobrava nos gênios da literatura que me observavam, decepcionados, das prateleiras da biblioteca.

Por que eu estava tão relutante?

Provavelmente demoraria uma eternidade para alguém ler aquela resposta. O que aconteceu comigo foi pura sorte! Se não tivesse mexido na estante, não teria encontrado a fotografia de Anabelle, muito menos a caixa enterrada. Além disso, eu pretendia passar os próximos cinco anos morando ali, e, depois disso, talvez a velha casa desabasse antes mesmo de alguém desencavar cartas perto de um pilar no meio do mato — e isso não seria nenhuma surpresa.

Tomei a esferográfica entre os dedos e deixei que as palavras se desprendessem de minha consciência. Quando terminei, dobrei o papel e respirei fundo. Já que nada faria em relação àquele arremedo de montanha-russa do lado de fora, ao menos eu me somaria ao suplício de Anabelle e enterraria novamente a caixa com minha mensagem junto à dela. No futuro, alguém com mais recursos do que eu e Anabelle poderia se comover com nossas duas cartas e dar continuidade ao projeto do pai dela, e eu, aos meus próprios projetos.

Assim, retornei ao pilar principal. A fotografia, eu deixei sobre a escrivaninha. A caixa de madeira continuava aberta no chão do quintal, como se estivesse sugando o ar a sua volta e o transportando para uma época longínqua. Com cuidado, coloquei as duas cartas em seu interior e tornei a fechar a tampa. Depois levei

a caixinha de volta para o buraco, cobri com terra e guardei as ferramentas no galpão.

Naquele instante, fraquejei. Talvez devesse tomar uma atitude mais corajosa ou ousada, principalmente porque Anabelle e seu pai haviam me presenteado com uma Vespa. Entretanto, sempre preferi o previsível às surpresas, e minha missão estava cumprida. Viver a rotina de estudante, sem que nada me tirasse o foco das notas e do principal objetivo, que era me formar. Eu precisava provar, talvez mais a mim mesmo do que a meu pai, que tudo estava sob controle, que eu era capaz de me sustentar sozinho, que minha vida andava nos trilhos.

O que eu não sabia, ainda, é que não era eu quem construía os trilhos. Eles já estavam lá, a minha espera.



Capítulo 8

Ajeitei o quadril na única cadeira da cozinha que seria ocupada naquela tarde. Sobre a bancada, as velas que eu comprara no principal mercado da Vila Capivari, as mais baratinhas, para caber nos trocados que me restavam. Embora soubesse que não havia ninguém em casa para cantar parabéns no dia do meu aniversário, eu fazia questão de assoprar a sorte.

Abri o pacote e observei por algum tempo as velas de número um e oito. Não me recordava de ter acendido uma nas dezessete vezes anteriores; limitava-me somente a apagá-las com um sopro forte e confiante, que não sabia de onde vinha ou se surgiria novamente. Quando eu poderia imaginar que meus pais não estariam presentes no meu décimo oitavo aniversário?

Depois de um sonoro suspiro, peguei as velas e finquei-as na massa do bolo fofo. Naquele momento, uma lembrança enevoadada me envolveu, e eu não estava mais sozinha. Minha mãe, do lado direito da mesa, ajudava a menina de sete anos a subir na cadeira para assoprar as velinhas. Meu pai, num elegante terno cinza-escuro, menos alto e sério do que eu supunha e já com os cabelos quase grisalhos, ajustava no tripé o modo automático da câmera fotográfica, ao mesmo tempo em que dizia: "Todo sorriso merece um registro. Vamos lá, vocês sabem o que fazer!".

Aquelas imagens tão vivas e distantes, as palavras ecoando na memória, fizeram a menina de sete anos sorrir e a de dezoito chorar. De olhos fechados, expirei o ar e soprei. Não pedi nenhuma riqueza, pois não sabia o que mais me faltava na penúria em que me encontrava. Como só tinha direito a um pedido, pensei naquilo que mais me angustiava: Belleville. A montanha-russa que meu pai começara a construir no terreno de casa era a lembrança mais viva

que eu possuía dele. No entanto, faltava muito para ela ser concluída, e, enquanto eu não realizasse o desejo dele, aquele seria também o meu desejo.

Parti o primeiro pedaço de bolo. Quando o salgado da lágrima misturou-se ao doce da massa, descobri que é amargo o sabor da solidão. Porém, em vez de continuar a chorar com pena de mim mesma, enxuguei o rosto em um guardanapo e me lembrei de que tinha alguém com quem dividir a primeira fatia (ainda que meu gato não fosse muito fã daquele tipo de iguaria).

— Tião! Tião, cadê você? — gritei, vasculhando por baixo da mesa. — Ué... Onde esse bichano foi parar?

Ainda que a casa fosse um imenso parque para aquele gato matreiro, eu sabia que bastava ouvir os talheres tilintando que lá estava ele, se enroscando aos meus pés ou pulando em meu colo. Estranho. Nem sinal dele por perto. Talvez eu não sentisse tanto a sua ausência se não estivesse naquele momento marcante. Mas eu conhecia seus esconderijos preferidos. Abri a porta da despensa, verifiquei por trás do carrinho de feira, dentro do armário das louças, atrás das longas cortinas da sala, entre o sofá e o cesto de revistas, no alto da estante. Nem sinal do fujão.

Preocupada, olhei para fora da casa. Já era quase noite, e só me restava procurar no terreno anexo, onde o gato gostava de fazer e enterrar suas necessidades. Levei comigo a pequena lamparina com a qual explorei a clareira no meio do bosque, onde ficava Belleville. Ao me aproximar do pilar principal, justo aquele, estranhei a terra mexida. Inclinei-me e aproximei a luz para ver melhor.

— Ah, seu espertinho... Você andou por aqui... — murmurei, pousando a lamparina no chão. — Só espero que não tenha guardado nenhuma surpresa desagradável aqui dentro!

Busquei a pá de jardinagem e removi a terra superficial até encontrar a tampa da caixa que ali havia enterrado. Não esperava rever o objeto tão cedo, mas talvez Tião (ou o destino) quisesse que eu lesse o que havia escrito, se todas as palavras haviam

sido bem escolhidas. Cuidadosamente, afastei a sujeira de cima da caixa e a abri.

Meu corpo inteiro ficou tenso.

Não havia um, mas dois papéis ali dentro. Minha carta continuava lá, intacta, mas estava acompanhada de outra mensagem. Foi o que eu pude perceber pelos sulcos de caneta gravados na folha. Dobrada em quatro partes, antes mesmo de ser tocada a nova carta me despertou um misto de decepção e curiosidade.

Alguém havia descoberto meu segredo!

Com as mãos tremendo, desdobrei o papel e li, quase sem conseguir respirar.

Campos do Jordão, 25 de fevereiro de 2014.

Caro morador,

Antes de mais nada, leia a outra carta primeiro.

Pronto?

Ok, vamos lá...

Provavelmente você deve estar achando tudo isto uma loucura. Eu quero que saiba, com toda a honestidade, que cheguei a pensar da mesma forma. Mas foi minutos antes de a história de Anabelle tocar meu coração.

Neste exato instante, estou habitando esta casa e não sei por quanto tempo permanecerei por aqui. Se tudo der certo, mais uns cinco anos, até que eu me forme na universidade. Se contarmos o período que você levou para ocupar o imóvel e encontrar a caixa enterrada, é possível que tenhamos estendido o sonho dessa garota por mais tempo do que deveríamos, mas ninguém pode ser culpado por isso. Também não sei se devo deixar algum meio de contato. Afinal, apesar de ser uma história bastante curiosa, daquelas que deveríamos contar para os nossos filhos e netos, sinto que ela não chegará a entrar de fato na minha vida.

Um dos motivos é que eu deveria ter pesquisado sobre o nome Belleville, mas não o fiz. Uma montanha-russa do século 19? Eu nem sabia que elas existiam há tanto tempo! Também não sei se é possível construir uma coisa dessas sozinho. Pela disposição dos pilares que encontrei, ela não parece ser tão grande assim, mas, se você quiser se aventurar, provavelmente encontrará alguma informação na internet ou em uma boa biblioteca (espero que elas não tenham desaparecido quando você ler isto).

Em relação às cartas, eu não seria capaz de deixá-las separadas ou guardadas na casa. Acho que a melhor forma de preservá-las continua sendo dentro da caixa, enterradas no mesmo lugar onde a encontrei, próximo ao pilar principal da construção. Então, se você chegou até aqui, é porque deve ter percebido os mesmos sinais que percebi. Ainda assim, para facilitar o seu trabalho, pretendo deixar as plantas do projeto, ferramentas e o que parece ser um carrinho de montanha-russa intocáveis dentro do galpão.

Ah, sim. Existe uma motoneta incrível que encontrei, uma Vespa, mas não garanto nada em relação a ela.

Agora você deve estar se perguntando: por que não contratar um bom carpinteiro? Bem, se você tiver dinheiro suficiente, é uma opção, mas acho que outra pessoa trabalhando vai acabar ferindo o sentido da coisa toda. Ao menos aceite parte do desafio e inicie o trabalho.

Quanto a Anabelle, se você chegou a ver a fotografia, deve ter tido a mesma impressão que eu. Uma garota encantadora! Até o momento, não descobri o que aconteceu com ela, e nem sei se quero saber. Prefiro preservar seu semblante jovial na minha mente, da forma como eu... bem, como eu gostaria de tê-la conhecido, e só estou revelando isso a você porque também não o conheço. Ainda não sei o que farei com a fotografia. Devo deixá-la no mesmo lugar em que a encontrei, entre os livros.

Tudo o que escrevi talvez não seja suficiente para convencer você. Mesmo assim, obrigado por ler esta carta até o final. Eu sei

que construir uma montanha-russa por conta própria é um desafio maluco, provavelmente mais do que eu ou você possamos imaginar. Estou especialmente triste por não ter coragem e dinheiro suficientes para me debruçar nesta aventura, mas, considerando os longos anos acadêmicos que tenho pela frente, não chegarei a me arrepender dos meus atos. Se não for esse o seu caso, boa sorte!

Quem sabe um dia eu retorne apenas para apreciar o trabalho feito.

Por último, um aviso de amigo: não se espante com os barulhos da casa. Não há nada atrás das paredes, apenas canos velhos.

Atenciosamente,

Lucius

P.S.: Ok, me toquei agora de que você pode ser uma criança. Nesse caso, faça o mais óbvio: leve esta carta até um adulto e torra paciência dele. E, depois que a montanha-russa estiver pronta, boa diversão!

Eu não conseguia acreditar! Nada do que estava escrito ali fazia sentido. Quem teria coragem de fazer uma brincadeira de mau gosto como aquela?

Reli a carta umas três vezes. Um miado longo me despertou do transe. Com o papel amarrotado nas mãos, me levantei e olhei ao redor, mas não vi sinal de Tião. Passei tanto tempo perto de Belleville que a lua já despontava, e o canto trissilábico dos bem-te-vis começava a dar lugar ao piado repetitivo das corujas.

— Bem, Senhor Tião, nós dois sabemos que à noite todos os gatos são pardos. Se não posso vê-lo, não vou ficar aqui fazendo sala para você. Quando decidir aparecer, sabe onde estou! — falei em voz alta e com uma ponta de irritação.

Coloquei a carta no bolso e enterrei a caixa novamente. A luz da lamparina dançava no chão conforme eu fazia uma última inspeção

em torno do lugar. Sem a companhia de Tião, retornei para casa. Tinha algo mais importante para me preocupar do que meu companheiro desaparecido. Precisava entender como a resposta à minha carta havia ido parar dentro da caixa se eu não recebera visitas, tampouco vira ou ouvira qualquer barulho suspeito que indicasse a entrada de alguém na propriedade.

Subi as escadas dois degraus de cada vez, como fazia sempre que me sentia nervosa ou ansiosa. Tinha tantas perguntas para mim mesma e nenhuma resposta ao alcance. Quem teria escrito a carta? Como havia entrado no meu terreno? E, o que mais me intrigava: por que a pessoa colocou uma data tão distante?

Fevereiro de 2014? Impossível!

Encostei a porta do meu quarto, deixando uma pequena fresta aberta, para o caso de o gato fujão querer aninhar-se a meu lado. Especialmente naquela noite, eu não queria dormir sozinha.

Após revirar na cama por mais de uma hora, percebi que o silêncio travava uma luta com o lado consciente de meus pensamentos. A ausência de som fazia com que minha imaginação gritasse alto. Lá pelas tantas, eu estava com a colcha de retalhos puxada até o nariz, amedrontada com a possibilidade de existirem invasores em minha propriedade. A suspeita repentina me fez pular da cama e colocar a tranca nas janelas. Havia tempos eu não as usava. Embora não houvesse nenhuma ameaça concreta, nunca me senti tão insegura.

A fim de calar os pensamentos, tive a ideia de ligar a vitrola que trouxe da sala para a mesinha de cabeceira. Talvez o quase cinquentão Frank Sinatra espantasse os fantasmas e me ajudasse a adormecer. O vinil rodava, tocando *Come Dance with Me*, minha canção predileta, cujo álbum de mesmo título me fazia lembrar de mamãe. E, no aconchego das doces lembranças, deixei-me guiar pelos braços de Frank Sinatra e me vi na profundidade de seus olhos azuis, fechando os meus para sonhos com dias melhores.

Amanheceu. Algo macio, peludo e quente espreguiçava-se em minhas costas, fazendo cócegas. O miado indicava que, ao contrário de mim, Tião havia dormido muito bem. Com o pelo sujo de folhas e terra, o gato não se importou quando me levantei e comecei a dobrar os lençóis, mas foi só atirar-lhe um travesseiro para ele saltar dali e refugiar-se embaixo da cama.

— Pode se esconder, Tião, mas não vai mais fugir de mim! — ameacei, terminando de estender a colcha.

O disco havia parado de girar na vitrola, mas, no fundo de minha memória, a música ainda cantarolava. Devagarinho, Tião se reaproximou. Aproveitando que o bichano se enroscava em minhas pernas, peguei-o no colo e fiz festinha em sua cabeça. Aquele gesto sempre tranquilizava a nós dois.

— Você nem imagina como me fez falta esta noite. Acho que me acostumei a dormir com você para espantar meus fantasmas — desabafei. — Vê se não some de novo!

Ainda com ele no colo, caminhei até a calça jeans pendurada na cadeira da penteadeira e tirei a carta que estava no bolso dela.

— Você acha que eu devo responder, Tião? Um miado equivale a “sim”. Dois miados equivalem a “não”.

Esperei pela resposta, mas a pergunta era confiante demais. Tião simplesmente ronronou, satisfeito com o carinho que recebia. Quanto a mim, senti-me uma idiota. Na verdade, não sabia o que era mais ridículo: acreditar que poderia obter respostas de um gato ou do sujeito que havia escrito aquela carta.

Bem, se eu conversava com um gato, então não me parecia absurdo conversar com o invasor da minha casa. Foi pensando assim que destaquei uma folha do bloco de cartas e comecei a escrever.

A cada linha escrita a lápis, eu voltava atrás e apagava. Não iria amassar e desperdiçar as páginas que ainda me restavam, pois pouco sobrava para comprar comida, que dirá papel. O grafite já

estava gasto, e minha letra saía uma porcaria. Minhas mãos suavam e tremiam a cada nova tentativa de responder a carta de Lucius.

Comecei, então, a relê-la (calculava que aquela fosse a sétima ou oitava vez), agora em voz alta:

— Ouça só, Tião!

O gato lambia a pata e coçava sobre um dos olhos.

Campos do Jordão, 25 de fevereiro de 2014.

— Que espécie de lunático acredita estar vivendo em outro século? Isso já não é um bom começo.

Antes de mais nada, leia a outra carta primeiro.

— Para quem ele pensa que está escrevendo? Deve saber muito bem que eu moro aqui.

Neste exato instante, estou habitando esta casa e não sei por quanto tempo permanecerei por aqui.

— A única pessoa que habita a casa sou eu! Não há ninguém num raio de um quilômetro.

Se contarmos o período que você levou para ocupar o imóvel e encontrar a caixa enterrada, é possível que tenhamos estendido o sonho dessa garota por mais tempo do que deveríamos, mas ninguém pode ser culpado por isso.

— Que período?! Quanto tempo?

Quanto a Anabelle, se você chegou a ver a fotografia, deve ter tido a mesma impressão que eu. Uma garota encantadora! Até o momento, não descobri o que aconteceu com ela, e nem sei se desejo saber. Prefiro preservar seu semblante jovial na minha

mente, da forma como eu... bem, como eu gostaria de tê-la conhecido.

— Ainda por cima é atrevido. Cara-de-pau!

Bufando, atirei a carta longe. Tião deu um pulo quando o papel passou de raspão pelo seu rabo, que pendia para o lado de fora da cama. Aquela charada me irritou. Sim, era exatamente o que parecia: um enigma de muito mau gosto. Uma piada. Uma brincadeira de alguém que não tinha mais o que fazer do que aproveitar-se dos sentimentos de uma jovem órfã. Não fazia sentido uma carta aparecer junto daquela que eu mesma havia guardado para o próximo morador; menos ainda, eu receber a resposta de alguém que afirmava ser um novo morador se eu nem sequer havia me mudado dali. E nunca me mudaria.

Me cansei de questionar, de quebrar a cabeça para entender a lógica daquele mistério. Parecia sensato concluir que não havia coerência nenhuma e encerrar o assunto de uma vez. No entanto, não era isso o que meu coração pedia. Senti uma vontade irresistível de saber até onde aquela história iria. Eu queria decifrar não apenas o enigma, mas também a pessoa que estava por trás dele. Talvez as respostas de que eu precisava pudessem ser respondidas com uma só pergunta...

Quem é Lucius?



Capítulo 9

As semanas seguintes se revelaram longas e tediosas. Minha impressão era a de que eu havia gastado todos os meus créditos de descobertas, como um ganhador da loteria que torra o dinheiro e depois fica a ver navios. Desde que escrevi e enterrei aquela carta, o tempo parecia ter parado.

A história de Anabelle não passava de uma aventura remota, impossível de ser recuperada. Se não fosse a universidade, com certeza eu me sentiria pior. Por isso tomei uma decisão que ocuparia uma significativa parte do meu tempo, mas que me entusiasmou: resolvi visitar o diretório acadêmico e perguntar se poderia ser aproveitado por lá, desde que isso não me atrapalhasse nos estudos.

Caminhei por um corredor que mais parecia um quarteirão, de tão grande que era a universidade. A maioria dos alunos andava em dupla ou em trio, e nenhum deles falava comigo, porque eu ainda não havia feito amizade com ninguém — nem sentia vontade, para ser sincero. Desci dois lances de escada e parei de frente para uma porta encostada com uma plaquinha descascada onde estava abreviado “D.A.” Dei uma ajeitada no cabelo e percebi que minha mente me pregava uma peça, achando que iria para uma entrevista de emprego. Bati três vezes e entrei.

Havia uma bagunça generalizada no lugar. Me lembrou a sala de um jornalista de filmes *noir*, com pouca iluminação e dois arquivos velhos parecendo idosos de mãos dadas em um canto; papéis empilhados por toda parte, principalmente em cima do tampo de vidro arranhado de uma mesa enorme; um pôster antigo da Coca-Cola na parede; um bebedouro com água suspeita, entre outras coisas. Mas, como o universo nem sempre conspira contra,

encontrei sentada atrás da mesa uma garota com um gorrinho vermelho enfiado na cabeça. Achei-a interessante, não apenas pelo gorro, mas por tudo o que vinha abaixo dele, mesmo que meus olhos só pudessem alcançar até o busto. Em seguida bateu o desânimo, pois eu já sabia bem o que iria acontecer: aquela garota perceberia que eu era o seu extremo oposto e em poucos minutos estaria desprezando o que eu falava. Talvez notasse meu corpo magro e definido embaixo da camisa, afinal foi isso o que me restou dos treinos de escalada. Mas nada além disso.

— Oi, tudo bem? — ela deu a largada, com a voz macia, e agora o universo dava certeza de que tem mais a oferecer do que tirar.

— Oi. Meu nome é... Lucius. — Não era normal eu me retrair antes de falar meu nome, mas bons motivos me levaram a isso agora.

— Eu sou a Tânia.

— Oi, Tânia. Eu gostaria de saber como posso colaborar com o diretório acadêmico.

— Você tem alguma experiência?

Cheguei a pensar em mentir, mas balancei a cabeça negativamente. Olhei para a mesa. Havia a foto dela abraçando um cão labrador em um porta-retrato preto, desses comuns. Estava sorrindo como se ele fosse o seu melhor amigo. O cachorro parecia sorrir, também.

— Então... Tem certeza de que quer participar? — perguntou ela, emendando com um suspiro longo e entediante. Logo compreendi que a bagunça sem fim integrava não só o local, mas também os deveres de todos.

Fiz que sim, meio atordoado.

— Você não cuida disso tudo sozinha, né?

— A maioria só aparece à noite. Nós nos revezamos.

— E o que vocês fazem aqui, exatamente?

— Debates, palestras, eventos culturais... e, é claro, muitos *happy hours* — ela completou, dando de ombros.

— Certo, parece importante. — Ela me encarou com expressão desconfiada. — Só a primeira parte, é óbvio — emendei.

Ela pegou uma caneta e o que parecia ser uma ficha de cadastro. Nem se deu ao trabalho de procurar; devia conhecer de cor aquelas pilhas de papel. Abaixou a cabeça, e seus olhos me esqueceram de vez.

— Nome?

— Lucius.

Como eu sempre digo, ninguém dava a mínima para o que eu falava.

— Idade?

— Vinte anos.

— Vinte? — Agora era ela quem repetia. Não sei se me achou muito novo ou muito velho; eu não fazia ideia de quantos anos ela tinha. Pelo menos voltou a me olhar por um lapso de tempo. — Curso?

— Matemática.

Finalmente ela sorriu, muito breve, como se eu tivesse contado uma piada com o final mais ou menos engraçado. Entendi sua reação, mas fingi o contrário.

— Um nerd?

É claro que aquela pergunta não estava no papel, mas levei na esportiva e ri junto com ela. O gelo se quebrou, cheguei a ter esperanças de que engataríamos um papo descontraído quando senti a porta se abrir atrás de mim e alguém passar pelas minhas costas.

— Opa... Mas é o matemático espertalhão!

Fiquei surpreso. Queria dizer “Oi, Ed, quanto tempo, bons ventos o trazem”, mas não. Ainda não sabia como ficara o nosso relacionamento depois daquele dia. Pelo que entendi, tinha que tomar cuidado com o que falasse, mesmo que me forçasse a ser educado. Ao menos dessa vez, nenhum sinal dos dois cones.

Ed deu a volta na mesa e estalou um beijo na boca da garota, tão alto que notei a intimidação. Ok, namorados. Então eu percebi o quanto andava enganado sobre o universo; ele brinca conosco o tempo todo.

Ed leu minha ficha e finalmente ficou sabendo quem eu era. Pensei na sorte que tive pelo fato de a garota não tê-la completado ainda. Quanto menos, melhor.

Achei que ele faria alguma gozação com meu nome.

— Lucius... Então você quer participar do diretório acadêmico.

— Sim — respondi.

— Quer saber? Honestamente?

— Sim — respondi de novo.

— Não precisamos de mais colaboradores.

— Até parece... — comecei a dizer, visualizando os dois enterrados naquela bagunça, mas mordi a língua. A garota observava com cara de quem não estava entendendo nada. Eu queria muito explicar, mas reparei bem de que lado da sala ela estava e desisti.

— Se eu rasgar este papel, quer dizer muita coisa, não é?

— E por que você faria isso?

— Talvez porque eu seja o presidente acadêmico?

— Bem, nesse caso, vá em frente.

Ed estreitou os olhos como se me estudasse. Achei que eu tinha o superpoder de desafiá-lo e de me sentir bem com isso. Não me

lembrava de causar esse efeito em mais ninguém. Bem, ele não só rasgou o papel como o transformou em micropedaços.

— Ei, algumas árvores morreram por causa disso, sabia?

— Que tal continuarmos nossa conversa lá fora?

— Tudo bem.

Foi uma resposta instintiva. Pensei que a garota iria me salvar, dizendo “Ed, pare com essa besteira!”, mas ela continuou calada. Estava tão gelada e tensa como eu, e só então percebi a enrascada em que havia me metido.

A mochila em minhas costas pareceu pesar uma tonelada. Cheguei a me lembrar do compasso dentro dela, mas, puxa, seria um exagero. Abri espaço para Ed passar e saí em seguida. Se havia algo que eu sabia, era que não devemos dar bobeira com as costas. Logo estávamos no corredor. Ele fez questão de fechar a porta, e, para meu total assombro, me abraçou pelo pescoço e caminhamos juntos, como bons amigos, dois meninos de nove ou dez anos.

— Lucius, desculpe minha atitude lá dentro, mas é que eu não esperava encontrá-lo conversando com a minha garota — explicou.
— Quer saber o que eu penso? Acho que nós começamos com o pé esquerdo. Você não ficou chateado com aquele lance da cerveja, né?

— Não — eu disse, sem saber se era verdade ou mentira.

— Faz quanto tempo isso?

— Não importa.

— Pois é, não importa. Foi exatamente o que eu pensei. — Ele sorriu com aqueles dentes branquíssimos, que ajudavam a dar sinceridade às palavras. — Embora você tenha humilhado o Cabelinho, ele já esqueceu. O cara tava querendo fazer amizade. Eu e o Moca também.

Cabelinho? Moca?

Melhor continuar a chamá-los de Cones.

— Então... Bem. Eu não sei... — balbuciei.

Quando estávamos perto da porta do banheiro, paramos de andar. Ed ficou de frente para mim, com a expressão tão leve que parecia que me abraçaria. Eu não sabia como reagir. Seu braço enroscado sobre o meu trapézio já fora contato suficiente para um dia, mas eu precisava parar de ser tão antipático e permitir que as pessoas desejassem ser minhas amigas. Por isso, fiquei aguardando o que quer que ele fosse fazer. Então houve um instante súbito quando Ed segurou com firmeza meus ombros e me encaixou uma joelhada violenta no abdômen. Eu me curvei, sentindo uma dor indescritível nas entranhas. Logo me veio à cabeça que estávamos em um lugar isolado, com pouca visão de tudo. Não existiam mais alunos em dupla ou em trio, e, mesmo que houvesse, provavelmente continuariam sem falar comigo.

Houve um momento de silêncio, um silêncio absurdo e incalculável, que se somava à dor que preenchia meu tórax, e eu só não caí no chão porque o chão parecia estar a um quilômetro de distância. Em seguida, senti o bafo quente de Ed em meu ouvido. Ele teve a afabilidade de se curvar apenas para falar:

— Você tá legal, né?

Eu entendi o que aquilo queria dizer: “Não entre no meu domínio, não fique perto da minha namorada, não respire”. Eu poderia até tentar revidar a violência gratuita, mas não havia ar em meus pulmões que desse para expelir uma palavra sequer. Então ele segurou novamente meus ombros e me empurrou pela porta do banheiro, quase me atravessando por ela. E o chão, que antes parecia infinitamente longe, agora estava colado ao meu nariz, com um pouco de sangue e um cheiro que eu não conseguia identificar.



Capítulo 10

Tive dificuldade para chegar em casa. Assim que abri a porta, joguei a mochila no sofá e subi para o quarto. Arrasado, fiquei durante algum tempo junto à janela, olhando para os pilares de madeira ao longe. Pensei em contá-los, mas a visão continuava sendo insuficiente com tantas árvores. A menos que eu escalasse novamente a casa, algo impossível de fazer naquele instante em que mal me aguentava semicurvado. Parte de mim sentia pena do idiota que eu era, mas a outra parte estava tão tomada de raiva que tornava todo o resto minúsculo.

Decidi sair apressado pela casa. Desci as escadas, corri até os fundos e abri a porta que dava para o terreno. Meu abdômen queimava como se eu tivesse engolido fogo do inferno, mas imaginei tolamente que, se continuasse correndo, isso podia curar minha dor. Assim, dei o melhor que podia (o melhor mesmo!) para chegar até os pilares, e parei ofegante, achando que iria vomitar o estômago inteiro. Comecei a contá-los: dois, quatro, oito, dezesseis, trinta e dois... cheguei ao impressionante número de duzentos e sessenta e oito pilares. Eles estavam enfileirados em pares, fazendo curvas e mais curvas, e alguns chegavam a ser tão altos quanto os primeiros galhos das árvores.

Quando terminei a tarefa, percebi o quanto estava aborrecido novamente. Queria esquecer o que aconteceu na universidade, mas não conseguia pensar em nada de bom. Tudo à minha volta me deprimia, até mesmo o som do vento passando pelas folhas das árvores e o canto dos bem-te-vis. Senti um pouco de ciúmes por não ser a pessoa que iria terminar de construir aquele brinquedo. Era eu quem havia descoberto a carta de Anabelle, sua fotografia, as plantas da montanha-russa, as ferramentas, o carrinho abandonado. De alguma forma, aquilo tudo fora destinado a mim.

Então decidi que o melhor a fazer seria retirar a carta idiota que havia escrito, e que agora mais parecia um atestado de fraqueza, do interior da caixa enterrada.

Caminhei até o pilar principal. Onde havia deixado a pá de jardinagem? Entrei no galpão, ouvi uma buzina estridente tocar ao longe. Não queria receber ninguém, mas, depois de um minuto sem me mexer, o barulho voltou a soar e eu resolvi ir até a frente da casa. Quando abri a porta, vi uma cena que podia, enfim, alegrar meu dia: Ezequiel, o mecânico, descarregava a Vespa do guincho. Tive uma leve sensação de déjà-vu, justamente porque foi Ezequiel quem me interrompeu enquanto eu procurava a caixa enterrada, da primeira vez.

Nós nos cumprimentamos. Ele disse:

— Eu ia deixá-la por aqui, não queria perder a viagem.

— Acho que eu ficaria bem surpreso quando a encontrasse...

— Como foi a espera? Eu deveria ter entregado antes, mas perdi quase dois dias investigando um problema elétrico. Vamos torcer para não dar problema no futuro.

A motoneta parecia um objeto completamente diferente, quase uma obra de arte. Nenhum sinal de ferrugem; as manoplas, bem ajustadas, os faróis, sem riscos, as rodas, como novas. Ezequiel havia colocado um enchimento no banco de couro que reconstituía o lugar do carona. Era bem capaz de ele nunca ser ocupado, mas tudo bem.

— Não consegui encontrar a cor certa, mas fiz o melhor que pude.

— Não se preocupe, está ótimo. — Ele presumiu que eu pudesse me aborrecer com o fato de receber uma Vespa azul-turquesa em vez da antiga cor, verde-água, mas se enganou redondamente.

— E então? Não vai sentar nela?

Aceitei a sugestão. Quando passei a perna para o lado oposto, a dor quase me fez tombar o corpo, a ponto de me sentir ridículo

enquanto o enorme sujeito me observava com a expressão desconfiada. Liguei a Vespa, senti o cheiro do óleo novo e fiquei extasiado com o barulho do motor. O marcador de gasolina indicava que Ezequiel havia enchido o tanque. Dei uma volta pequena na frente da casa, testei a buzina e desliguei o veículo no mesmo lugar de antes.

— Excelente! Vamos acertar tudo.

Ezequiel me apresentou a conta, um pouco maior que o orçamento que havíamos combinado, mas nem pensei em abrir espaço para explicações. Estava tão contente por ele ter trazido a motoneta que peguei o talão de cheques e preenchi um deles com o valor arredondado. Suas unhas impregnadas de graxa receberam o pagamento.

— Obrigado. Mesmo — eu disse.

— Eu que agradeço — ele retribuiu, educadamente. Depois guardou o cheque no bolso do macacão azul e perguntou: — Tá tudo bem?

Não entendi. O cheque estava na mão dele e eu tinha a Vespa de volta. Do que mais eu precisava?

— Sim, claro.

— Quer uma carona até o hospital?

Demorou um instante para a ficha cair, mas, quando aconteceu, senti como se ela perfurasse meu estômago. Dei um sorriso amarelo.

— Não precisa.

— Escuta, garoto... se estiver com problemas... — Ele fez um gesto da mão direita socando a palma da mão esquerda, que eu entendi perfeitamente. Ezequiel era um cara grande, capaz de trocar um pneu de carro sem usar macaco. Seu nome deveria estar na lista telefônica como guarda-costas, não como mecânico. — Sei distinguir bem quem é gente decente de quem não é. Você é um

cara legal, mas parece que não tá atravessando uma boa fase. Acertei?

— Foi apenas um dia ruim, já passou.

Ele olhou ao redor, quase enxergando o vazio a nossa volta.

— Você deveria alugar um quarto em uma das pensões perto da Vila Capivari. Lá, sim, é lugar de estudante.

— Eu ronco demais.

— Como é?

— Eu disse que ronco bastante. Logo seria expulso.

Ele deu risada. Antes que me achasse um idiota, agradei a sua ajuda e informei que, se precisasse, saberia onde encontrá-lo. Aproveitei para acompanhá-lo até a porta e esperei a picape ir embora. Já estava ficando tarde. Tentei me lembrar do que ia fazer antes de Ezequiel chegar em casa, mas a dor me incomodava muito, e era melhor eu me deitar mais cedo. Coloquei o lixo acumulado no latão fora da casa e dei uma última apreciada na Vespa antes de entrar.

Realmente, aquilo salvou meu dia.



Capítulo 11

Na manhã seguinte, eu ainda absorvia as pontadas agudas no abdômen. Necessitava de um bom banho. A água que caía do chuveiro era uma raridade naquela casa, e eu precisava aproveitar. Nunca senti tanto frio na vida quanto em Campos do Jordão. Tomar banho em três minutos havia sido o meu recorde, mas hoje eu precisava daquele jato forte massageando e relaxando os músculos das costas. Deixei-me ficar até o momento em que a água esfriou bastante e eu pensei que morreria com o choque térmico. Ao menos serviu para me animar.

Apesar do cansaço, do corpo dolorido e dos olhos que ardiam, eu ainda tinha assuntos pendentes para resolver.

A lembrança do que eu estava prestes a fazer antes de Ezequiel trazer a Vespa no dia anterior reverberava agora como barulho de sino em minha cabeça. Peguei uma camiseta e catei a calça que havia largado pelo caminho. Calcei um tênis e arrastei meu corpo quase desfalecido para fora da casa. Entrei no terreno, depois no galpão. Dei uma topada com a canela numa caixa que estava encostada a um canto. Nessas horas eu era grato por não ter vizinhos próximos, que pudessem ouvir meus palavrões.

Só que eu não estava ali apenas para amaldiçoar minhas ideias estúpidas. Eu estava ali para tentar *consertar* uma ideia estúpida.

Já havia tanta confusão em minha mente que a última coisa que eu precisava era me preocupar com o pedido sem pé nem cabeça da antiga moradora daquela casa mal-assombrada. O que será que eu estava pensando quando me dei ao trabalho de escrever uma carta em resposta à de uma mulher que provavelmente já estaria, senão morta, doente de Alzheimer, por exemplo?

Bem, o fato era que eu havia simpatizado com a tal Anabelle e, embora não fizesse o tipo coração mole, me sensibilizei de verdade com sua carta. Eu me perguntava que espécie de pessoa não se sentiria tentada a ajudá-la. No entanto, numa situação típica e natural, nem eu nem o inquilino que viria depois de mim teríamos essa obrigação. Tampouco era justo que sentíssemos o peso na consciência que eu desejava evitar, mas que me tomava naquele momento. Além de provocar uma situação atípica, a carta trazia um pedido inusitado e de efeitos irrevogáveis. Isto é, ainda que eu não tivesse escrito carta alguma em resposta à outra, o fato de ter tomado conhecimento do sonho de Anabelle me ligou a ela de um modo não natural. Eu precisava ser frio para retirar minha mensagem dali, rompendo esse vínculo com ela. Porém, precisava acreditar que, se fosse a vontade do destino, o próximo morador encontraria a primeira carta, e seria como se eu nunca houvesse tocado ali e descoberto aquele segredo. Assim, em nenhum momento eu interferiria em Belleville ou no destino do sonho de Anabelle. Soava lógico e coerente.

Comecei a cavar. Lá estava a caixa de madeira. No mesmo lugar, fechada e sagrada, como deveria ter permanecido até aquele momento. Ao desenterrá-la e abri-la, tal como esperado, encontrei duas cartas. Mas... a minha não estava mais lá. No lugar dela, uma nova carta, ou melhor, uma nova velha carta. O papel era antigo e amarelado, como o da primeira. Sem acreditar, desdobrei o papel e a assinatura pulou.

Anabelle?!

Como isso poderia ser possível? Como a minha carta desaparecera se mais ninguém frequentava a casa? E, tão intrigante e assustadora quanto as outras perguntas...

Como Anabelle poderia ter escrito uma nova carta e a colocado ali, se ela ocupou aquela casa cinquenta anos antes de mim?

Assustado, olhei em volta. Não havia nada além dos pilares e das árvores. Com a caixa de madeira nas mãos, retornei ao galpão. Abri

a nova carta. Só podia ser mentira. Ou então... Ed havia me proporcionado um estrago maior do que aparentava.

Campos do Jordão, 26 de fevereiro de 1964.

Caro morador do futuro,

Você acertou na mosca! Eu realmente estou considerando isso uma loucura.

Para ser sincera, Lucius, acho que você é um psicopata. Confesso que não estou me divertindo nem um pouco com o seu jogo, mas, ainda assim, sinto que devo dar continuidade ao nosso insólito diálogo epistolar. Justamente por ser insólito, principalmente por ser uma brincadeira de mau gosto e, provavelmente, porque a minha vida anda tão monótona que passo os dias conversando com meu gato preto.

Quer dizer que minha história tocou seu coração. Que meigo da sua parte! Se me permite uma opinião, esse seu coração deve ser feito de pedra, pois ironia não é uma forma muito eficaz de demonstrar sentimento. Na verdade é uma péssima maneira de começar uma relação que, mesmo em uma circunstância improvável como esta, poderia fazer algum sentido (o sentido inverso ao da amizade, é claro).

Deixando de lado seus comentários pejorativos sobre minha casa (os canos não são tão velhos, nem fazem barulhos estranhos!), dentre todas as demais bobagens e sandices que escreveu, você mencionou a palavra "internet", e eu fiquei curiosa. Seria uma pessoa? Uma vidente? Talvez alguém que ande de carro voador em 2014, não é mesmo? Não encontrei nada sobre isso na minha enciclopédia. Mas, já que mencionou essa nova fonte de pesquisa, vou me informar e verificá-la. Quem sabe a dona "internet" me ajude a construir Belleville. Quem sabe eu não precise de outro auxílio para realizar o sonho do meu pai.

Obrigada por não mexer nas plantas do projeto, nas ferramentas e no carrinho da montanha-russa. Afinal, nada disso lhe pertence. Também lhe sou grata por passar silencioso e despercebido pelo terreno. Caso eu tivesse notado sua presença em minha propriedade, neste momento você estaria frito. Sim, este é um alerta para que você saiba que sei me defender. Não estou tão desprotegida como deve julgar pela minha juventude.

Por falar em juventude, devo assumir que fiquei levemente comovida e, digo até, lisonjeada com as palavras que você usou ao referir-se a mim. Encantadora? Ora, nem tanto! Logo percebo que nunca me conheceu pessoalmente, do contrário não teria destinado a mim tão nobre elogio. Espero que já tenha mudado de ideia. Se não, que tenha mudado quando chegar ao final desta carta.

Creio que tenha esclarecido algumas questões pertinentes a sua invasão. Se você, seja viajante de uma máquina do tempo ou fugitivo de algum sanatório (talvez ambas as coisas), estiver rondando minha propriedade com intenções de ocupá-la ilegalmente, aconselho-o a desistir, a menos que não tenha amor à vida. Mas, supondo que tudo não passe de uma brincadeira idiota, como o teor de sua carta indica e a lógica me induz a concluir, peço-lhe também que avalie suas atitudes. Mesmo com um coração de pedra, todo ser humano é capaz de sonhar. Se você tem sonhos, não zombe dos meus.

A atual moradora revoltada,

Anabelle

P.S. 1: Não apareça na minha frente. Não me teste.

P.S. 2: Ainda bem que deixou minha fotografia exatamente onde a encontrou. Isso indica que você não é tão maníaco.

P.S. 3. A Vespa era do meu pai e agora é minha. Sim, ela é incrível. E tem um valor inestimável. Se ela desaparecer daqui, tenha certeza de que a polícia será acionada.

Por uns bons minutos, fiquei tentando compreender o que acontecia. A não ser que eu passasse a acreditar em milagres, alguém estava pregando uma peça em mim. Obviamente eu já tinha ouvido falar que existiam técnicas para envelhecer papéis. Qualquer um seria capaz de fazer aquilo com um pouco de terra vermelha ou mesmo borra de café. Mas também era óbvio que quem se prestava a esse tipo de artimanha deveria ter um propósito específico, como utilizar-se do subterfúgio para o cinema ou artesanato. O autor da brincadeira tinha boa disposição e muito tempo de sobra, inclusive para copiar a letra da primeira carta. E eu não compreendia por que havia sido escolhido como alvo.

Pensei em telefonar para Seu Lincoln e perguntar se algum hóspede anterior comentara sobre a caixa de madeira, mas a casa ficara fechada por anos e anos até ser leiloada, e ninguém a havia ocupado antes de mim. Nem mesmo o atual proprietário, que morava no exterior, havia passado um dia inteiro dentro dela. No mais, tudo ocorreu numa sucessão de coincidências. Se a foto de Anabelle (seria mesmo uma garota chamada Anabelle?) não tivesse escorregado do livro, eu jamais teria chegado ao pilar principal, depois à caixa enterrada e, por consequência, às duas cartas que estavam agora em minhas mãos.

Não, impossível!

De uma forma ou de outra, a carta estava *realmente* endereçada a mim. Quem quer que fosse aquela Anabelle, havia me enviado um recado e mostrava-se indignada, até mesmo ameaçadora, bem diferente do que eu imaginei ao ver a fotografia. Acusava-me de fazer uma brincadeira de mau gosto quando, na verdade, era eu quem deveria me sentir contrariado. Pensei na honestidade com a qual eu havia escrito a carta, a respeito do pai dela e de seu projeto; no fato de ter aberto meu coração e de ter dito que seria incapaz de realizar o sonho de outra pessoa; na maneira como tratei toda aquela baboseira de Belleville, e na preocupação de deixar intocados os desenhos e o carrinho. E, como se isso

interessasse a alguém, minha carta fora sequestrada, como num passe de mágica.

Assustado, caminhei até a frente da casa para verificar onde estava a Vespa. Permanecia no mesmo local do dia anterior. O que a moça queria dizer com “se ela desaparecer daqui”? Estaria Anabelle perto da casa?

Consultei a data no relógio. A carta mais recente também era do ano de 1964, como se tivesse sido escrita alguns dias após a minha, porém com um intervalo de cinquenta anos retroativos.

Um sopro gelado, tal qual o vento mais frio do rigoroso inverno de Campos do Jordão, passeou pela minha alma. Gelado e assustador.

Entrei em casa, deixei a caixa de madeira e as duas cartas em cima da mesa da cozinha. Fiz o almoço com elas me observando, e demorei bastante, porque o fogão era a lenha. Minha cabeça viajava para a década de sessenta, imaginando uma garota de olhos verdes pilotando a Vespa pelas ruas da cidade, espalhando folhas secas de plátano pelas avenidas de um cenário inspirado nos Alpes Suíços. Naquela época devia ser divertido sacudir o corpo em cima da motoneta através das longas ruas de paralelepípedos, sem muitos carros ou pessoas atravessando, apenas deixando-se levar, observando as novas construções que se erguiam, em especial o elegante Palácio da Boa Vista; depois, circular pelas lojas de chocolates e de chás, trocando sorrisos e correspondência com as pessoas sentadas do lado de fora de suas casas, sem pressa ou compromissos, de um jeito que eu jamais vivenciaria.

Por um momento, desejei viver naquela época. Era como se eu me encaixasse mais naquele cenário do que no que eu habitava hoje, e eu podia provar isso pela dor que insistia em arder em minha barriga.

Assim que ficou pronta, desapareci com a comida no prato. Apesar das panelas amassadas que encontrei pela casa, sempre fui um ótimo cozinheiro. Essa seria minha primeira opção profissional

caso viesse a falhar como matemático. Invariavelmente a cozinha me fazia lembrar do meu pai, sozinho, a centenas de quilômetros de distância, incapaz de fritar um ovo.

Andei até o escritório, onde costumava deixar o celular, e telefonei para ele. Ouvi seis toques e a secretária eletrônica atender. Desisti.

Fui até o livro e retirei a fotografia da jovem de olhos claros e cabelos semipresos ajoelhada na terra. Imaginei o tamanho da máquina fotográfica utilizada, quando eu tinha nas mãos um celular com câmera cuja tecnologia era infinitamente maior. Por um momento, sorri. Tanto faz se brincavam comigo. A foto não era manipulação. A garota existiu e era linda. Tentei enxergar em seu rosto um sinal ou pista, algo que me ajudasse a entender a última carta, ou que desse ao menos uma pequena certeza onde me agarrar. Então algo dentro de mim inflou como uma vela de barco, me envolvendo numa rede de emoções difusas e, até então, inéditas.

Daí em diante, eu guardaria a fotografia dobrada dentro de minha carteira, aonde quer que fosse.

Na estante, observei a enciclopédia descrita na carta. A pessoa misteriosa não sabia o que significava *internet*? Gozação! Num primeiro momento, eu não queria levar aquilo adiante. Eu podia ter defeitos, mas minha mente trabalhava de modo lógico e organizado, assim como aquela coleção distribuída na prateleira. Não existia outra possibilidade senão acreditar que tudo não passava de uma brincadeira. Mas me assustava o fato de a pessoa saber exatamente o que existia dentro da casa.

Bem, averiguar não faria mal. E eu encontraria um bom motivo para usar a Vespa naquele instante.

Encaixei a mochila nas costas e subi na motoneta. A dor na barriga, ainda bem, ficou mais suportável. Percorri a estrada de terra a dois quilômetros da Vila Capivari, depois segui por mais quatro em direção à Biblioteca Municipal de Campos do Jordão, à

velocidade supersônica de 60km/h. Estacionei na frente do casarão e deixei a sensação de liberdade para trás. Entrei no lugar. Como parecia praticamente abandonado, tentei encontrar sozinho as respostas.

Quando me dei conta, estava em um dos corredores, procurando livros sobre montanhas-russas. Pensei no que isso queria dizer. Apenas a verificação de que era possível construir um negócio desses nas imediações de casa ou uma desculpa para não fazê-lo?

— Olá, está precisando de ajuda?

Uma senhora de cabelos presos e óculos com armação de casco de tartaruga me encontrou no corredor, parecendo curiosa com minha presença naquele lugar vazio. Usava um crachá da biblioteca e se agarrava a um enorme livro de Medicina como se fosse um bebê no peito. Pelo tamanho dele, fiquei feliz por ter me decidido por Matemática.

— Estou procurando... bem, algo muito específico.

— Talvez eu possa ajudá-lo.

Fiquei sem jeito de falar.

— Não se preocupe, já escutei as coisas mais absurdas por aqui — disse ela, e achei que estava pensando em sexo. Achei, não, tive certeza. — Sobre o que é? — perguntou.

— Montanhas-russas.

É estranho, mas eu estava tranquilo por ter avisado antes. Ela pensou um pouco, deu tapinhas na capa dura do livro e eu fiquei aguardando por um arroteo de bebê que não veio.

— Acho que podemos encontrar alguma coisa sobre parques de diversão, mas não sei se especificamente sobre esse assunto. Que tipo de montanha-russa?

— Algo bem específico...

— Creio que você já tenha dito isso, moço. — Ela ajeitou a tartaruga no rosto.

— Sério? Bem, como vou dizer? Montanhas-russas caseiras, eu acho.

— Caseiras?

— É. Quero dizer, construídas no quintal de casa.

Ela não exibiu nenhuma ruga estranha, nenhum desconforto, pois parecia ocupada avaliando o quanto eu era maluco.

— Hmmm... Acho que não temos nada. Por que não dá uma olhadinha na internet?

— Onde estou morando? Tenho sorte de ter chegado energia elétrica lá.

— Use um dos nossos computadores. Basta preencher uma ficha com seus dados e apresentar um documento.

Ela fez sinal para uma pequena sala com alguns equipamentos em seu interior. Preenchi a ficha e parti em direção ao anexo. Dois rapazes jogavam xadrez em um canto, e pareceram nem notar que eu estava dentro da biblioteca. Liguei o computador e entrei no Google. Sabendo bem pelo que procurava, digitei na barra de pesquisa e aguardei os resultados. Mais de 26 mil referências. Comecei a olhar as primeiras, pacientemente.

Me animei um pouco quando encontrei alguns vídeos de montanhas-russas caseiras. Assim, a palavra “absurdo” já não reverberava mais em minha mente — embora ainda soasse como uma tremenda falta do que fazer. Localizei o site de um homem que demorou pouco mais de um ano para construir uma. Pelas fotos, devia ter feito tudo sozinho; era o único que aparecia trabalhando nela. Um site impecável, diga-se de passagem. Tinha até mesmo uma sessão com a ficha técnica, incluindo o tipo de madeira utilizada, o número de parafusos e pregos gastos e o peso total, que chegava a quatro toneladas. Só não tinha os motivos que o levaram a construir uma coisa dessas.

À medida que avançava, encontrei outras montanhas-russas caseiras, algumas mais detalhadas, outras nem tanto. Não era tão

incomum assim, concluí. Em todas elas, um registro das pessoas que as construíram. Percebi o sentimento de realização em seus rostos, mas nenhuma daquelas montanhas-russas ficava a menos de seis mil quilômetros de onde eu estava.

Lá pelas tantas, decidi pesquisar sobre algo que não me chamou a atenção no início, mas que perturbava minha mente agora:

Belleville.

Digitei a palavra no buscador e analisei os resultados. Uma cidade no Canadá; o nome de um bar; uma marca de roupas. Duvidei que estivesse perto. Forcei a mente e tentei me recordar do que a primeira carta de Anabelle citava. "Uma homenagem a uma das mais famosas e sofisticadas montanhas-russas construídas no século passado." Bem, estávamos falando de cem anos antes de 1964, portanto, século 19. Foi exatamente a combinação que eu digitei, e... *voilà!* O terceiro resultado que apareceu na minha tela destacava-se com uma única citação:

"Les Montagnes Russes à Belleville."

Cliquei no link.

"As montanhas-russas mais antigas foram especialmente construídas nas colinas de gelo localizadas em torno de São Petersburgo, na Rússia", começava o texto. Um pouco óbvio. Avancei. "Há alguma controvérsia a respeito de quando as rodas foram adicionadas aos carrinhos em todas essas operações." Nada. Avancei mais um pouco e finalmente encontrei: "Historiadores acreditam que a primeira montanha-russa realmente inovadora foi construída pelos franceses: Les Montagnes Russes à Belleville, em Paris, 1812. Ela tinha duas vias paralelas com uma torre utilizada para subir ao topo de cada faixa. Seus carros eram ligados à pista por um engenhoso sistema que pode ser encontrado até hoje: cada vagão possuía eixos que deslizavam nas laterais em um sulco esculpido ao longo do caminho. Esse sistema é equivalente à configuração usada em praticamente todas as montanhas-russas do mundo."

Quase todos os outros sites faziam a mesma citação sobre Belleville: uma combinação entre o famoso bairro da cidade-luz e a montanha-russa inovadora. Encontrei alguns desenhos engraçados retratando aquela coisa antiga, e então fui tomado por um sentimento particularmente feliz; podia compreender a empolgação de Anabelle (Belle!) com a relação entre seu nome e a cidade. Paris, 1812. Que garota não se encantaria?

Vasculhei um pouco mais sobre montanhas-russas em geral. Existia um museu nacional no Texas e uma associação de viciados em montanhas-russas na Espanha. Nada daquilo me interessava. Por fim, só me restava uma busca, algo que podia enfim fechar meu dia com chave de ouro. Procurei pelas palavras "Anabelle" e "Campos do Jordão", mas, ao contrário de Belleville, não encontrei nada.

Peguei a mochila e saí da sala, satisfeito pelo tempo investido e mais ainda por ter uma Vespa me esperando lá fora. Deparei-me novamente com os dois jovens enxadristas. Sem me conter, parei ao lado deles por um minuto e eles me notaram. Continuei olhando fixamente para o tabuleiro. Na primeira reflexão, percebi que ambos eram amadores. Na segunda, previ que o da minha esquerda poderia vencer seu oponente com no máximo três movimentos. Tive vontade de contar para ele, mas não disse nada. Apenas sorri e fui embora.



Capítulo 12

Era o meu primeiro dia sem café da manhã. Eu me dei conta de que havia chegado a um ponto quase calamitoso quando abri a despensa. Calamitoso não só para mim, mas também para Tião, pois não havia mais nenhuma lata de sardinhas esperando por ele. A comida predileta (e, por que não dizer, a única) do meu gato havia se extinguido como quase todos os mantimentos e produtos de limpeza que havia dentro de casa. Como eu sabia que caçar não era uma habilidade daquele preguiçoso, decidi fazer alguma coisa pelo bem de nós dois.

Subi até meu quarto e coloquei uma roupa que eu adorava: uma blusinha de manga curta, uma saia longa plissada e um sapato *kitten heels* cor-de-rosa como o lenço que envolvi no pescoço, caindo sobre meu colo. Fiz um coque e deixei a franja cortinar um pouco à frente de meus olhos verdes, pintados com um delineador que marcava meus cílios. Escolhi brincos chamativos. Na boca, nada além de um batom clarinho.

Peguei a bolsa e desci novamente. Tião apareceu na cozinha, com ares de que tinha a barriga roncando. Fiz um carinho muito rápido nele e avisei que não precisava se preocupar, pois eu não voltaria de mãos vazias.

Subi na Vespa e deixei a casa para trás. Eu não tinha habilitação, mas isso nunca foi uma preocupação. Jamais saí sozinha dos limites de Campos do Jordão, e, por ser filha do fotógrafo mais boa-praça que aquela cidade já teve, muitos faziam vista grossa, inclusive algumas autoridades. Parecia que o fato de meu pai ter partido recentemente me blindava de quaisquer inconvenientes que pudessem surgir em meu caminho, e eu não reclamava nem um pouco desse outro lado.

Muitas pessoas naquela cidade deviam favores a ele. Eu resgatava esses pensamentos com certo orgulho e amargura, pois sempre observei as atitudes de meu pai em silêncio e sem fazer perguntas, mas também sabia que ele exagerava nas boas ações.

Meu pai, Rodolfo Duponte Campos, melhor fotógrafo de toda a Serra da Mantiqueira, falastrão e de coração generoso, nunca se preocupou com o dinheiro. Trabalhando havia anos com sua câmera Flexaret, conseguiu o suficiente para comprar a casa e o terreno que deixara para mim, além de dar início à construção de Belleville. Depois que minha mãe morreu, ele não podia enxergar alguém em dificuldades que ia lá ajudar, como se isso fosse um alento para sua alma dolorida. Acho que nunca fui uma preocupação na vida dele, pois ele não imaginava que partiria tão cedo, quanto mais o que poderia acontecer com sua única filha sozinha aqui na Terra. Só me restava torcer para que ele não estivesse me assistindo nesse momento, lá de cima.

Se havia algum bem dele guardado, eu nunca descobrira. Sua câmera, aliás, já não me pertencia mais. A única lembrança que eu tinha dela estava agora guardada na estante, em meio a tantos livros. Com a ajuda de Joaquim, o assistente-aprendiz de meu pai, registrei meu último pedido dentro da caixa de madeira que enterrei. Joaquim, um excelente amigo, ficou a nosso lado até o último instante, trabalhando e suprindo a dificuldade financeira enfrentada pelo meu pai nos últimos dois meses de invalidez até sua morte. Após o acontecimento, sem dinheiro para lhe pagar, preferi lhe entregar a máquina fotográfica como recompensa. Mas sei que o objeto está em boas mãos agora. O aprendiz de meu pai saberá cuidar daquela máquina melhor do que eu seria capaz em toda a minha vida.

Segui pela avenida que margeava a costa e penetrei nas ruas da Vila Abernécia, onde se encontrava o maior comércio da cidade. Encostei a Vespa próximo à Prefeitura, em frente aos lindos pinheiros de araucária. Ajeitei a roupa e o cabelo e respirei fundo. Por quase uma hora, caminhei para cima e para baixo no vilarejo,

perguntando a cada estabelecimento que visitava se necessitavam de alguém para trabalhar. Muitos me reconheciam, perguntavam como andavam as coisas, mas ninguém tinha ideia sobre minha real situação. E eu, envergonhada, não contaria a eles.

Uma das casas em que eu mais gostaria de trabalhar era a Vila das Lembranças, a famosa casa do Gato de Botas. O desenho do gato na fachada, que eu achava lindo, identificava a tradicional loja de presentes e lembranças típicas da Vila Abernéssia. Eu sabia que a fachada havia sido idealizada por um artista plástico que brilhantava os carnavais da cidade, mas meu conhecimento sobre isso não me trouxe qualquer requisito para trabalhar no local, que tinha o quadro de funcionários completo.

Exausta, previ que não teria sorte naquele dia.

Já na distinta loja de chocolates artesanais, encontrei Dona Odila, a “Dona Italiana”, uma comerciante de meia-idade que eu conhecia de passagem, acompanhada de sua filha. Dessa vez, quase supliquei por um emprego. A senhora, apesar de comovida, não me animou muito.

— Ah, *bambina*... somos apenas eu e minha filha, e nosso provento é limitado — explicou ela, carregada de sotaque. — Mas creio que você pode conseguir algo na peixaria, descendo a rua. Eu soube que o dono procurava por uma...

— Atendente? — sugeri para mim mesma, em voz alta.

— Eu arriscaria dizer ajudante-geral. E das boas. O *uomo* é sozinho, tem trabalho pesado na limpeza daquele lugar.

A oferta não parecia nada tentadora, mas eu não podia ter luxo.

— A senhora tem certeza? — empolguei-me levemente. — Acha que posso ir até lá conversar com ele agora?

— Vai saber... — Ela deu de ombros. — Parece que o nome dele é Apolinário. Não o conhecemos muito. É um *signore* meio calado, estranho. Mas, se a *bambina* não tentar... — exclamou ela,

enquanto sua filha batia a calda quente numa panela. Senti o cheiro doce e quase implorei por uma amostra.

— Tem razão — concordei, antes de sair. — Tentarei a sorte.

Eu seguia pela rua, pensando no quanto já havia me afastado da Vespa e no quanto meus pés doíam com os sapatos que escolhi, quando identifiquei a placa amarelada da peixaria alguns metros à frente. Fui tomada por uma sensação boa. Afinal de contas, ali dentro havia uma chance. Com sorte, eu conseguiria até um adiantamento em mercadorias. Podia escutar o miado de Tião, assim que eu chegasse em casa, felicitando-me pelo novo emprego e pelas sardinhas que levaria embaixo do braço. Mas minha empolgação diminuiu assim que cheguei ao lugar.

A porta estava aberta pelo meio. Quando a empurrei, as dobradiças rangeram de forma fantasmagórica.

Meus olhos saltaram para as pilhas de mantimentos espalhados pelas prateleiras, depois escorregaram para as dezenas de pescados que descansavam em cima de bacias de gelo por todo o estabelecimento. Um odor frio e salgado inundava o local. Além do grande balcão de madeira que sustentava uma caixa registradora, viam-se muitas ferramentas afiadas penduradas na parede por trás dela, de forma semelhante à maneira como meu pai organizava as dele no galpão. Ao olhar para baixo, deparei com um chão encardido, que alguém teria muito trabalho para deixar brilhando se fosse aceito para trabalhar no lugar. Presumidamente, eu.

— Olá? — chamei, sem resposta.

Andei até o balcão. Havia algumas moscas sobrevoando e pousando nele. Com pesar de sujar os dedos, desamarrei o lenço que cobria meu colo e usei-o para tocar a campainha que estava em cima da madeira. Meu decote ficara desprotegido. Não tive tempo de colocar o lenço no lugar quando um homem alto de queixo comprido surgiu por uma porta nos fundos. Então escondi-o rapidamente dentro da bolsa, antes que ele concluísse sobre minha atitude. Curiosamente, seu avental branco não era tão sujo assim,

parecendo fazer parte de qualquer lugar, exceto daquele estabelecimento.

Ele me observou com olhos frios como as bacias de gelo a minha volta.

Quase engasguei.

— O senhor é o Seu Apolinário?

— Até agora... — disse ele, cruzando os braços sobre o balcão. Suas unhas eram enormes, maiores que os botões de minha blusa.
— E qual é a graça da menina?

— Anabelle, muito prazer — respondi, educadamente. — Gostaria de indagar sobre o emprego.

Mais um olhar profundo, me examinando de cima a baixo.

— É a filha do fotógrafo, não é?

— O senhor conhecia meu pai?! — perguntei, pensando se podia ou não considerar aquilo um ponto a favor para conseguir o emprego. Eu sabia que tinha características físicas bem próximas às do Sr. Rodolfo, em especial as orelhas e os olhos grandes, mas nem todos eram capazes de distinguir isso. De repente imaginei o quanto o homem estaria me analisando.

Ele esticou o queixo comprido como se fosse um dedo apontado para a parede. A resposta veio assim que enxerguei uma fotografia emoldurada. Era uma réplica da fachada da peixaria, com Apolinário à frente dela, quase encostando a cabeça na placa elevada que vi antes de entrar. Os cabelos mais curtos. Vestia um avental branco, como agora.

— Há quanto...

— Um pouco antes de ele bater as botas — interrompeu, e eu odiei a forma como ele falou, mas me controlei.

— Vocês dois eram próximos?

— Não mesmo. Apenas de vista.

Ele me observou por mais algum tempo com seu olhar indecifrável, até que se mexeu. Levantou uma parte do balcão, por onde atravessou com seu grande avental branco. Em poucos segundos estava no saguão da loja, de frente para mim, a centímetros de distância. Sua sombra pesava sobre meu corpo.

— A menina está morando sozinha? — indagou.

Pensei duas vezes se precisava realmente responder àquela pergunta.

— Sim — eu disse, nervosa com a proximidade.

— E pelo visto, está precisando de ajuda, não é?

— Um emprego.

Ele fez que sim com a cabeça, de forma leve e consciente.

— Um emprego... — Quase imperceptivelmente, o canto do lábio dele se ergueu, insinuando um sorriso estranho. — É só isso que veio buscar aqui?

— Como assim?

— Pode conseguir bem mais que isso.

— Desculpe, senhor, mas não estou entendendo... Do que mais eu precisaria?

— Tenho um quarto vazio nos fundos. A menina pode trabalhar pra mim e economizar. E eu não te cobro nada para morar aqui. Vou gostar de vê-la zanzando pelo corredor.

— Obrigada, senhor, mas eu acho que...

— Você é normalista? — ele interrompeu de novo.

— Não, senhor. Por quê?

— Queria que você fosse. Nunca cheguei tão próximo de uma.

Ele colocou a mão direita por baixo do avental branco, em um lugar bastante notório para meus olhos. Com a outra mão, levantou os dedos enormes na direção do meu cabelo, como se fosse

acariciá-lo. Imediatamente dei um passo para trás. Meu estômago sofreu uma reviravolta. Meu corpo estava agora gelado como o ambiente, mas não desviei o olhar do rosto dele, ciente da quantidade de coisas erradas que estavam acontecendo ali dentro. Só que, de repente, era como se não me lembrasse mais por que havia entrado lá. Houve um instante em que me perdi nos pensamentos, sem saber se devia considerar que a culpa por estar ali, sozinha, de frente para um homem solitário e oferecendo algo (embora não exatamente o que ele pretendia) era minha. Será que eu havia dito alguma coisa errada? Como ele chegou àquela tentativa de contato físico em poucos minutos? Ele achava mesmo que eu estava tão necessitada assim?

Tudo levava a crer, sem que eu desejasse, que meu colo havia ficado bastante exposto para que ele agisse presunçosamente. Mas logo me dei conta do absurdo que era pensar naquilo, pois nada que fiz justificasse as atitudes do homem. Ingenuidade ou estupidez, a verdade é que eu andava meio afastada do mundo, isolada em uma grande casa nos arredores da cidade, e deveria ter previsto que esbarraria em pessoas com aquele tipo de personalidade; mesmo sem saber, ter entrado naquele estabelecimento foi o maior erro do meu dia.

— Acho que vou embora.

Seus olhos se mantiveram em cima de mim. Eu me afastei com os joelhos tremendo e deixei a loja. Graças a Deus ele não me perseguiu. Na certa, não seria louco de tentar algo no meio da rua.

A porta permaneceu aberta enquanto eu experimentava sentimentos tão estranhos quanto a capacidade de respirar embaixo d'água. Desconsolada por não ter conseguido um emprego e por quase ter sido tocada por aquele homem, precisava chegar ao extremo, ou me daria muito mal. Aguardei do lado de fora até que Apolinário desaparecesse outra vez por trás do balcão. Entrei com bastante calma, tentando não fazer barulho com meus saltos. Depois escolhi dois enormes peixes na bacia de gelo mais próxima da porta. Envolvi-os com o meu lenço e enterrei-os dentro da bolsa,

sem pensar duas vezes. Tião e eu tínhamos alimento garantido para os próximos dias.

Olhei para fora, observando se alguém estava me vendo, mas a barra estava limpa. E saí da loja, esperando que uma onda de remorso ou arrependimento tomasse conta de minha alma — mas isso, estranhamente, nunca aconteceu.



Capítulo 13

Meu dia na universidade começaria com aulas de Análise Combinatória e Geometria Plana. Eram disciplinas importantes, mas minha cabeça estava acelerada. Eu continuava sobressaltado pelo assunto Belleville e pelos rostos das pessoas que construíram aquelas montanhas-russas domésticas que encontrei no computador da biblioteca, no dia anterior. Aquela loucura já me parecia algo mais... normal. É claro que eu não estava pronto para mergulhar de cabeça no projeto, mas me incomodava pensar que o que eu imaginava ser impossível já não era tão impossível assim.

Tive uma ideia para comprovar essa teoria e canalizei-a com força. Mesmo que ainda estivesse no primeiro período, meus conhecimentos de matemática eram suficientemente bons para eu recuperar a ausência de algumas aulas, por isso não me acanhei em me levantar da cadeira e atravessar a sala, deixando-a logo no início do período.

A universidade era conhecida por abrigar os mais diversos cursos nas áreas de humanas, biológicas e exatas. Assim, me informei na coordenação onde aconteciam as aulas de Física, pois, se tinha algo que eu precisava entender, era até onde iam os limites de um projeto idealizado quase na metade do século passado. Para minha sorte, consultei o horário afixado no mural e soube que acontecia uma aula naquele mesmo instante. Carreguei minha mochila pendurada no ombro até o Bloco A, que não ficava muito longe de onde eu estava.

Enquanto eu praticamente corria pelo corredor, me veio à cabeça que a segunda carta estava datada com o número de dias e meses idêntico ao que eu estava vivendo agora, ou seja, uma diferença *exata* de cinquenta anos. A autora ou autor, obviamente,

preocupou-se em não se perder no tempo, calculando apenas uma sugestiva diferença de décadas. Cada vez mais eu me sentia estúpido com aquela brincadeira. Estúpido e curioso! Afinal, como enterraram as cartas no terreno? Teria sido durante a noite? Ou alguma hora em que eu estava fora de casa, como agora? E por que se deram a esse trabalho?

Cheguei esbaforido até a frente da sala. Olhei pelo visor da porta e enxerguei um sujeito de pele oliva bem escuro, parecendo um árabe, o cabelo muito curto e a barba negra como os olhos. Seus óculos se penduravam no nariz à beira de um abismo enquanto ele gesticulava em cima de um tablado. Se descesse de onde estava, o topo de sua cabeça não deveria bater no meu ombro. Entrei e me acomodei em uma carteira no fundo da sala. Logo percebi que a aula era sobre eletricidade.

O professor recitava palavras decoradas enquanto rabiscava na lousa:

— A diferença de potencial elétrico entre dois pontos é definida como o trabalho necessário para levar uma carga positiva de um ponto a outro, dividido pelo valor dessa carga. Ou seja, se estabelecermos determinado ponto como sendo referencial zero, podemos dizer que o potencial elétrico de uma carga, em determinado momento, é igual ao trabalho para levar uma carga positiva do ponto zero até o ponto em questão, dividido pelo valor da carga.

Meus ouvidos quase se tamparam sozinhos. Se fosse no meu tempo de colégio, eu já estaria babando na cadeira, entediado.

Nunca liguei para Física. As pessoas costumam considerar que Física e Matemática são matérias equivalentes, como se uma não conseguisse existir sem a outra. Entretanto, essa é uma meia-verdade. Eu tinha uma visão bastante polêmica sobre o assunto: a Física não existiria se não fosse a Matemática. A utilização de fórmulas é um dos recursos que a Matemática oferece para melhor compreensão de inúmeros fenômenos físicos. A interpretação de

cada fórmula aplicada na Física depende do estudo da teoria. Ou melhor, estudar Física sem os recursos matemáticos é impossível. Só que isso não me fazia gostar mais ou menos de Física. Eu a achava um tédio.

Quando um aluno levantou o braço e fez uma pergunta, descobri o nome do professor: Miranda. Ao toque do sinal, decidi que seria o último a sair da sala. Esperei que ele conversasse com todos os alunos que o abordaram, e só então me levantei da cadeira. Enquanto ele arrumava suas coisas dentro de uma bolsa-carteiro maior que o seu fêmur, eu me aproximei.

— Professor Miranda? — Estiquei a mão para cumprimentá-lo. Ele retribuiu o gesto, mas sem olhar diretamente para mim. Estava observando os lados e o chão, como se tivesse perdido alguma coisa.

— Meu cartão de estacionamento. Você viu por aí?

— Não, senhor.

— Não acredito que perdi de novo! Aquele segurança tolo disse que não vai mais liberar minha passagem sem o cartão. É apenas a quarta vez! Definitivamente, ele não vai com a minha cara.

Ele estava suando, mesmo com o ar-condicionado ligado. Retirei meu cartão plastificado do bolso e estiquei para ele.

— Tudo bem. Leve o meu. Eu empresto.

Ele coçou a barba negra e recebeu-o de minhas mãos.

— Você não vai precisar?

— Eu tenho uma Vespa, posso encostá-la em qualquer canto lá fora.

— Uma Vespa? — ele disse, como se a palavra carregasse uma lembrança remota. — Como é o seu nome?

— Lucius.

Ele me cumprimentou com um aperto de mão, como se tivesse esquecido de que já havia feito isso.

— Bem, Lucius, obrigado por me emprestar seu cartão, mas devo avisá-lo de que esse nobre gesto não vai lhe garantir qualquer alteração na nota. — Ele jogou tudo o que tinha dentro da bolsa-carreiro e a pendurou no ombro. Depois, começou a andar depressa.

— Tudo bem, eu não sou seu aluno.

— Não é? — Ele segurou a maçaneta da porta e me olhou confuso por alguns segundos. — Isso é meio esquisito.

— Por quê?

— Ninguém assiste a uma aula de Física se não for obrigado.

Eu queria muito concordar com ele, mas não disse nada. Apenas caminhei na direção daquele sujeito engraçado. Ele agia como se estivesse ligado em uma tomada de alta-voltagem, embora mantivesse o semblante pacato. Distraído e centrado, agudo e obtuso. Uma mistura de extremos. Mas os gênios não são todos assim? Era, de longe, a figura mais esquisita de todo o campus. E eu curti isso.

— Professor Miranda, eu preciso tirar uma dúvida.

— Pode ser numa outra hora? — Ele apontou o relógio. — Na verdade, tenho uma tarde bastante confusa pela frente. E preciso correr.

— Não vai demorar muito. Podemos falar enquanto caminhamos?

— Se for assim, tudo bem.

Seguimos pelo corredor. O homem parecia ainda mais minúsculo em meio às paredes com pé-direito alto. Mesmo com seu passo apressado, fui obrigado a reduzir o ritmo, ou o deixaria para trás.

Na primeira curva que tomamos à esquerda, decidi tratar o assunto de forma direta:

— É possível construir uma montanha-russa em casa?

Ele deu um breve assobio.

— Montanha-russa? Foi o que eu entendi?

— Exato.

— E quem faria um negócio desses dentro de casa?

— Não exatamente dentro de casa, mas em um terreno... —
Pensei que deveria ser mais didático quando falasse sobre isso da próxima vez. — Digamos alguém que não tenha mais nada a fazer. Já soube de algo nesse sentido?

— Não, nunca.

Saímos pela porta principal e invadimos o estacionamento. Protegi os olhos da forte luz do sol com a mão. O céu estava bastante límpido, e o vento apenas roçava minha pele.

— O senhor se animaria com uma ideia dessas? — perguntei, sem saber ao certo por que gostaria de saber aquilo. — Quero dizer, se fosse um sonho que tivesse...

Ele esboçou um ar de riso.

— Eu, me animar? Garoto, eu tenho uma esposa que é dona de casa e nós dois produzimos embriões que cresceram e são impossíveis de juntar no mesmo ambiente. Para piorar, minha querida sogra veio morar conosco no último ano, depois que o velho Aníbal faleceu. A estimativa é que as mulheres vivam mais que os homens, então nos parece lógico, certo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Você sabe o que estou indo fazer agora? Levar meu filho mais velho ao dentista e seguir para duas aulas particulares com crianças que gostariam de frotar meu fígado por me considerarem mais chato que as matérias que eu ensino! Mais tarde retorno à universidade para corrigir provas e entrar numa jornada de quatro aulas ininterruptas. Tenho mais de cinquenta anos e durmo no máximo cinco horas por noite, quando muito, seis. O que mais

posso fazer? Preciso complementar a renda! — explicou ele, quase sem respirar. Fez uma pausa curta e perguntou, como se sua mente desse estilingadas na memória: — Uma montanha-russa caseira? Isso é sério?

Ele chegou até seu carro, um Opala antigo na incrível cor laranja. Olhei para dentro do veículo pela janela arriada. Com tanto bagulho jogado pelo chão, parecia que alguém morava ali dentro.

Abriu a porta, atirou a bolsa-carteiro no banco de trás e entrou. Eu o ajudei a fechar a porta e fiquei em pé, próximo a ela.

— O senhor não me respondeu. É possível? — repeti.

Ele estava prestes a girar a chave. Diante do silêncio de minha expectativa, perguntou:

— Você nunca ouviu falar no milagre da Física?

— O que quer dizer?

— Quando se entende as leis da Física, não existem barreiras. Tudo é possível.

Ele levantou o queixo para poder olhar por sobre o volante. Finalmente girou a chave e engatou a marcha. De súbito, o ar explodiu com uma fumaça cinza e veio o cheiro de óleo queimado.

O velho Opala deu um tranco e se moveu. Fiquei observando-o utilizar o meu cartão ao passar pela guarita. O segurança deu as costas propositadamente. E eu sorri quando o professor Miranda apontou gentilmente o dedo médio para o homem, antes de desaparecer de vista e me deixar com bastante coisa para pensar.

Fiz uma longa viagem de volta para casa, tudo porque, enquanto pilotava a Vespa, digeriria lentamente minhas últimas ações e a conversa com o professor Miranda. “O senhor se animaria com uma ideia dessas?” Cara, que patético! Onde eu estava com a cabeça para perguntar isso? Minha sorte era que, apesar da resposta dele, o professor não parecia considerar aquela história uma loucura, dadas as circunstâncias de sua própria vida.

Com aqueles pensamentos, percebi alguma coisa errada comigo e que eu estava evitando encarar. Disse a mim mesmo que o único motivo para estar me sentindo assim era tentar não me envolver demais com aquilo, mas é tipo aquelas mentiras que contamos quando tentamos nos convencer de uma verdade. O certo é que eu começava a ter uma percepção fantasiosa após várias semanas morando naquela casa. A percepção de que algo ali dentro me encantava — e não era Belleville.

Não consegui me segurar. Fui até o escritório e peguei uma folha de papel em branco. Coloquei a foto já amassada de Anabelle ao lado, na escrivaninha. Lá estava ela, de novo. De volta a minha mente e àquela casa, como se nos últimos dias rondasse tudo o que me dizia respeito. Eu não queria brigar com a impressão que estava tendo, muito pelo contrário. Eu queria que ela ficasse cada vez mais próxima de mim, me observando imóvel com seus olhos verdes e brilhantes, fazendo com que me sentisse menos solitário naquele enorme espaço.

Antes de começar a escrever, reli a última carta. Precisei de coragem para não considerar o conteúdo uma bobagem pela milésima vez. O fato é que parte de mim acreditava naquelas palavras, por mais improvável que parecessem. Ou queria acreditar.

Senti minha força de vontade subindo. E, quando minha mão começou a escrever, era como se ela se movimentasse sozinha. Se eu pudesse, escreveria não apenas uma, mas duzentas folhas.

Eu havia perdido o jeito com mensagens escritas, mas agora isso parecia despertar. Desde o dia em que o coração de minha mãe parou de bater, desisti de escrever qualquer coisa de meu próprio punho. Eu e ela adorávamos nos comunicar através de cartas, sobre os assuntos mais variados. Era uma coisa exclusiva entre nós dois, sem a participação do meu pai. Minha mãe, Solange, professora de Letras e Educação Musical, preocupada com minha formação, foi quem praticamente me ensinou a escrever, aos quatro anos de idade. Aos oito, demos início à troca de cartas. Sempre que me sentia muito triste ou muito alegre, lá ia eu redigir uma. Quando ela

queria pedir desculpas ou explicar o porquê de uma proibição, era a vez dela. Não interessava se o motivo era sério ou divertido, sempre havia uma carta esperando por um de nós. Era a nossa condição, mesmo que não falássemos abertamente sobre essa mania.

Um dia, porém, minhas mensagens não tinham mais destinatária. Fingi por vários meses que ela continuava dentro de casa, à espera delas. Mas minha mãe havia morrido. E agora, cá estava eu, escrevendo de novo.

Quando terminei, peguei a folha de papel e dobrei em quatro. Antes de sair para enterrar a carta, porém, eu tentaria algo novo.

Peguei a filmadora digital. Sem pesar, apaguei todos os vídeos armazenados nela e conferi se a bateria estava cem por cento, o que significava, de acordo com o manual, doze horas ininterruptas de gravação. Procurei uma fita adesiva ou algo semelhante, mas não encontrei. Então retirei os cadarços de um par de tênis e coloquei-os no bolso.

Fui até o terreno. A não ser que houvesse um túnel por baixo do chão, eu teria a real comprovação de que alguém estaria mexendo naquela terra durante minha ausência. Mas, para isso, seria necessário esconder a filmadora de forma que ninguém a percebesse. Então escolhi uma das árvores próximas ao pilar principal de Belleville. Escalá-la não seria problema. Subi pelo caule e encaixei a filmadora na junção entre dois galhos firmes. Uni os dois cadarços e amarrei o equipamento em um ângulo de quarenta e cinco graus para baixo, direcionado para o monte de terra remexido. Liguei e testei o equipamento. Tudo perfeito.

Desci. Coloquei a carta dentro da caixa de madeira e enterrei-a, mais uma vez, no mesmo local. Deixei propositalmente a pá de jardinagem apoiada no pilar. Passei os minutos seguintes observando minha arapuca. Se estivesse menos cansado, talvez preferisse ficar de tocaia, mas a filmadora já parecia ser uma excelente ideia.

Minha mente foi tomada por um clarão. Percebi que, no fundo, com aquele ato, eu procurava cada vez mais me encaixar na história de Anabelle. Eu tinha vários caminhos a seguir, e, dessa vez, escolhi o menos lógico de todos.

Olhei para o céu. O tempo continuava limpo, e, mesmo que não desse para ver o sol se pondo, as primeiras estrelas começavam a surgir sobre minha cabeça. O ar frio de Campos do Jordão geralmente não dava trégua. Quando o senti ficar mais gelado, retornei para dentro de casa.

Agora, era só uma questão de tempo.



Capítulo 14

A lenha que eu tinha dentro do fogão fora suficiente para cozinhar um dos peixes. Refestelado, Tião deixou a cozinha e foi se encostar em algum canto aconchegante. Como sempre, terminei meu prato sozinha na mesa de jantar, pensativa sobre o pavoroso episódio na Vila Abernéssia. Sentia-me deprimida pelo que aconteceu dentro da peixaria. Aquilo me trouxe uma sensação de insegurança, especialmente porque a maioria dos estabelecimentos comerciais era administrada por homens e eu não desejava passar por aquilo de novo. Por outro lado, eu me via numa situação instável, sem perspectivas para conseguir dinheiro. Uma verdadeira encruzilhada. O que eu poderia fazer?

Juntei todas as sobras em uma vasilha, sem desperdiçar nada. Lavei a louça e o pote do gato. Depois cumpri todos os deveres de uma boa dona-de-casa. Não obstante, precisava também cumprir as obrigações masculinas. Fazia um bom tempo que não chovia na cidade. Então, ao final da tarde, saí para cortar a lenha seca para abastecer o fogão.

Sempre que eu precisava fazer isso, deslocava-me até o terreno nos fundos da casa, ia até o galpão, pegava o machado de meu pai e providenciava o corte de alguma árvore suficientemente pequena para minha força física. Depois reunia tudo num carrinho de mão e levava até a cozinha. Embora fosse muito mais fácil utilizar a madeira dos pilares de Belleville, nunca pensei em destruí-los. Eu seria incapaz de tocar neles, pois tinha a esperança real de que um dia eles iriam suportar mais do que sonhos. Em minha cabeça, eles iriam suportar trilhos de verdade, que se alongariam em muitas curvas, movimentando o carrinho que hoje estava encostado no galpão, com crianças ansiosas se revezando e gritando dentro dele.

Eu já encaixava o pesado machado nas mãos, pronta para me embrenhar pela mata, quando percebi a terra próxima ao pilar principal novamente remexida. Imediatamente, travei. Eu não a havia deixado assim. Sempre fui cuidadosa com meus afazeres.

Diante dos últimos acontecimentos, logo eliminei a possibilidade de ter sido Tião. Alguém havia novamente caminhado pelo terreno. Alguém que estava me deixando cada vez mais chocada e aflita. Então, cravei os dedos no cabo do machado e o empunhei em minha frente. Olhei em todas as direções, mas vi apenas árvores melancólicas aos pés do vento que balançava seus galhos. Avaliando com cuidado o terreno seco, caminhei até o pilar. E, mesmo que não desejasse largar o machado, coloquei-o de lado para poder escavar a terra.

Dessa vez, de tão ansiosa, utilizei as próprias mãos. Além disso, meus joelhos trementes me impediam de ir até o galpão buscar a pá. Como resultado, ganhei algumas esfoliações nos nós e nas pontas dos dedos, além de uma unha irremediavelmente quebrada. Só parei quando encontrei a caixa de madeira novamente, como se ela nunca houvesse saído dali. Mas eu presumia que não era bem assim.

Minha carta havia desaparecido, substituída por outra. Extraí o papel dobrado de dentro da caixa. Mesmo antes de abri-la por completo, identifiquei a caligrafia. Outra mensagem daquele desconhecido. Lucius, o psicótico!

Revirei as peças em minha mente, mas não consegui ordená-las. Como ele tivera a ousadia de continuar com aquilo? Eu não havia sido suficientemente clara no último recado?

Embora estivesse bastante assustada, fui tomada por um breve momento de satisfação, como se minha alma recebesse alento. Ultimamente minha vida se equilibrava à beira de um precipício de tragédias, e saber que alguém me escrevera, no final das contas, não era de todo mal. Mas eu precisava conhecer o teor daquela carta. Ela era a coisa mais importante até então.

Sem demora, corri de volta para casa. Subi para meu quarto, acendi a vela atrás de mim e me deitei na cama. Abri a folha de papel defronte dos olhos, obstruindo a visão do teto. E iniciei a leitura.

Campos do Jordão, 21 de março de 2014.

Anabelle,

Como você pôde perceber, não consegui ficar na minha. Não sei se vou ser claro ao explicar as conclusões que tirei depois do seu último recado, muito menos se me sinto convicto delas. Antes de começar, peço desculpas pela confusão. Obviamente, ao contrário desta, a última carta não foi endereçada a você, e sim ao próximo morador da casa. Eu digo "próximo" porque tenho certeza de que não há mais ninguém aqui além de mim, e pretendo ficar nela até concluir a faculdade, conforme prometi ao meu pai (repare que eu também faço promessas ao meu pai).

Passei a levar a sério que existe uma Anabelle se comunicando comigo. Não tenho a menor ideia de quem seja, e é improvável que estejamos falando da mesma pessoa que habitou esta casa, a não ser que você tenha mais ou menos setenta anos e esteja fazendo uma brincadeira comigo. Sim, essa foi minha primeira conclusão. Mas também acho improvável que você se sujeitaria a tanto. Afinal, embora ainda deva possuir força suficiente para desenterrar uma caixa de madeira, com tanta experiência vivida, deveria estar dando plena atenção aos seus netinhos em vez de perder seu tempo com um jovem que simplesmente alugou a sua antiga casa. E isso, veja bem, só teria algum nexo se você estivesse enciumada por eu estar habitando aqui.

A idade também explicaria a sua dúvida em relação à internet. Eu sei, você deve achar que é "coisa de jovem desocupado". Mas não acredito, em tempos modernos, que, mesmo sendo uma septuagenária, você nunca tenha ouvido falar da famosa rede mundial. Basta assistir a qualquer noticiário com certa frequência e

entenderá do que se trata. Hoje em dia, até mesmo a televisão anda migrando para dentro da internet.

Datar as suas cartas como sendo de cinquenta anos atrás pode ser uma peça pregada pelo seu cérebro. Essa é mais uma das conclusões a que cheguei. Eu compreendo; às vezes é difícil se desapegar de certas memórias. Deve ter sido uma fase fantástica de sua vida, tão romântica, difícil de esquecer. Você gostaria de vivê-la novamente, não é mesmo? Quem não gostaria? Se te alegra, como eu disse antes, ressalto que você foi uma mulher encantadora. Não quis ofendê-la, de forma alguma! Comentei apenas sobre o seu aspecto físico — e, se me permite alongar o assunto, nunca conheci uma jovem tão bela quanto a que vi na fotografia. E, é claro, eu não mudei de ideia, mesmo depois de chegar ao final de sua carta. Confirmando o que disse antes e repetiria quantas vezes fosse preciso.

Não, eu não sou nenhum psicopata, invasor ou fugitivo (e outras coisas mais que verbalizou) de um sanatório (essa palavra, aliás, já não é mais utilizada hoje em dia, o que me leva a mais uma prova de que você viveu em uma época distante). Sou um simples estudante de Matemática que veio parar em Campos do Jordão porque a universidade que frequento é uma das melhores do país nessa licenciatura. E posso garantir que toda a documentação de aluguel da casa é recente e válida. Ao contrário da Vespa, que tomei por vontade própria, mas prometo que deixarei incólume no mesmo lugar em que a encontrei quando for embora daqui.

Agora gostaria de comentar sobre o que você chama de Belleville. Encontrei uma referência a ela. "Les Montagnes Russes à Belleville." França, século 19? Que surpresa! Nunca imaginei que elas datassem de tanto tempo! Devo admitir que depois disso fiquei um pouco obstinado pelo fato, a ponto de pesquisar mais sobre o assunto. E, é claro, foi uma nova revelação saber que construir montanhas-russas caseiras não é tão incomum assim. Quero dizer, talvez ainda seja incomum, mas não tão excêntrico.

O passo seguinte foi procurar por um físico. Perguntei a ele sobre montanhas-russas artesanais. Não consegui extrair muita informação, é verdade, mas não podia esperar mais de nossa primeira conversa. Além disso, nas duas vezes em que citei o assunto com alguém (incluo uma bibliotecária), fui muito direto e percebi que isso assusta um pouco as pessoas. Mas o professor Miranda parece ser um cara bacana. Tenho certeza de que, se procurá-lo de novo, ele poderá me... bem, não sei ao certo o que eu espero que ele faça! Estou confuso com essa história toda, e tenho receio de que isso envolva mais do que eu havia planejado. Aliás, acho que já está envolvendo.

Por fim, espero que essa loucura toda tenha um fim satisfatório para ambos. Eu estou por aqui. Se quiser continuar no anonimato, já sabe o que fazer. Talvez eu não tenha todas as respostas de que precisa, mas terei boa vontade em responder o quanto antes. Afinal, a monotonia não é exclusividade sua. Creio que ela tenha uma ligação muito forte com esta casa.

Atenciosamente,

Lucius

Quando terminei de ler, sabia que seria difícil dormir naquela noite. Eu estava abismada. Septuagenária? Precisava dar méritos à criatividade do sujeito, mas tinha convicção de minha sanidade e de que nenhuma outra pessoa ocupava minha casa. E mais... dizer que eu datava minhas cartas como sendo de cinquenta anos atrás? Ora, faça-me o favor! Que papo furado! Estávamos em 1964. Se eu tivesse pilhas novas em casa, poderia ligar o rádio de meu pai, que ficava na sala, e constatar isso agora mesmo.

Eu devia ignorar aquele papel. Não somente amassá-lo, mas destruí-lo com meus dedos e unhas, como Tião costumava fazer com as garras dele nas cadeiras de casa. Porém, a maneira como Lucius se dirigia a mim não era assim tão estapafúrdia. Ele não parecia ser nenhum avançadinho, no final das contas. Em uma

época em que não podia andar na rua sem um adereço no pescoço, ele agia respeitosamente, sem priorizar o contato físico. Um admirador secreto? Quem sabe. Mas isso me levava às próximas reflexões: teríamos nos conhecido em algum momento? Onde ele teria me visto? Por que não se revelava logo? Qual a sua idade?

— Será que ele é um tremendão?

Minha voz saiu sem querer, e, tão logo despontou, percebi que a frase soara estranha. O que eu estava dizendo? Que tremendão que nada! Como eu podia me deixar levar por aquele pensamento? Quem sabe ele era um perseguidor? Poderia estar lá fora nesse exato momento e eu nem saberia! Um homem ajuizado já teria aparecido, dado as caras. Essa coisa de admirador secreto não colava mais! Eu não seria ingênua a ponto de cair nessa, nem que ele aparecesse fazendo uma seresta à porta da minha casa.

Como antes, reli a carta diversas vezes, listando na cabeça o que me escapava à primeira vista. E, como antes, várias coisas continuavam sem sentido. Por exemplo, o que ele quis dizer com “não consegui ficar na minha”? Na “minha casa”, seria isso? Devia ter esquecido de colocar alguma palavra depois do pronome, talvez porque não fosse um estudante de Letras, e sim de Matemática, como contou posteriormente. Mas e a tal Universidade de Campos do Jordão? Eu sabia que o prefeito estava construindo uma universidade, mas o prédio mal havia ultrapassado os alicerces, conforme comprovei mais cedo ao transitar de motoneta ali por perto. Não existia nenhuma outra universidade num raio de quilômetros. E ele não poderia estar estudando nela, se nem teto tinha ainda. Mais papo furado! Eu conhecia bem minha cidade, assim como o Sanatório São Cristóvão, que só não dava mais arrepios quando passávamos perto dele por causa do lindo lago próximo de sua entrada.

Porém, a terceira parte da carta destoava de todo o resto.

Quando li a palavra “Belleville”, senti meu coração amaciado. E, pelo visto, não era somente o meu que ficava assim. “Um pouco

obstinado”, escreveu ele. Eu não sabia em que enciclopédia Lucius tinha pesquisado sobre o assunto, mas ele havia acertado em cheio. França, século 19. “*C’était très bon!*”, exclamaria minha professora do ginásio. E a parte sobre o físico? Alegrou-me bastante. Uma ideia genial, devo admitir.

Um mistério enorme era a dificuldade de saber como as cartas estavam indo parar lá, perto do pilar principal. Os únicos que sabiam sobre a caixa enterrada eram eu e Joaquim, ex-ajudante do meu pai. Duvido muito que ele fizesse uma brincadeira dessas comigo ou que houvesse contado a história a alguém depois de toda a minha insistência para que mantivesse o segredo, quase uma promessa. Mas, francamente, era imprevisível supor que alguém entrava escondido pelo terreno atrás da casa apenas para me deixar zozona com aquelas mensagens. De tantas incongruências, em especial sobre isso, havia uma desconexão em algum ponto que eu não conseguia visualizar. E quem sabe fosse a hora de ter uma prova.

Fiquei em transe, num dilema infinito sobre quais seriam meus próximos passos; até que o fogo na vela atrás de mim tremeluziu forte e me despertou. Já estava escurecendo do lado de fora, e eu não podia perder mais tempo. Deslizei sobre a cama, apertando firme a carta em meus dedos. Peguei a vela acesa e corri em direção ao escritório do meu pai. Sentei-me à escrivaninha e coloquei a folha de papel em branco na minha frente, com a certeza do que estava fazendo. Eu precisava me expressar, manter aquele contato. Era o único refúgio para a vida solitária em que me encontrava. Só que, dessa vez, deveria escrever de maneira mais objetiva. Apenas dessa forma a história pararia de rebobinar na minha cabeça.



Capítulo 15

Eu não sabia dizer muito bem se havia *acordado* no dia seguinte. Passei a noite num estado de imobilidade consciente, me sentindo alerta e neutro ao mesmo tempo. A causa disso era óbvia: as cartas de Anabelle. Já a consequência era que meu cérebro parecia ter sido mergulhado num pote razoavelmente grande com inúmeras substâncias químicas, ficando anestesiado.

A luz invadia o quarto pelo vidro da janela, penetrando com um fecho amarelo de sol tomado por partículas cintilantes de poeira. Do lado de fora, o vento arrastava as folhas das árvores próximas. Havíamos entrado no outono poucos dias antes, mais precisamente no dia 21 de março. Em Campos, percebi que isso significava uma queda significativa na temperatura.

Apanhei o celular e chequei a hora. Pelos meus cálculos, faltava pouco menos de cinco minutos para que a bateria da filmadora acabasse — isso se já não houvesse acontecido.

Meu cérebro despertou num susto. Descolei o corpo da cama, puxando a coberta menor e jogando-a sobre os ombros. Saltei os degraus da escada de dois em dois até chegar ao primeiro piso, patinando ligeiramente pelo chão de madeira. Em menos de um minuto, eu já estava invadindo o terreno atrás da casa. O vento havia ganhado força e soava estridente, derrubando folhas secas em minha cabeça. Amarrei a coberta no pescoço para que ela não escapasse. O pano começou a ondular para longe do meu corpo como se fosse uma capa, e eu pensei o que ainda tentava fazer com aquilo, já que serviria para qualquer coisa, menos me proteger do frio.

Quando cheguei aos primeiros pilares de Belleville, olhei para cima e percebi que a filmadora ainda exibia sua luzinha vermelha

acesa ao lado da lente. Aquilo aliviou imediatamente minha tensão e me relaxou a bexiga. Andei até um arbusto, soltei os botões da calça do pijama e fiz xixi, encolhido.

Caminhei até o pilar principal. A pá de jardinagem continuava como a deixei, limpa e apoiada na madeira. Tive receio de que ninguém tivesse passado por ali ou que houvessem notado a filmadora presa na árvore. Meu esforço teria sido em vão? Seria uma decepção, mas eu estava pronto para repetir o procedimento quantas vezes fosse necessário.

Comecei a cavar. Aos poucos, meus batimentos cardíacos aumentaram de um trote veloz para um galope desenfreado. Procurei a caixa de madeira e lá estava ela, do mesmo jeito que a deixei. Seus detalhes prateados reluziram quando o sol inundou o buraco, e folhas de árvores despencaram a minha volta no momento em que a removi.

Eu já perdia as esperanças de que tivesse sido manuseada naquela noite quando abri a tampa e meus olhos se arregalaram diante de um objeto inusitado: um cordão dourado com um pingente no formato oval, gravado com desenhos de flores e um gato preto ao centro. Além disso, uma nova carta. A minha, assim como da última vez, havia desaparecido, como se uma magicamente houvesse se transformado na outra.

Descrever o que eu estava sentindo naquele momento era difícil. Tinha apenas reflexos em meu corpo. Minha respiração travava na garganta. Meus ossos estavam gelados e tremulantes desde a base do crânio até os joelhos. Meu estômago, contorcido em nós. Percebi que o colar não era tão estranho assim, embora eu não fosse capaz de identificá-lo. Por que o objeto estava ali? Qual era o seu significado? Tudo era tão improvável, a não ser pelas respostas que poderiam estar contidas naquela folha de papel. Então eu a desdobrei. E todos os meus sentidos convergiram para as palavras pautadas nela.

Campos do Jordão, 22 de março de 1964.

Lucius,

Confesso que tocou-me ler sua carta. Investir parte de seu tempo para responder a uma desconhecida foi um ato de bom grado, e não me esquecerei disso. Sendo assim, como pôde notar, descartei o "prezado" no início desta mensagem, já que parece que deixaremos as frivolidades de lado. Afinal, o que mais interessa a nós dois é sabermos quem é você e quem sou eu, certo? Então, tomei a liberdade de dar o primeiro passo "real" em nosso inusitado e controvertido relacionamento, como poderá perceber até o final desta carta.

Antes, porém, gostaria de iniciar pela parte que mais me entusiasma. Fiquei particularmente feliz ao perceber suas boas intenções para com Belleville. Consultar um físico? Nem sei se meu pai pensou em tal coisa. Devo admitir que estou impressionada, ainda mais por considerar que se sentiu um "pouco obstinado" com o assunto. Talvez você agora tenha uma noção de como eu me sinto. Melhor para você, pois tem a possibilidade de avançar, enquanto eu me sinto completamente impotente cada vez que olho para aqueles pilares.

Quero comentar sobre o cordão que recebeu. Ele é uma prova. Não, mais do que isso: um sinal de boa fé. Comprei esse pingente no dia seguinte àquele em que meu saudoso pai me presenteou com um gatinho tão pequeno que mal abria os olhos. A genitora dele, de cortar o coração, fora atropelada por um botijão que caiu de um caminhão de gás, rolando até o canteiro da estrada e acertando-a em cheio. Tião fora o único filhote que sobreviveu de uma cria de quatro minúsculos gatinhos. Um filhote preguiçoso, comilão e por vezes temperamental, mas também um leal companheiro. E isso traz um apego especial a esse objeto que confio agora em suas mãos.

Mas por que eu faria isso?

Porque é a única forma de provar a você que estou falando a verdade desde o início. Esta história é uma loucura! Cinquenta anos

de diferença? Impossível. Por falar nisso, não, eu não sou septuagenária! Presumo, pelo fato de você ser universitário (apesar de eu não fazer ideia de onde estude, e acho que nem você), que tenhamos idades próximas (eu acabei de completar dezoito anos). Infelizmente não pude continuar meus estudos e o invejo por isso. Eu pretendia prosseguir no CEENE, o Colégio e Escola Normal Estadual de Campos do Jordão, mas, sem o apoio de meus pais, creio que será improvável. E, sim, vivo em 1964, ainda estou morando na minha enorme e solitária casa e utilizo a Vespa para passear, embora confesse que minha vontade de sair é cada vez menor. Contudo, eu necessitava contrapor suas afirmações, pois não gosto que duvidem da minha palavra e preciso me sentir em paz com ela.

Mas você deve estar se perguntando... Como um pingente dentro de uma caixa prova alguma coisa?

Muito simples. Se você observar bem, vai visualizá-lo na mesma fotografia que diz ter encontrado no escritório da casa. Se me conhecesse, saberia que eu não me iria desfazer de tal joia a não ser — repare bem — que eu tivesse um excelente motivo para isso! Um excelente motivo, compreende? Eu poderia tê-la vendido, empenhado ou qualquer coisa nesse sentido, pois estou na capa da gaita, mas não tive coragem. Por isso, considere-se um privilegiado por tomar conta desse cordão para mim. Eu o confiei a você. Por favor, não me decepcione.

Ao menos, por ora, acho que minha existência passa a ter maior consideração de sua parte. Entretanto, preciso pedir-lhe algo em troca: espero que me retribua com uma prova de sua idoneidade, se possível com representatividade tão altiva quanto a que fui capaz de realizar. Não desejo nenhum tipo de ajuda financeira, note bem, apenas algo que me faça acreditar — nem que por segundos — que Belleville poderia um dia existir, de verdade. Para um homem com sua capacidade e inteligência, acho que não será difícil pensar em algo. Por isso... surpreenda-me!

Respeitosamente,

Anabelle

Quando terminei de ler, meu corpo estava encolhido na terra, com o lençol envolvendo meus ombros e minhas mãos segurando um papel que pesava uma tonelada. O vento açoitava meu rosto hipnotizado. À minha frente, o cordão dourado fazia trilhas sinuosas por dentro da caixa de madeira, enquanto o pingente marcava meus olhos como uma mancha de tinta impossível de ser apagada.

Estiquei os dedos e deixei o cordão escorrer por entre eles. Esfreguei o pingente. Um pouco de terra se despreendeu dele. Minha mente deu uma cambalhota e eu larguei o objeto de volta na caixa, como se tivesse tomado um choque. O que estava acontecendo? Anabelle havia pegado naquele objeto depois de desenterrar a caixa com as próprias mãos? Teria sido mesmo ela?

Refleti sobre todas essas indagações, amaldiçoando o fato de minhas conclusões tornarem a ser inconsistentes. Ali estava eu, novamente duvidando dos fatos! Aquele pingente, uma coisa tão pessoal... Estaria esse cordão na fotografia que encontrei *sem querer* no escritório? Isso era fácil de descobrir, pois em breve eu estaria com ela nas mãos. Mas, se fosse verdade, como explicar a estranha coincidência? Por qual caminho deveria seguir minha mente?

Um jovem menos racional que eu poderia chegar a conclusões fantasiosas, mas eu não faria isso. Antes de surtar com qualquer elucubração, eu preferia acreditar que a filmadora tinha sido uma boa armadilha e iria provar de uma vez por todas o que acontecia naquela casa. Afinal, alguém a estivera visitando naquela noite. Por isso, enfiei a carta na caixa e abaixei a tampa. Subi até o galho da árvore que prendia o equipamento e desenrolei os cadarços. Caminhei até o galpão e me tranquei lá dentro, isolado do vento e da chuva de folhas. Mesmo sem iluminação artificial, a claridade que invadia as frestas da madeira dava um ar nostálgico ao lugar. Nada mais propício. Soltei a coberta do pescoço, dei uma esfregada

rápida no cabelo e me sentei em uma poltrona velha e rasgada, com molas gastas e espuma despontando por todos os lados. A poeira, harmônica, dançou à minha volta.

Liguei a filmadora e selecionei o início da filmagem. Apertei o PLAY. Escolhi assistir a uma velocidade trinta e duas vezes superior à normal, suficiente para observar tudo em apenas meia hora. Se identificasse a movimentação de alguém, eu pararia e analisaria com calma.

Com os olhos fixos na pequena tela, fiquei pensando no que faria quando encontrasse a imagem da pessoa que rondava minha vida. Eu descartava a possibilidade de ser uma criança, pois as cartas eram escritas à perfeição. Uma septuagenária também já não me parecia boa ideia. As letras eram firmes demais. Mas e se fosse um homem? Uma coisa doentia, com certeza. Denunciar à polícia? Contar ao meu pai o que estava acontecendo?

Passei longos minutos observando o nada acontecer. Minha apreensão tinha progressivamente, como um apito que aumenta até se tornar ensurdecedor. A tela foi deixando a escuridão para trás e mudando de cor, tornando tudo mais claro e brilhante. O sol nascia naquele momento. Não demorou, visualizei minha aparição na filmagem, envolvido pela coberta que era chicoteada pelo vento. Se não estivesse tão apavorado com o fato de não ter visto ninguém antes de mim, talvez me sentisse incrivelmente estúpido. Mesmo depois, no breve instante em que olhei para a câmera e fui até uma moita e voltei, nenhuma outra pessoa apareceu no foco. Nada.

Antes de constatar os novos objetos, eu previa que poderia enfrentar a situação da completa ausência de indícios, o que me deixava temeroso. Alguém havia trocado o conteúdo da caixa, e eu não precisava ficar repetindo isso para a minha mente acreditar. Era real! Pensei que talvez alguém pudesse ter interrompido a filmagem em determinado ponto e retomado em seguida, mas isso significaria mexer na filmadora. Com a minha atenção, eu perceberia qualquer tremida na lente, por menor que fosse. Assim como pegadas no terreno — mas nada havia por lá.

Minha mente ficou absorta, navegando em algum lugar onde alguma coisa não fazia sentido. Subitamente, transitei de volta à realidade. Percebi que havia demorado tempo demais. Precisava tomar um banho e ir para a universidade. Então deixei o galpão, desolado. No fundo, queria que Anabelle aparecesse naquela filmagem. Não para me certificar de que estava falando com ela; mas para aceitar o fato de que precisava que ela existisse.



Capítulo 16

O tema da primeira aula do dia era “A Demonstração do Teorema de Euler para Poliedros Convexos”. Essa foi a única informação que captei naquele início de manhã. Durante toda a aula, ignorei o professor e fiquei observando o pingente oval no pescoço de Anabelle dentro da fotografia. Parecia o mesmo de cinquenta anos atrás. Seria exagerado dizer que eu estava obcecado pelo objeto? Eu havia recebido o melhor presente do mundo, e, embora não pudesse explicar direito meu sentimento, não iria me descuidar dele. Era tipo um amuleto mágico. E eu nem desconfiava quanto do seu poder já influenciava minha vida acadêmica.

Todavia, não podia esquecer que Anabelle havia solicitado uma prova de minha existência. E com igual representatividade, conforme escreveu.

Num primeiro instante, pensei em colocar dentro da caixa de madeira algum objeto pessoal e enterrá-lo, a exemplo de seu gesto. Foi quando me toquei de que possuía um número ridiculamente pequeno de coisas pessoais, em especial que coubessem em uma caixa daquele tamanho. O que eu poderia oferecer? Um celular velho com a tela rachada? Meu iPod? O time de jogo de botão que ganhei de minha mãe quando era criança? Ou quem sabe uma fotografia minha?

Não. Sentia-me inseguro com minha aparência, depois de tecer tantos elogios a ela. E nada do que relatei me parecia boa ideia ou provaria algo. Além disso, eu me lembrava bem do que Anabelle havia especificado na carta. Ela esperava alguma coisa que estivesse relacionada a Belleville — o que potencializava ainda mais o meu drama.

Tomado por uma leve depressão, torci para que a aula terminasse logo. A última coisa que eu pretendia era ficar dentro de uma sala da universidade agonizando com meus pensamentos. Antes que a aula seguinte iniciasse, peguei a Vespa e saí sem rumo pela cidade. Apesar dos meus vinte anos, minha mente parecia a de um garoto. Não sabia o que fazer, aonde ir ou como decidir minha vida. Naquele momento, eu precisava apenas espairecer daquela loucura em que havia me metido.

Enquanto eu cruzava sem destino o centro da Vila Capivari, vi um carro com o pisca alerta aceso parado na rua. A placa não era de Campos do Jordão. Um homem olhava desconsolado para o capô aberto, enquanto uma mulher sentada na calçada ninava um bebê no colo. Parei ao lado dela.

— Algum problema, senhora?

— Meu marido está tentando dar um jeito, mas acho que precisamos de um mecânico.

O homem puxou a mão rapidamente de dentro do motor e soprou os dedos. Depois se inclinou para trás e ajeitou a aba do boné com as costas da mão suja de graxa. Havia uma poça manchando o asfalto, causada pelo óleo que descia do motor aquecido.

— Ela está certa. A coisa aqui está feia, amigo — disse ele.

— Conheço um mecânico muito bom. — Dei dois tapinhas na manopla direita da Vespa, pretendendo ser entendido. — Vou telefonar para ele.

Arrastei minha mochila para a frente e saquei o celular de dentro dela. Olhei para a tela. Havia esquecido de carregá-lo.

— Desculpe, está sem bateria.

— Quer usar o meu celular? — ofereceu ele. Quando tentou enfiar a mão suja no bolso, mostrou-se constrangido.

— Não, tudo bem. Acho que é aqui perto, dou um pulo até lá.

Uma boa ação salvaria meu dia, além de me fazer esquecer um pouco meus dilemas. Então busquei o cartão de Ezequiel na carteira e conferi o endereço da mecânica. Peguei algumas orientações no caminho até chegar ao quarteirão correto. No fim da rua, a última das casas era um acanhado e escuro estabelecimento sem qualquer identificação a não ser os carros semidesmontados em seu pátio.

Dei uma leve derrapada com o pneu traseiro no cascalho em frente à porta. Buzinei. Estava a menos de dois passos da entrada quando Ezequiel deslizou metade do seu corpo, deitado numa prancha, para fora da lataria enferrujada de uma Kombi e olhou para mim. O rádio tocava um pagode raso com um refrão repetitivo que eu não esqueceria nem em mil anos.

— E aí, como vai? Algum problema com a Vespa?

— Não, por enquanto está tudo ótimo! — respondi. — Escute, Ezequiel, tem um casal de turistas no centro precisando de ajuda com o carro. Consegue ir até lá?

— É urgente? Estou meio enrolado.

— É que tem uma moça, coitada, que está com uma criancinha de colo. Não sei, mas acho que vai precisar guinchar o carro.

— Bom, se é assim, tudo bem — ele disse, antes de largar uma chave de boca no chão e se levantar.

Olhei para dentro do estabelecimento. Reparei que alguns eletrodomésticos estavam enfileirados com uma plaquinha "VENDE-SE" escrita a mão.

— Você conserta essas coisas também? — Apontei com o queixo.

— Sou um pouco faz-tudo, ajeito qualquer troço que cai na minha mão. Não é tão difícil assim.

Ao ouvir aquilo, uma ideia me abateu com mais eficácia do que o som de um despertador. Uma ideia aguda e bastante ilógica, como eu evitava pensar, mas que, de tão absurda, achei que poderia dar certo. Seria a oportunidade de que eu precisava?

Quase escutei o som de minha respiração descompassada quando falei:

— Acho que tenho algo para você que será um desafio...

— Estou para ver — gabou-se ele.

— Eu também! — acompanhei, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça. — Quero te mostrar algo que achei. Que tal ir até a minha casa depois que resolver o problema do casal?

— Hoje? Não vai dar... — ele respondeu, limpando as unhas em um pedaço de estopa encardido.

— Cara, é importante.

— O que tem lá?

— Não sei direito como explicar, só posso dizer que é algo tão antigo quanto a Vespa.

— É uma aposta?

— Como você preferir.

— Tudo bem. Mas só porque está me arranjando um cliente.

— Certo! Nos vemos mais tarde.

Saí da mecânica sem olhar para trás, bastante satisfeito com meu poder de convencimento, que ia se tornando cada vez maior. Era difícil adiantar para Ezequiel ou qualquer outra pessoa o que eu estava planejando. Afinal, quem acreditaria em minha história? Nem eu sabia se deveria confiar em mim mesmo. Porém, eu percebia naquele instante que o destino agia como um conjunto de vértices, arestas e faces, todos se intercalando e compondo um sólido geométrico, como os poliedros da aula a que eu deveria ter prestado atenção mais cedo. Era engraçado perceber que eu nunca teria tido aquela ideia se não tivesse saído da universidade e encontrado o casal e seu carro quebrado. Não tão rápido.

Depois de hoje, eu tinha certeza de que havia começado a compor uma nova fórmula. Só não sabia qual seria o resultado dela.



Capítulo 17

Eu devia estar preparando algo para comer, mas em vez disso fiquei deitado no sofá durante boa parte da tarde, ouvindo música no celular e esperando Ezequiel chegar. O máximo que fiz foi encher um copo com achocolatado e beber, mais por hábito do que qualquer outra coisa. Dois dias se passaram sem que eu me alimentasse decentemente. Não me recordava da última vez que havia ficado assim por tanto tempo, mas não sentia culpa alguma. Todos os meus órgãos pareciam se revezar em um estado de dormência e excitação. Obviamente, uma piada cruel que eles faziam com meu cérebro.

Lá pelas tantas, decidi telefonar para o meu pai. Sempre que eu pensava em comida, surgia o meu velho na cabeça. Como estaria se virando? Fazia tempo que não nos falávamos, e isso me preocupava.

Enquanto o celular dele tocava do outro lado da linha, me dei conta de que, a respeito dos últimos acontecimentos, eu não sabia exatamente o que dizer e o que não dizer. Provavelmente ele iniciaria a conversa perguntando como andavam as coisas na universidade. Qual seria minha reação? Contaria que havia cabulado quase todas as aulas do dia? Por qual motivo (embora eu soubesse exatamente)? Sem coragem, talvez eu respondesse “tudo bem”, deslizando rápido na conversa como prancha dentro da água e falaria qualquer outra coisa idiota para mudar de assunto.

Finalmente, lá pelo quarto ou quinto toque eu desliguei, torcendo para que ele não olhasse minha chamada perdida tão cedo. Com um pouco de remorso por ter matado as aulas, peguei o grosso livro de geometria na mochila e comecei a ler, tentando recuperar sozinho o que deveria ter assimilado em classe. Até que o sono

acumulado repentinamente me abocanhou. Adormeci com os fones de ouvido presos à cabeça, enquanto ouvia uma música instrumental que eu não sabia identificar, mas que me acalmava profundamente .

Não sei quanto tempo depois, a música tranquilizadora foi substituída por um som estridente e terrível. Demorei alguns segundos para perceber que era a campainha de uma casa, e mais ainda para entender que eu *morava* naquela casa. Tirei o livro do peito, levantei do sofá e atendi a porta. Por um instante imaginei ser outra pessoa, mas Ezequiel apresentava-se com seu macacão personalizado da mecânica e uma maleta de ferramentas na mão.

— E aí, tudo certo com o carro do casal?

— Você acertou em cheio, precisei rebocar. Eles vão ter que esperar uns dois dias ou voltar para casa sem o carro.

— Acho que isso não é problema. Tem bastante coisa para eles visitarem por aí. Entre.

Ezequiel pediu licença e entrou na casa. A sala enorme pareceu menor com a presença dele. Quando encostou a maleta de ferro no chão, as ferramentas tilintaram. Ele olhou ao redor, mas não havia nenhum eletrodoméstico por perto, nem mesmo uma televisão.

— Então, o que temos?

— Está lá fora.

— Lá fora? Só encontrei a Vespa, antes de entrar.

— Não, do lado oposto da casa. Tem um terreno enorme, maior que dois campos de futebol. Venha, vou lhe mostrar.

Ezequiel pareceu confuso, mas só por um segundo. Era o tipo de cara que passava uma dose cavalgar de tranquilidade, a exemplo de seu semblante, como se as coisas fossem se resolver de uma forma ou de outra. Eu gostaria de ser assim.

Atravessamos a casa e o terreno ao fundo, com o barulho da caixa de ferro chacoalhando na mão dele. Imaginei uma cena

engraçada, como se o grandalhão a meu lado derrubasse parafusos pelo caminho entre as árvores para saber como voltar correndo para o carro depois do desafio que eu lhe proporia.

Quando chegamos aos pilares de Belleville, esperei uma reação do rosto dele, que não se modificou. Minha preocupação diminuiu um pouco. Então abri a porta do galpão e deixei a luz penetrar por ela. Nossas sombras se anteciparam à nossa entrada. Um pouco sem jeito, caminhei até o canto, tirei a pesada capa de couro que cobria a caixa de madeira, que mais parecia um púlpito com vários botões coloridos, e mostrei a ele.

— O que é isso? — perguntou Ezequiel.

— Tem algo a ver com o que está lá fora. É o início de uma montanha-russa. Bem, eu não diria que é o início... sei lá... enfim, isto aqui deveria controlar ela.

— Você está brincando, né?

Fiz cara de que não.

— Tudo que está vendo já estava na casa antes de eu vir parar aqui.

— Certo... Então vou mudar a pergunta: para que você quer mexer nisso?

— Pode apenas verificar se funciona? — repliquei.

Ezequiel coçou a nuca, depois conferiu rapidamente ao redor. Devia estar se sentindo em casa com tantas ferramentas espalhadas pelas paredes. Finalmente, ele disse:

— Tudo bem, vamos tirar este troço daqui.

Ajudei a carregar o trambolho para fora. Minha roupa inteira ficou repleta de poeira e teias de aranha, como se alguém tivesse me arrastado nos trilhos abandonados de um trem. Eu podia dizer o mesmo do macacão dele, mas ele não parecia se incomodar. Colocamos o console no espaço que aparentemente havia sido destinado ao equipamento, uma forma de concreto quadrada no

chão, a alguns metros do pilar principal. Percebi que daquele ponto era possível visualizar todas as madeiras instaladas no terreno, uma visão ampla do local onde ficaria a montanha-russa. Possivelmente, ali nasceria a cabine de controle.

Ezequiel desatarraxou os parafusos enferrujados e abriu a tampa traseira. Colocou a cabeça dentro da caixa verticalizada. Em menos de um minuto, deu o veredito:

— Incrível. Parece o precursor de um CLP.

— O que é isso?

— Um controle lógico programável. Há quanto tempo está aqui?

— Eu chutaria uns cinquenta anos — respondi. — Como você sabe o nome dessa coisa?

— Um CLP pode ter muitas finalidades, até mesmo para o que pretendiam fazer no terreno. Sei disso porque uma das minhas ocupações na infância era ler revistas de eletrônica, daquelas básicas que vendiam em bancas de jornal. Eu gostava — confidenciou.

— Ah. — Fiz uma expressão de que achei normal, mas era uma meia-verdade. — Dá pra instalar?

— É sério? Esse negócio me recorda uma televisão da época dos meus pais. Funciona a válvula de diodo! Você tem sorte por elas estarem intactas. O galpão e a capa de couro devem ter protegido a caixa muito bem.

— Isso quer dizer que não vai poder fazer nada?

— Eu não disse isso.

— Não estou entendendo.

— O que você quer? Só ligar? Se for esse o propósito, acho que consigo, até porque esses fios aqui não vão a lugar nenhum, né? Não vai ter nada pra movimentar aí na frente. — Ele apontou para os pilares solitários.

— Por mim, só isso está bom — eu disse, convicto. — Mas preciso te pedir uma coisa... seja lá o que consiga fazer com este negócio, por favor não comente por aí. Quero impedir que algum curioso me olhe torto quando eu estiver andando pela cidade.

— Eu sou o pior sujeito do mundo para guardar segredos! Mas você tem outra opção? — Ele sorriu, e pequenas rugas negras se formaram nos cantos dos seus olhos.

— Não mesmo — devolvi com o mesmo cartaz.

— Então, vamos em frente. — Depois ele me entregou uma chave e solicitou: — Tenho uma bateria extra lá no carro. Pode pegá-la para mim?

O vento não passava de uma brisa de final de tarde. Permaneci sentado, encostado em uma árvore, acompanhando os movimentos de Ezequiel, sem atrapalhá-lo. Ele era a única pessoa que eu conhecia capaz de consertar aquela coisa — ou que pelo menos me fazia acreditar que conseguiria colocá-la para funcionar.

Em compasso de espera, eu quase não mexia os músculos. Volta e meia eu sentia um cheiro quase insuportável de produtos anticorrosivos espalhado no ar. Ezequiel parecia desmontar aquela caixa com extrema cautela, limpando cada componente com uma paciência quase oriental. De vez em quando soprava alguma coisa, que eu torcia para estar inteira. Uma demora enervante, mas o peso desse pensamento não me ajudaria em nada, e tentei me afastar dele.

Embora não dependesse exclusivamente de mim, eu pretendia ter aquele equipamento pronto ainda no mesmo dia. Não desejava ficar tanto tempo sem me comunicar com Anabelle. Mas, para isso, tinha de mostrar a ela do que eu era capaz.

Não consegui ver a cara de Ezequiel, mas, pelos grunhidos que ele emitia, deu para perceber que estava em uma condição no mínimo duvidosa sobre o que fazer. Eu não sabia quanto tempo mais conseguiria ficar sem ir até lá, mas pretendia que ele

terminasse logo, fosse com um resultado positivo ou não. Quando os grunhidos cessaram, eu me acalmei novamente e retive a esperança.

Começou a anoitecer quando percebi que uma lâmpada do painel havia ligado e reluzia. Imediatamente fiquei de pé. Sustentei as pernas semidormentes, caminhei até Ezequiel e perguntei qual era o progresso dele. Ele fez cara de que a cirurgia havia sido bem-sucedida.

— Praticamente um milagre... — respondeu.

— Como a Vespa! — completei, entusiasmado.

Ele fez que sim com a cabeça. Pude notar seu grau de satisfação — não tão alto quanto o meu, é claro —, equivalente à sua confiança inicial. Ele fechou a tampa traseira e fez uma breve explicação sobre o que havia encontrado:

— Todos estes botões são analógicos, não tem nada digital neste painel. Normal para a época. Mas este aqui está com defeito. — Ele girou um botão preto várias vezes como se estivesse frouxo, sem nada para travá-lo. Depois espirrou, fungou e limpou o nariz com as costas da mão, como se o acúmulo de poeira finalmente começasse a incomodá-lo. — Acho que dá para criar algo automático, mas não com os recursos que eu tenho agora.

— E para que serve este? — perguntei, apontando para um botão redondo e vermelho, apoiado sobre uma mola enferrujada.

— Provavelmente é o botão de emergência. Você já deve ter visto em parques de diversões. Mas não acho que vá fazer falta, né?

— É óbvio que não — dissimulei, sorrindo. — Ezequiel, nem sei como te agradecer! Quanto lhe devo?

Ele foi bem maneiro, e acertamos um valor justo pelo trabalho. Fiz um novo cheque e lhe entreguei. Lá se foi mais uma parte de minha grana no banco, mas novamente eu estava extasiado demais para me preocupar. Só queria manter o equipamento com as luzes acesas. Era como presenciar uma ressurreição. Ofereci um copo

d'água e agradei Ezequiel mais umas três vezes enquanto o acompanhava até a porta, depois até o carro dele, e nos despedimos.

Peguei o celular e voltei para o terreno. Sob um céu avermelhado, escolhi o melhor ângulo que pude para tirar a fotografia. Numa primeira tentativa, falhei toscamente; a foto saiu tremida, evidenciando meu nervosismo e minha pressa. Respirei fundo e acertei na segunda. Meu celular, apesar de ser um *smartphone*, não possuía flash, mas, como ainda não havia escurecido totalmente, apenas chequei se a fotografia estava nítida e o guardei no bolso. Tinha consciência de que minha solução surpreenderia Anabelle em apenas algumas horas. Mas, para completar meu intento, precisava retornar à cidade e imprimir a imagem em alguma loja, antes que o comércio fechasse as portas.

Enquanto isso, tinha a sensação de que Anabelle estava ali, próxima de mim, escondida atrás de uma árvore, observando tudo. Isso me impressionava, como quando eu me sentia quando estava sozinho e me lembrava da minha mãe. Tinha algo a ver com pensar que a Via Láctea é pequena demais para acharmos que estamos tão longe assim um do outro, e que uma simples reta imaginária me ligava a ela, não importava onde ela estivesse. O mesmo sentimento que eu começava a ter em relação a Anabelle.



Capítulo 18

Acordei com a coberta de retalhos cheia de pelos e Tião embrulhado em meu pescoço feito um laço. A janela estava fechada, e a luz da manhã brilhava em meus olhos. Apesar do céu limpo e do sol regular, algo me dizia que o outono seria mais frio que o normal. Um problema a mais para mim, que morava na casa mais gelada de Campos do Jordão e sem luz elétrica.

Tião levantou primeiro e se espreguiçou. Depois subiu no parapeito da janela e ficou esfregando os bigodes no trinco. De repente, parou e olhou fixamente para fora. As íris se expandiram e o rabo encrespou. Imaginei que estivesse interessado em algum passarinho do outro lado do vidro. Empertiguei-me na cama e tentei enxergar o que atraía a atenção dele, mas não tinha nada ali, a não ser folhas secas que dançavam ao vento, à frente da janela. Então ele miou e eu me encolhi de volta, para baixo da coberta.

“Você sabe que os gatos são sensitivos. Não deve ser ninguém, não se assuste!”, disse a mim mesma.

Tião saltou para o chão e correu até a porta. Pensei em permanecer dentro do quarto o dia inteiro, mas não podia me render aos delírios de um gato. Além disso, eu era a única pessoa que poderia providenciar o café da manhã dele, e nós dois sabíamos que o resto do peixe do dia anterior havia sido reservado para o momento. Então me levantei e vesti o penhoar azul-claro que um dia fora de minha mãe. Mal abri a porta e Tião se lançou como uma flecha pelo vão, me deixando mais confusa. *O que deu nesse gato maluco?*

Assustada, descí as escadas como se estivesse fugindo de um incêndio. Corri para a cozinha, torcendo que fosse apenas fome, mas Tião não se encontrava lá. De soslaio, percebi seu rabo

escapulindo pelo corredor em direção à parte de trás da casa. Mais uma porta precisava ser aberta. O motivo, eu não sabia. E tinha receio de descobrir.

Fiquei ali parada, por vários segundos, pensando em voltar para cima, quando me dei conta de que mantinha a casa trancada como um forte por causa de toda a movimentação no terreno nos últimos dias. Havia a possibilidade de serem apenas as necessidades de Tião lhe apertando, nada mais. Desde pequeno, ele se acostumou a ter aquele terreno enorme lhe servindo de banheiro, e sua dona louca nunca mantivera a casa completamente fechada como agora. Para ser franca, eu não queria me arriscar a vê-lo batizar alguma cortina.

Abri cuidadosamente a porta que dava para os fundos. A cena se repetiu, com Tião chispando pela fresta e desaparecendo. Fiquei perplexa com sua atitude; não me recordava de tê-lo visto assim, tão estranho. Incerta de meus movimentos, dei o primeiro passo para fora da casa. E, mesmo antes de saber se haveria um segundo, pensei que poderia existir uma nova carta de Lucius enterrada. Teria ele respondido tão rápido assim? Meu coração inflou desejando que fosse verdade, e aquilo me deu forças para agarrar o penhoar na altura do pescoço e prosseguir até Belleville. Quando lá cheguei, encontrei Tião com a perna esticada, lambendo-a em cima de algo que eu não podia acreditar que estava visualizando.

— O... que... é... isso?

Olhei para o console de Belleville, instalado no terreno, com as luzes acesas. Imediatamente, minhas pernas ficaram bambas como maria-mole, ao mesmo tempo em que uma lágrima desceu lentamente pela lateral de meu rosto. Segurei o grito. A confusão se instalou. Eu não sabia se desatava a chorar ou se pulava de felicidade. Eu tinha um único pensamento bem definido, que aflorava por todos os cantos, até tomar toda a minha pele: eu estava encarando aquilo como uma contagem regressiva para a realização de um sonho.

Andei até o objeto. Observei que estava fixado ao chão, exatamente onde meu pai um dia me dissera que estaria. Levantei Tião do móvel e agarrei-o no peito, com seus bigodes roçando minha orelha. Passei meus dedos, lentamente, sobre os botões e lâmpadas. Era real. Palpável! De verdade! Mas como poderia estar funcionando se minha energia elétrica havia sido cortada? Que tipo de mágica era aquela? E quem teria sido capaz de tal proeza?

Eu podia voltar correndo para dentro de casa ou tentar descobrir a resposta para o milagre. E eu sabia exatamente onde ela estava. Sendo assim, coloquei Tião no chão e andei até o pilar principal. Sob o testemunho das árvores, me ajoelhei e enchi as mãos de terra outra vez.

Campos do Jordão, 28 de março de 2014.

Anabelle,

Existem ocasiões em que vale a pena entrar de cabeça em uma história, por mais estranha que ela possa parecer. Quero informar que receber seu pingente foi um desses momentos significativos. Eu nunca esperaria que me enviasse uma relíquia tão importante e que a confiasse a mim. Sim, eu conferi sua fotografia e ele está lá, pendurado em seu pescoço. Talvez eu não o tenha percebido claramente da primeira vez porque fiquei vidrado em seus olhos. Foi difícil separar os meus dos seus.

É engraçado perceber que é mais fácil escrever sobre essas coisas do que falar com alguém pessoalmente. Não pense que eu sou um cara galanteador ou que faço sucesso com as garotas. Acho que sou até um pouco sem graça. Não sei por quê, sinto insegurança de mostrar meu rosto nesse nosso tipo de relacionamento. Prefiro acreditar que você não tenha me visto em nenhum instante, pois quero manter-me anônimo quanto a minha aparência. Acho que isso dará mais valor ao conteúdo das mensagens que estou trocando com você do que qualquer outra coisa. Parece uma desculpa boba, mas não é. Quero apenas que

essa parte do mistério perdure enquanto conseguirmos. Por causa disso, talvez você compreenda por que não apareço na fotografia que lhe envio junto com esta carta.

Em relação à foto, estou lhe encaminhando a maior prova que consegui produzir. Mais uma vez contei com a ajuda de uma pessoa, dessa vez um mecânico chamado Ezequiel, sujeito bacana daqui da cidade. Eu não sabia como se chamava essa grande caixa de madeira com botões coloridos até ele me dizer que significa algo parecido com " controle lógico programável". Então, passarei a chamá-lo assim: CLP. Como você pode perceber pela imagem, nós conseguimos ligá-lo! Mas não posso deixá-lo assim por muito tempo, ou uma chuva irá estragá-lo. Com o clima que anda fazendo, não duvido. Por isso, em breve terei que desconectar a bateria que Ezequiel instalou e colocar a capa em cima dele.

Acho que seu pai, onde quer que esteja, sente um orgulho tão grande quanto minha felicidade ao ver as luzes acendendo (espero que você também). Porém, uma parte de mim sentiu-se particularmente triste pelo fato de a instalação do CLP não ter nenhum propósito a não ser a fotografia que tirei. Os cabos que deveriam ligá-lo à montanha-russa estão soltos no chão, como uma marionete abandonada. Não há nada à frente dos cabos a não ser os pilares. Eles continuam solitários e intactos. Entendo muito pouco de madeira, seus tipos ou origens, mas isso me faz pensar que o seu pai deve ter utilizado a melhor delas, pois os pilares resistem bravamente ao tempo. É como um cemitério de estacas fíncadas no chão; nunca esbarrei em algo tão simbólico.

Por fim, devo dizer que a minha vida tem se tornado menos tediosa com as suas cartas. Da última vez fiquei ansioso, esperando pela resposta. Quero acreditar com todas as forças que é a própria Anabelle quem as está escrevendo, por mais insano que isso possa parecer. Espero não estar sendo enganado. Porém, mesmo que posteriormente alguém pule na minha frente dizendo que tudo não passa de uma enorme e fútil brincadeira, nada vai apagar a emoção que estou sentindo nesta hora em que escrevo. Nada. E, de tudo

isso que registrei e que ando lendo, a única garantia que nós temos é: Belleville poderia existir um dia, sim. Hoje você tem uma prova que não me deixa mentir.

Fique bem.

Com meus sinceros sentimentos,

Lucius

Segurei a fotografia, abismada. Ela refletia com impressionante exatidão a geringonça instalada a alguns metros de distância do pilar principal. Sendo filha de quem era, eu entendia bastante de retratos e revelações, pois já havia visto centenas deles na vida. Tinha certeza de que nunca encontrei nada tão nítido e colorido quanto o que segurava agora nas mãos. A imagem era tão perfeita e ilustrativa que eu poderia considerá-la um espelho. Era como se de repente aquele objeto traduzisse a existência de um hiato obscuro entre minha realidade e outra, alternativa. E só me passava uma pergunta pela cabeça... Como Lucius foi capaz de produzir isso?

Havia outro fato importante e inexplicável: era impossível que alguém tivesse consertado e instalado o tal CLP sem que eu notasse. Lucius e um mecânico no meu terreno? Durante quantas horas? Não com minha presença, tão perto. Não sem minha autorização.

Com a relutância subindo pela garganta, andei até o galpão. Eu tinha um palpite e precisava constatar com meus próprios olhos. Uma vez lá dentro, apanhei todas as chaves de fenda que encontrei. Em menos de um minuto, agachava-me na parte de trás do grande console, tentando encontrar a ferramenta certa que desatarraxaria os parafusos daquela geringonça. E, mesmo com tanta falta de jeito, atingi meu objetivo.

Quando afastei a tampa, encontrei a peça que dava ares de ser responsável por fornecer a corrente elétrica àquela coisa. Tião esgueirava-se a meu lado, curioso, querendo entrar na enorme

caixa, quente e aconchegante. Eu o afastei, com medo de que tomasse um choque. Eu mesma me sentia insegura. Então analisei o grande cubo preto com dois fios ligados em seus polos. Uma etiqueta na lateral entrou em meu foco e eu quase surtei.

Fechei os olhos. Aguardei. Abri novamente.

Não era uma ilusão! O carimbo estava explícito: a data de produção era 2013 e a validade, cinco anos depois.

Embora eu não descartasse completamente a possibilidade de um trambique, surpreendi-me por alguém conseguir planejar tantos detalhes, a ponto de prever que eu abriria aquela coisa. Em seguida, algo ainda mais suspeito passou-me pela cabeça: por que Lucius enviaria uma fotografia se o objeto estava ali, bem instalado no terreno? A não ser... A não ser que ele mesmo não esperasse por isso. E por onde ele andava nesse exato instante? Preso cinquenta anos no futuro?

— Deus... por favor, explique o que está acontecendo!

Meu coração batia tão rápido quanto os passos que eu queria dar de volta para casa. De repente, estranhos sons emanaram das árvores a meu redor, e uma chuva de folhas secas desabou, como se o vento quisesse me expulsar daquele lugar. Procurei os parafusos pelo chão e fechei a tampa do CLP. Larguei todas as outras coisas espalhadas pelo terreno — exceto a caixa de madeira com os pertences dentro dela.

— Rápido, Tião. Vamos embora!

O gato reconheceu seu nome e me deu atenção. Obedeceu e veio atrás de mim. A fome devia estar incomodando.

Correndo como um coelho assustado, derrapei na terra e caí, batendo o joelho direito no chão. Quando me levantei, meio desequilibrada, percebi o corte produzido por um graveto seco. Um fio escarlate escorreu pela minha canela. A dor não incomodava, porque o sangue do meu corpo parecia ferver no mesmo nível que leite espumando na chaleira. Mas o episódio me deixou triste e com

um jeito idiota ao mesmo tempo. Eu não queria fazer mais nada durante todo aquele dia. Queria apenas chegar logo em casa, limpar o machucado, tomar um banho e continuar me isolando entre quatro paredes. E pensar no que responderia a Lucius — e a mim mesma — depois de toda aquela insensatez.



Capítulo 19

Fiquei acordado até bem tarde estudando as matérias que eu deveria ter lido quando adormeci mais cedo na sala. Toda vez que eu cochilava durante o dia — mesmo que por um minuto —, tinha o sono atrapalhado e precisava procurar algo para ocupar meu tempo insone. Assim, quando chegou a quinta-feira de manhã, havia dormido pouco mais de quatro horas ininterruptas. E despertei com meu pai ao telefone, logo cedo, preocupado e desculpando-se porque não havia visto minha ligação do dia anterior.

A conversa a seguir foi rápida, como deveria ser. Ele com pressa para iniciar seu trabalho e eu querendo ir para a universidade. Dentre várias frases soltas, meu velho perguntou se havia acontecido alguma coisa errada, e eu disse que não. Depois, como eu estava indo nos estudos. Respondi que tudo bem. Se andava gastando o dinheiro aplicado com alguma futilidade. Eu quis enfiar a cabeça na areia como um avestruz, antes de mentir. Por último, o pior: se sentia saudades de nossa casa. Eu falei que sempre, para agradar a nós dois. Porém, por mais que eu sonhasse voltar para casa e ansiasse por viver de novo a vida de antes, nunca poderia aproveitar a liberdade que tinha agora. E imaginei um “também sinto a falta de você e da mamãe”, mas não tive coragem de complementar, porque não queria começar o dia de meu pai deixando-o triste.

Desliguei o telefone depois de dizer melancolicamente que talvez aparecesse por lá no feriado da Páscoa, daqui a um mês. Tão pouco tempo em Campos do Jordão e eu me sentia tão ausente da vida dele. Passou pela minha cabeça o fato de que meu pai envelheceria sozinho nos próximos cinco anos, e que ele deveria pensar que cada vez que falava comigo podia ser a última vez. Talvez fosse o que

ele pensava todo dia quando se lembrava de sua esposa falecida, sentindo sua falta e querendo desesperadamente juntar-se a ela, e isso devia ser uma droga. A morte de minha mãe o deixou arrasado. E eu sei que ele não era tão velho, apesar de muitas vezes eu o chamar assim. Mas eu andava impressionado com a história de Anabelle, sem pai ou mãe para se apoiar, apenas com um sonho ausente encravado em um terreno selvagem, e era inevitável pensar nessas coisas.

Mesmo após escovar os dentes, eu sentia um gosto terrível na boca. Preparei um café antes de sair. Da cozinha, fiquei olhando por um tempo para a porta dos fundos. Eu havia esquecido de trancar a casa antes de dormir, com toda a agitação do dia anterior. Agora aquela porta parecia me convidar para bailar com as folhas secas caindo lá fora, e eu não recusei a dança. Caminhei até o terreno. Comecei contando quantos passos daria para chegar até Belleville, mas preguiçosamente desisti. Parei apenas quando me aproximei do pilar principal.

Respirei fundo e inalei o cheiro da grama. A melancolia diminuiu até ceder lugar a uma incontestável sensação de espírito renovado. Dificilmente eu teria aquela percepção de sorver a natureza em qualquer outro lugar que conhecia. Meu dia estava começando agora. Virei a cabeça em direção ao CLP, com todas as suas luzes acesas. Nós dois estávamos perdidos ali, minúsculos, no centro de uma elipse de araucárias gigantes. Caminhei até ele e desliguei-o, depois o cobri com a capa de couro. O clima estava diferente, o vento brutal havia melhorado. Embora o céu estivesse nublado e até um pouco cinzento, não parecia que ia chover. Mesmo assim, fui prevenido.

Passei pelo pilar principal. A curiosidade de saber o que havia acontecido naquela noite era grande. Minha vontade de escavar a terra era imensa, quase desesperadora. Porém, hesitei. Preocupado com a hora, disse a mim mesmo que não faria nada naquele instante. Afinal, aquilo representaria mais um atraso na universidade. E eu precisava ir lá, pois tinha outra tarefa em mente.

Além disso, não sabia ao certo se o terreno teria sido remexido. Optei pela promessa de que investigaria logo mais, quando voltasse. Por enquanto, estava satisfeito com o cordão e o pingente em meu bolso e a certeza de que Anabelle encontraria a foto que enviei, cedo ou tarde. E, se ela precisasse de um prazo maior para responder, eu esperaria o quanto fosse necessário.

Antes de sair de casa, recolhi todos os desenhos que estavam reunidos no galpão. Como as folhas eram grandes, fiz um canudo e enfiei-o dentro da mochila, sem conseguir fechar completamente o zíper. Não eram muitas páginas, mas impressionava a qualidade com que o pai de Anabelle havia produzido aquilo. Os papéis cartográficos amarelados pelo tempo continham desenhos com traços a lápis firmes e bem calculados. Havia não somente plantas baixas da estrutura, mas projetos com cortes laterais do circuito, assim como detalhes precisos da futura continuação dos pilares e dos trilhos que ficariam em cima deles. O padrão curvilíneo evocava o brilho das montanhas-russas clássicas, mas em proporção bem menor e sem inversões ou *loopings*. Se estivesse pronta, ela seria mais simples que qualquer uma que eu houvesse visitado. Mas não menos encantadora.

Um percurso de Vespa de apenas quinze minutos e eu já estava na universidade, com os papéis entulhados na mochila. Logo na entrada, deparei com uma garota de olhos claros e cabelos castanhos agarrada com um cara alto. Parei de encará-la antes de ter problemas com o sujeito. Pensei se a estava achando parecida com Anabelle ou se minha mente começava a forçar uma situação no mínimo constrangedora para meu coração. Quer dizer que a partir de agora seria assim? Eu enxergaria o rosto de Anabelle em outras pessoas, em todos os lugares? O que estava acontecendo comigo?

Vazei para dentro da sala e assisti às três primeiras aulas. Tentei me concentrar, mas Pitágoras, com seu teorema cheio de catetos, hipotenusas e ângulos retos desenhados na lousa, me lembrava os papéis envelhecidos na mochila. Ao final da terceira aula, percebi

que estava tentando enganar a mim mesmo; a Matemática era tudo em minha vida, mas, se eu não descobrisse algo em que pudesse aplicá-la naquele instante, não me sentiria em paz. E eu não retrocederia até chegar ao fim da linha.

Enquanto caminhava pelos corredores com a mochila no ombro, fiquei pensando em uma coisa que havia lido na última carta de Anabelle: a felicidade que ela sentira ao saber que eu havia me encontrado com um físico. Sua alegria me contagiou. Mergulhar na realidade dela me levava a avaliar a maneira como eu tratava as coisas à minha volta durante os últimos... sei lá, vinte anos. Afinal, pensar que tudo pode ser tratado com lógica e cálculos matemáticos não deve satisfazer as pessoas o tempo todo. Agora, o fato de eu ter tomado a decisão impulsiva de caminhar pelos corredores da universidade a fim de procurar o professor Miranda pela segunda vez parecia me metamorfosear para algo que eu ainda desconhecia, mas começava a curtir.

Para meu azar, as chances de continuar me sentindo mais leve terminaram num sopro. Literalmente.

Senti uma movimentação perto da orelha quando percebi, de soslaio, uma mão arrancar o enorme canudo com as plantas de Belleville de minha mochila. O barulho do papel roçando no zíper da bolsa foi tão claro que torci para que nada se houvesse rasgado. Quando me virei, visualizei um dos cones de Ed (eu não sabia ao certo qual dos dois era, mas arriscaria dizer que era Cabelinho, pelo corte que deixava a franja formar uma onda em sua testa) com o projeto nas mãos. Atrás dele, Moca. Ed estava em último na fila, me olhando pela aba inclinada de um boné.

Os três patetas, juntos outra vez.

Ed levantou a aba com um toque e recebeu meu canudo de papel das mãos de Cabelinho.

— E aí, Lucius, beleza?

— Pode me devolver isso, por favor?

— É importante?

— Pra mim, não pra você.

— É algum desenho babaca que você fez na aula? Posso ver?

Estiquei o braço para tomar de volta, mas Cabelinho foi mais rápido e colocou a mão chapada no meu peito. Tive vontade de quebrar os dedos dele. Ed sorriu e fez menção de desenrolar o canudo, bem lentamente, esperando que eu reagisse outra vez. Por um instante, achei que estava de novo no primário, lidando com garotos que tomavam meus pertences, aprisionado numa cela imaginária durante o intervalo do recreio.

Ed fez o que prometera: abriu as plantas. Uma delas caiu no chão, mas logo foi resgatada por Moca, que observou os desenhos. Focalizei Ed. O rosto dele sofreu uma transformação, passando a algo que era quase uma decepção.

— Cara, o que é isso? Uma montanha-russa?

— E que merda de papel velho é esse? — perguntou Moca, rindo, com Cabelinho postado a seu lado.

Fiquei um tempo engasgado, tentando encontrar uma desculpa para que eles não adivinhassem o que era, mas só vinha à minha cabeça o arrependimento de ter deixado aquilo à mostra. Quem mandou eu não ter cuidado com as coisas?

— Eu já sei o que é isso! — exclamou Ed, e eu pensei se Newton tivera a mesma reação quando a maçã caiu em sua cabeça, conforme o manuscrito de William Stukeley (com as devidas proporções comparativas entre os dois, é claro). — Tá brincando de construir uma maquete?

Quase tive uma absolvição da minha culpa quando o vi reagir dessa forma. Poderiam ter concebido o que era aquilo realmente, mas acho que seria demais para qualquer um dos três cavalheiros com cérebro de amendoim. Por sorte, nenhum dos documentos estava assinado pelo pai de Anabelle. Qual era mesmo o nome dele? Eu não me lembrava. Isso era algo que eu precisava procurar

nas cartas. Anabelle não me apresentou à família, mas, com todo o esforço que eu estava fazendo para aturar aqueles caras, acho que deveria.

— Não vai desembuchar? — perguntou Ed.

— Você tem razão — afirmei. — É para a feira de ciências do meu sobrinho. Ele sonha montar um troço desses. O moleque precisa de ajuda, então eu consegui catar isso na biblioteca. Preciso tirar uma cópia e mandar para ele. Algum problema?

Uma explicação imbecil para um sujeito mais imbecil ainda, especialmente porque eu não tinha irmãos, muito menos um sobrinho. Mas eles não saberiam disso, porque nunca atingiriam nada mais profundo em minha vida a não ser esses encontros casuais e nada agradáveis dentro da universidade. Além disso, terminar a explicação com uma pergunta me deixava numa posição um pouco mais ofensiva. Só que os três continuaram me olhando, como se ainda processassem a informação, e tive a impressão de que aquela aporrinhação parecia não ter fim. Eu queria desesperadamente aproveitar meu tempo com algo útil, exatamente como as ideias que estava tendo antes de ser interrompido. Pensei em reagir e tomar de volta o que era meu, mas meu abdômen ainda se recordava da joelhada que levou dias antes e mandou uma mensagem bem convincente para meu cérebro, deixando o resto incapacitado. Todavia, o celular de Ed tocou naquele exato instante, como se os deuses tivessem elegido alguém para uma missão salvadora. Mesmo Ed tendo disfarçado, percebi que a foto da namorada linda demais para ele, Tânia-de-gorro, havia surgido na tela do seu iPhone.

Ed entregou os papéis para a dupla infalível e se colocou um pouco mais reservado, sem que eu escutasse o que rolava na conversa. Meu nível de adrenalina começou a baixar. Meus movimentos começavam a ser meus novamente; faltava apenas retomar as plantas. E logo surgiu a possibilidade, depois que ele desligou o celular e ficou em silêncio por alguns segundos.

— Tenho que ir embora — anunciou.

Ficaram ambos olhando para ele, como se não soubessem o que fazer.

— Assim, de repente? — perguntou Moca.

— A Tânia precisa de mim.

— É o cachorro?

— É, não. Era.

— Droga! Que chato!

— Pois é, era um bom cachorro.

De repente me lembrei da foto da garota abraçando um labrador no porta-retrato. Senti pena de verdade dos dois, e quase expus meus sentimentos, mas fiquei com receio de que Ed considerasse muito invasivo, quando na verdade eu me sentia assim havia poucos minutos.

Engraçado.

Não. Na verdade, nem um pouco engraçado.

— O que a gente faz com isto? — indagou Cabelinho, balançando o novo canudo que havia feito após juntar as folhas do projeto.

— É dele, não é? Entregue logo. — Ed apontou para mim com o queixo e um olhar que pareceu preguiça.

Cabelinho obedeceu. Finalmente a cela se desfez e eles me libertaram.



Capítulo 20

Depois de uma nova investida na coordenação e de uma contornável suspeita da atendente, descobri onde seria a próxima aula do professor Miranda. Antes havia um intervalo de meia hora, e eu achei que seria ótimo se pudéssemos conversar sentados dessa vez. Fui aonde a maior parte das pessoas se encontrava naquele curto espaço de tempo, inclusive a casta dos professores: a praça de alimentação da universidade, a céu aberto. A maioria deles fazia uma boquinha antes de encarar horas à frente da classe.

Encontrei-o à mesa de uma das lanchonetes, afastado dos outros docentes, dividindo um pão de batata com alguns pombos no chão e um copo de cappuccino preenchido quase até a borda. A cadeira a seu lado estava desocupada, mas não por muito tempo.

— Bom dia, professor Miranda.

— Bom dia. — Ele levantou a cabeça e me cumprimentou, sem falar meu nome, mas com ares de que havia me reconhecido. — Servido?

— Não, obrigado. Queria pedir desculpas pela pergunta que fiz no outro dia. Foi um pouco... estranha, não foi?

— Não para mim. Me chamam de estranho o tempo todo.

— É sério?

— Bem, eles não falam de verdade. Não pela frente. Mas eu sei.

— E isso atrapalha?

— Não, acho que não. Minha esposa e meus dois filhos me consideram o cara mais normal do mundo. É isso o que realmente importa. — Ele mergulhou um pedaço de pão de batata no

cappuccino e o colocou na boca. Pão de batata molhado no cappuccino. Normal. Sei. — Todavia, sinto informar que apenas caras esquisitos sentam ao lado de caras esquisitos. Não aprendeu isso na escola?

Eu sorri, antes de entrar no assunto que havia me levado até ali:

— Preciso te mostrar uma coisa importante. Depois de examinar, pode me dar um parecer? — Abri a mochila e coloquei os papéis abertos em cima da mesa, com cuidado para não melá-los no cappuccino que havia escorrido pela borda do copo.

Ele largou o lanche e ajeitou as folhas. Identificou o que era logo no primeiro desenho.

— Você é mesmo fissurado em montanhas-russas. Onde conseguiu isto? Numa loja de antiguidades?

— Eu te conto se puder me ajudar. O que acha?

— Não sou engenheiro.

— Mas, pelo que entende de Física, pode me dizer se o que está aí faz sentido?

Ele analisou os papéis por alguns instantes. Observei o movimento engraçado de sua cabeça enquanto seus olhos transitavam, compenetrados, por entre as plantas. De repente ele colocou uma delas por cima e deu o parecer:

— A perspectiva é interessante, mas você me perguntou se isto está correto, certo? — Ele pegou uma caneta tampada e começou a apontar para um dos desenhos. — Logo de cara devo informar que o aumento da velocidade de um veículo provém da energia potencial gravitacional perdida que é convertida em energia cinética. Ao lado de uma peça reta horizontal, a velocidade de execução é a parte mais fácil da pista para projetar e analisar. Mas aqui neste trecho eu acho que se esqueceram disso. Ou nem sequer sabiam. — Ele acelerou algumas páginas, assim como as palavras. — Onde estão os cálculos de risco? — Parou em outro desenho. — Quer ver mais uma coisa? Chega um determinado ponto da queda

livre onde a pista precisa redirecionar os passageiros, caso contrário eles vão despencar no chão. Esse é o ponto de transição de queda livre para a aceleração controlada. Esse ponto também é o ângulo máximo de uma colina. O ângulo pode estar virtualmente em qualquer intervalo de trinta e cinco a cinquenta e cinco graus.

— Fantástico! — deixei escapar. Mesmo que eu não curtisse Física pura, as palavras dele me entusiasmaram. — Tenho uma ideia... por que você não leva isso para casa e me ajuda a encontrar as soluções?

Apesar do falatório à nossa volta, percebi um silêncio perturbador na mesa. O professor Miranda levantou a cabeça e passou a me observar de forma, digamos, meio constrangedora. Pudera, né?

Involuntariamente, mexi as pernas. Um pombo voou assustado enquanto eu procurava uma maneira de contornar aquele embaraço, mas o professor Miranda foi mais rápido:

— E qual seria o motivo para isso?

— Você não tem um hobby? Até o Einstein tinha — arrisquei. — Ele tocava...

— Violino.

— Isso mesmo.

— Escute, não vai dar. Tenho trabalhos para fazer. Acho que já te contei como é a minha vida, não é?

— Superficialmente. É por isso que eu quero te pagar. Digamos que seja uma consultoria...

Ele não me deixou continuar.

— Você é jovem demais para gastar dinheiro com essas bobagens, embora eu conheça bem esse seu ímpeto. Quando tinha a sua idade, eu também não desistia de uma ideia tão facilmente. Mas eu não teria coragem de cobrar um centavo por uma besteira dessas. Não o professor Miranda! Só que eu tenho medo do que você queira fazer com esta papelada. Não vou te perguntar o que é,

mas, se pode me trazer problemas, não quero ter essa responsabilidade.

Assimilei a leve bronca. Depois de tudo que ouvi dele, eu realmente me conformei e desisti daquela loucura, mas não pude evitar uma expressão desanimada. Meus caminhos findavam com aquela conversa. Ao contrário dos trilhos desenhados naqueles papéis, eu não possuía curvas à minha frente para seguir, e já imaginava como seria doloroso arrastar meus ossos de volta para casa e dar a notícia para Anabelle na pior carta que eu poderia escrever.

— Bem, talvez não seja uma ideia tão boa assim, afinal. E, sem a sua ajuda, não parece muito divertido. Você está certo — concluí.

Eu me preparava para guardar as plantas na mochila quando vi a pequena mão árabe segurar firme nas páginas. Olhei para os olhos do professor, cujos óculos haviam escorregado para a ponta do nariz. Ele falou:

— Não, tudo bem. Eu consigo.

— Tem certeza?

— De verdade. Eu insisto. — Pegou o projeto. — Admito que fiquei curioso.

— Eu também, desde o início. Mas o que fez você mudar de ideia?

— Acho que sinto falta de desafios. Pode ser que eu me debruce nesse negócio entre um intervalo e outro. Além disso, eu te devo um favor, não é? — Fiz que não havia entendido. — O cartão do estacionamento. Por falar nisso, ainda não achei o meu.

— Ah, tudo bem. — Eu me levantei e apertei sua mão. — Então você vai *mesmo* olhar isso, professor?

— Vou, sim. Mas nem cogite me pressionar — respondeu.

— Não, nunca — empolguei-me. Peguei um guardanapo e anotei meu endereço e telefone. — Poderia me avisar quando terminar?

Ele fez que sim. Antes de ir, perguntei se podia ficar com uma daquelas folhas. Ele disse "à vontade", e eu peguei uma que mostrava Belleville por completo. Coloquei na mochila, que estava nitidamente mais leve, e me despedi dele. Caminhei para fora da praça de alimentação. Olhei para trás e vi o professor Miranda derrubar propositalmente algumas migalhas de pão de batata no chão antes de dar uma nova espiada no material que eu deixara em cima da mesa. Os pombos arrulharam e correram felizes com o gesto dele.

Eu senti vontade de fazer o mesmo.



Capítulo 21

Cheguei em casa horas mais tarde. Estava trêmulo de fome, muito por causa dos dias sem me alimentar direito e ainda sentindo o cheiro de gordura da praça de alimentação que seguia grudado em minha roupa. Porém, não parei na cozinha; atravessei a casa e fui em direção a Belleville. Do jeito que estava ansioso, poderiam até balançar uma bolsa cheia de dinheiro na minha frente que eu não pararia.

O sol do outono estava se pondo, dando um tom dourado às copas das árvores. Abaixo delas, o controle lógico programável continuava por lá. A não ser pelas folhas caídas em cima dela, a capa de couro continuava imaculada, como eu havia deixado. Mas não era hora de dar atenção àquele objeto. Naquele momento eu precisava encontrar o elixir dos últimos dias que me contaminava e me deixava mais vivo.

Queria ter certeza de que alguém havia mexido no terreno antes de desenterrar a caixa de madeira, mas não tinha como saber. Na superfície, tudo parecia igual. Então busquei o cordão de Anabelle no bolso e apertei-o tão forte que as pontas fincaram na palma da minha mão. Aquela peça era meu amuleto; meu pedido, óbvio demais. Com a outra mão, peguei a pá e comecei a cavar. Logo encontrei a caixa, com seus detalhes prateados. Quando a destampeei, anéis de expectativa insinuaram-se para dentro dela, fazendo-me despencar naquele mundo de fantasia a que eu me apegava cada vez mais.

Assim que encontrei a nova carta, mordi os lábios. Respirei fundo duas vezes e meus olhos enxergaram o brilho de lágrimas de alegria logo abaixo deles. Que ninguém me visse agora, senão eu morreria de vergonha. Mas deveria? Eu sabia que estava sendo

melodramático, mas aquele era o momento em que eu me dava o direito de ficar desse jeito, e ninguém tinha nada a ver com isso. A emoção havia aumentado nos últimos dias, e, pelo jeito, só pioraria nos próximos. Ela era o que me fazia sentir preparado, pronto para abrir a carta de Anabelle. E foi o que eu fiz.

Campos do Jordão, 28 de março de 1964.

Lucius,

Estou preocupada. Não com você, mas comigo. Começo a acreditar em coisas que não pareciam fazer sentido. Acho que você compreenderá até ler o final desta carta. Antes, tenho que te avisar que acabei de ver o aparelho que você chama de CLP instalado e funcionando. Mais do que isso: eu toquei nele! Abri a tampa e encontrei uma etiqueta presa no que eu presumo ser a bateria, e que me deixou em polvorosa. Acho que você e seu amigo mecânico não esperavam que eu fizesse isso, portanto não existe engano nas minhas convicções. Estou chocada! Que feitiço é esse? Acho que minhas dúvidas em relação a você se esgotaram, embora ainda seja uma parada dura de acreditar.

Cinquenta anos de distância? Caramba! Isso está mesmo acontecendo?

Não bastasse o trambolho cheio de botões coloridos e funcionando, a outra prova que me enviou, tenho certeza de que nunca vi nada parecido em minha vida — o que corrobora o que eu disse aí em cima. Creio que não passou pela sua cabeça que eu pudesse encontrar o equipamento instalado no terreno, por isso você colocou a fotografia dentro da caixa. Mas ela não é do nosso tempo. Quero dizer, do meu tempo. Gostaria que meu pai estivesse aqui para ver isto, uma imagem tão colorida, tão perfeita! Mas quem sabe não seja ele o arauto deste milagre que está acontecendo conosco? Só mesmo uma alma iluminada conseguiria viabilizar isso.

Quanto a mostrar ou não o seu rosto, posso compreendê-lo, mas devo informar que morro de curiosidade. Não acho que deveria se preocupar tanto, pois, se eu não desse valor às cartas, nem estaria respondendo. Mas não pretendo forçá-lo a nada. E quero que saiba que, assim como você se descreve, também não me acho nada especial. Talvez alguns me chamassem de garota papo-firme. Alguns, porque não são muitas as pessoas com quem me relaciono, ao contrário de você, com tantos amigos para ajudá-lo. Estou isolada, sem acompanhar as notícias, escutar um rádio ou ler um jornal. Tive uma péssima experiência por esses dias e, sinceramente, não sei o que será de mim daqui para a frente, pois mal tenho ânimo para sair de casa. Falta-me coragem, acima de tudo. Acho que não estou preparada para o mundo lá fora sem a companhia de meus pais, pois uma mulher da minha idade deveria ter a orientação e proteção da mãe a seu lado. Nunca te contei nada sobre ela, mas a maior virtude da dona de casa Cecília era ser uma excelente cozinheira, e graças a Deus tive tempo para aprender bastante com ela. Pena que eu não possua quase nenhum mantimento em casa e não possa reproduzir suas iguarias. Ela faleceu há cerca de um ano, e, assim como posso sentir o doce sabor dos seus quitutes na minha boca, ainda tenho a impressão de que ela está andando por estes cômodos, implicando com Tião ao vê-lo subir nos móveis e fazendo o delicioso bolo de cenoura que eu tanto adoro. Não sei se você consegue entender o que digo, e acho que só poderia fazê-lo se tivesse perdido alguém tão próximo em sua família. E eu espero sinceramente que não.

Mas você tem razão: agora temos uma prova de que Belleville poderia existir! Poderia, não; pode! Não sei o que aconteceria se você desse continuidade ao projeto, mas pense comigo... se o CLP apareceu aqui, no meu tempo, o mesmo ocorreria com o resto que construísse? Teria eu a ventura de poder enxergar o tão sonhado sonho do meu pai terminado? E essa troca de cartas? Estaria ela ligada a esse fenômeno que não conseguimos explicar? Será que alguém, neste mundo, conseguiria?

Porém, há algo mais importante a dizer, e você precisa ter a mente aberta para assimilar: para que tudo isso funcione, é hora de deixarmos as desinteligências de lado e procurarmos criar nossas próprias certezas, por mais absurdas que possam parecer. Sendo assim, você precisa confiar em mim! Certifico que sou eu mesma que estou escrevendo as cartas: Anabelle, dezoito anos, vivendo no ano de 1964. Você precisa acreditar, como agora acredito em você. Se não o fizer, não conseguirei continuar com essas cartas. Seria uma pena. Assim como você, sinto-me ansiosa a esperar por elas.

Mantenha-se firme.

Anabelle

Eu não sabia o que pensar ou falar sobre o que havia terminado de ler. Era como se de repente minha cabeça estivesse estranhamente sem peso, boiando como um balão de hélio. Ao mesmo tempo, algo me fazia deslizar para dentro de uma realidade alternativa, cada vez mais fundo. Quanto mais eu mergulhava, mais suspeitava de que não seria arrancado de volta. Onde tinha ido parar a minha mente racional? Cartas sendo transportadas dentro de uma caixa enterrada como se cinquenta anos fossem apenas um vinco no tempo? Eu andava tão fragilizado assim para acreditar naquela loucura?

Dobrei o papel duas vezes e o coloquei no bolso, junto com o cordão. De repente, enquanto tentava me orientar de volta para casa, pensei em vomitar. Só que me recusei, sofrendo um acesso de tosse e golfadas que subiam e desciam pelo meu esôfago. Agachei-me no terreno e esperei que meu corpo melhorasse. Mas, enquanto estava agachado, vi algo que me deixou sobressaltado.

Enfiei a ponta do dedo indicador na superfície da terra. Ela retornou manchada de sangue, bem diante de meus olhos.

Que diabo significava aquilo?

Logo pensei em algum animal machucado. Porém, não havia nenhuma carcaça, apenas uma pequenina quantidade de sangue,

como se brotasse da terra. Talvez Ezequiel tivesse se machucado no dia em que instalava o CLP, mas dificilmente ele deixaria de comentar. E aquela mancha parecia recente demais, úmida demais para isso.

Desnortado, carregando uma carta que arremessava todas as minhas ideologias na fogueira e sentindo-me fraco por causa falta de comida, levantei-me e tomei o rumo de casa, desta vez sem parar. A coisa toda ficara séria demais! Era o momento de pedir ajuda ou levar essa história adiante sozinho. Se eu seguisse por esse caminho, como todas as decisões que andavam acontecendo em minha vida, não existiria mais volta.



Capítulo 22

Depois de uma boa noite de sono, levantei com um pouco mais de inspiração. Não que isso fosse mudar alguma coisa, mas também não era irrelevante a ponto de passar despercebido; os últimos dias foram tenebrosos, com exceção do CLP instalado e das cartas que recebi de Lucius — os únicos momentos de desfrute que andava tendo em minha deslocada vida.

Enquanto eu descia as escadas, Tião se enroscava em minhas pernas. O esparadrapo que coloquei no joelho no dia anterior ainda repuxava minha pele, incomodando. Torci para que a ferida não infeccionasse, pois o antisséptico da maleta de primeiros socorros havia acabado fazia tempo. Restou somente uma gaze e um pouco de pensamento positivo. Minhas unhas estavam quebradas e não havia jeito de socorrê-las. Em pouco tempo, meu estojo de maquiagem também ficaria vazio. Nenhuma roupa nova. Comida restrita. Logo eu me transformaria em uma esponja pálida e sem graça se arrastando pelos corredores da casa.

Tião, formando uma corcova com as costas, foi o primeiro a perceber que alguém estava atrás da porta de entrada. A campainha tocou. Imediatamente me recordei da recente enciclopédia que meu pai adquiriu de um vendedor insistente. “Uma novidade que revolucionaria os estudos”, disse o ambulante. Era um cobrador batendo à minha porta. Quem mais me visitaria? Talvez fosse melhor eu devolver a coleção e me livrar da pendenga de uma vez por todas.

Amarrei bem o penhoar e caminhei até a frente da casa, enquanto Tião se escondia em algum canto. Com extrema cautela, abri a porta. Era um homem gordo, de chapéu Ramenzoni e camisa branca com marcas de suor visíveis. A calça de pregas subia acima

da altura do umbigo, numa tentativa inútil de parecer elegante. Em sua face, uma desagradável penugem que muitos poderiam chamar de bigode, mas que eu trataria como uma sujeira esquecida. O rosto dele, porém, não me era estranho, especialmente os olhos. O formato deles, não a cor das íris.

Atrás de seu corpo enorme, vi um Romi-Isetta azul e branco, e duvidava muito que suportasse ele dentro. Estacionado ao lado da minha Vespa, a visão do automóvel me fez refletir por quanto tempo aquele homem estava rondando a propriedade, pois não ouvi nenhum barulho de carro estacionando desde que acordei.

— Pois não? — cumprimentei.

Ele ajeitou o Ramenzoni numa tentativa de cumprimentar uma dama, mas interrompeu no meio do gesto. Percebi que faltavam os dois últimos dedos de sua mão direita.

— Não se recorda de mim, não é?

— Desculpe...

Ele empurrou a porta. Com a força excessiva que fez, não consegui evitar. Entrou sem cerimônia, tirou o chapéu e passou a mão nos cabelos negros e penteados com o auxílio de algum tipo de graxa. Uns quarenta anos, mais ou menos. Depois jogou a indumentária em cima da mesinha da entrada e ajeitou a calça, puxando-a mais para cima. Um homem cheio de gestos, embora lento como um elefante.

— Sou seu Tio Lino, irmão do Rodolfo — explicou. — Não te vejo deve ter uns onze ou doze anos. Ora, o que importa? Você... cresceu, *Pimentinha*.

Fiquei perto da porta aberta, pronta para sair em disparada caso ele não fosse quem dizia ser. Na época em que vivíamos, todo cuidado era pouco.

— O senhor tem alguma identificação?

Ele se preparou para falar, mas interrompeu no meio do que parecia ser um tremendo esforço. Então puxou uma carteira do bolso e me mostrou sua identidade, um modelo ainda preenchido a mão. Desde o final da década passada elas eram datilografadas. Na foto, o rosto limpo de um cara uns vinte anos mais magro. “Lino Duponte Campos”, informava. A filiação condizia com a do meu pai, e eu me recordava vagamente de ele comentar sobre seu único irmão, mas lembrar dos detalhes seria pedir muito. Acho que nem mesmo ele sabia por onde andava (ou preferia não saber). Aliás, o que esse Lino fazia da vida quando meu pai morreu?

— Bem, em que posso ajudá-lo?

— É verdade que o Rodolfo perdeu a luta pra tuberculose?

— É, sim. Pelo menos não foi *aquela doença*.

— Câncer.

Eu dei três batidas com os nós dos dedos no umbral de madeira.

— Não fale essa palavra! Não sabe que dá azar? — adverti.

— Besteira! Pura besteira!

Suas sobrancelhas se padronizaram num movimento pesado. Não havia simpatia alguma no rosto daquele homem, e eu ainda tentava entender por que ele estava dentro de minha casa e eu, quase do lado de fora.

— O que o senhor deseja?

— Não é óbvio? Vim ficar por aqui. Não vai me dar as boas-vindas?

Eram apenas palavras, mas foi como se um aroma podre atingisse minhas narinas, percorresse meu cérebro, e eu sabia que algo não cheirava bem.

— Como assim?

— Você ainda não atingiu vinte e um anos. Se o seu pai não te emancipou, não deveria estar morando sozinha. E, que eu saiba,

sou seu parente mais próximo. Ficarei por aqui cuidando de você. Não me agradeça.

— Eu não preciso de ajuda.

— Você não entendeu, Pimentinha. Eu não estou pedindo nada. E você devia saber que não se deve contestar os mais velhos. Qual foi a educação que a minha família te deu?

Pensei que a palavra “família” não devia ser desperdiçada de forma tão contundente, especialmente a *minha* família.

— Essa é minha casa, e eu me viro bem sozinha.

Ele balançou a cabeça.

— Essa não é sua casa. Nenhum governo no mundo vai te deixar tomando conta dela por conta própria. Esqueça.

— Mesmo assim, eu...

Sua expressão se fechou ainda mais. As tábuas do chão rangeram quando ele se moveu como um tornado que surge de repente. Eu me encolhi.

— Cale a boca! — ele disse num tom agressivo, a ferocidade desprendendo dos olhos. Depois pegou um livro em cima da mesa e bateu com força na parede. — Agora, peça desculpas. Ande logo!

Uma dura e inflexível emoção não só tomou conta da minha voz como a embargou:

— Desculpe... senhor.

— Tudo bem, Pimentinha. — Ele deixou o livro onde havia achado, após diminuir a tempestividade. Puxou a calça para cima. — Agora vá lá fora pegar minhas malas no carro e depois feche essa maldita porta.

Era uma boa ideia sair dali, porque, de repente, eu queria desaparecer da casa. Meu lar se transformara em um caldeirão onde em breve eu seria reduzida a uma sobrevivência miserável.

Enquanto isso, meu coração batia com tanta força que poderia entalar na garganta. Eu nunca havia me sentido assim.

Assustado com a movimentação estranha, Tião apareceu e desapareceu em questão de segundos. Para que o homem não notasse a presença do meu gato, fui até o carro, obediente. Tio Lino se moveu e se manteve embaixo do umbral, observando se eu não faria nada errado. Enquanto eu retirava as duas malas pesadas com um esforço incomum, meu cérebro era povoado por lamentos, blasfêmias e uma luta frenética para descobrir como me livrar daquele homem. E foi então que eu o vi ajeitar a calça pela milésima vez e escutei ele falar:

— Nós vamos nos dar bem, Pimentinha. Ah, se vamos.



Capítulo 23

Precisei de alguns dias para me recuperar do baque.

O que antes parecia surreal agora começava a crescer e criar uma expectativa de fruto com as árvores que existiam lá fora. Se pensasse bem, a convicção de Anabelle de estar se comunicando cinquenta anos no passado era a mesma que eu tinha de estar vivendo agora. Ela acreditava em mim; então, por que eu me recusaria a fazer o mesmo em relação a ela? Exceto pelo delicado fio de reflexão que me prendia à realidade, bastava eu crer que havia atravessado para dentro de uma história fantasiosa, tão absurdamente autêntica que não podia ser mais ignorada. Não era fácil me separar da lógica, mas eu já havia assistido a filmes e a livros em que gostaria de estar no lugar do protagonista, e agora havia chegado a minha vez. Daqui para a frente, convenci-me de que transitaria entre a realidade e o cenário de um sonho constante, porém menos espesso e absorvente do que o absurdo. Sendo assim, não bastava acreditar em Anabelle: era necessário descobrir o que eu podia fazer por ela. Com esse pensamento, dei início a uma das decisões mais concretas e importantes da minha vida.

Antes de sair de casa, fui até o terreno e medi o espaçamento entre todas as vigas que estavam encravadas nele, além do diâmetro de uma delas. Assim, concluí o comprimento total do trajeto. Dei uma olhada no carrinho encostado no galpão e tirei fotos de suas rodas de ferro, sem esquecer de também medir a largura delas.

Voltei à biblioteca para utilizar o computador. Para minha surpresa, encontrei os mesmos dois jovens amadores se digladiando em uma nova partida de xadrez. Dessa vez não

pareciam tão compenetrados; eles se lembraram de mim e me saudaram, como se fossem felizes pelo novo frequentador daquele lugar ermo. Retribuí e me dirigi ao computador. Peguei a única planta de Belleville que me restara. Acessei novamente o site americano que descrevia bem a produção de uma montanha-russa caseira, inclusive com a ficha técnica do criador. Era o melhor exemplo que eu tinha encontrado. Fiz uma comparação entre o desenho e as diversas fotos da *roller coaster* que o homem construía. Com a ajuda de meus conhecimentos de matemática e seguindo as imagens do site, não foi difícil calcular a quantidade de madeira que seria necessária para a construção dos pilares e trilhos de Belleville. Uma montanha-russa de madeira era como uma estrada de ferro tradicional. Com a medida do espaço das rodas de ferro do carrinho, calculei que os trilhos deveriam ter por volta de doze centímetros de largura e um distanciamento de oitenta centímetros entre eles, já que a capacidade do veículo era de somente uma pessoa. A parte de dentro das rodas possuía uma aba, provavelmente para evitar que o carro descarrilasse enquanto corria. Eu precisava prever isso, assim como teria que optar por utilizar trilhos de madeira laminada em vez de ferro, obviamente mais caro.

Os trilhos deveriam ser unidos com dormentes de madeira e barrotes diagonais de suporte, exatamente como o esqueleto inicial de uma casa pré-fabricada. Eu não podia esquecer, portanto, os pilares que sustentariam toda a estrutura e que seriam unidos às madeiras estacadas no terreno, resistentes por tanto tempo. Fazendo uma comparação com os dados do site (lá a madeira era calculada em pés cúbicos, e precisei transformar tudo em metros cúbicos, chegando a um número assustador), ainda seria preciso prever a compra de pregos, parafusos, grampos para os freios, correias dentadas e toda a parafernália necessária, conforme descrito na tela e nas anotações que li do pai de Anabelle. Isso sem contar, é claro, as alterações que o professor Miranda poderia sugerir, além de uma proeminente reserva de material.

Mas não adiantava guardar aquilo só para mim. Era uma informação rasa; o mais importante seria prever o custo para construir um negócio daquele tamanho. Mão de obra eu já tinha: eu mesmo. Ferramentas, quase todas. Mas e o valor do material? Estava claro que a quantidade de madeira empilhada no galpão mal daria para o começo. Então peguei a Vespa e saí pela cidade procurando uma madeireira. Depois de algumas dicas, encontrei uma num bairro afastado, com um pátio gigantesco onde havia toras suficientes para construir a Arca de Noé. Uma fungada bastou para eu preencher meus pulmões de serragem. Em questão de minutos, fui recebido por um vendedor. Ele me conduziu a uma mesa redonda dentro de uma sala isolada, onde o barulho externo ficou mais suportável por causa do ar-condicionado trabalhando no máximo. Nos sentamos. Depois de uma oferta de cafezinho e de um bate-papo rápido sobre a prosperidade do seu negócio, entramos no assunto que havia me levado até ali. Dessa vez não tive como esconder a verdade; precisei mostrar a ele a única planta que tinha e meus cálculos. Não sei se o sujeito disfarçou a estranheza com tudo o que eu apresentava, mas acho que estava mais preocupado em atender o pedido do que propriamente em fazer perguntas chatas e invasivas sobre Belleville. Para aliviar a situação, comentei que gostaria de iniciar um parque de diversões em Campos. Por que não? Era assim que devia ser tratado, tal qual um negócio, embora minha jovialidade deva ter feito o homem pensar que eu estava sendo muito ousado.

Ele acessou um programa no computador. Sem demora, chegou a uma conclusão. Por recomendação, eu precisaria utilizar um tipo de madeira que, embora fosse considerado macio, tivesse alta densidade e força. Para minha sorte, ele possuía uma carga considerável de pinho, ideal para a construção de barcos, materiais de revestimento e carpintaria. Precisava considerar também o transporte até a minha casa, terceirizado.

Ele imprimiu um relatório e me apresentou o total do pedido. Se eu não estivesse sentado na cadeira, a esta hora certamente o homem teria que me levantar do chão.

De todos os lugares do mundo, havia apenas um que eu queria visitar agora. Chances de a minha ida até lá ser em vão? Com certeza muitas. Mas é como dizem: não faça da sua vida um rascunho, ou poderá não ter tempo de passá-la a limpo.

Eu precisava correr. Eram quase quatro da tarde, e em pouco tempo o banco estaria fechado. Conduzi a Vespa pelas ruas da Vila Capivari, procurando a agência, que havia visitado em uma única oportunidade. Quando a encontrei, estacionei a motoneta de qualquer jeito e corri para a porta de entrada. A trava impediu que eu avançasse. Descarreguei minhas moedas, chaves e o celular no compartimento de segurança. Abri a mochila para o segurança olhar, e ainda assim a porta travou. Fiquei aturdido. Queria gritar que desejava apenas consultar meu saldo, que não era nenhum assaltante de banco e já estava pronto para implorar para me deixarem entrar, até que me dei conta do cordão de Anabelle em meu bolso esquerdo e o coloquei (com pesar) junto das outras bugigangas antes de fazer uma nova tentativa. A trava liberou, eu passei e depois recolhi tudo.

Separar-me do cordão estava sendo mais difícil do que parecia. Eu trocava de calça e o colocava no bolso em todas as oportunidades. Tinha a sensação de que eu e ele éramos essenciais um para o outro. Ou seria eu e Anabelle? Eu precisava aprender a distinguir isso logo.

Nada de filas longas. Em Campos, tudo parecia mais tranquilo, menos a minha ansiedade dos últimos dias. Cheguei ao caixa, apresentei meus documentos e informei os dados de minha conta. Solicitei o saldo. A poupança destinada a minha universidade inteira piscou para mim. Armei um sorriso aliviado. Uma emoção nunca tem reprise, especialmente como aquela. É claro que eu não estava preparado para gastar aquela dinheirama; entretanto, olhava para o saldo imaginando quais seriam as consequências de emprestá-lo para um fim... bem, tão nobre quanto meus estudos, mas incerto para meu futuro. O problema é que havia uma figura entre mim e aquele investimento; meu pai, que eu não queria desapontar.

Quando cheguei em casa, deparei com um pacote de papel pardo encostado na soleira da porta de entrada. Mesmo antes de abri-lo, percebi que a caligrafia utilizada para escrever meu nome era regular demais, como a de um professor, e já imaginei do que se tratava. Abri a caixa e encontrei as plantas de Belleville. O professor Miranda havia rabiscado suas anotações nos próprios desenhos, a lápis. Não me importei. De acordo com ele, era notório que o projeto precisava passar por algumas modificações, especialmente em uma parte sinuosa que seria bastante perigoso deixar alguém atravessar dentro de um carrinho. Todavia, o percurso não havia se alterado tanto. Só depois de muito tempo reparei que meus pulmões trabalhavam em ritmo acelerado, de tanto entusiasmo pela ajuda que havia recebido. Eu queria agradecer-lhe imediatamente, mas sabia que a oportunidade viria quando nos encontrássemos, a qualquer momento, na universidade. Agora eu precisava de um empurrão apenas para decidir que caminho tomaria. E só encontraria a resposta de um jeito, de uma forma especial.

Era hora de escrever.



Capítulo 24

Alguns dias mais tarde, encontrei uma pilha de roupas sujas jogada na área de serviço, inclusive meias esburacadas, cuecas samba-canção e uma ceroula. Desanimada, não consegui prender a respiração por tanto tempo e tive a infeliz ideia de respirar pelo nariz ao invés da boca. Meu estômago embrulhou. Junto da trouxa não havia nenhum recado, mas eu sabia o que precisava fazer; lavar e passar aquela roupa era um dos meus ofícios a partir de agora. Eu custava a acreditar nisso, e sentia-me cada vez mais melancólica e distante de mim mesma.

Eu entendia perfeitamente quais eram os meus anseios. Afinal, não havia tanto tempo, eu reclamava por me sentir isolada do mundo, solitária, sem ninguém para trocar uma só palavra. Mas aquilo mudara com a velocidade de um raio, ou com a chegada do Tio Lino, bem longe de ser um fato favorável para mim. Eu havia ganhado uma companhia espaçosa que dava ordens e fazia poucas perguntas. Em retribuição, me limitava a responder “sim, senhor”, como se fosse regente de uma sinfonia com apenas duas palavras. Por bem ou por mal, a casa voltara a ser abastecida de mantimentos. Eu poderia arriscar até mesmo um bolo de cenoura, fofinho e salpicado de açúcar por cima, mas seria apenas um desfrute diante de tantos maus-tratos que recebia. E eu nunca o deixaria degustar meu bolo.

Para manter Tião distante do novo morador da casa, eu o prendia dentro do meu quarto dia e noite, o único cômodo que continuava casto. Devia ser um suplício para ele, com tanto espaço na propriedade, sentir-se prisioneiro. Por sorte, Tio Lino nunca escutou os miados de Tião quando me via, ou não quis escutar, pois na maior parte do tempo encostava seu corpo inútil no sofá da sala até dormir pesadamente. Raramente arrastava suas banhas para fora

de casa e desaparecia por um período. Olhando por esse lado, qualquer um diria não ser tão ruim assim. O problema era que ele retornava muito pior do que saía.

Vasculhando seus pertences enquanto limpava suas coisas (era um risco, mas eu calculava bem a melhor hora e deixava tudo da forma que encontrava), finalmente descobri sobre seu passado. Tio Lino havia sido marinheiro por longos e longos anos — eis o motivo do sumiço. Em uma ação desastrosa durante a Segunda Guerra Mundial, uma corda enroscou-se em sua mão e levou embora dois de seus dedos. A baixa foi dada quase imediatamente. Em busca de informações sobre a embarcação em que ele servia, descobri em minha enciclopédia que, em agosto de 1942, o navio de cabotagem brasileiro Baependi foi afundado por um submarino alemão nas proximidades da foz do Rio Real, em Sergipe, junto com outras cinco embarcações. A ação resultou na morte de seiscentas e sete pessoas que se deslocavam para o Nordeste, e levou o Brasil a declarar guerra ao Eixo no final daquele mês. Seiscentas e sete, e nenhuma delas era o ignorante Tio Lino! Com a aposentadoria por invalidez, ele passou a viver longe dos mares e sem nenhuma obrigação, torrando o dinheiro que ganhava com sabe-se lá o quê, e arrisco dizer que a vida sedentária o levou a ser o monte de banha que era hoje.

Sua curiosidade, contudo, parecia ter se jubilado na mesma época, pois Belleville também continuava imaculada. Tio Lino nunca desconfiou do que havia no terreno. A única vez que o vi ir até os fundos foi para observar o bosque, mas, ainda assim, não se distanciou muito. Preocupava-me quando necessitasse de alguma ferramenta. Nesse caso, como eu faria para despistá-lo? Muito por causa disso, não falei nada quando ele se aproveitou do quarto de meus pais, instalando-se nele. Por dentro, meu corpo se contorceu em revolta. Precisei guardar todas as roupas de meu falecido pai em um baú que ficava no canto do cômodo, e isso me fez chorar muito. Todavia, lá dentro do quarto havia tudo de que ele precisava, ao contrário do quarto dos hóspedes, onde provavelmente necessitaria desemperrar as portas do guarda-roupa

e prender as tábuas soltas do piso. Para isso, ele perguntaria sobre as ferramentas, e somente eu sabia onde ficavam.

Andei lentamente pela casa e hesitei por um instante à porta da sala. Eu me ressentia por não ter adiantado o jantar, pois só depois disso subiria para meu quarto e me isolaria até o dia seguinte. Essa era uma das raras vezes em que Tio Lino não estava por perto. O rádio voltou a funcionar, e, nas poucas vezes que eu conseguia ouvi-lo de onde estava (eu estava proibida de ligá-lo; essa diversão era exclusividade dele), só se falava sobre um golpe que encerrou o governo do presidente João Goulart, nenhuma música para adoçar meus ouvidos. A casa voltou a ter energia elétrica, já que ele providenciou o pagamento das contas e com isso a religação foi quase imediata. Mas ela era tão diferente do lar de antes! Especialmente aquela sala, onde passei momentos felizes com minha família, com tantas recordações e conversas. Agora, eu a mantinha limpa por um decreto baixado pelo Tio Lino, não mais por mim ou pelos meus pais. Eu não queria descobrir o que aconteceria se o desobedecesse.

Caminhei devagar, mas, depois que atravessei a porta, aumentei o ritmo rumo às árvores distantes, com a sensação de que, se não chegasse logo a Belleville, desmaiaria. Aquela tarde era de um dia enevoado, um pouco mais frio, e o sol reapareceu de trás de uma nuvem justamente no instante em que cheguei ao pilar principal, como se fosse mágica. Engoli em seco e fiz uma prece para que, de fato, houvesse uma nova mensagem de Lucius ali embaixo, ou eu seria capaz de explodir, vítima de meu próprio silêncio. Então, desenterrei e abri a caixa.

Campos do Jordão, 2 de abril de 2014.

Anabelle,

Faz alguns dias que não nos comunicamos, o que tem sido estranho para mim, mas sei que é mais por minha culpa do que qualquer outra coisa. Sua última mensagem me deixou confuso, até

mesmo assustado, mas não quero que pense que essa foi a única causa. Precisei de um tempo para entender que, não importa onde estejamos ou as verdades que pretendamos assimilar, a causa maior de toda esta nossa história é Belleville. Pensei muito no impacto de sua frustração ao ver o projeto de seu pai inacabado, da mesma forma como percebi, através de sua escrita, a grande emoção quando descreveu o CLP ligado em seu terreno. Eu gostaria de estar aí para ver isso. Muito, sinceramente. Devo arriscar dizer que tem algo que me liga a você e que pretendo descobrir mais. Percebo uma linha muito tênue entre nossas vidas, pois quis o destino que eu encontrasse Belleville e, sem querer, a sua fotografia.

Assim como você, eu perdi a minha mãe, só que na infância. Meu pai está vivo, chama-se Fernando e é um floricultor esforçado, cuja paixão pelas orquídeas levou-o a se dedicar exclusivamente a elas. Estamos distantes um do outro, por isso minha preocupação com ele é diária. Como informei antes, estou aqui na sua casa por conta da universidade, e pretendo te fazer uma pergunta bastante importante mais abaixo. Uma pergunta séria, que vai traçar meu destino e possivelmente o seu, neste local. Antes, porém, tenho outros assuntos a comentar.

Visitei uma madeireira daqui mesmo, de Campos do Jordão. Não sei direito por que fui parar lá; acho que foi mais por impulso do que qualquer outra coisa. Apenas para você entender, hoje em dia a madeira é um artigo caro e precioso. As reservas diminuem a cada ano, pois temos sete bilhões de pessoas consumindo os recursos naturais do mundo. Também existe muita ilegalidade no comércio, que não se resume apenas à clandestinidade e à corrupção na política. Falta fiscalização, sem falar nas queimadas e no aquecimento global. Os problemas são muitos e notórios, mas não pretendo ficar aqui divagando sobre isso. Localizei bastante coisa que seu pai deixou no galpão, mas, pelos meus cálculos, aquilo não construiria dez por cento do que ele planejou para Belleville, e não sei ainda se está em boas condições. Porém, encontrei na visita a essa madeireira todo o material que seria necessário para continuar

o trabalho dele. Não se preocupe: tudo é legalizado e de boa procedência.

A outra boa notícia é que, sim, eu tenho o montante que será preciso para construir Belleville, e até uma sobra para minhas necessidades pessoais durante alguns meses. Não sei quanto tempo demora para levantar um negócio desses sozinho, nem como vou me sair. Lá onde fui criado, tive a experiência de ajudar meu pai a construir uma estufa externa para as orquídeas que ele fabrica e vende até hoje. Um projeto bem menor, modesto, mas que me deu boas noções de carpintaria. Entenda, eu carrego um medo paralisante de contar sobre minha vida para qualquer pessoa; até agora, não existia nada que me anestesiasse quanto a isso. Este fato, por exemplo, poucos sabem, porque não tenho tantos amigos quanto você pensa. Na verdade, acho que neste momento só possuo uma, e você pode concluir sobre quem estou falando. Com você eu começo a acreditar que consigo me abrir, sem receio das consequências. E, já que estou enfrentando meus medos, tenho algo mais para lhe comunicar: não me canso de olhar para sua fotografia nem de andar com seu cordão no bolso.

Agora, a pergunta que tanto preciso fazer, e basta você sinalizar com um breve sim ou não ("talvez" não serve):

Com tudo isso que te contei, devo seguir em frente e construir Belleville?

Mais uma vez presente,

Lucius

Terminei de ler a carta com um soluço preso na garganta, a um passo de cair em prantos. Não sabia explicar se era apenas causa do processo depressivo que me atormentava ou o fato de só conseguir me relacionar com Lucius através de uma falha desconexa no espaço e no tempo. Eu precisava cada vez mais dele, e saber que nunca nos encontraríamos parecia uma crueldade sem limite. Casos que misturavam paixão e tragédia eram coisas que

encantavam românticos sonhadores. Isso acontecia há muitos séculos na história, mas eu odiava passar pelos dois ao mesmo tempo. Todavia, o papel que tinha nas mãos agora era uma carta de esperança, não de desistência. E a fábula de nós três — Belleville, Lucius e eu — ainda demoraria para ter um final.

Quando eu lia as cartas naquele terreno, era como se percebesse a presença de Lucius a meu lado. Pelo menos me observando, sem conseguir dizer nada. Eu queria desesperadamente responder, suplicar que se esforçasse e se comunicasse comigo assim que eu fechasse a boca (de forma não telepática), mas sabia que demoraria pelo menos mais um dia para receber outra mensagem. Era assim que a coisa toda funcionava, que o plano parecia ter sido traçado. E não havia jeito de enganar o autor desse plano. Ao contrário de Lucius, ele parecia espiar em algum canto do bosque, talvez ocupando-o em todos os detalhes para onde eu olhava, impedindo a presença da pessoa em quem eu mais confiava e que queria ver ao meu lado.

— Você está aí?! — gritei. — Percebe o que está fazendo comigo? Acha que eu mereço passar por isso?

Minha voz perdeu-se na amplitude do bosque. A ira queria se desatar do meu peito, expandir-se num raio fugaz e destrutivo, mas não havia ninguém a quem direcioná-la, porque ninguém surgiu dentre as árvores para me responder. Seria assim dali para a frente? Ninguém mais me escutaria a não ser animais e plantas? Sempre tive virtudes em minhas crenças, e mantinha-me alegre para ser retribuída com igual intensidade pelas outras pessoas. Só que, agora, não havia restado nada. Minha fé estava por um fio, e eu me sentia mais solitária do que nunca.

Eu sabia que, se continuasse, a angústia me levaria ao passo seguinte, que era sentir pena de mim mesma. E meus pais odiariam aquilo. Então, procurei me acalmar.

Levantei a cabeça para o céu. O sol havia desaparecido por trás de nuvens pesadas. A medir pelos dias anteriores, eu ainda tinha

algumas horas antes que Tio Lino retornasse, mas não podia confiar tanto assim na sorte. Olhei para a caixa de madeira aberta no chão, que mais parecia um peixe sufocando fora da água. Então corri de volta para casa, sem prestar a mínima atenção na lavanderia e na cozinha. Era um risco deixar o jantar e as roupas sujas para mais tarde, mas eu não tinha outra opção. Eu precisava escrever minha carta e enterrá-la logo. Enquanto isso, pensava se devia contar a Lucius tudo o que estava acontecendo, mas logo percebi que ele pouco poderia me ajudar. Eu precisava resolver minhas questões sozinha. A ele caberia apenas cuidar de Belleville.



Capítulo 25

Campos do Jordão, 6 de abril de 1964.

Lucius, meu querido,

Tive poucas oportunidades de vir até o terreno procurar sua carta, portanto não se sinta arrependido por sua ausência. Algumas coisas aconteceram nos últimos dias. Eu e Tião, meu gato, não estamos mais passando fome, mas o preço que pagamos por isso está sendo caro. O resto não mudou muito. Guardei a Vespa no galpão. Ela continua parada, pois não tenho dinheiro para pôr combustível, portanto deixei para trás meus passeios pela cidade. Falta-me coragem e a vontade de triscar na pouca maquiagem que me resta. Meus estudos há muito ficaram esquecidos. Meu armário não recebe uma roupa nova desde antes de meu pai falecer; para uma mulher da minha idade, isso dói fundo na alma. Sinto falta da câmara Flexaret dele, que me trazia um pouco de distração nos dias solitários, mas agora ela pertence a Joaquim, seu ex-ajudante. Eu adoraria tirar fotos da natureza durante o outono. Gostaria de possuir uma máquina colorida como a sua, para conduzir meus sonhos a um patamar mais elevado. Mas meus sonhos se encostaram em algum canto que eu não consigo encontrar. Nem agora, nem nunca.

Por falar nisso, acho melhor não comentarmos mais nada sobre o futuro, pois não imagino as consequências que isso pode trazer para meu presente. Tenho medo do que vem por aí. Não quero saber de carros voadores, de como vocês sofreram com a terceira guerra mundial ou se o mundo já foi dominado pelos macacos e pela tal de "internet" que você citou antes. Quero falar apenas de nós dois e Belleville.

Você já deve estar ciente de que a montanha-russa foi a maior ambição do meu pai, Rodolfo, e não menciono isso só por causa da grandiosidade e dificuldade do projeto, mas porque ele era um homem com pouquíssimas frivolidades e um coração maior do que esta casa. Você tinha que conhecê-lo, ficaria encantado! Porém, meu pai não conseguia medir seus sonhos; andava sempre com os pés descolados do chão. Não sei, sinceramente, como ele conciliaria seu trabalho de fotógrafo com esse projeto, mas quem o conhecia sabe que ele era turrão, difícil de tirar uma ideia da cabeça. Acho que sou um pouco assim, também. De qualquer forma, ele queria realizar esse sonho para mim. Para mim, eu repito. Pode ter noção do quanto esse homem foi especial?

Isso me faz refletir o tempo todo. Às vezes penso que fui premiada com uma marca escarlate desde o nascimento, que meus desígnios foram traçados sem minha vontade e suspensos antes que eu alcançasse a maioridade. Nunca tive a possibilidade de fazer planos. Acho que isso acontece quando ficamos mais velhos, não é mesmo? Mas amadurecer sozinha é mesmo amadurecer? Você pode entender o que é tomar uma decisão sem ter um parente a seu lado? Sinto saudades do meu pai e da minha mãe. Não é só saudade, é um buraco que se formou no espaço de um ano e do qual tento desviar a todo momento, pois sei que, se cair dentro dele, nunca mais alcançarei a borda. Eu os amo, e isso é a única coisa que me fazia seguir em frente. Até você surgir.

Acho lindas todas as coisas que você me conta. A maneira delicada e atenciosa como me trata. Sua preocupação com Belleville. Seu esforço em me alegrar. Leio cada palavra que escreve dezenas de vezes, reparo em cada minúcia de sua caligrafia, me perco em cada curva de sua letra. Não sei que efeito é esse, mas me sinto mais próxima de você. Cheguei a um ponto em que quero esquecer que o mundo não para de se mover e me concentrar somente no que estamos planejando juntos. Quero fazer parte do seu universo, e já aceitei você no meu. Que tudo isso seja pelo meu pai. Que seja por Belleville. Que seja por nós dois.

A minha resposta?

É sim, por favor.

Saudosamente,

Anabelle

No dia seguinte, depois de ler a carta de Anabelle, eu seguia preocupado com a primeira parte da mensagem, mas também bastante aliviado pela última. Eu não daria chance para um possível refugio, por isso deixei novamente a universidade de lado, peguei a Vespa e voei até a madeireira. A partir daí, a cena se desenrolou rapidamente. A figura de um professor qualquer foi substituída pelo simpático vendedor do dia anterior, de camisa social branca, gravata e calça jeans. A sala de aula, pelo salão frio onde me era oferecido um novo cafezinho e eu ouvia que estava fazendo um ótimo negócio. E o meu caderno, por um cheque preenchido e assinado.

Não importava o que eu fizesse, nem o modo como eu tentasse lidar com as coisas, o pensamento lógico havia me abandonado de vez. Que efeito era esse que Anabelle me causava? Poderia ser qualquer coisa, misturada com um pouco de insensatez. Assim que entreguei o cheque ao vendedor sorridente, fui encoberto por uma sensação de estar à beira do abismo, daquelas que só se deve sentir dentro de um cassino ao apostar tudo o que você possui antes de rolar os dados. Sim, minha aposta era grande demais. Ou eu ganhava a mesa, ou faliria. Em qualquer uma das duas opções, seria um problema dos grandes diante do meu pai.

Como eu disse antes, não iria refugar.

Eu não sabia quanto tempo demoraria para meu pai perceber o sumiço do dinheiro. Nós dois tínhamos a conta conjunta em nossos nomes, mas eu era o principal movimentador. Havia uma coisa engraçada nisso tudo: eu estava trocando o sonho do meu pai pelo sonho do pai de Anabelle. Não importa o que acontecesse dali para a frente, alguém sairia decepcionado. Meu pai, quase certo. Mas e

Anabelle? E se eu não conseguisse construir Belleville? De fato, ter ajudado a levantar uma estufa de orquídeas não me credenciava para tanto. Talvez eu precisasse de um pouco mais da mágica que teletransportava aquelas cartas através de anos por baixo da terra. Ou de uma boa estratégia, já que não possuía nenhuma.

Incomodado, eu queria me afastar daqueles pensamentos perturbadores bem rápido. Não era momento de me preocupar, e sim de me sentir preparado para a grande missão que tinha pela frente. Eu precisava de espaço para respirar. Despedi-me do vendedor, que prometeu entregar toda a madeira em até três dias. Talvez pudesse me entregar hoje mesmo, mas é claro que precisava aguardar o cheque compensar. Havia também uma quantidade considerável de cola, verniz naval, pregos, parafusos e outras bugigangas que eu precisava reunir, além de uma boa serra elétrica, porque não confiava no machado que havia encontrado. Passei em uma loja de material de construção e adquiri o que foi possível. Se algo faltasse, daria um jeito depois.

Guardei tudo no galpão. Depois disso, eu estava cheio de energia. Restava apenas iniciar os trabalhos. Quando a madeira chegasse, eu a deixaria empilhada ali mesmo, entre as árvores e próximo ao CLP. Havia calculado que teria madeira suficiente para alterar qualquer trajeto dentro do espaço previsto no terreno, conforme as anotações do professor Miranda. Se sobrasse, havia a promessa do vendedor de aceitar de volta parte do material (pagando menos da metade do valor original, é claro).

Não importa. Eu estava pronto, e isso me bastava.

Nos dois dias seguintes, retornei à universidade. Depois de algum tempo afastado, ela começava a se tornar um lugar alheio a minha vontade, como um cemitério, que só visitamos de vez em quando. Enquanto isso, eu enxergava a letra "D" em tudo que dizia respeito a minha vida acadêmica: estava completamente defasado nas matérias, decadente nos estudos e desesperado refletindo como pagaria a próxima mensalidade. O melhor seria arrumar um trampo

qualquer na Vila Capivari ou na Vila Abernécia, ou então numa das centenas de hospedarias de Campos do Jordão, mas eu sabia que não daria conta de três coisas ao mesmo tempo: universidade, emprego e Belleville. Para piorar, as provas trimestrais estavam chegando, e eu queria me envolver cada vez menos com aquilo. No terceiro dia, decidi ficar em casa e esperar. Era quando eu receberia a entrega da madeira. Liguei para confirmar; o vendedor disse para eu ficar despreocupado, mas as horas se arrastavam sem que eu avistasse um caminhão dobrar a estrada em direção a minha casa. Bebi café como se fosse água, subi e desci as escadas dezenas de vezes, quis telefonar para meu pai, mas recuava, com receio de falar alguma besteira e ele desconfiar de algo. O velho devia estar cuidando de suas orquídeas naquele momento, e isso era bom, pois ocupava o tempo dele. Ao menos ele tinha as plantas consigo. Já eu, possuía um jardim botânico lá fora, mas não pensava em conversar com nenhuma planta.

Em certo momento, cheguei a ponderar se seria legal ter um animal de estimação para me fazer companhia. Um gato preto, quem sabe.

Lá pelas tantas, chegou o enorme caminhão. Fiquei impressionado com o tamanho da carga, e não fazia ideia se continha exatamente o que eu havia encomendado. A madeira veio cortada em ripas extensas, e foram necessários quatro homens trabalhando continuamente para descarregá-la. Demorou bastante. Existia apenas uma estreita passagem da frente da casa até o terreno — a única forma de transportá-la, caso contrário teríamos que passar por dentro da casa, e isso seria impraticável. Eu ajudei, terminei o dia exausto e pensei que aquele era somente o primeiro esforço dali para a frente.

Na manhã seguinte, com o corpo moído, passei o dia inteiro na cama. Minha única fuga de casa foi para ir até a farmácia comprar comprimidos e sprays para curar as dores musculares. Saí de lá carregando fornecimento suficiente para adormecer um animal de grande porte. Foram mais vinte e quatro horas me recuperando.

Chegou então o dia em que me senti renovado e iniciei meus trabalhos. Espalhei as folhas do projeto pelo terreno, marquei o trajeto que desejava utilizar com barbantes e finquei estacas nos locais que não estavam previstos nos desenhos, mas foram acrescentados pelo professor. Fiz tudo com tanta calma que me lembrava do meu pai e sua paciência com as orquídeas. Então, cortei e preguei verticalmente as primeiras ripas. Comecei meio desajeitado, até um pouco desastrado, mas sabia que ia melhorar com o tempo enquanto ganhava muitos calos nas mãos.

Passei o dia inteiro no terreno. Menti a mim mesmo dizendo que não havia nada mais a cuidar dentro de casa e, assim, todos os meus afazeres ficaram para trás. À noite, desisti de cozinhar e pedi uma pizza. Na verdade eu estava incapacitado de fazer qualquer coisa. Graças a Deus o entregador acertou o caminho e chegou rápido. Ele viu a Vespa estacionada na porta e ficou impressionado, mas não dei muito papo porque estava morrendo de fome. Paguei, me despedi e comecei a comer. Minhas mãos doíam cada vez que eu segurava um pedaço da pizza. Com esforço, devorei tudo em menos de meia hora.

Queria escrever uma nova carta, mas meus dedos tinham o dobro do tamanho normal e estavam rígidos. Não conseguia segurar a caneta. Fui para o meu quarto e me deitei na cama. Fiquei ouvindo as árvores balançando ao longe e vendo o rosto de Anabelle em minha frente. Meu corpo vibrava com excitação, expectativa e improbabilidades. Porém, logo a energia vibrante e o som das folhas de árvores ficaram para trás e eu apaguei.



Capítulo 26

Eu havia acabado de me levantar. Ainda sonhava acordada e fitava o céu através da janela quando meus olhos desceram para o terreno ao longe e quase caí para trás, literalmente. Tião miou, enquanto tentei recuperar o equilíbrio e me agarrei ao basculante. Olhei de novo. Mal podia acreditar! Vesti o penhoar azul de minha mãe e abri a porta do quarto numa velocidade assustadora. Meu gato se assustou e veio atrás. Eu o segurei no braço e o encaixei por dentro da roupa, escondido, enquanto falava baixinho:

— Eu não acredito, Tião! Ele conseguiu. Ele conseguiu!

Desci as escadas e me deparei com Tio Lino (mais uma vez) apagado no sofá. Andei na ponta dos pés, torcendo para que Tião não se manifestasse naquele instante e o acordasse. Caminhei até os fundos da casa, abri a porta desengonçadamente e ela rangeu, me deixando com o coração na boca. Estava nervosa demais, agindo como uma garota tola, mas a alegria daquele momento me consumia de forma tão extraordinária que, se fosse possível, minhas pegadas deixariam marcas luminosas pelo piso, como estrelas.

O clima lá fora estava agradável, como se tudo combinasse. Não havia vento forte, apenas uma brisa bem-humorada. Meus pés amassavam as folhas de árvores no chão, enquanto o sol amaciava minha pele e os bem-te-vis e pardais cantavam e voavam sobre minha cabeça. Coloquei Tião no solo, e ele me seguiu enquanto eu corria. Ao contrário dos outros dias, eu oscilava entre uma enorme gratidão por estar viva e uma vontade quase incontrolável de rir. Quando cheguei ao terreno, reparei nas ripas de madeira pregadas nos pilares. Tião se espremia entre minhas pernas, parecendo não

acreditar também. Então, senti lágrimas despejarem dos meus olhos e passei a soluçar, sem controle. Arqueei o corpo, deixei meus joelhos colarem na terra e quase rezei.

Belleville começava a crescer. Fiquei pensando como aquilo aconteceu sem que eu percebesse nenhuma movimentação no terreno. Em nenhum momento ouvi barulho de marteladas, madeiras sendo cortadas ou vozes. Tudo simplesmente nasceu ali. Era óbvio que Lucius havia dado início aos trabalhos depois de minha última carta. Um barbante demarcava toda a área, e eu precisei tocar nele para acreditar. Puxei e ele vibrou como a corda de um violão. Tive vontade de cantar junto do som que ele fez, mas me limitei a agarrar Tião e beijá-lo como se estivesse beijando Lucius.

Controlei minhas lágrimas. Dei uma olhada na caixa de madeira, mas não havia nenhuma mensagem dentro dela. Não tinha problema. Eu seria a próxima a preenchê-la, agora mesmo! Então a segurei nas mãos e chamei Tião para dentro de casa. Falei a palavra "sardinha" para que ele identificasse o som e me seguisse. Por mais excitada e feliz que eu estivesse, precisava providenciar a comida dele antes que Tio Lino acordasse.

Quando cheguei, passei diretamente para a cozinha. Abri a despensa, peguei uma lata de sardinhas e o abridor. Coloquei os dois em cima da caixa de madeira e voltei a pisar tão leve que parecia ter metade do meu peso. Graças aos céus, bastava um olhar fixo em Tião para ele continuar me acompanhando. Com as mãos ocupadas, precisei me arriscar a ir com ele no chão. Enquanto isso, minha mente corria em círculos rápidos. Àquela altura eu já tinha criado várias palavras para agradecer Lucius pelo que ele havia feito, tantas que precisaria de uma folha inteira somente para descrevê-las.

Mas, ao passar pela porta, fomos interpelados por Tio Lino, que já havia levantado. As marcas do sofá preenchiam um lado de seu rosto, e seu cabelo sempre alisado pela graxa estava agora confuso como um ninho de minhocas.

— Que porcaria...?

Tio Lino segurou Tião pelo cangote e o levantou repentinamente, assim como as mães abocanham seus filhotes para carregá-los de um lado para outro. Só que elas o fazem de forma gentil e delicada, enquanto Tio Lino era o reflexo da brutalidade. Em seguida, ele balançou meu gato na altura de sua cabeça. As perninhas de Tião estavam esticadas e pendentes, incapacitado de reagir. A cena me revoltou. Desesperada, eu queria rachar a cabeça de meu tio com a caixa que tinha nas mãos, em seguida arrancar os olhos dele com o abridor de latas e jogá-los dentro dela, trancando para que ele nunca mais tivesse acesso. Tião lacrimejava de dor e sofrimento, e eu estava a um segundo de perder o controle.

— Você tem que colocar esse gato preto para fora de casa! — disse ele.

— Nada disso. Por favor, largue-o! Ele é meu, eu cuido dele.

— Cuida dele? O que faz com essa lata de sardinhas na mão? — Ele tentou pegar, mas eu desviei. Tião balançava como um saco de alho. — Você está sustentando esse bicho sujo com a *minha* comida?

Um silêncio fúnebre preencheu a cozinha. Como eu poderia mentir numa situação daquelas, flagrada no ato? Então, fiz um gesto afirmativo com a cabeça, de forma aristocrática. Gostaria de rebater dizendo quem eu realmente achava que era sujo, mas isso só pioraria as circunstâncias. Até que Tio Lino encontrou uma solução, bem ao gosto dele, como em todas as outras vezes:

— Ok. Mas você terá que pagar pela comida dele.

— O senhor sabe que não tenho dinheiro.

— Então vai ter que ser de outra forma. Algum serviço, talvez.

— Mais do que eu já tenho feito?

Tio Lino encaixou a mão de três dedos ao redor da orelha, numa tentativa hedionda de simular uma concha. Eu sabia o que

significava: um sinal irônico de que não estava escutando. Nunca me senti tão encurralada! Precisava falar algo antes que ele fizesse com Tião o mesmo que havia feito com o livro da primeira vez que o contestei, ou seja, arremessá-lo na parede. Uma pata quebrada e seria o fim do meu gato. Se isso acontecesse com meu bichano, eu nunca me perdoaria.

— Tudo bem — respondi, mirando as íris expandidas dos olhos de Tião. — O que o senhor quer que eu faça?

Segundos agonizantes se passaram até que a mão dele se abriu e Tião despencou do alto. Ainda bem que normalmente os gatos caem de pé.

Assim que encostou no solo, Tião saiu em disparada, subindo as escadas. Já sabia onde poderia se refugiar, o único lugar no qual estaria protegido.

— Agora não — respondeu. — Vou pensar em algo. O importante é que nós dois temos um novo acordo.

Ele parou de falar. Ficou imóvel por um momento, e eu não conseguia imaginar no que estava pensando. Então coçou o olho, retirando uma remela, e mirou minha caixa, mas continuou sem dizer nada. Seguiu em direção à cozinha, enquanto eu parti para minha clausura, para fazer o que realmente importava. Depois do susto de hoje, percebi que minha comunicação com Lucius seria cada vez mais difícil. Mas não interrompida.



Capítulo 27

Estava havia tantos dias mexendo com madeira que precisava tossir a todo momento para limpar o pigarro da garganta seca. Depois de pregar mais uma ripa, decidi ir até em casa beber um pouco de água. Sentia o pescoço torto, então fiz alguns movimentos para destravá-lo. Andava exigindo demais do meu corpo, e esperava que ele não perdesse a paciência com minha cabeça e a arremessasse para longe.

Por coincidência, enquanto estava na cozinha, ouvi a campainha tocar. Se estivesse no terreno martelando, talvez não escutasse. Então abri a torneira, joguei uma água rápida por cima do copo e o coloquei na pia, virado para baixo. O encanamento atrás da parede gritava comigo, e os cortes em meus dedos doíam pra diabo.

Quando abri a porta, me surpreendi ao ver o sujeito baixinho e de pele oliva com as mãos para trás, olhando o espaço ao redor. Ele se virou em minha direção. Estava sem a bolsa-carteiro, que o deixava com um ar mais descontraído. Seu Opala velho estacionado em meu jardim parecia mais uma caçamba de lixo.

— Professor Miranda?

— Olá. Vim saber como você está se saindo.

Pausei alguns segundos processando a mensagem. Como eu estava me saindo? Ele sabia o tempo todo o que eu andava planejando? Senti o rosto enrubescer. Ainda assim, fiz que não havia entendido.

— Me saindo com o quê?

Ele raspou a ponta do sapato de um lado a outro da soleira.

— Bem, não vejo o pacote que deixei aqui alguns dias atrás. Se eu somar isso ao seu desaparecimento da universidade, posso presumir que já iniciou o seu “hobby”. — Ele sorriu com a boca fechada, e achei que era a primeira vez que o via alegre. — Não é assim que vocês, matemáticos, chegam aos resultados? Através de operações?

— Os melhores físicos foram matemáticos criativos.

— Quem disse isso?

— Acabei de inventar.

— Não faça piada comigo, rapaz... — Ele sorriu de novo. — Você não vai voltar para a universidade?

Meus olhos se apertaram, sem eu responder. Não podia dizer ao professor que não só me sentia fora do lugar quando estava por lá como falhei com meu pai ao gastar quase todo o dinheiro que ele investira. Algo em que eu não parava de pensar enquanto estava trabalhando em Belleville. Lá, no meio das árvores, eu pensava em muitas coisas.

Deixei a porta suficientemente aberta para ele entrar.

— Tudo bem, professor. Venha comigo.

Segui para o lado oposto da casa. Miranda me acompanhou, sempre observando os objetos a nossa volta. Havia uma desordem no jeito dele que eu não conseguia identificar direito. Em alguns momentos, parecia distante do mundo, em uma fuga constante da realidade, e mal olhava em meus olhos enquanto eu falava. Em outros momentos, parecia tão presente como o oxigênio que respirávamos.

Eu o conduzi até o terreno. Lá estavam distribuídas as plantas do projeto, pilares, ferramentas, estacas e tudo mais. Tirei a poeira do rosto com a camisa suja e olhei de soslaio para a expressão dele. Ele não empalideceu nem mudou de cor, continuou o mesmo. Apenas produziu um “hum, hum”, outra vez com as mãos nas costas.

— Então, qual é a história? — perguntou em seguida.

Respondi com uma careta sem graça.

— Sente-se envergonhado?

— Um pouco.

— Entendo. Tem certeza de que vai aguentar fazer isso tudo sozinho?

— Parece tão ruim assim?

— Parece, sim.

— É, eu também acho. — E sorri.

— Em quanto tempo acha que vai terminar?

— Eu fiz umas contas. Acho que sou bom nisso — brinquei. — No site americano que consultei, um cara construiu tudo sozinho em quase um ano. Mas ele só conseguia trabalhar nos fins-de-semana e nos feriados, salvo exceções. Meu projeto é um pouco menor. Se eu trabalhar todos os dias, acho que em três meses estará finalizado.

— Isso quer dizer que não veremos mais seu rosto na universidade?

— Acho que não farei tanta falta — falei.

— Nem todos pensam assim. — Ele consertou os óculos no rosto e não falou mais nada. Na verdade, não precisava. — Mas por que está construindo isso?

Dei vários chutinhos em um pedaço de madeira caído no chão, tirando a terra de cima dele.

— Eu sei que parece estranho à primeira vista, mas... — Encolhi os ombros.

— Escute, eu nunca vi ninguém fazer algo parecido na vida. Você deve ter algum motivo, mas entendo se quiser se manter reservado. Aprendi muito com meus filhos. Eu os respeito quando

não me contam tudo o que sabem. Acho que posso lidar do mesmo jeito com você.

— Não é isso. É que...

Miranda se esticou e colocou a mão no meu ombro.

— Lucius, está tudo bem. Quanto menos eu souber, menos interfiro, certo? Vamos deixá-lo seguir em frente.

— Sim, tem lógica — disse.

— Lógica? — Ele riu. — Meu amigo, o que menos vejo aqui é lógica.

A visita do professor Miranda não demorou muito. Ofereci um café, mas ele agradeceu e disse que estava com pressa. Falou algo sobre suas aulas particulares que eu ignorei, porque meus órgãos continuavam num pânico interno, querendo retornar a Belleville. Acompanhei-o até a saída e fiquei parado na porta, observando, a distância, os pneus do Opala laranja se alinharem na estrada enquanto se afastava. Logo eu estava sozinho de novo.

Voltei para o terreno e verifiquei se existia alguma mensagem, mas a caixa não se encontrava lá; por acreditar que Anabelle estava preparando uma nova carta, fiquei na minha. Me deitei na terra, completamente nauseado com a ansiedade. Olhei para cima e vi nuvens e copas de árvores. Senti uma vontade súbita de escalá-las, afastar-me um pouco do solo, mas sabia que essa atitude iria me cansar demais para continuar a trabalhar em Belleville. Então fechei os olhos e descansei por alguns minutos.

Durante esse tempo, imaginei Belleville completa. Eu estava dentro do carrinho, sendo impulsionado a subir a primeira colina, que chegava a ter dez metros de altura. A força do motor influía diretamente na barriga do carrinho através de forquilhas e da corrente de elevação, e de repente eu me vi no topo, quase na altura das árvores. Então o carrinho fez a primeira descida. O atrito diminuiu, e me senti criança novamente. O motor de três fases e oito quilowatts já não fazia mais esforço. A madeira a meu redor

estalava, mas eu não tinha medo, pois fizera tudo da melhor forma possível e sabia que aquele barulho fazia parte do todo. Afinal, eu havia lido que montanhas-russas de madeira são mais emocionantes que as de ferro. Depois, fui impulsionado apenas pela gravidade e pelas outras forças descritas no projeto. O vento batia em meu rosto, arredio e constante. O circuito me levava a subidas e descidas, curvas para fora e para dentro, e eu imaginava com perfeição cada trilho que havia construído. Até que ia chegando ao final, e os freios trabalhavam em comboio. Vinha a linha reta, e o carrinho era desacelerado pelo atrito entre as peças debaixo dele e pelo freio. As barbatanas ao lado das rodas ocas impediam que ele saísse dos trilhos, e eu terminava a brincadeira em completa segurança.

Desci do carrinho e, para minha surpresa, Anabelle me esperava de braços abertos e com um sorriso que não cabia em seu rosto. Caminhei na direção dela. Estava certo de que iria abraçá-la e ela encostaria a cabeça no meu peito. Talvez permitisse que eu a beijasse. Eu queria muito, muito, fazer isso. Depois, falamos qualquer coisa um para o outro e voltamos para casa, juntos, para sempre.

Um pingo caiu em minha testa. Depois, outro. Abri os olhos e voltei à realidade. Era um dos raros dias em que chovia em Campos do Jordão. A falta de chuva ajudava na construção de Belleville. Quando envernizava uma madeira, ela secava rápido. Podia utilizar a serra elétrica sem me preocupar em tomar choques. Os projetos ficavam espalhados pelo terreno, apenas escorados por pedras, sem que eu precisasse mexer neles.

Eu ainda estava no começo, mas o serviço parecia interminável a olhos vistos. Ainda faltava muito para transformar em realidade aquela visão que acabara de ter, se é que isso era possível.

Sendo assim, eu me levantei, recolhi os papéis para que não se molhassem e deixei Belleville chorando sozinha.



Capítulo 28

As semanas atravessaram mergulhadas em agonia. Passei a ser vigiada o tempo todo por Tio Lino, que agora evitava sair de casa. Quando o fazia, trancava as portas e janelas de tal maneira que eu não conseguia mais colocar os pés para fora. Lavar a roupa suja ou descartar o lixo, somente sob as vistas dele. Com isso, minha liberdade ficava cada vez menor, quase escassa. Eu havia escrito uma carta importante para Lucius e tentava desesperadamente enterrá-la, mas era impossível. Sempre que tentava escapulir até o terreno, meus nervos saltavam com o mínimo barulho que escutava atrás de mim e eu desistia, apavorada.

Ao menos Tio Lino ignorava o fato de eu manter Tião dentro do meu quarto e alimentá-lo com restos de comida. Assim como me chamar para sentar e almoçar com ele parecia o jeito discreto com que tentava ganhar minha confiança. Entretanto, quando eu errava um tempero e a comida ficava sem graça ou salgada demais, ouvia palavras tempestuosas saírem da boca dele. Na verdade eu entendia que, para algo ser bem feito, é necessário dedicação e tranquilidade — duas coisas bloqueadas pela redoma invisível que isolava meu cérebro.

Mas a oportunidade chegou. Em certa ocasião, Tio Lino foi atender o carteiro e esqueceu a porta da frente aberta. Meu coração bateu descompassado quando percebi que era hora de agir. Eu precisava apenas sair e contornar a lateral da casa, atravessando o caminho estreito que levava até o terreno. Quando ele percebesse meu sumiço, seria tarde demais, pois eu já teria realizado minha tarefa.

Subi as escadas e entrei em meu quarto. Assustei o dorminhoco Tião, que acordou num pulo. Peguei a caixa de madeira de debaixo da cama e verifiquei se a carta continuava dentro dela, para não fazer nenhuma besteira.

— Torça por mim, Tião. — Fiz o sinal da figa para ele.

Saí antes mesmo de terminar de escutar seu miado rouco. Desci as escadas numa velocidade tão grande que arriscava tropeçar e quebrar o pescoço. Quando pisei no chão da sala, percebi que, nem se fosse a melhor velocista dos Jogos Olímpicos, teria êxito. Tio Lino terminava de encostar a porta e passar a chave nela. Ele se virou para mim e levantou as sobrancelhas, tão negras quanto seu cabelo engraxado e brilhante.

— O que tem nessa caixa de madeira?

— Esta caixinha? — dissimulei.

— Sim, essa mesmo. Por que anda com ela para cima e para baixo?

— É apenas uma caixa de chá antiga da minha mãe. — Desviei os olhos para baixo, concentrando-me no que inventaria. — O gato perseguiu um passarinho que entrou no meu quarto e o abocanhou. Largou somente depois que eu o repreendi. Então acomodei o bichinho ferido aqui dentro, até que se recuperasse.

— Você e essa sua mania tola de cuidar de animais! — vociferou.
— E onde está essa droga de passarinho?

— Morreu essa noite.

— Vai me dizer que continua aí dentro.

— Sim — menti. — Está sim. Quer ver? Mas não cheira bem. — Fiz menção de abrir a caixa, já com o coração na boca.

— Não. Livre-se dessa porcaria.

O alívio foi instantâneo. Aproveitei e avancei um pouco mais.

— Na verdade, eu queria enterrá-lo.

— Jogue no lixo.

— Não posso fazer isso. Cheguei até mesmo a dar um nome para ele. — Franzi o cenho, melancólica. — Por favor, Tio Lino.

Ele apertou as mandíbulas.

— Aquele gato preto não presta. Você devia enterrá-lo junto com a caixa — comentou. — Onde você pretende fazer isso?

— No quintal, lá nos fundos. Um pouco longe, se possível. Algum animal silvestre pode sentir o cheiro e querer desenterrar. Não podemos arriscar ter animais estranhos rondando a casa.

Eu não queria estender mais o assunto para não me enrolar. De qualquer jeito, da forma rápida como expus minhas respostas, Tio Lino não iria desconfiar de nada, até porque sua inteligência era inversamente proporcional à quantidade de banha na barriga. E uma das razões mais importantes para ele não suspeitar do que eu realmente desejava fazer era fingir ser um pouco mais inocente do que eu era.

O problema é que toda moeda possui dois lados.

Ele se aproximou de mim. Com meus calcanhares encostando no último degrau da escada, não fui capaz de recuar.

— Não fique com medo. Eu te protejo, Pimentinha.

Ele moveu sua mão com apenas três dedos e ela escorregou para trás do meu corpo, emaranhando-se em meus cabelos. O espaço entre nós dois desapareceu. Havia no ar uma mistura sufocante de cerveja, cigarro e suor. Sua pele áspera tocou minha pele, e de repente eu me tornei um ímã querendo repelir outro. As intenções dele começavam a vir à tona. Imediatamente me recordei do que havia acontecido tempos atrás, na peixaria, só que dessa vez o perigo estava mais perto, sufocante, entrando pelas minhas vias respiratórias como cheiro podre e inflando meu corpo quase a ponto de estourá-lo por dentro. Eu e ele, isolados na casa. Aquele sofrimento não podia estar acontecendo de novo! O que eu fiz para merecer isso?

— Você é mesmo uma Pimentinha. — E acariciou meu rosto com a outra mão. — Uma belezura...

Tomado de asco, meu corpo tremeu inteiro por dentro. Eu queria tampar os ouvidos e correr como nunca, ultrapassar os limites da propriedade e fugir daquele demente, mas a verdade é que estava com as pernas paralisadas. E o provável era que, mesmo que eu conseguisse movê-las, com a forma degradante de um barril, Tio Lino iria atrás de mim. Poderia encontrar Belleville, e eu precisava evitar isso a todo custo.

Dei um sorriso nervoso.

— Eu adoraria ter a companhia do senhor, mas estou com uma dor de barriga terrível. Na verdade, acho que estou descompensada de tanto que fui ao banheiro hoje. — Repousei uma das mãos no abdômen. — Acho que foi por causa do passarinho morto, o cheiro, sei lá. E cá estou eu, com vontade de ir outra vez! Não percebe a minha palidez? — Simulei. — Melhor eu correr e enterrar isto logo. — Desviei dele e me apressei para chegar à porta dos fundos. — Pode abrir? Se quiser ficar aqui fora, por mim, tudo bem.

Depois da minha história da carochinha, Tio Lino não gozava de confiança, mas também não precisou recomendar que eu não experimentasse nenhuma gracinha. Os olhos deles diziam tudo o que precisava expor.

— Está muito bem, Pimentinha. Ficarei esperando.

Ainda não havia chegado à metade do caminho quando tive a sensação de que Tio Lino estava logo atrás de mim. Me virei e olhei, mas o encontrei longe. Ele permaneceu parado na porta dos fundos, dando-me crédito mesmo depois de minha mentira deslavada, embora eu não tivesse nenhum arrependimento por ter sido tão cínica. Enquanto isso, eu continuava presa a um tumulto emocional. Trabalhava para me livrar da sensação repulsiva que tivera momentos antes, quando ele me tocou.

O terreno estava úmido por causa da chuva dos dias anteriores. Hoje, porém, fazia sol. Enquanto caminhava, olhei para cima. Um

pássaro voava lá no alto, deslizando sem nenhuma pressa, e eu queria muito estar voando junto dele. Minha mente tentava encontrar um sentido para o fato de ter nascido humana e o jeito forçado como eu conseguia suportar tanto sofrimento; se eu fosse qualquer animal daquele bosque, até mesmo o mais minúsculo e indefeso, talvez estivesse em melhor situação do que me encontrava agora.

Cheguei a Belleville, e meus olhos se encantaram como o que vi. Como havia avançado! Lucius estava sendo uma pessoa maravilhosa comigo. Meu sentimento por ele havia se tornado algo mais que uma simples admiração. Eu nunca havia sentido amor antes, mas tinha certeza de que o amava, e me impressionava isso ter acontecido sem nenhum contato físico com ele ou saber como era seu rosto. Eu o amava simplesmente, independentemente de como ele era. Em nenhum momento eu duvidava disso. E sentia que havia reciprocidade, pois Lucius me escutava através de linhas mal-escritas e parecia genuinamente interessado em mim. A maior prova estava ali, em minha frente, e não tinha por que duvidar disso.

O problema era que nunca nos encontraríamos.

Entristecida, caminhei devagar até o pilar principal. Retirei a terra molhada do chão e coloquei a caixa de madeira dentro do buraco. Tampei tudo de novo e espalhei algumas folhas que estavam caídas no chão por cima da terra escura. Eu precisava me precaver.

Sem me importar com o tempo, andei pelo terreno. Talvez não tivesse outra chance tão cedo. Encostei em cada estaca que havia sido levantada. A obra era linda e me fazia chorar. Se ainda morasse sozinha em casa e tivesse a máquina fotográfica de meu pai em mãos, registraria cada centímetro do que estava vendo.

Em determinado momento, beijei a madeira e não me incomodei com o gosto amargo e frio em meus lábios. Eu queria apenas beijar Lucius. Até que ouvi um estalido seco a poucos metros. Abri os

olhos e encarei Tio Lino, que observava, espantado, as ripas a nosso redor. Meu coração deu um salto, o peito ficou apertado.

Ele viera atrás de mim. Mentiu, assim como eu fiz.

— Macacos me mordam! Que diabos é isso? O que você está construindo?

Sequei as lágrimas.

— Não sou eu; meu pai deixou para mim.

— Rodolfo? — Sua expressão era cada vez mais confusa. — Acho bom você ser mais específica comigo.

— Nós chamávamos de Belleville.

— E o que é?

— Uma... montanha-russa.

Tio Lino soltou um grunhido. Não precisei repetir minhas palavras.

— Aquele idiota! — esbravejou. — Por que não me contou que havia tudo isso por aqui? Estava escondendo de mim?

— O senhor nunca me perguntou! — soltei. — Acha que sou adivinha?

Ele apertou os músculos das mandíbulas. Estava se controlando para não explodir.

— Você não anda sendo sincera comigo! Onde diabos está a caixa?

— Enterrada.

— Onde?

— Para quê o senhor quer saber?

— Fui trouxa em acreditar que havia um passarinho ali dentro! O que era? Algo de valor? Joias da sua mãe?

— Nunca lhe direi.

Ele olhou firme para mim. Sua expressão piorou, até que retirou o cinto que segurava sua calça. Meu Deus, o que aquele gesto queria dizer?

— Venha até aqui.

— O que o senhor pretende fazer com isso?

— Não ouviu o que eu disse? — gritou. — Venha até aqui!

Por um segundo, eu parecia disposta a dizer que ele nunca iria me tocar outra vez, mas não sei como mudei de ideia e resolvi silenciar. Talvez porque minha preocupação fosse contundente, muito maior que o ato que ele produziria com aquele cinto. Eu não podia deixá-lo perceber onde havia enterrado a carta que escrevi para Lucius; senão, como explicaria? Já era demasiadamente difícil contornar a situação delicada em que havia me metido por causa de Belleville. Tentar convencê-lo de que Lucius estava distante cinquenta anos no futuro seria impossível.

Ah, Lucius, por que não pode estar aqui comigo, agora?

Entorpecí de medo e quis chorar novamente, mas me segurei. Dei passos arrastados, tentando não olhar para o local onde estava a caixa. Não sairia nenhuma pista de mim, nem que fosse a última coisa da minha vida. Ele nunca descobriria a verdade.

Quando me aproximei de seu corpo imundo, Tio Lino agarrou meu braço direito com brutalidade e me puxou. Senti que poderia arrancá-lo. Uma força descomunal, potencializada pela raiva que eu possuía.

— Última chance! Vai me dizer ou não?

Sua voz ecoou por todo o bosque e feriu meus ouvidos. Neguei com a cabeça e mordi o lábio inferior. Então o vi dobrar o cinto no meio e fechá-lo dentro do seu punho de três dedos. Houve um momento de infinita incredulidade, até que sua mão levantou e desceu com violência. Uma, duas, três vezes. Outras tantas. Não importava como eu tentava me proteger, minha pele parecia

queimar em lugares diferentes. Braços, pernas, tórax, rosto. Eu já não conseguia mais correr.

Naquela hora, eu morri por dentro.



Capítulo 29

Campos do Jordão, 20 de abril de 1964.

Lucius,

Sim, eu continuo viva! E com as surpresas que anda me fazendo, cada vez mais pensando em você!

Imagino que não tenha se comunicado comigo por estar empenhado na construção de Belleville ou por não ter mais localizado a caixa. E também não sei quanto tempo vai demorar para receber esta carta que lhe envio, mas quero dizer que tenho acompanhado o seu trabalho. A cada manhã, eu me levanto e a primeira coisa que faço é encostar-me à janela do meu quarto e observar como a montanha-russa evoluiu.

Porém, nem tudo são flores. Sei que minhas próximas palavras poderão preocupá-lo, mas não consigo conter o desabafo: estou sendo mantida dentro de quatro paredes e vigiada pelo irmão do meu pai, que surgiu à porta de casa e tomou conta da minha propriedade. acredite, nada pude fazer para combater isso! Eu estou bem, mas passo meus dias impossibilitada de ir até Belleville. Meu único remédio é acompanhar seu trabalho de tão longe que meu coração remói. Tião, isolado como eu, é o único a visualizar meus pulos de alegria quando enxergo cada centímetro de madeira que se levanta entre as árvores. E é por tudo isso que eu quero que você preste muita atenção no que irá ler a partir de agora...

Eu não sei quando, como ou se essa situação irá mudar. Sei apenas que na minha última carta eu lhe disse para não me contar sobre o futuro. Agora, esse pensamento empalideceu. Eu gostaria que você me procurasse. Sim, é isso mesmo que você está lendo. Como você mesmo sugeriu, deverei ser uma mulher septuagenária

na sua época, mas não importa. Se estiver gozando de saúde, lembrarei de suas doces cartas e talvez até mesmo o reconheça sem nunca tê-lo visto. Por isso, eu preciso que você vá atrás de mim e descubra o que aconteceu com a minha vida. Estou agoniada, não sei quanto tempo vai demorar a situação em que me encontro. Às vezes penso em me render aos caprichos do destino, não importa o que ele tenha preparado para mim. Ou talvez encontre uma saída, dependendo do que irá me contar. Acredito que, sendo uma mulher madura e olhando para trás, para o meu passado e para a situação delicada em que me encontro agora, eu visualize uma solução segura para o meu caso e te conte.

Estou louca? Não. Se pensar direitinho, não é nenhum devaneio. Porém, não tenho ideia de como você irá me encontrar. Sou tão insignificante que duvido muito que meu nome esteja registrado em alguma enciclopédia. Gostaria de ter sido professora da universidade em que estuda, mas nunca me formarei (ou me formei? Que confusão!) normalista. Talvez ainda more em Campos do Jordão, talvez não. Sabemos apenas que não estou dentro desta casa, correto? Um asilo, quem sabe? Será que tive sorte de ter a companhia de outras pessoas que cuidem de mim na terceira idade? Um monte de velhinhas pegando sol, tricotando e jogando conversa fora? Alguns gatinhos brincando com os nossos novelos no jardim?

Imagino que ficarei bastante emocionada quando você se aproximar de mim. Espero que eu suporte a visão com meus olhos fracos, pois sei que seu rosto me trará não apenas a recordação do que vivemos, mas lembranças de meus pais, inclusive. Nunca me esquecerei deles! Do jeito que sou, quando encontrar você, derreterei como caramelo quente e precisarei ser assistida por uma enfermeira, uma vez que dificilmente terei filhos me acompanhando. Quem sabe eu já tenha conseguido dar ao menos uma volta em Belleville. É lógico pensar que, a essa altura, você já terá finalizado seu trabalho. Para mim, será daqui a muitas décadas. Mas, se eu ainda não consegui, por favor me leve até

Belleville. Conceda-me esse último desejo. Prometo que meu coração resistirá bravamente.

Com muito, muito amor.

Anabelle

Por algum motivo, enquanto eu dobrava a carta de Anabelle e a colocava no bolso, meu corpo inteiro parecia ficar mais quente. Procurá-la? Eu não havia cogitado isso! Na verdade, eu não sabia se estava *preparado* para isso. Em minha mente, havia fixado Anabelle como uma jovem de dezoito anos. A ideia da mulher septuagenária tinha ficado para trás. Até agora.

Outra coisa, porém, me assombrava: Anabelle não estava confortável ao escrever aquela carta. Um tio? Presa dentro de casa? Isso soava esquisito, e meu pressentimento não era bom. Como não me preocuparia? Toda a minha vida estava agora voltada para Anabelle. Ninguém entenderia a dimensão do que eu era capaz de fazer por causa dela. Cada sorriso que eu arrancava do rosto era um sorriso que eu doava para ela. Se eu comia, era para fortalecer o meu corpo e o dela. Quando descansava, trazia tranquilidade para nossa batalha. Logo, sua preocupação era minha preocupação.

Eu estava hipnotizado, observando minha sombra que repousava sobre o pilar principal. Tirei a camisa, limpando o rosto do suor e da poeira. Encontrava-me tão compenetrado que demorei para perceber o celular vibrando em cima do projeto. Eu quase sempre me esquecia dele. Depois de vários dias sem me lembrar de carregá-lo, havia deixado o aparelho na tomada a noite toda e, dessa vez, tinha-o trazido comigo para mais um dia de trabalho em Belleville.

Me agachei e vi o nome na tela rachada. A febre deu sinais de que não era tão momentânea assim e pareceu aumentar.

— Olá, pai.

— É bom saber que você ainda se lembra de mim! — disse ele, com a voz amarga.

— Não dramatiza, velho.

— Não estou para brincadeira, Lucius. Aliás, sabe que dia é hoje?

Estava completamente perdido no tempo. Abaixei o celular e olhei para a data na tela. Primeiro de maio. Dia em que todos estavam comemorando e descansando, exceto eu. Colei novamente o celular no ouvido. Não respondi nada; meu silêncio falava por mim.

— Antigamente você não passava um feriado sem me telefonar. Agora, tenho sorte por reconhecer minha voz — continuou ele. — Mas não foi por isso que eu liguei.

— Não?

— Não. Isso é besteira perto do que tenho para dizer.

— Devo me preparar para uma batalha? Tenho árvores a minha volta. Posso construir uma catapulta.

— Lucius...

— É sério! — interrompi, tentando amenizar. Era meu único recurso. — Tem tanto verde por aqui que estou pensando em virar vegetariano. Pode me dizer como é? Pelo que te conheço, ainda não aprendeu a fritar um bife.

— Você nunca para de fazer gracinhas? Quando vai falar sério?

— Ei, eu não tenho culpa! Sempre nos demos bem e quase não brigamos. Aliás, nossas conversas *são* baseadas em brincadeiras — justifiquei. — Pra quê tanta irritação?

— Eu estou *mesmo* irritado.

— Então eu acho que não é a hora de conversarmos, pai. Você está desse jeito e eu não estou me sentindo muito bem. Estou com uma febre chata.

Não amoleci meu pai. Dessa vez, seu silêncio foi a resposta.

Respirei fundo.

— Ok, vamos lá. O que foi?

— Acabei de abrir a caixa de correio. Recebi uma carta protocolada do reitor da universidade, comunicando sua ausência. Qual a justificativa para isso?

— Alguns dias...

— Semanas!

— Pai... — tentei.

— Qual é a explicação?

— Pai... — tentei outra vez.

— ... mal iniciou e vai jogar o curso no lixo? Não vai me dizer que começou a beber com os amigos. Sua mãe...

— PAI! — gritei. — Realmente não consigo tocar nesse assunto agora. Vou resolver tudo por aqui, está bem? Amanhã mesmo eu dou um jeito, confie em mim.

Ouvi-o bufar do outro lado da linha. Ele estava tenso. Comecei a me preocupar com seu coração. Do meu lado, eu estava indo e vindo pelo terreno, marcando o chão de terra sem parar, e faltava apenas afundar como num desenho animado. Eu odiava mentir para o velho! Queria contar logo sobre o dinheiro, mas me faltava coragem para lidar com a situação desesperadora em que o meteria. Para minha sorte, havia sido apenas um aviso do reitor, pois teria sido muito pior se ele tivesse consultado o saldo da conta corrente. Todavia, enquanto permanecia ali, de frente para Belleville, com o celular na mão quente e trêmula, não pude evitar a sensação de que jamais me perdoaria pelo que estava fazendo com ele. Por mais que acreditasse que tudo tinha uma intenção boa — e, na verdade, o dinheiro investido era meu de uma forma ou de outra; eu só tinha desvirtuado os princípios básicos que nós dois havíamos definido para ele —, eu ainda queria ver aquela

montanha-russa funcionando, tão especial para mim agora como fora para Anabelle havia cinquenta anos.

Anabelle! Eu precisava procurá-la.

— E então? Podemos esquecer e seguir em frente? — falei. — Vou recuperar. Eu prometo.

Ele revigorou a respiração cadenciada.

— Não se meta em encrenca, Lucius. Ou me verá por aí antes que eu te telefone outra vez. — E desligou.



Capítulo 30

Driblando a febre com antitérmicos, retornei à biblioteca e busquei Anabelle no Google. Qual era o sobrenome dela? Como é que eu nunca perguntei antes? Não me conformava. Então, fiz combinações do seu nome com a cidade ou o endereço onde eu morava, os nomes de seus pais, até mesmo a placa da Vespa, avancei por páginas e mais páginas, dei milhares de cliques, mas não surgiu nada proveitoso na tela. A forma como eu me doava era intensa, e a internet podia ser maravilhosa, mas naquele instante eu não passava de um aleijado em cima de um cavalo manco. Regressei para casa e analisei todas as cartas que havia recebido, uma a uma. Precisava de uma pista. Não era possível que não encontraria nada no meio de tantas linhas escritas. Foram quantos meses nos comunicando?

Lá pelas tantas, o nome Joaquim me prendeu a atenção. Por ter sido o ex-ajudante do pai de Anabelle, existia uma boa possibilidade de ele ter seguido carreira com a máquina fotográfica Flexaret que havia ganhado dela e se tornado um fotógrafo conhecido na cidade.

Encontrei a lista telefônica de Seu Lincoln e pesquisei pelo nome. Não havia nada. Também, o que eu pretendia? Se fosse alguns anos mais velho do que Anabelle e ainda estivesse vivo, era quase certo que estaria aposentado. Isso sem falar que talvez nem morasse mais em Campos. Mas eu precisava arriscar. Nesse caso, só me restava ir até as duas vilas principais da cidade e conversar com as pessoas mais idosas que encontrasse pela frente.

Ainda lutando contra a febre, passei a tarde numa busca incansável pelo tal Joaquim. As poucas empresas de fotografia da cidade eram recentes demais para alguém conhecê-lo. Arrisquei

alguns estabelecimentos mais clássicos, mas os antigos donos já não atuavam mais neles e os descendentes me ignoravam ou me olhavam com desconfiança. Com tantos restaurantes, não era possível não dar sorte em nenhum deles.

O tempo avançou, e logo o dia deu lugar ao anoitecer. As luzes das ruas se acenderam, enquanto as grades e portas das lojas começaram a ser arriadas. Estávamos fora de alta temporada, e ninguém parecia querer esperar pelos clientes. Fora isso, eu estava preocupado. Deixei Belleville abandonada. Mas, naquele momento, a busca pelo passado (ou futuro?) de Anabelle me parecia mais importante.

E o próximo dia, como seria?

Acordei com a maldita febre, que não dava trégua. Não me pareceu uma coisa normal. Tomei uma tonelada de remédios, queria me deitar novamente, mas voltei para minha via crúcis pelas duas principais vilas comerciais da cidade. O desespero vinha e ia embora como o suor frio do meu corpo quente protestando. Eu precisava de um médico urgente, mas resistia como uma mula. Sempre fui assim. Quando criança, meus pais demoravam a saber que eu estava doente, de tão agitado que eu ficava. Só que agora, sozinho, tinha que ser por mim mesmo. Se tombasse no chão, com sorte receberia ajuda de um desconhecido. Até lá, minha boca continuava seca como um deserto.

Ao passar pela frente de uma loja de chocolates artesanais na Vila Abernéssia, bastante antiga e colorida, daquelas que pareciam ter saído do filme do Willie Wonka (não me lembrava do nome, de tanto que a febre me atrapalhava), decidi entrar e pedir um copo d'água. Não. Uma garrafa cheia seria melhor. Fui atendido por uma mulher de aproximadamente sessenta anos que estava sozinha na loja. Ela olhou para minha cara e, pela expressão que fez, percebeu que eu não estava muito bem.

— Quer ajuda?

— Uma água mineral, por favor.

Ela abriu uma geladeira e me entregou um copinho fechado. Senti o choque térmico quando o segurei. Estava congelante. Abri a embalagem e praticamente mastiguei a água junto com outro comprimido. Fui ao banheiro. Fiz compressas de papel higiênico molhado para usar na testa e ao redor do pescoço. Voltei para o salão, me sentei e fiquei cinco minutos esperando a situação melhorar. Jurei que era a última vez que faria uma loucura dessas — a não ser que Anabelle precisasse de mim outra vez.

— Está melhor? — a mulher perguntou.

— Sim — respondi, mas sabia que era temporário. De qualquer forma, é bom ter um pouco de atenção quando se está doente. — Obrigado.

— Você não é daqui, não é?

— Mais ou menos. Sou estudante e moro há alguns meses em Campos. Mas a casa fica um pouco longe.

— Entendo.

— A senhora tem essa loja há muito tempo?

— Começou com a minha mãe, a dona Odila. A “Dona Italiana”. Trabalho aqui desde pequena. É a minha vida.

— Então a senhora conhece bastante gente por aqui.

— Acho que sim. Se eu não conhecer, alguém da minha família com certeza conhece.

Olhei para os chocolates distribuídos no balcão de vidro. Meu estômago embrulhou.

— Estou procurando uma pessoa — arrisquei, e percebi que já havia falado aquela frase umas duzentas vezes naquele dia. Dessa vez, porém, senti uma energia estranha.

— Quem é?

— Um senhor chamado Joaquim. Fotógrafo. Ex-fotógrafo, não sei.

— Idade?

— Uns oitenta anos, mais ou menos.

— Essa é difícil. Só tem essas informações?

— Infelizmente, sim. É muito importante que eu o encontre.

A mulher disse que compreendia. Pensou um pouco.

— Pode ser que eu consiga ajudá-lo.

— Como?

— Minha mãe guardava todos os antigos cadernos de clientes da loja. Estão na minha casa. Posso telefonar e pedir para minha filha verificar. Ela não vai se incomodar.

— A senhora tem certeza?

— Absoluta. Se algum dia ele pisou aqui dentro, saberemos.

A mulher telefonou e passou as informações para alguém. Desligou e pediu que eu aguardasse. Eu me mantive sentado, tentando recuperar meus restos mortais, embora parecesse mais um jovem nervoso em busca de um emprego. Pensei se Anabelle teria tido a oportunidade de trabalhar em uma loja como aquela. Isso a livraria do aperto financeiro. Naquela época talvez fosse mais movimentado, porque, durante o tempo em que fiquei por lá, apenas uma pessoa entrou, aproveitou as ofertas no balcão e levou um doce grande. Como podiam sustentar um negócio daquele jeito?

Logo achei que estava sendo pessimista demais. Não estávamos na alta temporada. Um cliente entrando na loja valia muito para aquela senhora, que devia manter seu estabelecimento com unhas e dentes. E ela era a única que parecia disposta a me ajudar. Então, nada mais justo que me livrar dos pensamentos nebulosos que a doença estava trazendo. Precisava me esforçar mais, porque só assim Anabelle responderia bem minha privação. Eu só gostaria de ter mais sorte. E que ela estivesse pensando em mim naquele momento tanto quanto eu pensava nela.

O telefone tocou. Quando vi a senhora pegar um guardanapo e rabiscá-lo, meu corpo estremeceu por inteiro. Me levantei, animado.

Ela se despediu da filha com beijos e se voltou para mim, sorrindo.

— Está com sorte, rapaz! — disse.

Recebi o guardanapo com o logotipo da loja e li o endereço, escrito em uma caligrafia muito bem feita. Pedi orientações sobre como chegar lá. Mais uma vez, bastante atenciosa, ela me explicou.

Paguei pela água e agradei, como se ela tivesse salvado minha vida.

Cheguei ao local indicado no papel e fui recebido por uma mulher de meia-idade que se identificou como a nora de Joaquim. Minha explicação foi um pouco rasa, mas em tom quase implorativo. Disse que procurava outra pessoa, mas que talvez o Seu Joaquim pudesse ajudar. Ela me pediu um pouco de paciência, porque ele estava recluso em seu quarto desde que havia escorregado no banheiro e quebrado a bacia, alguns meses antes. Conseguia caminhar, mas só de andador, e descia as escadas carregado pelo marido dela, ou seja, o filho dele. Eu disse que estava tudo bem, que não pretendia demorar.

Por dentro, fiquei tão aliviado por estar a poucos passos de descobrir a verdade que me esqueci de escutar meu corpo reclamando através da febre.

A mulher saiu e retornou. Depois, completou:

— O Otávio não está em casa agora, e eu não consigo falar com ele, mas acho que não há problema. É bom que meu sogro receba uma visita. Faz tempo que isso não acontece. Vou levá-lo lá em cima.

Ela me encaminhou por um corredor estreito. Enquanto subíamos as escadas, o cachorro da casa, um pequeno yorkshire terrier com fitas douradas nas orelhas, nos perseguia. Ela abriu a porta de um cômodo e eu entrei logo depois dela. O quarto era quase como a cela de um convento, com poucos objetos. Encontrei o Seu Joaquim deitado sob uma cobertura. Seu andador estacionado ao lado da cama. Ela verificou se ele estava acordado e pegou o cachorro no

colo. Nos deixou a sós. Voltei a me sentir quente e, mais do que isso, acanhado. Minha primeira vontade era dizer que sentia pena da situação em que o homem se encontrava, mas isso soaria ofensivo demais, embora fosse a pura verdade. De acordo com a nora, ele tinha setenta e nove anos, mas parecia ter uns cem. Estava olhando para o teto.

— Seu Joaquim?

Seus olhos leitosos me encontraram. Ele inclinou o tórax para se levantar, mas eu balancei a cabeça negativamente, fazendo sinal de que não precisava. A respiração dele não era lá essas coisas.

— Eu o conheço, meu filho?

— Não, senhor. — Eu o cumprimentei. Notei seu braço flácido e os nós de seus dedos tão brancos quanto as paredes à nossa volta. Tudo muito frágil, esquelético. Ele não reclamou da minha temperatura.

— Bem, é melhor assim... Não me recordo muito bem do nome das pessoas, e isso as chateia. Eu sei que chateia, mas...

— Não se preocupe, senhor. Meu nome é Lucius, e eu vim aqui para perguntar sobre alguém que o senhor conheceu há muito tempo.

Ele me olhou confuso ou entusiasmado, eu não soube ao certo.

— Alguma mulher? Porque, se foi, devo dizer que você não se parece nada com um filho meu... Ainda mais com essa idade... Eu teria o quê? Uns cinquenta...?

— Não sou seu filho, senhor, mas fico lisonjeado que pense nisso!
— Sorri. Sentei em uma cadeira bamba de madeira a seu lado. Eu estava pelando por dentro.

— Não há nada lisonjeiro, rapaz. Fui um fracasso nesta vida. Tentei seguir a carreira de fotógrafo, mas... — De repente, ele estava olhando novamente para o teto.

— Seu Joaquim?

— Estou bem. — Ele tossiu. — É alguma mulher? — perguntou, fixo na ideia.

— Sim. O senhor se recorda de Anabelle?

Seus olhos leitosos me encararam novamente. Dessa vez sobressaltados, tinha certeza.

— A filha do velho Rodolfo? — Então ele bufou, como se prestasse atenção no que acabara de dizer. — *Velho* Rodolfo? Quem eu estou querendo enganar? Quem é o velho agora? — perguntou para alguém que não estava conosco naquele quarto.

— Sobre Anabelle... — pronunciei, lembrando, enquanto observava os ciscos de seu cobertor. Havia tantos que era impossível contar. — O senhor se lembra que tirou uma fotografia dela enterrando uma caixa?

— Sim, foi a última vez que a vi. Como você sabe?

— Eu tenho a fotografia.

— O que está dizendo? Você a tem? Está aí contigo?

Não fiz nem que sim nem que não. Apenas retirei a fotografia do bolso, desdobrei-a e a entreguei para ele. Seus dedos seguraram o papel antigo. Ele quase teve um choque. Fiquei imaginando quantas histórias passaram por sua cabeça num átimo de segundo.

— Anabelle... que linda menina!

— O senhor tem ideia de onde ela está?

Ele me devolveu a fotografia, como se minha fala tivesse quebrado algum encanto.

— Ela está morta, meu filho.

Meus pelos se eriçaram. De repente era inverno dentro do quarto, e minha febre piorava significativamente.

— O senhor tem certeza?

— Visitei seu túmulo tantas vezes que não conseguiria contar com os dedos das mãos. Eu gostava muito daquela família.

— O senhor era bem próximo deles. Ganhou a câmera Flexaret do Seu Rodolfo, não é?

Ele ignorou o que eu disse.

— Uma pena o que aconteceu com a menina. Anabelle.

Fiquei com receio de continuar aquela conversa. O nome de Anabelle ficou suspenso no ar, e eu queria capturá-lo imediatamente, protegê-lo num abraço forte e impenetrável, mas era etéreo demais para isso.

— O que aconteceu com ela, Seu Joaquim?

— Uma pena...

— Por favor, me conte.

Ele contorceu a face enrugada.

— Ela foi esganada pelo próprio tio, irmão de Rodolfo. Do nome dele eu não me recordo, pois fiz questão de apagar da memória. Aquele crápula!

Fiquei mudo. Devia estar tão pálido que nem parecia carregar uma febre.

Joaquim me pediu para ajudá-lo a ir até a janela. Meu cérebro deu um nó. Ele disse que queria ver o movimento lá fora, mas eu sabia que não havia nada para ver, apenas a minha Vespa lá embaixo e árvores ao redor de uma rua vazia. Todavia, embora as notícias não fossem nada boas, o dia estava lindo, com raios de sol que escoavam para dentro do quarto. Então achei que era uma boa ideia para nós dois. Eu precisava me mexer, ou entraria em decomposição na cadeira.

Embora eu me sentisse inseguro, ajudei-o a se levantar e o apoiei no andador. Notei que seus olhos estavam molhados e não entendia se era por causa da emoção das lembranças ou por alguma dor que sentia.

Acompanhei-o até encostarmos na janela. Todo o processo demorou mais de três minutos.

Ele olhou através do vidro, mas estava enxergando muito além da rua.

— Aquela menina era um anjo. Sempre sozinha. E eu fiquei bastante tempo sem vê-la — explicou. — Foi uma coisa perversa o que aconteceu. Eu devia tê-la tirado daquela casa enquanto podia — ele disse, arrependido. — Falaram que ele fez muito mal a ela. Acho até que a morte foi um alívio.

— Procurei descobrir algo sobre ela... — Minha voz ainda estava entorpecida. — Não saiu nada sobre o assunto naquela época?

— Devem ter publicado uma coisa ou outra, mas tínhamos apenas um jornal na cidade. O crápula foi preso. Creio que faleceu na prisão. — Deu outra tosse. — Você não entende, meu filho... Não havia ninguém para reclamar o corpo dela. A árvore genealógica da família terminava ali, naquele terrível assassinato. Anabelle não tinha importância, e por muito tempo as pessoas evitaram passar perto da casa. O lugar ficou abandonado. Naquela época, só se comentavam coisas sobre o Golpe Militar, e o assunto do crime desapareceu das rodas de conversa rapidamente.

— Em 1964?

— Foi esse o ano, não foi?

Em minha mente, pensei se o corretor Lincoln sabia dessa história. Ou o cara que adquiriu a casa e nunca morou nela. Mas era óbvio que, se soubessem, não me contariam.

— O senhor se lembra da data exata em que ela morreu?

— Não... impossível. — Ele balançou a cabeça quase freneticamente. — Mas sei que aquela coisa tinha a ver com isso.

— Que coisa?

— A montanha-russa.

— Belleville?! — eu disse, com a dor já rasgando meu cérebro.

Ele olhou surpreso para mim.

— Sim, acho que era esse o nome. Somente eu e Anabelle sabíamos do que se tratava... — falou. — Mas parece que não é mais assim, não é?

Eu desisti de conversar e me volvei para dentro do quarto. Meus olhos estavam inquietos. Existia uma cartela de remédios em cima do criado-mudo, perto da cama. Um quadro antigo com uma jangada pintada na parede oposta. A base do armário estava com milhares de ranhuras, porque muito provavelmente o yorkshire havia roído a madeira. O homem se apoiava sozinho no andador, enquanto minha febre aumentava. Achei que em breve iria delirar. Queria pedir licença e desmaiar na cama dele, por cima daquele cobertor cheio de ciscos, mas aguentei firme.

Pedi desculpas ao Seu Joaquim, que, apesar das notícias pesadas que me deu, agradeceu comovido pela visita. “Se for possível, virei visitá-lo outra vez, com mais calma”, eu disse.

Saí do quarto enquanto ainda tinha forças. Não queria escutar mais nada. Desci as escadas. A nora do Seu Joaquim olhou para mim com estranheza; o cachorro também. Pedi desculpas outra vez e de repente já me posicionava em cima da Vespa. Tudo ficou para trás. Eu estava confuso, tentando fugir de uma raiva que ia e voltava como ondas na praia. E queria desesperadamente ressuscitar Anabelle.



Capítulo 31

Acordei ao ouvir algo batendo com força. Meu primeiro pensamento foi o de que o vento teria empurrado alguma porta aberta, quando identifiquei o motor do Romi-Isetta e percebi que era apenas Tio Lino saindo de casa a sua maneira rude, lá embaixo. Não sabia que horas era, mas o sol estava alto, o que devia significar algo em torno de meio-dia. O único relógio da casa ficava pendurado na sala, e esperei para não ter que me encontrar com ele voltando por ter esquecido alguma coisa. Continuei deitada por alguns minutos, com medo, pensando no que aquele dia traria. Meu corpo inteiro estava cheio de hematomas. Eu ainda me recuperava da surra do dia anterior quando me levantei para ir ao banheiro. Tião ronronou inocentemente, como sempre fazia quando me via acordar, sem entender a situação em que eu me encontrava. Ou será que estava me consolando? O fato é que eu sentia meus músculos e articulações enrijecidos, e apenas para fazer um carinho em sua cabeça eu quase gritava com a ardência no braço.

Me levantei devagar e caminhei até a porta do quarto. Estava com a mesma roupa do dia anterior. Quando girei a maçaneta, percebi a porta trancada. O desespero se apossou de minha consciência. Estávamos eu e Tião sendo mantidos prisioneiros dentro do cômodo. Não bastasse tomar a casa para si, Tio Lino havia dominado cada espaço, exceto aquele. Preocupei-me, pois estava morrendo de vontade de ir ao banheiro. Não havia outra saída senão utilizar o único penico que possuía em casa, e que havia forrado com terra para meu gato utilizar à noite. Chegava a ser desumano, e voltei a chorar de dor e tristeza infinitas enquanto me agachava no canto.

O único contato com o mundo que me restara fora a janela, mas, emperrada, ela não abria mais do que alguns centímetros. Não

havia escova ou água para eu me lavar. Então, retornei para a cama e me deitei cuidadosamente, aguardando que o destino dissesse o que eu teria que fazer dali para a frente. Eu esperava apenas que Lucius tivesse lido minha carta, embora não soubesse se o ato significaria algo a meu favor ou não. Qualquer que fosse sua resposta, eu demoraria para recebê-la. Era impossível saber quando voltaria a tocar em Belleville, quanto mais responder para meu amado novamente. Eu estava tão apaixonada por ele quanto triste com nossa situação. Os dois sentimentos se digladiavam dentro de mim, e, sem forças para decidir no que pensar, acabei dormindo novamente.

Acordei com o trinco da porta sendo mexido. Já era quase noite. Meu corpo inteiro gelou. Agachei-me debaixo da coberta, abraçando Tião, na esperança de que Tio Lino não nos visse, mas sabia que era apenas uma elucubração tola. Onde mais nós estaríamos? Então observei, por um pequeno buraco na manta, seu corpo gordo passar rente à porta, com uma chaleira pendurada em seus três dedos e uma bacia com um escovão de banho e um sabão na outra mão. Seu ombro estava pendente para o lado. Sua cabeça fazia movimentos estranhos, e, quando ele falou, percebi o cheiro de álcool invadir até mesmo embaixo da coberta:

— Tome aqui. É para você se limpar.

Coloquei a cabeça para fora para ele ver bem as marcas em meu rosto, especialmente o olho inchado, como uma maquiagem que eu não havia pedido para ele fazer. Porém, o homem não emitiu nenhum arrependimento; apenas pôs a bacia e a chaleira no chão e encostou a porta atrás de si.

— Estamos com fome — eu disse.

Ele nada respondeu. Permaneceu no mesmo lugar, com as chaves dentro do bolso e os objetos que trouxe à frente de seus pés. De repente despejou água quente na bacia, depois jogou o sabão e o escovão dentro. Por que não desaparecia logo do meu quarto?

— Vamos, comece a se lavar — expeliu, com uma saliva reluzente que escorria pela sua boca.

Meu terror aumentou. Ele queria que eu fizesse ali, na frente dele?

— Vá embora!

Eu me mantive embaixo da coberta. Apesar de apavorada, não gritei, pois de nada adiantaria. Levou pouco tempo para perceber que ele não iria sair do quarto e eu não saberia o que fazer para expulsá-lo. Aos poucos, o resto de minha confiança ia embora. Até que Tio Lino finalmente se movimentou, só que, para minha infelicidade, para o lado errado. Ele caminhou até minha cama e puxou a coberta com força, jogando-a no chão. Não consegui evitar, com minha musculatura rígida, e me agarrei a Tião, tremendo. Assim que percebeu a situação em que estávamos metidos, meu gato se apavorou. Não me restou outra coisa senão libertá-lo. Ele desceu do colchão, pulou pela cadeira até o topo do armário e se escondeu dos olhos de todos.

Meu coração acelerou quando fui retirada à força da cama. Senti uma dor indescritível quando ele agarrou bem em cima de uma ferida do meu braço direito. Em poucos segundos, eu estava de pé. Ele puxava minha camisa para cima, eu tentava impedi-lo. Tentei me desvencilhar de suas mãos pesadas com bastante coragem. Havia uma boa chance de escapar, afinal ele estava bêbado, com a cabeça mexendo em espasmos desorientados e um desequilíbrio nas junções das pernas que poderia fazê-lo cair a qualquer momento. Logo sua respiração ficou ofegante por causa do esforço. Embora muito machucada, eu não estava sendo uma presa fácil. Eu era valente, com uma força que subia das entranhas, sem que eu me desse conta de onde ela nascia e por onde atravessava. Estava quase vencendo. Então, veio o golpe. Um soco direto no meu olho e meu corpo amoleceu de imediato.

As paredes do quarto se fecharam a minha volta. Ele arrancou minha roupa e me jogou na direção da bacia. Não satisfeito,

segurou meu cabelo e empurrou minha cabeça para baixo. Meu rosto bateu na água quente, o que fez as feridas doerem como nunca. Todas as minhas chagas ficaram expostas naquele momento.

Eu apenas pedi a Deus que terminasse logo.



Capítulo 32

Campos do Jordão, 26 de abril de 2014.

Anabelle,

Como você sugeriu, eu a procurei, mas infelizmente, não consegui localizá-la. Você tem razão, não há nada sobre você na internet, a poderosa "enciclopédia" atual. Acredito, porém, que isso não signifique muita coisa, porque muitas pessoas não estão nela. O futuro é mesmo uma incógnita, e não seria diferente para nós dois, não importa a magia que nos ronda.

Posso dizer, porém, que o ex-ajudante de seu pai, o (agora Senhor) Joaquim, está muito bem de saúde, e, assim como eu, pensa a todo instante sobre você. Ficou bastante feliz quando fui visitá-lo, pois trouxe boas recordações quando falei seu nome. Eu mostrei a fotografia a ele. Joaquim a reconheceu e sente saudades da época em que participou ativamente da vida da sua família. Hoje ele é um famoso fotógrafo, não apenas de Campos do Jordão, mas nacionalmente. Sua fama se estendeu para além da Serra da Mantiqueira, acredita? Ele agradece muito ao seu pai por isso, pois aprendeu tudo o que sabe com ele. Ah, e a câmera Flexaret que ganhou de você quando seu pai morreu continua por aqui, guardada como se fosse uma relíquia, a sete chaves. Até fiz uma oferta por ela, mas ele recusou. Disse que nunca irá se desfazer dela, que a manterá em sua posse enquanto estiver vivo, e que seu filho Otávio a herdará. Até lá, posso fazer outra oferta. Quem sabe?

Não, não posso.

Desculpe-me, mas nem tudo é verdade. Quero dizer, a maior parte não é. Eu havia decidido falar apenas coisas que te agradariam, mas não posso mentir para você. Não vou rasurar, nem

rasgar esta folha e começar outra, pois estou tomado pela febre. Não é nada com que deva se preocupar, mas estou me esforçando para escrever e enterrar essa carta o quanto antes, porque nossa situação pede urgência. E espero que a leia em poucos dias depois de eu enterrá-la.

A única verdade é que Joaquim está vivo e que eu me encontrei com ele. Ele se lembra de você e de Belleville. Devo dizer, porém, que nem todas as notícias são boas. Belleville ficou mesmo estacionada no tempo, como a encontrei quando cheguei aqui. Ninguém soube o que seu pai estava construindo, mas isso não é problema. O verdadeiro problema é o seu tio. Você precisa se livrar dele. Melhor, precisa fugir de casa. Eu sei, pode parecer estranho receber essa notícia urgente, mas não tenho muito mais coisas a dizer. O alarme, porém, é real. Esqueça a casa; quem sabe você poderá recuperá-la mais tarde. Apenas acredite em mim. Por favor, me prometa que vai fazer tudo o que for possível para se distanciar dele. Na verdade, eu confio que o fará, pois hoje em dia você não mora mais aqui, e isso teve uma razão para acontecer. Se sair e mudar o rumo de sua vida, pode ser que o futuro se altere, como previu na sua carta. Não tenha medo, nada sairá errado. Eu estou aqui para orientá-la e mostrar o caminho. Você confia em mim? Então, tenho certeza de que vai ler atentamente estas palavras e tomar a melhor decisão possível.

Sim, eu sei. Com a sua saída daí, não voltaremos a nos comunicar. Mas esse fato não pode prendê-la. Você é maior do que tudo! Você não precisa acompanhar a construção de Belleville. Eu continuarei trabalhando. É a minha promessa para você. Saia daí, e poderá ver o sonho de seu pai construído um dia.

Desculpe, não posso mais. Nem sei se estou escrevendo coisas que fazem sentido. Esta carta é curta, mas sei que a febre irá ceder e não me incomodará novamente. Preciso apenas descansar um pouco, dormir. Vou enterrar a caixa agora e voltar correndo para o meu quarto.

Não se esqueça: saia logo desta casa. Procure por Joaquim. Ele poderá ajudá-la.

Com amor,

Lucius



Capítulo 33

Passei as duas semanas seguintes em choque, sem conseguir chorar. A dor, que antes reinava por toda a minha pele machucada, havia sido curada por fora, mas transpassada para dentro. Ela era tamanha que eu acordava todos os dias sem querer me levantar da cama, e sabia que ficaria para sempre na minha vida. Não bastasse o que passei com aquele homem bêbado, lamentava perder o breve contato com o mundo, que se resumia a ir até Belleville e ler as cartas de Lucius. Todos os dias eu pensava se havia alguma delas enterrada próximo do pilar principal.

Meu único consolo era ver, da janela do quarto, que Belleville crescia mais e mais a cada dia. Se não fosse a amargura da minha alma, chegaria a ser lisonjeiro vê-la ganhar a forma de uma montanha-russa de verdade, e um de seus pontos já era tão alto que chegava à copa das árvores. Pelo que eu entendia, Tio Lino não havia voltado lá, pois não tinha ideia do que Lucius estava fazendo, e só teria a visão que eu tenho se estivesse em meu quarto, olhando pela minha janela.

Ele era tão preguiçoso que explorar o que havia no terreno não encaixava em seus planos. Só não era preguiçoso para fazer o que fez comigo.

A lembrança daquele momento maculava minha mente, indo e vindo como uma gangorra. Depois daquele dia fatídico, nunca mais o vi bêbado. Ele me libertava do quarto apenas para fazer os afazeres de casa, sempre embaixo de suas vistas, e eu evitava ao máximo me dirigir a ele ou olhar diretamente em seus olhos. Realizava todas as minhas obrigações, resumindo nosso contato apenas ao essencial, como dois estranhos na mesma casa, ou melhor, um carcereiro e sua prisioneira. Por vezes eu imaginava se

ele havia se esquecido do que fizera, porque o tempo é assim, faz-nos duvidar das lembranças à medida que elas vão se apagando, tornando mais longínquas, mas acho que ele sabia bem. Afinal, naquele mesmo dia ou no posterior, nenhuma ressaca extinguiria de sua memória o ato que cometeu dentro do meu quarto, me ver tomando banho. Mas acho que ele pensava que, sendo grata pelo fato de sustentar a mim e ao meu gato, eu iria perdoá-lo por ter agido sem bom-senso naquela hora. Só que Tio Lino estava completamente enganado, pois não havia perdão para monstros como ele.

Tirando a construção de Belleville, eu só tinha consciência do dia virando noite, e depois dia novamente, quando notava o quanto Tião emagrecia, tornando-se pele e osso. Meu gato se levantava cada vez menos, e seus miados diminuíram com o tempo. Havia uma infecção em seu olho esquerdo. Toda vez que eu conseguia, limpava com água e sabão, mas sem efeito. Nas primeiras vezes, o bichano me arranhava. Reclamava muito, porque devia arder como o diabo. Depois, começou a não se importar mais ou a se dar por vencido. Eu não queria nem pensar no que poderia acontecer a ele.

Chegou o dia, porém, que eu estava me preparando para cozinhar um mingau de milho que Tio Lino havia me ordenado fazer, mas notei que não tínhamos mais lenha cortada para o fogão. Era um problema grave! Como eu faria para acender o fogo? O machado estava no galpão, e eu precisava evitar ao máximo que ele fosse até Belleville. Poderia dizer que o milho havia acabado, mas Tio Lino era calculista em suas compras e nos gastos, e logo vi que a ideia não vingaria. Ele provavelmente me mandaria preparar alguma outra coisa, e voltaríamos ao ponto de partida. Passou pela minha cabeça utilizar algum móvel menor da casa, de que ele não desse falta, quem sabe a gaveta onde eu outrora guardava as economias de meu pai, mas como a despedaçaria sem fazer barulho e sem ferramentas? Além disso, sabia que só estaria adiando o inevitável.

Comecei a ficar nervosa, até que derrubei um prato de porcelana chinesa que era de minha mãe no chão, fazendo um estardalhaço. Tio Lino apareceu tão rápido que meu coração veio à boca. Tentei evitar ao máximo olhar para ele, mas, grudado em mim na cozinha, percebeu que algo estava errado.

— Qual é o seu problema?

Não respondi. Apenas me agachei para recolher os cacos espalhados pelo chão quando observei que havia esquecido a portinhola do fogão aberta depois de limpar o carvão que restara da madeira anterior.

Minhas mãos tremeram mais ainda.

— Onde está o meu mingau de milho? — perguntou ele.

— Já estou providenciando.

— Pois coloque lenha nesse fogão e comece logo a cozinhar. Estou morrendo de fome! — disse ele, impaciente, enquanto alisava seu cabelo engraxado e suspendia a calça na cintura.

— Sim, senhor.

Ele me deixou mais uma vez. Não havia escapatória, e comecei a me sentir mal com a possibilidade de ter que ir até o galpão pegar o machado e cortar a madeira com ele me seguindo. Mesmo que ele se dispusesse a fazer isso (o que seria um milagre), como eu faria para indicar onde estavam as ferramentas sem que ele visse Belleville? Eu desejava subir para meu quarto imediatamente, inventando uma desculpa qualquer sobre minha saúde — o que não era muito difícil, visto que eu não recebia mais a luz do sol diretamente e andava pálida como um fantasma —, mas tinha medo de como as coisas ficariam se ele descobrisse a artimanha.

Não demorou tanto assim, ele retornou para a cozinha. Olhou para o fogão completamente limpo e apagado, depois para o canto entre o objeto e a parede, onde a madeira ficava empilhada.

— Onde diabos está a lenha desta casa? Acabou?

— Sim, senhor. — Abaixei a cabeça.

— Pimentinha idiota! Por que não providenciou antes?

Engasguei. — Porque preciso ir lá fora — disse, me levantando.

— Isso é óbvio! Mas devia ter me avisado antes de terminar! — exclamou. — E onde está o machado? Não o vi desde que cheguei nesta casa. Ou vai dizer que corta a madeira só com o pensamento?

Foram longos segundos refletindo sobre um modo de convencê-lo de que eu poderia cortar e trazer a madeira sozinha, mas, como não chegava perto de uma conclusão, tive que assumir:

— Sim, temos um machado. Ele fica fora da casa. Há um galpão com ferramentas do meu pai no terreno. Eu sei exatamente onde está, é bem rápido de buscar.

— Então vamos até lá.

— Eu posso muito bem ir sozinha.

— Não é uma boa ideia — sugeriu, como sempre fazia. Nunca falava diretamente que eu era uma prisioneira. — Vamos, pegue o casaco.

— Senhor, eu...

Ele me agarrou pelo braço e me empurrou em direção à sala.

— Não me escutou? Ande logo!

Obedeci, tentando não deixar meus olhos lacrimejarem de nervoso. Ele abriu a porta dos fundos. Caminhamos, eu na frente, ele atrás de mim. Parecia um longo trajeto, interminável, e estava ventando bastante do lado de fora. Pensei diversas vezes em desviar o caminho, ou até mesmo correr por entre as árvores, mas só pensava em Tião, sozinho, dentro de casa com aquele homem. Eu era a única pessoa no mundo a alimentar o bichano, cuidar dele. Minha ausência naquele lugar seria praticamente como decretar a extinção do meu gato, um preço alto demais a ser pago. E eu nunca o deixaria à mercê da sorte ou do azar, como meus pais ou a morte fizeram comigo.

— Eu já devia ter vindo aqui antes! — Tio Lino esbravejou, arrependido, enquanto seguíamos o caminho por entre as árvores, que eu conhecia como a palma de minha mão, mas que para ele trazia dificuldade por causa do seu tamanho e de todos os gravetos, folhas e pedrinhas que encontrava pelo chão.

Em minha lembrança, os momentos em que eu acompanhava meu pai por aquele trajeto em nada se pareciam com o que eu estava vivendo agora. Antes, eu sempre encarava a ida até Belleville com um entusiasmo quase palpável e um fervor inocente que incendiava meu peito, e isso voltou a ocorrer alguns meses mais tarde, no momento em que passei a receber as cartas de Lucius. Só que dessa vez eu me sentia fria e viscosa como uma âncora velha esquecida no fundo do mar.

Quando finalmente chegamos à clareira onde estava sendo construída Belleville, fiquei hipnotizada. Tudo era lindo demais! O projeto avançava mais rápido do que eu esperava. As madeiras haviam sido erguidas de forma concomitante pelo terreno, e em algumas partes eu já podia visualizar os trilhos sendo montados. Nenhum pilar fora esquecido; apenas o trajeto sinuoso tinha se alterado um pouco, porque eu conhecia bem o que meu pai havia deixado preparado, mas não vi problema algum nisso. O físico do qual não me lembrava o nome devia ter sugerido a Lucius a mudança por alguma razão nobre. E, assim, com os pilares galgados pela terra, o CLP (escondido por baixo da capa de couro) já não estava mais solitário. Naquele instante, tudo era harmonioso e relaxante para meus olhos. Belleville era como um coreto para a música que tocava em meu coração — até que ela foi interrompida por um som bem menos digno:

— Não é possível!

Despertei do meu transe. Tentei dissimular e me dirigir até o galpão, mas Tio Lino segurou meu braço.

— Quem está fazendo isso? Quem?! — gritou a plenos pulmões, e até mesmo os pássaros pareceram se calar diante do tom

agressivo.

— Eu... desconheço.

Até certo ponto era verdade, pois nunca havia visto Lucius em pessoa, nem mesmo por foto, o que era um pecado depois de tanto tempo. Sabia apenas que ele existia e que, se estivesse por perto, me trataria de forma gentil e amorosa, ao contrário das unhas e dentes que eu via expostos a toda hora, que era a forma vil como um próprio membro de minha família me tratava.

Depois de responder, observei-o. A mudança em seu rosto foi assustadora. Seus olhos brilhavam de ódio e as sobrancelhas franziram como nunca. Em um minuto nos posicionávamos lado a lado, bem perto do pilar principal, onde possivelmente havia cartas pulsando embaixo de meus pés, desejando ser lidas; no próximo, estava sendo novamente sacudida quando Tio Lino agarrou meu cabelo com força. A dor foi lancinante e imediata. Gritei e precisei me arquear, pois parecia que ele arrancaria um pedaço do meu crânio a qualquer instante. Queria suplicar para que preservasse o meu cabelo, a única coisa que ainda restava de minha vaidade, mas era tarde demais. Ele se curvou até minha altura e eu senti o cheiro da graxa invadir as minhas narinas.

— Sua vadia! Acha que não sei que está tramando algo contra mim? — vociferou em meu ouvido. Depois o covarde olhou para os lados, querendo saber se estávamos sozinhos. — Se eu fosse você, pensaria duas vezes antes de me enganar. Já derrubei marujos maiores do que eu. Não tenho medo de você, sua pilantra! — advertiu. — Agora diga logo, antes que minha paciência acabe: quem está construindo isso?

Esgotada e com minhas emoções a florando, quase cheguei a contar tudo que sabia, mas, quando estava prestes a fazê-lo, a razão sobrepujou a raiva e supus que deveria continuar calada. Por razões que somente eu entendia, aquilo não seria uma boa ideia. Não apenas porque o deixaria mais irritado, mas porque ele não merecia saber o que somente eu sabia. Ele podia subjugar minha

casa, meus pertences pessoais e até meu corpo, mas nunca minha mente.

Só que, do lado de fora dela, o efeito não mudou.

— Então o gato comeu a sua língua, não foi?

Tio Lino raspou a mão no solo, enchendo-a de terra e folhas secas. Antes que eu pudesse reagir, colocou-a em minha boca e tapou. Senti um gosto amargo entre minha língua e o céu da boca, e pedacinhos minúsculos de pedra trincaram meus dentes. Para piorar, um pouco de terra desceu pela minha garganta, arranhando-a. Minha vista ardeu e quase me sufoquei. Quando minha cabeça quase explodia de dor, ele liberou minha boca. Eu tossi e cuspi ao mesmo tempo, mas permanecia com o cabelo em sua mão. Tentei me soltar, mas cada movimento que fazia piorava a dor em meu couro cabeludo. Nem mesmo cair no chão seria uma boa ideia.

Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, ele praticamente me arrastou de volta para casa, esbravejando palavras chulas, que me colocavam um patamar abaixo de qualquer animal que rastejasse por aquele solo. Não testemunhei mais nada. Durante o trajeto, eu me sentia desorientada, vazia, perdida. Eu já não sabia mais a que mundo pertencia, e se algo pior ainda poderia acontecer.

A única certeza era que, naquele instante, eu gostaria apenas de ter tido tempo de colocar o machado de meu pai em minhas mãos.

Fiquei por muito tempo engasgada, tossindo e incomodada com os arranhões na faringe, me contorcendo no quarto trancado. Como presumia, não me foi oferecido nenhum copo d'água. Depois de alguns minutos, eu me deitei ao lado de Tião e coloquei um pedaço de pano na boca para não sujar mais a roupa de cama, que não era lavada havia semanas. Eu não tinha ânimo nem para cuidar de minhas coisas pessoais, somente o essencial para sobreviver.

Por baixo das cobertas, ouvia os passos pesados de Tio Lino subindo e descendo as escadas. Não imaginava o que estaria

fazendo, a não ser que estava nervoso demais para se manter parado. Foi quando escutei a porta da entrada bater com força e o som do motor do carro dele ligar e desaparecer depois de um tempo.

Sempre prestei atenção em muitas histórias a respeito da Segunda Guerra Mundial, em especial sobre pessoas que haviam sido mantidas e mortas em cativeiro. Acreditava que essas histórias assustadoras tinham apenas o propósito de ressaltar a idolatria que cercava os sobreviventes. Por mais que estremecesse a respeito delas, sentia-me segura de que nada parecido me aconteceria, em qualquer fase da minha vida, porque nunca fui a uma guerra nem me meti em situações perigosas. E, é claro, num nível mais simplório e próximo, evitava os gatunos manipuladores ou pessoas de má índole. Mas, depois disso, o que eu resgatei? Uma vida de reclusão, sem a mínima dignidade, com a morte segurando meus tornozelos. Minha burrice foi não perceber quando o perigo bateu à minha porta e permitir que ele entrasse. Eu devia ter fugido logo na primeira oportunidade.

Fechei os olhos e procurei me desligar dos pensamentos negativos e da dor no pescoço. Eu estava incapacitada até mesmo de me lembrar de meus sonhos, se é que ainda existiam. No fundo, a sensação era a de que até mesmo eles haviam me abandonado. Uma pena, porque somente dentro deles eu poderia ser corajosa e capaz de executar ações que não conseguia praticar na vida real.

Acordei no meio da madrugada, ouvindo barulhos que não consegui identificar. Atordoada por causa do sono, pensei se estavam vindo de dentro da minha cabeça. Então eles cessaram. Levantei-me e fiquei de pé. Quando Tião percebeu minha movimentação, ronronou pedindo comida. Sem ter como resolver, fiz sinal de silêncio para meu pobre gato, que foi compreensivo. Os sons voltaram. Prestei atenção e percebi que eram barulhos secos e ritmados, que chegavam de longe, bem mais do que uma porta de casa batendo ou o motor do Romi-Isetta trabalhando.

E, então, meu estômago se contorceu.

Corri para a janela, temendo pelo que assistiria. Mesmo na escuridão, podia compreender o que estava acontecendo. O barulho seco era como uma rajada cortando a noite. Encostei a testa no vidro frio. O céu vazio, sem estrelas, tinha apenas a lua como testemunha. De longe, uma iluminação fraca e tremulante no meio do bosque, produzida muito provavelmente por uma lâmparina. Aos poucos, fui ficando ofegante e meus olhos lacrimejaram. Aquilo não podia estar acontecendo! Não podia!

Minha visão ficou nítida por alguns minutos até que a parte mais alta de Belleville, iluminada apenas pela lua, desapareceu. Em pouco tempo, já não podia mais enxergar a grande hipérbole de madeira que antes sobressaía por entre as árvores. O machado de meu pai, enfim, havia sido localizado, enquanto Tio Lino providenciara lenha suficiente para um ano inteiro.

Quase sem forças, também desabei no chão, como a madeira que Lucius havia comprado e levantado com seu próprio suor. Com o coração aos saltos, chorei a noite inteira.



Capítulo 34

Naquela manhã, como todas as manhãs anteriores, levantei da cama animado com a velocidade com que o projeto avançava. Os pilares estavam firmes e seguros, e eu já havia conseguido progredir para uma das fases mais importantes de Belleville, que era a implantação dos trilhos. Mas também uma fase bastante complicada, porque algumas ripas precisavam ser curvilíneas, e precisei gastar tempo e dinheiro estudando mais sobre carpintaria e comprando ferramentas adequadas para o processo. Sem falar no lixamento cuidadoso de cada centímetro. Era por ali que as rodas do carrinho deslizariam, e nada poderia sair errado, pois refazer o trabalho não estava nos planos.

Quem me visse por agora pensaria que eu passava por uma obsessão. Na verdade, eu mesmo tinha dúvidas. O fato é que já não havia nenhuma parte do meu corpo que não estivesse dedicada a Belleville e, por consequência, a Anabelle. Por isso, eu não comentava sobre o projeto com outras pessoas nem deixava que o conhecessem, para não me tacharem de maluco. O único que me visitava (e que eu permitia) era o professor Miranda. Às vezes ele aparecia nos fins de semana e passávamos cerca de uma hora conversando (mas nunca sobre o meu segredo) enquanto eu batia muitos pregos. O professor não tocava em nada, e eu não pedia sua ajuda. Acho que se sentia inseguro em manejar uma daquelas ferramentas por causa de seu tamanho. Como ele passou a encontrar tempo para me ver, também não fazia a menor ideia. Talvez tivesse exagerado um pouco no início, ou achava bom dar uma escapulida de casa e de sua vida; ou estivesse também obcecado pela construção da montanha-russa, e, neste último caso, eu era o maior culpado. Ainda assim, era bom poder contar com sua companhia de vez em quando.

Basicamente, meu café da manhã se restringia a um achocolatado e algumas torradas. Embora eu me sentisse mais forte e bem disposto, havia emagrecido, e meu pai não gostaria nada de me ver assim. Ainda bem que não houve nenhum outro contato da universidade com ele, caso contrário a bomba já teria estourado a quilômetros de distância e resvalado aqui em Campos do Jordão. Acho que o reitor havia desistido de mim, e, das poucas vezes em que falei com meu pai por telefone, deixei-o pensar que minha vida voltara ao normal, que eu estava assistindo a todas as aulas, curtindo as novas amizades e me dando bem nas provas.

Entretanto, nem tudo andava bem. Enquanto caminhava pelo terreno, eu só pensava na ausência das cartas de Anabelle. Elas haviam parado de chegar, e eu evitava refletir sobre o pior; apenas torcia que ela houvesse conseguido fugir de casa. Esperava que tivesse seguido meu conselho, mas ela ainda não havia me procurado no tempo presente, como no "efeito borboleta" que eu esperava que acontecesse.

Às vezes eu me arrependia por não ter relatado exatamente o que o Seu Joaquim havia me confidenciado, mas como poderia contar a verdade a ela? Teria feito alguma diferença? Como um ser humano pode viver sabendo que tipo de morte o espera? Eu tinha que ser sincero com Anabelle, mas não sabia até que ponto. Agora, porém, era tarde. Minha última carta continuava dentro da caixa, e eu não sabia se ela havia tido tempo ou possibilidade de me responder. Esperava apenas que tivesse lido e tomado a melhor providência, urgente. A melhor para ela. A melhor para nós dois.

Ao chegar até Belleville, porém, meus pensamentos desandaram. Eu não acreditava no que meus olhos viam.

Tudo na minha frente, praticamente em ruínas!

As madeiras que antes pareciam tocar as copas das árvores agora espalhavam-se estraçalhadas pelo chão, em pedaços de variados tamanhos e formas. A destruição era tamanha que eu não conseguia dizer se tudo estava ali. A capa do CLP estava jogada de

lado. Descoberto, ele tinha marcas profundas produzidas por uma ferramenta cortante. Me aproximei e toquei os rasgões com os dedos. Um machado, muito provavelmente. Seria o mesmo que estava dentro do galpão? Até mesmo os fios que saíam do CLP, interrompidos pelo meio do caminho, foram fustigados pelo objeto. De tudo que estava à minha volta, somente as ripas empilhadas próximo às árvores permaneciam intactas.

Perplexo, fiquei sem entender como aquilo havia acontecido. Num primeiro instante, achei que alguém tivesse invadido o terreno durante a noite, e a culpa logo recaiu sobre Ed e seus dois cones. Porém, mesmo eu estando longe ou dormindo, seria bem difícil não escutar o barulho produzido por golpes de machado ou mesmo pela madeira despencando. Então, percebi o óbvio: Anabelle havia descrito que podia ver e tocar Belleville. Então, se ela era capaz, qualquer outra pessoa também seria. Eu não sabia explicar, mas parecia que tudo encravado naquela terra possuía uma ligação com o passado em que ela vivia, não apenas a caixa enterrada. O culpado por aquela desgraça devia estar presente cinquenta anos atrás. Anabelle seria incapaz de fazer uma coisa daquelas, pois não havia lógica. E, se não foi ela, só restava uma opção: seu tio.

Peguei um pedaço de madeira caído no chão. Tomado de raiva, atirei-o para longe, com bastante força, até que ele bateu numa árvore. Pássaros voaram assustados com o barulho. Eu não queria atingi-los. Queria atingir o miserável que produziu tamanha crueldade. Dar uma lição naquele canalha, ensiná-lo a ser mais humano, mas sabia que era impossível. A mim, só restava olhar Belleville, completamente destruída.

Um ódio sem fim inflou meu peito, deixando-me com um nó na garganta. Andei até o pilar principal e me agachei. Com as próprias mãos, cavei o buraco. Não me importava com a terra enchendo meus calos e feridas; só queria buscar uma resposta. Então retirei a caixa com detalhes prateados, a mesma de que observei pela primeira vez, meses antes. Abri, torcendo para encontrar uma resposta de Anabelle. Lá dentro, porém, minha última carta jazia

ociosa, minúscula e desprendida no vazio, como meu coração naquele exato instante. E a resposta, de uma forma ou de outra, estava clara...

Tudo havia terminado.



Capítulo 35

Campos do Jordão, 18 de maio de 2014.

Anabelle, minha amada,

Assim como eu, você deve ter percebido que acabou.

Hoje eu me levantei e andei até o terreno, preparando-me para mais um dia de trabalho árduo a fim de deixar Belleville pronta o quanto antes. Embora alternasse momentos de cansaço e disposição plena, desde que tomei minha decisão, nunca parei de pensar em tornar real o projeto de seu pai. Assim têm sido meus últimos meses, dias, minutos e segundos. Assim tem sido minha vida. Só que, para minha tristeza, hoje encontrei praticamente tudo o que havia construído jogado no chão. Você já deve estar ciente, porque provavelmente o culpado está em sua época, e nós dois sabemos quem ele é. Ainda existem algumas poucas madeiras preservadas, sustentadas pelos pilares e empilhadas em um pedaço do terreno, mas o sonho se apagou. Será impossível recomeçar do ponto em que seu tio deixou a montanha-russa. Não tenho mais dinheiro para comprar madeira, e minhas forças parecem ter minguado, assim como meu ânimo.

Estou com o coração atravessado por te dar essa notícia. Lamento muito! Fora isso, preocupa-me o seu estado, como você está. Espero sinceramente que não tenha conseguido ler esta carta, ou que o faça muitos anos depois, pois isso indicará que você já partiu, deixando tudo para trás. Só que, aqui do meu lado, eu não consegui parar de escrever. Você é o único contato que tive com meu interior, com meu melhor. Mesmo adorando meu pai, acho que não me sinto assim desde que minha mãe morreu. Eu não acreditava que seria capaz de abandonar meus sonhos pelo sonho

de outra pessoa, e creio que ela tenha passado um pouco por essa experiência. Não sei direito o que quer dizer, talvez seja amor. Sim, eu a amo mais do que sou capaz de amar a mim mesmo. Peço perdão se minhas palavras não foram bem escolhidas, mas o que importa é que não tive oportunidade de escrever isso antes. E, mesmo que você não esteja lendo, elas a alcançarão onde quer que você tenha se refugiado.

Não sei ainda o que vou fazer; preciso ficar alguns dias por aqui, refletindo sobre meus próximos passos. A princípio, eu me encontro sem saída. Não tenho como voltar para a universidade sem acertar as mensalidades pendentes, e, assim como não terei dinheiro, não conseguirei continuar a pagar o aluguel da casa e precisarei ir embora. Eu sabia que isso iria acontecer cedo ou tarde, mas pensei que Belleville estaria pronta. Ao menos uma missão seria cumprida. Mas isso não é o pior; precisarei contar toda a verdade a meu pai, e tenho medo de como o coração dele irá reagir. Se ao menos a montanha-russa estivesse construída, talvez ele desconsiderasse os meios e se apaziguasse com o fim. Sim, o velho faria isso, tenho certeza. Mas agora tudo ficou diferente.

A mágica parece ter se esgotado. É bem provável que em algum momento essas cartas parem de atravessar as décadas que nos separam, porque milagres não são eternos. Tenho medo de que, com o tempo, tudo se torne uma lembrança estranha, algo afastado de minha mente. Não sei como serão os próximos cinquenta anos que terei que enfrentar sem você. Espero que um dia voltemos a nos encontrar, seja nesta realidade ou em outra. E, se acontecer, que os deuses sejam generosos e permitam que eu a toque.

Não sei mais o que dizer. Esteja segura e em paz.

Seja feliz.

Lucius



Capítulo 36

O frio invernal pareceu chegar mais cedo, no meio do outono. Eu deveria me sentir feliz como em todos os anos em que isso acontecia, porque a cidade do Campos do Jordão, com seu clima de montanhas, se regenerava em toda a sua plenitude, mudava suas cores; era minha estação preferida. Os dias eram azuis e mais luminosos, duravam mais tempo, e, mesmo com o ar rarefeito, meu organismo costumava trabalhar a pleno vapor. Ao contrário de muitos jordanenses, eu enxergava vantagens no frio. Um exemplo era que o pelo negro de Tião costumava ficar mais brilhante e bonito, embora meu gato preguiçoso dificilmente saísse de debaixo das cobertas, mesmo quando estava com a saúde plena. Mas agora, fatigada pelos últimos acontecimentos e com a vida bem distante da que eu levava, minha animação com o clima era nula, e eu estava completamente indiferente.

As pontas de meus dedos ficaram enrugadas após lavar na água fria a louça de porcelana utilizada no almoço. Estranhei a ausência de Tio Lino na cozinha. Ele se esparramava no sofá da sala, com o rádio ligado. Na maior parte do tempo, ouvindo notícias. Sempre que eu estava no meu quarto e uma estação começava a tocar alguma música (especialmente de Frank Sinatra), ele parecia pressentir que uma pontinha de meu coração se aquecia e mudava logo, preferindo até mesmo escutar chiados a qualquer cantoria. Meus discos de vinil haviam desaparecido e a vitrola ficou completamente sem uso.

Hoje, porém, estava sendo diferente. Aos domingos, logo após o almoço, Tio Lino costumava me prender no quarto e sair para encher a cara de cerveja. Talvez por causa do frio que fazia lá fora, ele permaneceu deitado no sofá, de ceroula vermelha e camisa.

Havia esquecido momentaneamente de mim ou começava a me libertar? Estaria seu coração duro aliviando minha situação?

Quem sabe adormecesse e eu tivesse a sorte de escapar?

Eu precisava, porém, voltar minha atenção para Tião. Hoje era aniversário dele. Não a data em que havia nascido, porque eu não sabia exatamente, mas o dia em que meu pai chegara em casa com ele agarrado no ombro. Eu costumava chamar de "aniversário de adoção", uma data que comemorávamos desde o primeiro ano em que nos conhecemos. Propositalmente, abri uma lata de sardinhas para o almoço. Tio Lino, sem saber de nada, devorou sua parte, mas eu deixei a minha intocada no prato. Separei a sobra em um pires e me preparei para levar lá para cima.

Ao passar de fininho pela sala, Tio Lino despertou e me observou. Tentei apressar o passo, como se quisesse comunicar que já estava retornando para minha cela, mas ele se sentou no sofá e chamou:

— Pimentinha, venha até aqui.

Paralisei no mesmo instante, com o pires na mão. Fiquei em dúvida se corria escada acima ou obedecia. Ele me olhou firme. Depois deu dois tapinhas no encosto do sofá, indicando que eu deveria me sentar ao lado dele.

— Venha aqui, não tenha medo — repetiu.

Eu quis deixar transparecer uma expressão de nojo, mas me contive. Qualquer falha ou desleixo significava uma onda de surra com os mais variados objetos. Então deixei o pires na mesinha que ficava ao lado do sofá e me sentei com as mãos sobre os joelhos, por cima da calça furada e manchada que utilizava para limpeza. Meus cabelos estavam presos em um coque, e eu tinha uma blusa de algodão e um casaco protegendo o tórax.

— Eu tenho sido bem grosseiro com você, não é mesmo? — perguntou.

Ao escutar aquilo, meus olhos queriam desesperadamente lacrimejar, mas eu me segurei. Continuei quieta. Era assim que eu

passava o tempo na sua presença; só me comunicava com ele quando necessário. Naquele instante, porém, algo estava muito estranho. Por via das dúvidas, parei de resistir e fiz que sim com a cabeça.

— Sim, eu sei, ando me comportando muito mal, como no dia em que destruí aquele negócio lá fora — reconheceu. — Mas a bebida... não sei o que acontece, ela me provoca. Me faz perder a razão. Você entende, não é?

Não, não entendia. Só sabia que colocar a culpa em outra coisa era a saída dos fracos.

Ele passou a me analisar com mais atenção.

— Você está bem de saúde? Está pálida como uma boneca de porcelana... — Fez menção de encostar seus três dedos na minha pele, mas levei minha mão para o lado e me cocei, evitando o contato.

— Sim. Estou bem — respondi.

— Tem certeza?

— Sim — repeti, abaixando os olhos.

— E quanto a... — Ele pausou e alisou o cabelo. — Bem, não a ouço reclamar muito quando chega aquele dia do mês.

— Como assim? Dia do quê?

— Vamos, você sabe bem o que quero dizer.

— Não, eu não sei.

Ele sorriu para mim.

— Faça de conta que sou o seu pai — expôs, e nem por um milhão de anos eu conseguiria fazer isso. — Você pode se abrir comigo. Já faz tempo que se tornou mulher, não é? Isso acontece com todas vocês — completou. — Suas funções *lá embaixo* estão normais?

Eu não acreditei no que estava ouvindo. Desconcertada, fiz menção de me levantar.

— Senhor, acho melhor eu subir...

Ele agarrou meu braço dessa vez, sem que eu pudesse evitar.

— Não, fique aqui comigo. Vamos escutar uma música.

Tio Lino se edificou e caminhou até o rádio. Depois girou o botão, procurando uma estação, e parou quando escutou instrumentos tocarem aceleradamente. Aumentou o volume. A música fluiu solta. Demonstrando alegria, ele experimentou alguns passos de dança desengonçados enquanto caminhava de volta para o sofá.

— A partir de hoje, tudo será diferente! — ele disse, levantando os braços. — Somos uma família!

Em pouco tempo, mesmo no frio, sua camisa ficou molhada de suor e a respiração, ofegante. Ele não desistiu. Num gesto brusco, segurou minhas mãos e me puxou, fazendo com que eu ficasse de pé.

— Vamos, dance. Dance!

Permaneci parada, com os braços pendentes ao lado do corpo, enquanto ele fazia algo que lembrava remotamente o chá-chá-chá. Eu podia dizer o quanto era ridículo e que nada tinha a ver com aquela música, mas não me daria a tanto trabalho.

— Por que não se mexe? — perguntou.

— Eu não sei dançar.

— Ninguém nunca te ensinou?

Balancei a cabeça em sinal negativo.

— Eu não acredito! Espere, espere.

Como um elefante que se move num espaço pequeno demais para ele, Tio Lino produziu um terremoto pelo chão ao correr de volta para o rádio. Deu uma nova mexida no botão. O chiado permaneceu por um longo tempo, alternando-se com vozes e

instrumentos musicais, até que ele encontrou uma valsa. Eu a conhecia bem. Era a “Valsa do Imperador”, de Strauss. A mesma que meu pai havia dançado comigo nos meus quinze anos.

Ele se postou novamente diante de mim e fez uma reverência como se me pedisse uma dança. Eu me mantive imóvel. Ele ignorou. Agarrou minha mão esquerda com seus três dedos e esticou meu braço, enquanto a outra me colava em sua barriga imunda. Seu queixo ficou a apenas alguns centímetros da minha testa. Virei o rosto para a direção de minha mão alongada, tentando evitar olhar para ele, mas sabia que Tio Lino estava sorrindo. Então ele me puxou para o lado, enquanto eu parecia uma boneca de pano em suas mãos grotescas. Deu um, dois passos. Precisei acompanhar para não cair. Voltou outro, e fiz o mesmo. Repetiu algumas vezes mais, e deixei que percebesse que eu não estava dançando, apenas ele. Então me esforcei para me livrar, mas aquilo o deixou com mais vontade. Tio Lino demonstrou toda a sua força masculina e me segurou, juntando ainda mais nossos corpos. Estava quase me abraçando. Eu me sentia frágil demais, muito fraca, e podia perceber sua excitação enquanto a música dava os últimos acordes.

Quando ela terminou, eu gritei desesperada:

— Senhor, acabou! Por favor!

Ele segurou meus cotovelos e olhou firme para mim. O diabo surgiu na minha frente.

— Lembra-se de quando eu disse que você me devia um favor? Pois bem, é hora de pagar.

Tio Lino tentou me beijar. Desviei o rosto para todos os lados, enquanto gritava como louca, aterrorizada. Nunca pensei que tivesse que lidar com um maluco dentro de minha própria casa! Então ele me empurrou na direção do sofá e deixou seu corpo pesado cair sobre o meu, me prendendo. Puxou meu cabelo para trás, expondo minha face. Sua boca encontrou a minha e seu bigode roçou meus lábios. Eu não conseguiria suportar aquilo.

Tentei empurrá-lo para longe, mas não conseguia. Então, só me restou uma opção: morder com força a sua língua nojenta.

Pude sentir o gosto de sangue em minha boca quando o homem guinchou e estrebuchou, tapando os lábios com sua mão deficiente. Ele saiu de cima de mim, ficando novamente de pé. Eu, ofegante e apavorada, não pensava em outra coisa senão pedir desculpas, antes que ele perdesse a razão:

— Tio Lino, me perdoe!

De repente, um fio vermelho escorreu da sua boca. Em seu rosto, gritavam olhos encarnados de raiva. Ele olhou para a mão ensanguentada, mas a língua continuava lá, tinha certeza. A dor que estava sentindo devia ser a mesma que senti quando encheu minha boca de terra.

— Sua... vagabunda!

Ele desferiu um soco tão forte no meio dos meus olhos que achei que meu crânio se partiria em dois. Minha cabeça foi arremessada para trás com violência, batendo na madeira que sustentava o encosto do sofá. Grogue, nada pude fazer quando ele pegou o pires com sardinhas e arrastou pelo meu rosto, de cima a baixo. A porcelana bateu no meu dente e tirou um lasco. Antes de desmaiar, escutei ele dizer:

— Se você não vai pagar... alguém vai.

Quando acordei, só notei que estava jogada em minha cama por causa da textura de meus lençóis encardidos e do colchão afundado. O frio invadia o quarto, fazendo minha pele se arrepiar. Meus olhos não queriam se abrir. Precisei forçar as pálpebras, quando percebi que estavam inchados e doíam como se facas perfurassem minha vista. Eu não fazia ideia se era dia, tarde ou noite, nem mesmo quanto tempo havia se passado desde a última agressão. Meu rosto cheirava a sardinha enlatada, e eu enxergava manchas anuviadas em minha frente, talvez por causa dos

derrames que deviam ter tomado conta da minha vista. Tive que ficar um tempo parada, por baixo da cobertura, esperando melhorar.

Quando me mexi, não ouvi nenhum som no quarto, como era de costume. O cômodo estava silencioso demais.

Logo me dei falta da coisa mais importante da minha vida.

— Tião? Cadê você?

Me levantei com cuidado, fazendo o possível para não cair de volta na cama. Sentia uma dor de cabeça incrível, mas, mais do que isso, um vazio incompreensível no coração. Chamei por Tião outras vezes, sem efeito. Então girei o pescoço com cuidado, olhando para cima do armário, e depois me agachei para verificar embaixo da cama. Minha pele se arrepiava com o frio que fazia. Juntando-se a isso, qualquer movimento simples impulsionava a cabeça a latejar, mas eu não podia desistir. Tião devia estar morrendo de fome, e pensei mil vezes sobre como iria alimentá-lo. Além disso, sua vista andava pior do que a minha. Eu precisava encontrá-lo logo. Precisava cuidar dele, pois era a única coisa que me restava, que me prendia à realidade.

Foi quando o frio tornou-se insuportável e eu me volvei para a janela. As cortinas movimentavam-se lentamente e havia uma sombra escura por trás delas. Ali estava ele! Tião havia pulado e estava pendurado no parapeito, olhando por uma fresta. Senti-me aliviada. Então era isso! Ele estava morrendo de fome, e algum passarinho tinha chamado sua atenção de novo! Mas onde havia encontrado forças nas patas para ficar nessa posição? E havia quanto tempo estava assim?

Quando afastei as cortinas, mesmo com os olhos semicerrados, vi o inferno formar-se à minha volta.

A janela estava arriada. O espaço entre ela e o parapeito era tão diminuto que mal passaria um dedo pela fresta. As patas e o rabo de Tião pendiam esticados para dentro do quarto, enquanto sua cabeça estava torcida para fora dela.

Eu finalmente encontrei meu gato.

Com o pescoço esmigalhado.

Morto.



Capítulo 37

Eu não acreditava no frio que fazia. Deitado na cama, cada vez que fechava os olhos, imaginava como deveria estar o tempo lá fora. Mesmo com tudo que havia lido sobre Campos do Jordão, eu não previa que o outono fosse tão rigoroso. Antes de entrar na universidade, havia pesquisado bastante sobre o clima da cidade, mas estava empolgado demais para me dar conta de como seria sentir o verdadeiro frio das montanhas. Agora, não importava muito. Em pouco tempo não experimentaria mais aquela sensação, porque iria voltar para a casa do meu pai, onde o clima era menos rigoroso. Mas retornar financeiramente falido e com meus objetivos escoados pelo esgoto me tirava completamente o sono, e eu parecia dormir apenas o necessário para estabelecer o descanso do corpo, não da mente. Andava entediado demais, e naquele dia decidi ficar mais tempo na cama, sem ânimo para enfrentar o mundo gelado.

Porém, quando a campainha tocou, me dei conta de que era domingo, e já sabia de quem se tratava. Saí da cama e vesti um agasalho pesado por cima do pijama. Olhei para o relógio do celular. Passava das onze da manhã. Ajeitei o cabelo com as mãos, descí as escadas e abri a porta.

- Bom dia, professor.
- Lucius? Estava dormindo?
- Não, apenas deitado.

Não importava a estação do ano, o professor Miranda mantinha sempre aquela mesma cor de pele oliva escuro. Usava um casaco enorme e grosso na cor azul, com um capuz cheio de lã na cabeça, muito maior do que seu corpo franzino, o que me fazia lembrar uma

criança sendo obrigada pela mãe a usar uma roupa de que não gostava. Eu teria rido por dentro, se não fosse a decepção que sentia por causa da notícia que precisava dar a ele.

— Pensei que já estivesse trabalhando — ressaltou ele, depois de bater com as botinas pretas que estavam por cima da calça na soleira da porta e entrar. — Não importa a que horas eu chegue, sempre te encontro com a mão na massa.

— Não há mais nada a fazer — anunciei.

Miranda parou de observar os objetos a sua volta e olhou diretamente para mim.

— Até alguns dias atrás, você estava concluindo metade da montanha-russa.

— Sim. Ainda faltava bastante.

— *Faltava?* — ressaltou.

— Aconteceu um imprevisto. Tenho que voltar para casa. Quero dizer, a casa do meu pai.

— Não entendo. Ele está doente?

Demorei um pouco para fazer que não com a cabeça. Parecia ser uma boa ideia confirmar, mas eu estava querendo desistir de todas as mentiras. Embora aquela casa fosse enorme, não havia mais espaço para elas. Uma incógnita se formou na sua face.

— Deixe-me ver Belleville. — Miranda fez menção de andar em direção aos fundos da casa.

— Não.

— Ok, então conte o que aconteceu.

— Está bem — renunciei. Pensei que conversar com ele e revelar toda a verdade podia aliviar um pouco a minha tensão. Nenhum progresso real poderia sair disso, mas pouco importava continuar guardando os segredos comigo. Eu estava cansado de tudo, até mesmo do achocolatado e das torradas que consumia diariamente,

e mais ainda daquela casa. Talvez por causa disso, eu havia mudado de ideia e decidido não conversar ali dentro. Não perto das ruínas que assombravam lá fora. Assim, sugeri: — Pode me levar para tomar um café? Acho que preciso de uma garrafa inteira.

Eu me vesti adequadamente para enfrentar o frio e saímos no Opala velho do professor. A Vespa parecia congelada na porta de casa, e eu seria louco de enfrentar o vento cortante sem ter sequer um capacete para me proteger, embora a palavra *proteção* também não se enquadrasse no carro de Miranda. O professor, minúsculo ao volante do Opala, travava uma verdadeira briga com as marchas. Na primeira arrancada, percebi meu cinto de segurança surpreendentemente frouxo. Enfim, ele alcançou a estrada. Enquanto sacolejávamos no interior do veículo, observei que o professor havia feito um furo no cartão do estacionamento plastificado que eu havia dado para ele e amarrado com um longo barbante ao painel para não o perder. Não me importei. Em breve a Vespa ficaria guardada onde eu a achei e a universidade não passaria de um sonho distante. Eu nunca mais iria utilizar aquele cartão — e acho que agora ele também sabia disso.

Chegamos à Vila Abernécia. Eu ia sugerir que parássemos na loja de chocolates artesanais da simpática mulher que havia me ajudado a encontrar o Seu Joaquim, mas desisti antes de começar a falar. Dentro da loja havia uma máquina de café expresso que visualizei da última vez, mas também surgiriam perguntas sobre a pessoa que eu procurava, e eu não estava muito disposto a responder. Portanto, deixei o professor escolher o lugar. Ele atravessou a avenida principal, chegou até um semáforo e virou a esquina. Estacionou. Entramos numa padaria chamada “Gato Preto”. Achei curioso, porque ele nem sabia a cor do gato de Anabelle, quanto mais se ela possuía um gato ou quem ela era.

Quando nos sentamos, uma atendente perguntou o que queríamos. Eu pedi uma xícara grande de expresso, e Miranda optou por um cappuccino simples, dessa vez sem pão de batata. Desabotoei o casaco enquanto ele observava o entorno da mesa.

Ficamos calados até a atendente trazer nosso pedido. Eu biquei o café, o professor fez o mesmo com seu cappuccino. Depois ele dedilhou na mesa com ambas as mãos.

— E então, não vai me perguntar nada? — eu disse.

— Esperei você se sentir à vontade.

— Eu estou. Você está bem?

— Sim.

— Ótimo! — comentei, e decidi beber o café quente todo de uma vez. Queimei a língua, mas não recuei.

— Ei, vá com calma.

— Quer saber o que houve com Belleville?

— Bem, você pediu minha ajuda para construir aquilo. Acho que posso saber, não é?

— Sim. Está destruída.

Ele não expressou nenhum espanto.

— Por quê?

— Alguém decidiu que não deveria existir.

— Alguém que não gosta de você?

— Não exatamente.

Peguei os dois objetos que tinha no bolso, o cordão com o pingente e a fotografia em preto e branco de Anabelle, e coloquei ambos em cima da mesa, entre nossas xícaras. Percebi o quanto a imagem dela estava amassada, de tanto que andava comigo para cima e para baixo. Miranda olhou para eles e voltou a dedilhar, sem perguntar nada. Aquilo estava me enervando. Onde ele estava com a cabeça?

— Esses objetos têm mais de cinquenta anos.

— Percebe-se. Onde os encontrou?

— Dentro da casa. São da antiga moradora.

— Você a conhece?

— Não exatamente — respondi.

— Você gosta de falar isso.

— O quê?

— “Não exatamente”.

— É porque não sei bem como explicar. E nem se o senhor vai entender.

— Ok, vamos tentar.

Imediatamente comecei a contar tudo. A história começava no dia exato em que Seu Lincoln me apresentou a casa e eu subi no telhado para ver os pilares de longe. Passei por todas as minhas descobertas, desde a primeira carta enterrada próximo ao pilar principal até quando soube que Anabelle podia visualizar o controle lógico programável instalado no terreno. Fiz observações sobre a compra da madeira (que estava diretamente relacionada à desistência do curso de Matemática) e a procura por Joaquim. Durante todo o tempo, Miranda manteve-se calado, como um terapeuta analisando o paciente. Seus óculos escorregavam do rosto quando bebia o cappuccino, e ele os enfiava de novo no lugar, voltando a olhar para mim, pensando em sei lá o quê. Quando terminei, depois de falar sobre a destruição da montanha-russa alguns dias antes, ele não dedilhava mais. Cruzou as mãos em cima da mesa e me olhou com a mesma expressão de quando comecei a falar.

— E então? — perguntei.

— Você está louco.

— Eu sabia...

— Quer mesmo que eu acredite que você encontrou uma maneira de viajar no tempo?

— Pelo menos os objetos.

— Lucius, eu sou físico, lembra? Isso vai contra todos os meus princípios. Se eu acreditar em você, tudo o que eu aprendi e que ensino aos meus alunos será jogado fora.

— Não sei. Pode ter algum tipo de energia diferente naquele lugar?

— A única energia possível capaz de chegar perto de uma proeza dessas seria produzida pelos táquions, partículas mais velozes do que a luz, que foram sugeridas há muito anos. Na melhor das hipóteses, os táquions admitiriam enviar mensagens para o passado, e talvez para o futuro. Mas, para sua infelicidade, nada disso foi comprovado.

— Entendo. E os “buracos de minhocas”?

O professor Miranda me encarou surpreso. Não esperava um contraponto dentro do assunto que ele mais dominava, que era a Física Quântica. Mas eu me lembrava de ter lido alguma coisa ou escutado sobre isso em uma aula do ensino médio. Ele explicou:

— É apenas outra teoria, semelhante a um buraco negro. Se um buraco de minhoca fosse construído de tal modo que as duas bocas do túnel ficassem relativamente juntas uma da outra no espaço, e se uma boca se movesse rapidamente enquanto a outra permanecesse estática, um objeto que atravessasse o buraco de minhoca faria uma viagem não no espaço, mas no tempo. Mas isso é impossível, porque Einstein nos provou, através da teoria da relatividade, que, mesmo o espaço e o tempo parecendo tão distintos entre si, ambos jamais podem ser separados um do outro.

— Você falou em viagem. Sei que isso parece coisa de ficção científica...

— E é! — sugeriu.

— Sinceramente, tenho minhas dúvidas.

— Lucius, se uma pessoa ou um objeto pudesse se deslocar para o passado, isso modificaria as ideias estabelecidas sobre causalidade e dissolveria todas as leis da Física. O único meio de comprovar seria a existência de alguma lei da natureza que impedisse o que viaja para o passado de alterá-lo.

— Talvez a natureza esteja dando uma resposta para essas questões. Esses objetos viajaram cinquenta anos no tempo em questão de microssegundos, eu acho. Eu pensava que era só a caixa, mas está espalhado por todo o terreno.

— Outra vez: isso é fisicamente impossível. Embora a Física Quântica aceite a possibilidade de existirem partículas que se movem mais rapidamente do que a luz, como no caso dos táquions, é improvável que alguém ou algo pudesse ser acelerado até essa velocidade, pois isso exigiria uma quantidade infinita de energia. E, a não ser que o terreno no fundo da casa estivesse se movendo tão rapidamente que não conseguíssemos assistir, volto a afirmar, é impossível.

— Nesse caso, ao tocar na madeira que está encravada no terreno, eu já teria viajado ao passado, certo? Como isso não aconteceu...

O professor Miranda soltou uma risada que mais soou como sarcasmo.

— Nem viajar para o passado, nem para o futuro. Desculpe, Lucius, mas isso tudo é surreal demais para mim...

— Quando se entende as leis da Física, não existem barreiras. Tudo é possível — repeti com exatidão a frase que ele me dissera da primeira vez.

Ele olhou para mim, espantado.

— Estávamos falando sobre montanhas-russas! Não sobre viagens no tempo!

— Eu sei, professor, é meio louco. Mas, acredite, está acontecendo.

Ele não se deu por vencido.

— Sinto muito, garoto. Poderíamos ficar aqui o dia inteiro conversando sobre Física Quântica, Paradoxos e Realidades Alternativas, mas acho que alguém está brincando com você, e que você deveria procurar a polícia.

Me afastei, encostando na cadeira.

— Não, de forma alguma. Não quero uma multidão invadindo o lugar.

Ele balançou a cabeça.

— Não vai haver ninguém. Nenhum pesquisador, nenhum repórter, nenhum curioso. Ninguém.

— É o que pensa — respondi, contrariado.

— Você tem como provar?

Droga. A pergunta dele me fez cair na real, me deixando perplexo. Eu sabia que havia passado por tudo aquilo, mas e agora? Como conseguiria provar? Não adiantava jogar um monte de objetos em cima de uma mesa, que eu mesmo poderia ter conseguido numa loja de antiguidades de quinta categoria. Mesmo as cartas de Anabelle, se estivessem comigo naquele instante, de nada ajudariam, pois eu poderia muito bem tê-las produzido. Encabulado, respondi:

— Creio que não. Como eu disse antes, Anabelle parou de se comunicar comigo. Não recebo mais suas cartas, e, depois do que aconteceu a Belleville, nenhum de nós dois vai tentar mais nada, especialmente se ela conseguiu fugir.

— A morte não é uma possibilidade natural?

— Prefiro pensar que não.

Os olhos de Miranda, por trás das lentes, quase mergulham nos meus.

— Você está apaixonado por ela, não é?

Olhei para ele em silêncio. Estava na cara. Se até mesmo o professor Miranda podia detectar isso, o que mais dizer? Eu gostaria de confirmar, porque ele era meu único amigo naquela cidade ou porque me inspirava confiança; ou por qualquer outro motivo que não sabia direito, mas algo me deteve. Então, dei de ombros.

— Nada disso importa. Estou me preparando para ir embora.

— Ainda não — disse ele.

— O que quer dizer?

— Estamos a menos de uma semana da Festa do Pinhão. Pretendo levar minha família, e você não vai embora sem conhecê-los.

— Desculpe, professor. Eu não tenho disposição, de verdade.

Ele não aceitou.

— Esqueça. Isso é uma ordem. Você pode desobedecer um padre, mas ordens de professores são inquestionáveis. — Ele se levantou da cadeira, mas não ficou muito mais alto do que quando estava sentado. — Agora, pegue seus objetos de volta. Vou pagar a conta e levá-lo para casa.



Capítulo 38

Enrolei o pequeno corpo de Tião dentro de uma fronha e o acomodei num canto do quarto. Eu desejava muito ter acendido uma vela para ele, mas, depois de um dia inteiro sem descer para o piso inferior da casa, não tinha acesso a elas e nem aos fósforos, que ficavam próximos do fogão a lenha. Tio Lino não me incomodou, nem me obrigou a realizar as tarefas do dia. Ele sabia o que tinha feito, e, mesmo contando com sua tola segurança máscula, desta vez devia estar alarmado com minha reação. Sua maldade havia ido longe demais. O problema, porém, é que meu pobre gato já exalava um odor desagradável, que dominava o ambiente do quarto, e, embora eu pudesse resistir a ele por mais algum tempo, achava uma crueldade deixar meu animal ali, naquele canto. Eu precisava enterrá-lo, e nada no mundo me impediria de fazer isso.

Sua morte, porém, não seria em vão. Logo imaginei que existia um lugar ideal para colocá-lo, e esse lugar ficava em Belleville, mais precisamente no local onde escavei tantas e tantas vezes. Havia bastante terreno ao redor da casa para executar a tarefa, mas, ao matar meu gato, Tio Lino criou a possibilidade de eu conseguir resgatar as cartas que Lucius devia ter deixado para mim, e nem fazia ideia disso.

Planejei tudo. Vesti um casaco bem grosso, forrado com um bolso interno, e me preparei para sair do quarto. Mesmo com o tamanho daquela roupa, dificilmente eu conseguiria voltar do terreno com a caixa escondida, mas Tio Lino nunca encontraria as cartas, porque eu as esconderia de tal maneira que ele nem pensaria em me revistar. Assim, bati na porta do quarto com tanta força que uma pessoa escutaria a quilômetros de distância. Eu estava com raiva, e mais ainda por pensar que teria que fingir novamente.

Escutei os passos pesados de Tio Lino na escada. Me afastei e segurei o embrulho que tinha feito com meu gato no colo. A chave rodopiou por trás da fechadura e a porta foi aberta. Senti repulsa ao olhar para o rosto dele, mas não emiti nenhum sinal. Somente meu cenho estava franzido, por cima dos olhos inchados, mostrando o quanto desejava falar sério.

— O que foi? — disse ele, rispidamente.

— Quero enterrar meu gato.

— Morreu, é? — Ele se fez de desentendido. Depois soltou uma lufada de ar pelo nariz, como se o cheiro incomodasse. — Como o passarinho de antes? Como vou saber o que tem aí dentro?

Desamarrei a fronha e a cabeça de Tião, quase solta, pendeu para além do meu braço. A língua do meu bichano estava para fora, e os olhos, opacos como as folhas das árvores secas do lado de fora da casa. Fiz força para não chorar. Depois tapei o corpinho dele de novo, pedindo perdão a Tião por mostrá-lo daquela forma a seu assassino.

— Jogue-o no lixo — disse ele.

— Não.

— Não vai me enganar de novo. Jogue-o fora.

— NÃO! — eu disse, num tom contundente. — Se não me deixar enterrá-lo, esqueça que possui alguém dentro desta casa para servi-lo! Nada nem ninguém me forçará a fazer as tarefas de casa. Você pode me espancar novamente, mas já cheguei ao meu limite. Estou triste, cansada e Tião era a única coisa que me importava. Nem mesmo você pode ser tão cruel assim. Deixe-me enterrar meu gato!

— Por que eu seria bonzinho com você? — Ele encolheu os ombros. — Devia ter pensado nisso antes de ferir a minha língua! Está doendo como o diabo, sabia?

Não respondi. Meu plano era não ceder. Até certo ponto, eu podia mesmo dizer que desejava enfrentá-lo de verdade. Eu ansiava por isso, não importava se fosse o meu fim. Mas eu ainda tinha Lucius, e talvez ele me ajudasse a encontrar uma saída.

Depois de um longo tempo em silêncio e várias olhadas pelo quarto, ele finalmente concordou.

— Está bem. Vamos logo.

Ele me encaminhou para o andar de baixo, depois abriu as portas dos fundos, e invadimos o terreno. Pude sentir o vento frio, tão pesado que dava para cortá-lo com uma navalha. Aliás, se eu tivesse uma navalha, talvez não fosse exatamente o modo como eu gostaria de usá-la.

Enquanto eu caminhava, Tio Lino seguia atrás de mim. Por causa da minha exaustão, a distância da casa até Belleville parecia ter dobrando de tamanho, especialmente com o peso de meu gato no colo.

Quando chegamos, tentei não me manifestar ao ver de perto toda a destruição que ele havia causado. Era como se um tornado, fato que seria inédito em minha vida, houvesse passado por aquele caminho, bem devagar e devastador. Nem mesmo o CLP havia sido preservado.

Disfarcei e mexi a cabeça, como se procurasse o melhor lugar, fingindo não saber ao certo onde seria. Então apontei para o pilar principal:

— Ali. Parece ser mais fácil escavar. Mas eu preciso pegar a pá de mão, que fica dentro do galpão do meu pai.

— Depressa, então — disse ele, ofegando por causa da caminhada e do frio. — Está um gelo aqui fora.

Deitei o corpinho de Tião por cima da terra fria, depois me encaminhei para o galpão, sempre com Tio Lino na minha cola, feito uma sombra perversa. Abri as portas de madeira com esforço. A primeira coisa que vi foi minha Vespa verde-água no canto,

solitária, e me senti mais triste ainda por lembrar os momentos e as trilhas de liberdade por onde ela me conduzira. Então me dirigi até a parede de ferramentas, enquanto ele permaneceu na porta. Despreendi a pá de mão do prego onde ficava. Aproveitei e peguei o martelo e um prego também.

— Pra quê isso? — questionou.

— Quero fazer uma cruz de madeira.

— Besteira! — gritou. — Agora gato virou gente?

— Para mim, era como se fosse.

Ele soltou um grunhido. Eu travei. O machado estava a poucos centímetros de mim, tão próximo que foi inevitável pensar no que gostaria de fazer com ele nas mãos.

— Por que a demora? — questionou.

Afastei aqueles pensamentos e atravessei de volta para a saída, onde Tio Lino me aguardava, esfregando os braços por causa do frio. Deixou que eu passasse e encostou as portas. Andamos de volta ao terreno. Me agachei na terra úmida e comecei a cavar justamente onde estaria a caixa de madeira. Tio Lino continuou se debatendo por causa do frio. Eu mal olhava para ele; pensava apenas em como faria para desviar sua atenção.

Escavei um buraco com diâmetro maior para caber o corpo do meu gato, e suficiente para visualizar os detalhes prateados na tampa da caixa de madeira. Lá estava ela. Eu só precisava agora de uma pequena distração.

— Pode me conseguir dois pedaços de madeira para a cruz?

Ele abriu os braços e riu de forma irônica.

— É o que mais temos aqui em volta.

Enquanto agachava suas banhas para apanhar os pedaços de ripa do chão, rapidamente abri a caixa dentro do buraco e tirei seu conteúdo, colocando-o no bolso interno do casaco. Então acomodei

o corpo de meu gato por cima da caixa, antes que ele voltasse e a encontrasse.

— Aqui está. — Ele jogou as ripinhas perto de mim.

Despejei a terra novamente por cima do buraco. Aos poucos, a fronha contendo o corpo do gato foi desaparecendo, até que eu nivelei novamente o solo. Peguei as duas ripas e cravei um prego no meio delas. Depois enfiei a cruz no terreno e comecei a rezar silenciosamente.

Tio Lino, impaciente e tremendo de frio, gritou:

— Só me faltava essa! Vamos embora! Deixe as ferramentas aí e se levante!

Ergui meus joelhos e fiquei novamente de pé. Caminhei de volta para casa, vigiada, com meu segredo no bolso. Provavelmente, depois daquele “favor”, precisaria reassumir meus afazeres domésticos acumulados. Não me importei. Em minha mente, eu havia enganado Tio Lino. Ainda não era a vitória de que eu precisava, mas, por enquanto, isso me bastava.



Capítulo 39

A Festa do Pinhão, um dos acontecimentos mais tradicionais de Campos do Jordão, ocorria todos os anos no Mercado Municipal, em Abernécia. Contava com diversas manifestações artísticas: teatro, dança, concurso de pratos típicos, fotografia, poesia e o ponto alto da festa, a eleição da Rainha do Pinhão. Inevitavelmente eu já havia feito minha escolha, mesmo sem conhecer as candidatas desse ano — até porque ela não era, na verdade, uma delas.

Mas o festejo e a alegria contagiante também marcavam presença no entorno do Mercado Municipal. Quando cheguei, encontrei diversas barraquinhas e uma música esfuziante que saía dos alto-falantes espalhados pelo local. Ao estacionar a Vespa, uma mulher de aparência humilde e sua filha chegaram oferecendo filhotes de cachorro dentro de uma caixa. Fiz carinho na cabeça dos animais, agradei e disse que não poderia ficar com nenhum deles.

Eu havia tirado o dia para fazer turismo por Campos. No fundo, acho que era uma despedida, tanto da cidade quanto da Vespa. Não acreditava que, mesmo depois de tantos meses, eu conhecesse tão pouco daquele lindo lugar. Sentiria saudades. Visitei o Palacete Olivetti, o prédio mais antigo da cidade, e que já fora utilizado como pensão e sanatório; a Igreja Matriz de Santa Terezinha, onde se realizavam as principais festas religiosas; o Palácio Boa Vista, a casa de inverno de diversos governadores; o Mosteiro de São João, circundado por um belo bosque repleto de araucárias e ciprestes; a Casa da Xilogravura, no bairro onde nasceu Campos do Jordão. E, durante todo o trajeto, pensava se Anabelle havia passado pelos mesmos lugares e como eles seriam na sua época.

À noite eu estava cansado, mas não tanto quanto na ocasião em que construía Belleville. Recebi uma mensagem do professor Miranda dizendo o local exato onde ele estava. Entrei no Mercado e o encontrei sentado em cadeiras brancas de plástico, junto com sua família. Fui apresentado a todos, pessoas simpáticas e incríveis como o professor. Por um bom tempo, senti-me bem acolhido, e mesmo meu desânimo pareceu diminuir um pouco. Arrisquei até mexer a cabeça no ritmo da música, a fim de me distrair.

Professor Miranda, com a barba suja de paçoca de pinhão, a certa altura perguntou:

- Está tudo bem?
- Sim. Obrigado por me convidar.
- Precisa de algo?

Eu sorri e disse que não. É claro que eu precisava, mas nem ele nem qualquer outra pessoa naquele lugar poderiam resolver meu problema. No fundo ele compreendia isso, mas o esforço que fazia para tornar tudo melhor era incrível. Eu sentiria falta dele quando fosse embora, mesmo que não houvesse acreditado em minha história.

Mas eu não podia culpá-lo. Se tivessem me contado, eu também duvidaria. Só mesmo estando dentro do furacão para saber a devastação que ele causa. E foi dentro desse mesmo furacão que visualizei Ed e Tânia no meio do salão, juntinhos. Fazia tempo que eu não os via, mas meu desprezo e a indignação pelo que tinha passado com Ed não haviam desaparecido. Ainda me lembrava da dor que senti quando ele atingiu meu estômago e me empurrou banheiro adentro.

Decidido que iria embora de Campos do Jordão no dia seguinte, não faria mal nenhum tirar um sarro dele. Então me levantei da cadeira e deslizei sozinho até o meio do salão. “Sem querer”, esbarrei nas costas dele, que se virou rapidamente.

- Calouro! Desapareceu da universidade?

— Sim, um pouco porque estava evitando ver a sua cara por lá. Por falar nisso, onde estão os cones?

— Cones? Que cones?

— Aqueles dois sujeitinhos engraçados que te protegem.

Ed soltou um riso escarrado.

— O que deu em você? Perdeu a noção do perigo, é?

Ed espetou o dedo no meu peito. Uma reação previsível, já que não se deixaria humilhar na frente da namorada. Eu revidei, empurrando-o para trás. As pessoas ao nosso redor paralisaram. Antes que o caldo engrossasse, Tânia puxou o namorado de lado e olhou para mim, sem acreditar no que eu estava fazendo. Sim, eu queria confusão. Eu necessitava muito disso, e torcia para que Ed investisse de novo em mim, pois eu acabaria com aquele sorriso branco de uma vez por todas. Mas a discussão terminou antes mesmo de começar, com ela afastando o namorado, enquanto eu me mantive firme e grande, encarando os olhos vermelhos do meu oponente. Algumas pessoas balançaram a cabeça e eu retornei para perto do professor Miranda, que parecia ter assistido a tudo, conforme a frase que soltou:

— Lucius, isso foi desnecessário.

— O senhor está do meu lado ou do dele?

— Nenhum dos dois. Apenas achei desnecessário.

— Não diga o que não sabe, professor. Esse cara me encheu o saco durante um bom tempo.

— O que está me contando não é nenhuma novidade. Eu vejo isso todos os dias na universidade.

— Então, sabe qual a sensação.

— Não, não sei — disse ele. — Quer saber por quê? Quando eu era mais jovem, sempre fui um sujeito isolado. Demorei até conseguir ter uma vida normal. Está vendo aquela bela senhora ali?

— Ele indicou com o queixo sua esposa, uma gordinha que era só

sorrisos, ao lado da mãe. Mesmo por trás das lentes dele, eu podia enxergar pequenos olhos eternamente apaixonados. — Pois bem, ela me salvou de uma vida que eu odiava. Eu me sentia fora deste mundo, como você deve estar se sentindo agora, sem ter a pessoa que ama por perto. Não falava com ninguém. Não me enturmava, e meu único objetivo era aprender Física. Durante a faculdade, nunca me meti em confusão. Nunca briguei. Era tão estranho que não tinha amigos nem inimigos. — Ele pausou por dois segundos. — Nem inimigos, entende? — ressaltou.

Acompanhei o professor com os olhos enquanto ele se dirigiu até sua esposa e a beijou, para surpresa dela. Ele se afastou, mas suas palavras continuaram reverberando em minha mente. Sozinho na cadeira, fiquei pensando por um tempo no que ele havia dito. Triste, sem dúvida. Quanto a mim, como me analisaria? Estava culpando Ed por ele ter uma vida boa, por prosseguir com seus estudos na universidade e por ter uma namorada linda que gostava dele, mesmo que eu não aprovasse seu jeito truculento? Ou estava canalizando a raiva que sentia de um homem que vivia cinquenta anos atrás em alguém que era apenas meio desconcertado?

Não interessa!

Me levantei da cadeira e disparei em direção ao centro do Mercado. Não mirei o rosto do professor, mas tinha certeza que ele me observava e gostaria de ter impedido. Quando encontrei novamente Ed e Tânia no meio do salão, falei alto:

— Lá fora. Agora.

Ed fez que sim com a cabeça, sorrindo da sua forma reluzente e maldosa. Estava doido por isso. Dei as costas para eles e me dirigi à saída do Mercado Municipal, torcendo para que meu plano desse certo. Eu iria terminar com aquele assunto de uma vez por todas, não importava qual fosse o resultado. E sabia que nem todos os conselhos de Tânia conseguiriam fazê-lo desistir do desafio.

O professor Miranda, desesperado, gritou enquanto eu passava a seu lado:

— Lucius, o que está fazendo?!

Não dei a mínima atenção; apenas saí pela porta principal.

Ed demorou alguns minutos para aparecer do lado de fora, muito por causa da provável resistência de sua namorada, que o acompanhava. Ainda bem, pois eu precisava de um tempo para me preparar. Quando ele me viu, seu peito estava tão inflado que pensei que voaria em segundos para cima de mim. Não esbocei nenhuma reação; só esperei eles se aproximarem, enquanto permanecia com as mãos nas costas, tranquilo. O professor Miranda surgiu logo atrás deles, abandonando sua família para tentar me socorrer. Afinal, mesmo com o surto inconsequente que tive dentro da festa, todos nós sabíamos que eu não tinha a menor chance contra meu inimigo, e meu estoque de milagres havia acabado.

Ed chegou dizendo:

— Tô cansado de você, Lucius!

— Eu também, Ed.

— Certo! Estou aqui, e agora? — Ele voltou a me espetar com o dedo, enquanto Tânia tentava desesperadamente conter o braço do namorado. — Tá se borrando de medo, não é?

Não respondi. Miranda, paralisado, nos observava. Então, tirei minhas mãos de trás do corpo e as levantei em direção ao rosto de Ed. Eu estava pronto.

Apresentei a eles um filhote de cachorro, cuja raça a vendedora e sua filha não sabiam informar direito, mas era tão pequeno que eu duvidava que houvesse parado de mamar.

Tânia e Ed levantaram as sobrancelhas. Miranda também.

— Isso é alguma gozação?! — questionou Ed, confuso.

— Na verdade, Ed, é o meu pedido de desculpas. Lembro o que aconteceu com o cachorro de vocês. Por favor, aceitem.

Tânia, mais ágil que o namorado abobalhado, acolheu o pequeno cachorrinho em suas mãos delicadas.

— Ah, meu Deus! Eu não acredito!

— É um presente de despedida.

Ed ainda tentava se restabelecer quando perguntou:

— Despedida?

— Não se preocupe. Estou indo embora amanhã; não vamos nos esbarrar novamente.

Dei um tapinha amigável em seu ombro. Então me virei para o professor, num rápido gesto de agradecimento. Ele piscou para mim. Eu havia dado um presente, mas recebido outro. As palavras que ele me disse dentro do Mercado Municipal nunca seriam esquecidas.

Subi na Vespa e fui embora, antes que um cisco entrasse no meu olho e eu começasse a chorar.



Capítulo 40

Naquela noite, presa no meu quarto depois de ler as cartas de Lucius, eu me sentia assustada. Por que ele pedia tanto para eu ir embora? Deixar a casa para trás? O que ele havia descoberto que não queria me contar? Estava feliz por saber que Joaquim havia sobrevivido aos anos, mas e quanto a mim? Por que não surgiu na casa depois de tanto tempo, como Lucius gostaria? Era algo que só aconteceria conforme fosse minha decisão, a partir de agora?

O verdadeiro problema é o seu tio. Você precisa se livrar dele. Melhor, precisa fugir de casa.

Meu cérebro contorceu-se em nós. Havia algo naquelas entrelinhas, e eu achava que Lucius escondia o terror ao saber a verdade sobre meu paradeiro. Nenhum asilo me acolheria, não teríamos nenhum bate-papo entre velhinhas e nenhum gato brincaria com meus novelos de lã. Passei a achar que a maldade de Tio Lino não se limitaria a destruir Belleville e a matar Tião. Ela poderia ir muito mais longe.

Mas... e a minha maldade? O que eu havia feito com Lucius?

Por minha causa, o sonho da vida dele havia se destruído como Belleville! Graças a meu pedido, Lucius utilizou o dinheiro da universidade para cuidar de algo que não era sua responsabilidade. Como eu não pensei nisso antes? Era o mesmo dinheiro que ele usaria para continuar morando nessa casa, e agora precisaria voltar para a casa de seu pai, sem sequer contar com o acolhimento de sua mãe, que já estava morta.

Eu havia acabado com a vida de outra pessoa. Alguém que confiava em estar me amando, e eu a ele. Isso soava sincero e bonito, mas não justificava o que eu fiz. Meu azar não tinha

tamanho. Eu carregava uma espécie de praga, uma moléstia, que contagiava todos os que estavam ligados a mim. Todos que se importavam, destruídos de uma forma ou de outra. Meus pais, meu gato, e agora Lucius. Nem mesmo cinquenta anos eram capazes de evitar essa minha maldição.

Mais uma vez, lágrimas pesadas escorreram pelo meu rosto, e um ódio sem fim assaltou meu coração. Eu me conformei que merecia o fim que havia me sido programado. Sendo assim, não tinha mais razão para nada.

Busquei todas as cartas de Lucius. Coloquei-as em cima da cama e rasguei uma a uma. Depois abri a fresta na janela e deixei o vento levar o papel. Eu não tinha o direito de ficar com elas. E, antes que meu fim chegasse, desapareceria com todas as provas.

Fiquei aguardando Tio Lino voltar para casa até tarde da noite. O maldito devia estar se divertindo na Festa do Pinhão. O primeiro ano em que eu não compareceria, desde 1961. Nessa edição, em especial, eu sonhava concorrer como Rainha, já que havia completado dezoito anos, mas é claro que, depois da morte do meu pai, isso parecia ser outra realidade.

Quando ele chegou, percebi pelo barulho desconexo dos passos que tinha bebido. Por consequência, previa que ele fosse tentar alguma gracinha. Meus olhos ainda latejavam por causa de seu último soco covarde, só que hoje, pela primeira vez, eu sentia que não tinha nada a perder.

Depois de um tempo, escutei barulho de ferro pelas escadas. Me postei em pé, no centro da cama, o medo querendo subir pelas pernas, e eu impedindo-o a todo custo. Tio Lino abriu a porta. Lá estava ele, de novo com a bacia, a chaleira com água quente e o escovão. Ele queria me apreciar mais uma vez.

Aquilo foi o estopim.

Ele não teve tempo de dizer nada. De onde estava, voei com meus dentes e minhas unhas para cima dele. Me agarrei ao seu trapézio e mordi sua orelha direita. Ele gritou. A graxa de seu

cabelo sujou meu rosto, a chaleira e a bacia despencaram no chão. Nós dois despencamos juntos. A água quente banhou meu pé, mas eu não desisti. Eu queria feri-lo. Muito. Ou morrer tentando.

Só que mais uma vez a força dele se sobrepunha à minha, e Tio Lino conseguiu recolher a chaleira. O ferro quente colou na pele das minhas costas. Foi a minha vez de gritar. Por mais que eu não quisesse, meu corpo reagiu envergando-se para trás, e com isso minhas mãos e dentes se afastaram do maldito. A situação mudou. Eu não queria mais morrer tentando. Eu queria morrer de vez.

Porém, não era o plano do Tio Lino. Pelo menos, não ainda. Ele se restabeleceu e me capturou. Gritava palavras que eu não conseguia entender por causa do chiado que a queimadura produzia em meu cérebro. Arrastou-me até as escadas. Eu queria me jogar e quebrar o pescoço, mas ele não me soltou em nenhum momento. Descemos. Todavia, mais do que de costume. Ele me carregou até o porão, o mesmo que não possuía nenhuma janela, nenhuma luz, onde meu pai antigamente revelava as fotos. Me debati, pois sabia que ele me prenderia lá dentro. E me arrependi de não ter pedido a ele que me matasse.



Capítulo 41

No domingo, minhas malas estavam paradas no degradado saguão de entrada, como quando pisei ali pela primeira vez, alguns meses antes. Nem tinha ideia naquele dia, quando Seu Lincoln me apresentou o lugar, do que eu passaria. Eu era um cara entusiasmado com uma vida nova, sem me importar com as fissuras ou as infiltrações das paredes, nem mesmo com o barulho da água correndo pelos canos velhos. Eu tinha a mesma idade agora, mas parecia ter envelhecido muitos anos.

Eu não pretendia avisar o corretor de que estava indo embora; deixaria para fazer isso quando estivesse na casa do meu pai. Meu último gasto foi com a compra do cachorrinho. Ainda tinha um resto de dinheiro, que serviria para cancelar o contrato, então não me preocupava. Eu só queria me despedir da casa e partir logo. Despedir-me de Anabelle, cuja presença parecia estar selada em todos os móveis e cantos ao meu redor.

Antes, eu precisava guardar a Vespa. Quem sabe o próximo morador curtisse dar uma boa passeada com ela? Pensei em escrever e deixar uma mensagem, mas estava cansado de bilhetes e cartas. Na verdade, só consegui escrever para duas pessoas em minha vida, minha mãe e Anabelle. Elas eram os motores que me faziam pegar um lápis e um papel. Sem as duas, meu cérebro parecia vazio como abrir um pote de biscoitos e não encontrar nenhum lá dentro.

Caminhei até a frente da casa e peguei a motoneta. Passamos pela lateral até chegarmos aos fundos. Seria a última vez que eu atravessaria por aquelas árvores. Quando entrei no bosque, a atmosfera tinha mudado, e a sensação também era outra. Tracei uma linha reta em direção ao galpão, entrei e encostei a Vespa em

um canto. Depois fechei as portas e deixei as sombras consumirem o interior do lugar.

Eu não precisaria passar pelo meio de Belleville, mas queria muito fazer isso. Era a minha despedida, e eu não podia evitar, por mais que doesse ver aquilo tudo destruído novamente. Quando cheguei, caminhei por entre os pilares que restavam, simulando a volta que daria se a montanha-russa estivesse pronta. Eu simplesmente não acreditava. Por que não podia ter outra chance? Então desci os olhos e percebi algo diferente do pilar principal. Cheguei mais perto e vi uma cruz encravada na terra.

Uma cruz?!

— *Meu Deus! Anabelle!*

Nos segundos seguintes, eu estava cavando a terra com um pedaço de madeira jogado do lado do pilar, sem nem pensar direito. Não havia cálculo, não havia lógica, apenas o fato de que eu cavava depressa. Havia chegado a hora de Anabelle? E qual seria minha reação quando eu abrisse aquele solo?

Para meu espanto (e alívio), não era o corpo de uma pessoa, embora fosse igualmente assustador.

Tirei o embrulho do buraco. Desamarrei o pano encardido e vi o rosto desfigurado de um gato preto, muito magro, mas que parecia ter sido enterrado há pouco tempo. Céus, só podia ser o pobre Tião! Estava em uma cova rasa, mas feita com cuidado. Alguém fincou uma cruz no local, um símbolo de respeito, e só podia ter sido Anabelle. Ela ainda estava viva, mas isso trazia outra preocupação: não teria saído de casa ainda. Dentro da caixa, porém, não havia nenhuma carta, e eu fiquei em dúvida se ela tinha entendido meu recado.

Escutei, assustado, a campainha de casa tocar. Quem poderia ser? Eu ainda não havia chamado o táxi e não desejava receber ninguém, especialmente depois daquele choque. Então coloquei o corpo de Tião novamente no buraco e derrubei a terra de qualquer jeito por cima. Depois, retornei para casa.

Quando abri a porta da frente, encontrei o franzino professor Miranda, com seu carro estacionado na grama. Não esperava que ele aparecesse naquele domingo, já que no dia anterior havia sido minha despedida oficial. Então, só podia ter uma explicação: com seu coração gentil, veio para me levar até a rodoviária.

— Eu já ia chamar o táxi — disparei.

— Esqueça. Você não vai a lugar nenhum.

— Como é?

— Eu vim na frente para te preparar. Eles estão logo atrás, nem feche a porta.

O professor Miranda invadiu a casa sem cerimônia e tirou o casaco. Fiquei realmente confuso, parado, com as sobrancelhas franzidas. Que loucura...? Então escutei o barulho de outros carros. Dei alguns passos para fora de casa. Dois veículos saíram da pequena estrada e entraram no terreno. Quando as portas se abriram, contei oito pessoas. Quase caí para trás quando vi, dentre eles, Ed, Tânia (com o cachorrinho no colo), Cabelinho e Moca. Os outros quatro caras eu reconheci vagamente, da universidade.

Em fila indiana, todos eles foram entrando na casa. Logo meu saguão estava tomado de pessoas com caixas de ferramentas nas mãos. Eu queria muito perguntar o que estava acontecendo, mas minha cara de idiota já dava conta do recado, até que Ed representou a turma:

— Nós viemos ajudá-lo.

— Com o quê?

— Miranda nos contou tudo. Viemos construir... — Ele estalou os dedos. — Como é mesmo o nome?

— Belleville — disse Tânia, entusiasmada, como se tivesse sido responsável por uma parte importante daquele plano. — A montanha-russa.

— É uma coisa meio louca, cara, mas, se é para o bem da cidade, nós vamos fazer — comentou Ed.

— Para o bem da cidade? — balbuciei.

— Uma atração — dessa vez Cabelinho se manifestou. — O professor nos convenceu de que vai ajudar no turismo.

— Você ainda tem um pouco de madeira empilhada no terreno?
— interveio Miranda.

Atordoado, fiz que sim. — Mas não o suficiente...

Tânia anunciou, em meio a carinhos na cabeça do seu filhote:

— Não se preocupe, temos um fundo de colaboração dos integrantes do diretório acadêmico. Podemos conseguir mais com eles. Há tempos queríamos gastar com uma atividade cultural fora da universidade, não é?

A maioria fez que sim. Os cones relutaram, provavelmente pensando na quantidade de cerveja que seria perdida, mas acabaram concordando.

— Então vamos logo! — disse o professor, me pegando pelo braço. — Eu sei que você é o matemático, mas já refiz todos os cálculos de quando ficará pronta. Temos mão de obra suficiente. Vamos nos revezar vindo aqui. Nos dê um mês.



Capítulo 42

Eu acreditava que uma semana havia se passado, mas não tinha ideia. Nos primeiros dias em que fiquei no porão escuro e vazio, chorei muito, apavorada. Eu sentia frio. Sentia fome. Tinha tremedeiras terríveis provocadas pela queimadura nas costas e, o pior de tudo, vergonha por ter que fazer minhas necessidades em qualquer lugar, como um animal selvagem preso no porão de um navio. Depois, comecei a viver em transe. Nada me incomodava mais, porque eu havia inutilizado meus sentidos. Eu não enxergava, não falava, não ouvia, não sentia cheiros nem percebia os insetos passeando pelo meu corpo. Eu apenas sobrevivia.

Tio Lino parecia saber exatamente os momentos em que eu quase desfalecia. Na primeira vez, abriu a porta e jogou minha coberta de retalhos escada abaixo, o que suavizou um pouco o frio. Na segunda, trouxe água. Depois, passou a colocar comida em horários regulares, uma vez por dia, mas em uma louça suja e quebrada em vez da porcelana chinesa da minha mãe. Nunca me dizia nada. Apenas abria a porta, jogava o que queria e a trancava novamente. Sem forças, eu mal conseguia subir as escadas, quanto mais atacá-lo ou fugir. E usava meus próprios dedos esqueléticos para comer a péssima comida feita por ele.

Ele queria me manter sofrendo por bastante tempo, uma situação muito pior do que a morte, e achei que nunca mais sairia e veria a luz do sol novamente.

Porém, ao longo da segunda semana, a comida melhorou um pouco, e percebi que não podia mais ser de Tio Lino. Isso significava que alguém o ajudava. Era meio óbvio, pois ele mesmo não aguentaria a sua própria comida por muito tempo. Não sabia lavar roupa nem espanar o pé direito, e logo precisaria de uma

pessoa para os afazeres domésticos. Vez ou outra eu escutava a voz abafada de uma mulher, muito de longe, que julgava ser de uma senhora, e suspeitei que ele houvesse contratado alguém para dar um jeito na casa. Eu pensava no que essa pessoa imaginava quando limpava meu quarto e via coisas femininas dentro dele, como sapatos e roupas, além de, é claro, fotografias minhas. Provavelmente o maldito confirmava que pertenciam à sua sobrinha, mas que ela estava viajando por um longo tempo.

Foi quando, em certa ocasião, surpreendi-me com passos produzidos por saltos de madeira e com o barulho da maçaneta da porta do porão girando lentamente. Tio Lino não andava dessa forma, tinha passos carregados e sempre abria e fechava a porta de uma só vez. A maçaneta girou repetidamente, como se alguém quisesse entrar, mas não possuísse a chave. E eu pensei que só podia ser a mulher que o ajudava.

Meu corpo acendeu uma pequena chama por dentro. Me levantei, com as pernas tremendo por causa da urgência e o corpo envergado pelo tempo em que passava deitada no chão, e me apoiei no pé da escada de cinco degraus. Tentei gritar em direção à porta, mas em vão. Há quanto tempo eu vivia em meio ao silêncio? Eu precisava me esforçar.

Fiz um breve respiro, trazendo ar para os pulmões. Minhas cordas vocais pareciam esticadas a ponto de explodir. Uma baba empoeirada escorreu pelo canto da minha boca, e eu finalmente consegui emitir um pedido de socorro:

— Abra... por favor...

Minha voz, porém, não foi suficiente. Saiu baixa demais. A maçaneta girou outra vez, mas retornou para a posição de descanso assim que o barulho de uma porta bateu ao longe. Se eu não me enganava, era o mesmo som que Tio Lino produzia sempre que chegava em casa. Então os passos de salto de madeira se afastaram depressa, como se a pessoa corresse assustada e aflita, antes de ser pega em flagrante. E eu voltei para o meu transe.



Capítulo 43

Depois de duas semanas, com os projetos novamente esticados no terreno, eu ainda custava a acreditar que Belleville voltava a ganhar altura. Como o professor Miranda havia comentado, as pessoas se revezavam para me ajudar, trabalhando a qualquer hora do dia, de acordo com seus compromissos estudantis e profissionais, e a empolgação não tinha fim. As marteladas iam desde cedo até tarde da noite, sem incomodar ninguém, porque estávamos isolados em um bosque e só mesmo os animais nos observavam. Ainda bem que alguns pilares não precisaram ser substituídos, apenas fortificados em sua base. A madeira complementar chegou no tempo certo, e eu tinha receio de perguntar como haviam conseguido aquela proeza, mas parte do acordo era que a montanha-russa ficaria aberta à visita das pessoas durante a alta temporada, especialmente crianças, e eu aprovei a ideia com bastante entusiasmo, embora ainda tivesse que convencer o dono do imóvel. Eu sabia, meu tempo ali seria curto, mas quem não gostaria de ter um negócio daqueles em seu terreno? Parecia mesmo uma boa. Só pensava em realizar o sonho de Anabelle enquanto ela estava viva, ou caso reaparecesse agora. Era inacreditável, mas, pela velocidade em que andávamos, o prazo que o professor me deu seria cumprido. Um mês para montar Belleville. Depois bastaria escrever o nome da cidade no livro dos recordes.

Em determinado momento, chamei Ezequiel para verificar o estrago no CLP. Mesmo sem entender o que havia acontecido, ao ver a movimentação em torno da construção coletiva, ele considerou ajudar sem cobrar nada. Era mais uma vitória, e eu tinha muito a agradecer àquelas pessoas. Até mesmo a esposa e a sogra do professor, que cozinhavam alimentos suficientes para

abastecer aquele batalhão durante dias e dias, enquanto os filhos dele se divertiam com o novo projeto que seu pai ajudava a desenvolver. Quem diria, eu não tinha mais nenhuma desavença com Ed e sua turma, muito pelo contrário; nós finalmente passamos a nos entender.

Na terceira semana, durante mais um dia de trabalho, quando o sol brilhava como nunca e finalmente parecia que terminaríamos a instalação dos trilhos, a última pessoa do mundo que eu esperava ver em Campos chegou à minha casa. Eu estava no terreno quando alguém escutou a campainha e foi até a entrada abrir a porta. Pensava ser apenas um dos colaboradores, já que eles vinham e iam a todo instante, mas, quando me virei para trás, vi um senhor grisalho, vestindo calça de pregas e camisa polo branca como um jogador de golfe, e as mãos cuidadosas que plantavam orquídeas e que eu conhecia muito bem.

— Pai?

— Lucius... O que está acontecendo aqui?!

Houve um cessar coletivo, mas pedi a Ed e a todos que por favor continuassem, enquanto eu me afastava. Deixei as ferramentas no terreno, limpei as mãos na calça jeans e me aproximei do velho.

— Eu não sabia que vinha. Por que não me avisou?

— E por que você não me avisou sobre isto? — Ele tirou um papel do bolso e desdobrou. Um extrato bancário. Minha mente se esvaziou como o saldo daquele documento. — Meu Deus, o que você fez, Lucius?

— Pai, eu posso explicar...

— Acho que vai ser difícil. — Ele se sentou numa cadeira de plástico, e eu me preocupei com seu estado emocional. — Céus, o que é esse negócio?

Coloquei as mãos na cintura e suspirei.

— Esse negócio é Belleville.

— Belleville?!

— Sim. Uma montanha-russa.

— Eu não acredito! Um brinquedo? Foi nisso que investiu o dinheiro da sua faculdade? O seu tempo?

Pensei em um milhão de respostas, mas apenas disse:

— É, sim.

— Por quê, Lucius? Por quê?

— Por amor — resumi. Depois me agachei perto da cadeira dele.

— Pai, estou fazendo isso por outra pessoa. Uma garota.

— Que droga! — sustentou. — Então é isso? Sempre as mulheres! Onde ela está? Preciso ter uma conversa séria com ela!

— Você não vai encontrá-la aqui, pai. Ela está morta.

Vi o espanto delineado por todas as suas rugas.

— Morta?!

— Sim.

— Lucius, não brinque comigo! Isso é muito...

Coloquei minha mão direita em cima da mão dele.

— Morta como a mamãe — completei. — Ela me faz falta. As duas fazem. Você entende?

Pela primeira vez em muito tempo, notei os olhos do meu pai se encherem de lágrimas. Mesmo apaixonado, ele nunca havia chorado a morte de minha mãe, ao menos na minha frente. Apesar da decepção que devia estar sentindo, isso terminava hoje. Queria dizer que ele não havia falhado em nenhum momento, que sempre fora um grande pai, e que a culpa era toda minha por ser tão inconstante. Mas também que eu tinha um bom motivo, e que entenderia se ele não compreendesse. Ainda assim, eu me sentia péssimo, e queria chorar com ele, mas me segurei.

— Você está bem? — perguntei.

— Não. E acho que perguntar mais só vai piorar as coisas.

Ele limpou os olhos. Depois se levantou, e eu também.

— Pai, eu vou voltar para casa. Nós dois sabemos disso. Mas, por favor, me deixe concluir Belleville. — Apontei para a montanha-russa, maravilhosamente alta como as árvores do bosque. — Espero que um dia você me perdoe pelo que fiz.

— Eu vou te perdoar, Lucius. Você sabe que vou.

— É, eu sei. Você não é tão durão quanto parece. — Dei um sorriso, ainda com o nó na garganta, enquanto envolvia meu braço ao redor do pescoço dele, como um abraço de urso, como fazíamos quando eu era criança. — Agora vou mostrar o quarto em que você vai ficar. Espero que suas orquídeas aguentem de saudade até amanhã.

Finalmente ele desanuviou o rosto.

— Sobrou dinheiro para me preparar um café? Sabe que sou péssimo nisso... — disse.

— Com certeza.

— Vai me contar tudo?

— Um dia, pai. Não hoje. Um dia.



Capítulo 44

O dia finalmente chegou. Não o que meu pai esperava, mas o que eu e todos que trabalharam em Belleville desejávamos. Faríamos o primeiro teste na montanha-russa. No dia seguinte a sua visita, meu velho havia retornado para a casa dele e aguardava minha chegada (e explicações). Mesmo com o tempo se esgotando, aguentei firme. Todos nós estávamos exaustos, mas felizes como se tivéssemos vencido uma batalha. Não, melhor: uma guerra. Porque provavelmente nada mais trabalhoso de ser construído do que Belleville viria depois disso.

O sol brilhou durante toda a tarde. Quando começou a se pôr, prismas de luz se acenderam nas folhas das árvores, provocados pelo sereno que antecedia o anoitecer. Uma névoa começou a surgir, mas ninguém arredou o pé.

O carrinho estava perfeitamente ajustado aos trilhos. Havíamos feito algumas experiências com ele, mas em trajetos mais curtos, nunca uma volta inteira. Em nenhum momento ele deslizou para fora, já que as rodas tinham sulcos que garantiam a aderência. No fim, o funcionamento do brinquedo até que era bem simples. Tudo começaria através da força motora, com cabos mecânicos que impulsionavam o carrinho na primeira colina, a mais alta e íngreme. Lá no alto, o veículo já teria acumulado energia potencial suficiente para o trajeto. Os cabos se soltariam, ele desceria. A força gravitacional, então, transformaria a energia potencial em energia cinética, que faria o resto. O carrinho deslizaria por toda a extensão, superando subidas e descidas de menor impacto, além das curvas fechadas. Guardadas as proporções, a previsão do professor Miranda era a de que o trajeto inteiro duraria menos de um minuto, mas não importava. A emoção seria para sempre.

Todos os que participaram do projeto estavam prontos. Cabelinho e Moca, pilhados, trouxeram fogos de artifício, e eu tinha receio de que algum deles pegasse numa árvore e colocasse tudo a perder, mas eles garantiram que tomariam cuidado. A esposa e a sogra do professor haviam providenciado um enorme bolo com granulado de chocolate, suficiente para o número de pessoas, além de distribuírem muitas pétalas de rosas vermelhas pelo caminho. Os dois filhos do professor apostavam quem seria o primeiro a andar no carrinho. Enquanto isso, o cachorrinho de Tânia e Ed não parava de brincar solto pelo terreno. Uma verdadeira festa.

Eles mereciam.

Anabelle e o pai dela, inclusive.

Formamos um pequeno semicírculo enquanto Ezequiel e o professor Miranda faziam os últimos ajustes. Eu havia colocado uma de minhas melhores roupas, que não era tão elegante assim, apenas uma calça jeans mais nova e um pulôver careta por cima da camisa branca, mas que não fazia feio para a cerimônia. Nem sei por que escolhi aquela roupa, mas acho que era como se Anabelle pudesse me assistir, ali do meu lado, talvez até mesmo agarrada a meu braço, então, nada mais justo que me apresentar bem vestido em nossa primeira vez.

O professor Miranda, perto do CLP, fez sinal de positivo.

— Estamos prontos. Tudo certo?

— Sim. — Minha voz saiu num timbre suave e melódico, que nem eu mesmo reconhecia. A emoção era exponencial, como os cálculos que eu realizava nos velhos cadernos de Matemática.

O primeiro teste seria feito com o carrinho vazio. Ezequiel apertou o botão e o veículo começou a subir lentamente, enquanto o barulho de correntes arranhava nossos ouvidos. Quando chegou ao topo, não demorou muito, arremessou-se para baixo. Voou como uma águia caindo para capturar um roedor. Depois, passou a aumentar e diminuir a velocidade conforme o trecho por onde corria, tudo graças aos cálculos perfeitos do pequeno professor, que

olhava extasiado para aquele monte de madeira. Eu, idem. Quando chegou ao final do trajeto, o carrinho perdeu aceleração à medida que sua força terminava e a fricção das rodas no trilho crescia. E parou no limite de onde todos esperavam.

Fogos espocaram pelo ar. Eu iniciei uma salva de palmas, Tânia jogou pétalas de flores para cima, enquanto os filhos do professor Miranda corriam em direção ao carrinho, se estapeando para ver quem brincaria primeiro. Eu não podia estar mais feliz! Acho que nunca me senti assim em toda a minha vida.

Várias voltas ocorreram depois. Cada um teve a sua chance de experimentar a emoção de Belleville.

Exceto eu.

Quando a névoa começou a ficar mais pesada e baixa, percebemos que a brincadeira teria que acabar logo. Mas ninguém ficou chateado, porque Belleville ficaria ali por um longo tempo e muitas outras oportunidades viriam. Eu, porém, me despedia outra vez daquele lugar, e minha alegria transformou-se numa tristeza seca como as folhas amareladas das árvores do bosque.

Sentei sozinho em um canto. Miranda se aproximou:

— Não está se divertindo?

— Estou bem, obrigado.

— Você não vai andar na montanha-russa?

— Não — respondi, para espanto dele.

— Por quê?

— Acho que tenho meus motivos.

— Isso é que é entusiasmo.

— Deve ser.

Miranda tirou os óculos e se colocou na minha frente. Nunca o vi sem os óculos, e nem por isso parecia menos sério.

— Lucius, hoje é um dia de comemoração. Isso tudo é por sua causa. Você fez o que tinha que fazer, não precisa ter pena de si mesmo.

— Tem certeza, professor? Agora que tudo acabou, o que eu ganhei? Qual foi o meu prêmio?

— Eles nem sempre vêm a curto prazo.

— Isso é uma tentativa de me consolar? Que péssimo.

— Olhe para aquele monumento! — Ele abriu os braços curtos em direção a Belleville e toda a movimentação em seu entorno. — Por causa dele, você mobilizou um monte de pessoas. Deu um objetivo para elas e para si mesmo. Até o seu inimigo se rendeu ao seu carisma! E quem imaginaria que isso tudo giraria em torno de uma montanha-russa? Nenhuma outra pessoa que conheço vai me contar uma história parecida com essa.

— Não quero que minha história seja apenas um entretenimento para os outros. Eu mereço minha recompensa. Isso não é justo.

— Você vai encontrar alguém...

Interrompi.

— Não, não vou. Por favor, não diga isso. Nada vai melhorar minha situação.

Ele colocou os óculos de volta no rosto.

— Você quer ficar sozinho, não é?

— Talvez eu queira... para assimilar tudo.

— Entendo. Vou tirar o pessoal daqui. Já está ficando escuro, e, com essa névoa, parece que o frio só vai aumentar.

Antes que ele se virasse, eu disse:

— Professor...

— O que foi?

— Fique com as plantas dos projetos. Como lembrança.

— Está certo.

— E obrigado. De verdade.

Ele sorriu. Acho que nunca esqueceríamos um do outro. Aliás, eu não pretendia esquecer cada segundo que tinha passado ali. Mesmo sem uma recompensa material, eu havia renascido. Descobrira um sentimento de superação que não sabia que possuía, e não havia nada antes ou depois em minha vida que valesse a pena contar a não ser aquela aventura.

Antes de sair, o professor deu dois tapinhas em minhas costas e aconselhou:

— Se eu fosse você, repensaria e andaria na montanha-russa. É bem divertido.



Capítulo 45

Senti cheiro de café recém-preparado, mas achei que estava delirando. Era um cheiro delicioso e forte que passava por baixo da porta e invadia minhas narinas encostadas no piso sujo do porão, a cerca de dez metros dela. Eu não sabia se era manhã, tarde ou noite, mas o café passado na hora significava que mais alguém além de mim e Tio Lino estava na casa, como daquela vez em que escutei os saltos de madeira. E também senti o cheiro do bolo de cenoura que eu conhecia bastante, mas era impossível, porque somente minha mãe conseguiria fazer o aroma ir tão longe, e logo percebi que era uma peça pregada pela minha mente.

Então minha consciência retornou num coice selvagem, instantâneo, e o horror tomou conta de mim outra vez. Os cheiros tornaram-se nauseantes, embrulhavam meu estômago, e eu queria desesperadamente parar de senti-los. Sem conseguir evitar, vomitei no chão, mas não havia quase nada para meu corpo expelir. Permaneci em estado catatônico por um tempo que não consegui mensurar, até que ouvi os mesmos passos de antes se aproximarem da porta. Não levantei a cabeça, porque a pessoa iria novamente girar e girar a maçaneta, e não me escutaria de dentro da areia movediça que me aprisionava. Só que, dessa vez, os passos vieram acompanhados de um barulho de molho de chaves, e uma delas tinha como destino a fechadura daquela porta.

Meus olhos arderam por causa da luz. Percebi apenas a silhueta de uma mulher de cabelos curtos, descendo as escadas apressadamente e com a mão pressionando o nariz.

— Ah, pobre criança! O que aconteceu com você?

— Quem... é... você?

— Meu nome é Antônia. — Ela olhou em direção à porta. — Não podemos perder tempo! Venha, vamos logo!

A senhora cheirava a cigarro e perfume de alfazema. Levantei-me com sua ajuda. Ela limpou minha boca com um pano de cozinha, depois apoiou meu braço em torno de seu pescoço. Quando senti o primeiro puxão, meus joelhos se dobraram e ela me segurou firme. Precisei reaprender a andar.

Ao subir as escadas, minhas pernas pareciam que quebrariam. Eram cinco degraus, mas equivalia a escalar uma das pirâmides do antigo Egito, mesmo que eu só as conhecesse de fotografias. Ou será que já tinha ido a alguma delas? Minha mente não funcionava direito, e, quando chegamos ao primeiro piso, a sensação que vinha era a de um lugar completamente novo, imaculado, como se eu nunca houvesse caminhado por ali. Minha própria casa! Entretanto, por mais que me sentisse confusa, o cheiro de antes invadiu novamente o meu nariz, e eu, com muito esforço e uma garganta seca como areia que envolvia as pirâmides em minha cabeça, perguntei:

— É... bolo... de cenoura?

— Shhh... não fale alto. Ele está lá em cima.

— Por favor... me responda...

A mulher, visivelmente aterrorizada, disse:

— Sim, é bolo de cenoura. Eu encontrei um caderno de receitas. Achei que fosse agradar aquele monstro.

— Sim... monstro! — Disso eu sabia muito bem, e dava graças a Deus por ela estar do meu lado, não do dele. Mas minha fome era desesperadora, e mais ainda por saber que ali na cozinha estava um reflexo da minha mãe, ou melhor, a mesma fada que havia ensinado a ela agora emprestava o dom à senhora que me carregava. — Eu... quero ir lá! — E apontei para a cozinha.

— Não, minha menina! Não dá tempo!

Insistente, inclinei o corpo na direção de onde meu braço apontava. Naquele instante, mesmo que minha vida estivesse por um fio, não morreria sem provar o bolo. A mulher, sem ter muito o que fazer (na verdade ela poderia me arrastar dali, de tão fraca que eu estava, mas acho que seu choque era do mesmo tamanho que a pena que sentia de mim), me carregou até a cozinha, onde um bolo redondo e fofo de cenoura parecia me aguardar. Eu me desvencilhei dela e apoiei na mesa. Então coloquei minha mão suja, esquelética e cheia de picadas de insetos no bolo e retirei um pedaço grande. A massa estava úmida e fofa, exatamente como minha mãe fazia. Coloquei o bolo na boca e só não me senti no céu porque sabia que ainda estava muito próxima do inferno.

A mulher pegou um copo de água da torneira e pôs na minha frente. Como um animal perdido e sedento, abaixei a cabeça em direção a ele e coloquei minha língua inteira em seu interior. Entornei metade da água enquanto bebia o conteúdo. A senhora juntou as mãos como numa prece, encaixando o molho de chaves dentro delas.

— Minha Nossa Senhora! Que judiação!

— Como... conseguiu... a chave?

— Eu peguei sem que ele percebesse. Ele nunca me deixava chegar perto do porão, e eu já desconfiava de que havia algo estranho. O cheiro que vinha de dentro era muito forte. Até que outro dia eu ouvi um barulho quando girei a maçaneta...

— Onde... ele... está?

— Lá em cima. Precisamos sair daqui, rápido.

Fiz que sim com a cabeça, quase como uma súplica. Então ela me puxou novamente e andamos em direção à sala. De repente ouvimos um barulho vindo de cima, passos pesados. Ela olhou para o topo da escada e voltamos para a cozinha. Só havia um lugar onde eu poderia me esconder.

— Dentro do forno está frio. Rápido.

Ela abriu a portinhola e praticamente me jogou no meio das cinzas. Talvez em plena saúde eu tivesse mais dificuldade, mas agora, com o corpo que ganhei, encolhida, eu parecia ter sido feita sob medida para o espaço.

De uma fresta, olhei para o ambiente. Tio Lino, aparentemente mais gordo do que antes, aproximou-se da porta. Dona Antônia tentava disfarçar, limpando a pia. Ele falou algo com ela que não escutei. Mas, quando olhei para cima da mesa, meu coração fraco pareceu que desapareceria de vez; a sujeira que eu tinha produzido, o copo entornado, estava tudo lá.

O que aconteceu a seguir foi muito rápido.

Tio Lino teve a mesma visão que a minha. Seus olhos se arregalaram. Em poucos segundos, ele estava em cima da mulher que me ajudara, segurando-a pelo pescoço.

— Onde está ela? O que você fez?!

Tomada pelo pavor, a senhora de cabelos curtos começou a chorar. Eu não podia olhar para aquilo.

— Diga logo, sua pilantra!

Quando Tio Lino suspendeu a mão fechada, pronto para agredi-la como fazia comigo, eu empurrei a portinhola e saí tão rápido quanto meu corpo permitia.

— Deixe-a... Eu estou aqui...

Tio Lino deve ter visto a assombração mais surpreendente de sua vida, olhando uma semimorta coberta de cinzas sair de onde alguém menos esperaria. Ele largou Antônia. A senhora, tremendo, pegou a bolsa que estava na cozinha e seus saltos de madeira dispararam para fora de casa. Ouvi a porta de entrada bater, e ela só estava aberta porque Tio Lino nunca esperaria que isso acontecesse.

Eu estava tão próxima de escapar!

— Sua desgraçada! Você colocou tudo a perder! Agora a polícia vai bater aqui!

O monstro veio em minha direção. Antes que me alcançasse, segurei uma faca que estava por cima do fogão e a empunhei. Mesmo fraca, aquele era um objeto afiado, bastante cortante, e parecia deixar meu braço mais poderoso.

— Afaste-se...

— O que vai fazer? Matar-me? — Ele riu com sarcasmo. — Está mesmo achando que é capaz disso? Sua Pimentinha atrevida!

— Afaste-se... — repeti.

Mas ele não obedeceu. Voou para cima de mim, e, sem saber direito o que fazer, eu apenas movi o braço para a frente, atingindo sua enorme barriga. Ele estacou. O corte rasgou a camisa e uma das tiras de seu suspensório, e produziu sangue suficiente para que nós dois nos assustássemos. Ele colocou os três dedos em cima da ferida e me encarou, sem acreditar.

— Abra a porta... dos fundos — ordenei.

O sorriso desaparecera de seu rosto, deixando apenas o vermelho de seus olhos arregalados. Ele deve ter pensado duas vezes antes de agir, porque ficou parado me observando, até que pegou o molho de chaves com a outra mão e seguiu em direção ao local. Pela primeira vez, parecia que eu tinha o domínio da situação.

Abriu a porta e me esperou.

— Vá... na frente. Até Belleville.

Tio Lino não demonstrou nenhuma emoção além da raiva que movia suas têmporas. Um rastro de sangue ficou pelo caminho enquanto ele caminhava adiante. Uma névoa baixa impedia de enxergarmos longe. Capturei toda a energia que ainda restava em meu corpo para as pernas. A caminhada era longa, e eu sabia disso. Pela última vez.

Quando invadimos o bosque e chegamos à clareira, tanto eu quanto Tio Lino paralisamos. Ergui a vista cheia de lágrimas. Era a coisa mais linda que eu já havia presenciado na vida! Belleville, completamente construída e com pétalas de rosas espalhadas pelo seu caminho sinuoso, parecia pulsar, cheia de energia. Lucius havia conseguido.

A dor invadiu meu coração. A emoção era forte demais, e eu me ajoelhei no chão, largando a faca e colocando as mãos no peito. Era o que Tio Lino precisava para vir em minha direção e chutar a faca para longe. Ele segurou meu pescoço com uma das mãos cheias de sangue e me levantou.

— Deixe-me andar... no carrinho... pela primeira e derradeira vez... por favor — supliquei.

— Nem pense nisso — ele disse, com escárnio. — Você não tem direito a nenhum último pedido.

E me arrastou para dentro do galpão.



Capítulo 46

"Se eu fosse você, repensaria e andaria na montanha-russa. É bem divertido."

Eu só pensava na frase com que o professor Miranda havia me presenteado no dia anterior quando me preparava para ir embora de casa, bem cedo. Não queria caminhar até Belleville outra vez, especialmente com aquela névoa insistente. O lugar me trazia um sentimento estranho, alegria e tristeza, orgulho e desapontamento, tudo misturado. Eu tinha muitos motivos para partir logo: primeiro, já estava com minhas poucas coisas arrumadas dentro das malas, apenas esperando pelo táxi, que chegaria em cerca de quinze minutos; segundo, a passagem já estava comprada e eu não podia me atrasar; terceiro, meus mantimentos haviam acabado, e sobrara apenas um pedaço de bolo e refrigerante. Me embrulhava o estômago só pensar que teria que comer aquilo no café da manhã; quarto, estava com saudade do meu pai, mesmo que tivesse que dar a ele um monte de explicações; e quinto, todas as minhas expectativas já haviam ido embora, muito na frente.

Foi quando coloquei a foto e o pingente de Anabelle em cima da mesa da cozinha que eu baqueei. A princípio fiquei na dúvida se levaria aqueles objetos comigo, junto com as cartas, até que decidi deixá-los por ali. Olhar para eles não estava nos meus planos. Mas, então, tive uma ideia diferente: enterrá-los em algum lugar perto de Belleville, talvez até mesmo junto da caixa e do corpo do pobre Tião. Eu não queria que mais ninguém tivesse acesso a eles, e somente eu conhecia aquele local secreto.

Coloquei os objetos no bolso, abri a porta dos fundos e fui depressa até o bosque. A névoa fria era assustadora, mas não recuei. Quando cheguei a Belleville, vi o carrinho parado perto do

CLP. Ele parecia solitário, assim como eu. Tinha sido enganado o tempo todo por mim, pensando que seu objetivo fosse maior, mas não passava de um carrinho de madeira dentro de um grande brinquedo.

Quanto tempo mesmo demorava uma volta?

— Ah, dane-se!

Caminhei até o CLP. Acionei o botão verde e corri até o carrinho, que começava a se movimentar. Pulei dentro dele, batendo o queixo na borda e produzindo um pequeno corte. Um pouco de sangue manchou meu dedo. Era só o que eu precisava! Então sentei corretamente e senti o vento deslizar pelo meu rosto enquanto subia. O carrinho fez um leve movimento no cume. À minha frente, a descida me aguardava. Quando ela veio, fechei os olhos e imaginei Anabelle comigo.

Quando a volta terminou e o frio dentro na minha barriga desapareceu como o movimento do carrinho, abri novamente os olhos. Tive uma sensação bastante esquisita. A névoa continuava lá, mas as árvores a minha volta pareciam diferentes, talvez menos manchadas ou descascadas. Até mesmo uma delas, que ficava bem próxima de Belleville e que eu suspeitava que tivesse mais galhos, parecia não se recheiar tanto deles.

Desci do carrinho e caminhei até o pilar principal para enterrar os objetos, quando percebi no meio do caminho, jogada por cima da terra, uma faca suja de sangue. Agachei-me, pensando que fosse ilusão, mas ela era de verdade. Então a segurei e examinei. Eu tinha certeza de que não havia esquecido nada por ali, especialmente uma faca, e menos ainda manchada com o sangue de alguém! Que efeito doido era aquele?

Então eu visualizei com esforço a ponta do telhado do galpão submergindo da névoa. Algo estava realmente muito estranho. A pintura mostrava-se mais firme, como se tivesse sido feita havia bem menos tempo do que quando cheguei por ali. Sua madeira, menos rachada e envelhecida. E então o frio retornou a meu

estômago de forma avassaladora, como se eu ainda não tivesse parado de deslizar nas curvas da montanha-russa.

Eu estava no passado. E podia arriscar que eram cinquenta anos antes!

De súbito, percebi uma trilha de sangue que se estendia até o galpão. Lembrei-me da vez em que encontrei sangue no terreno, só que agora ele era muito mais extenso e em manchas maiores. As portas estavam entreabertas. Eu queria correr, mas minhas pernas tremeram com o pensamento do que encontraria pela frente. Mesmo assim, fiz o possível para chegar rapidamente ao local. Por segurança, não larguei a faca.

Quando entrei no galpão, vi uma garota muito magra e identifiquei de imediato os olhos grandes e brilhantes, exatamente como na fotografia, e mais verdes do que sempre imaginei. Porém, raios vermelhos misturavam-se no entorno da íris, e ela estava quase fechando-os, pois um homem enorme e tinha as mãos sangrentas envolvidas no pescoço de Anabelle, sufocando-a por cima do balcão onde uma vez encontrei as plantas de Belleville. Então, as palavras do Seu Joaquim me tomaram a mente:

“Ela foi esganada pelo próprio tio, o irmão de Rodolfo.”

Não falei nada. Poderia gritar, ordenar que a soltasse, mas não havia tempo. Anabelle acabara de fechar os olhos, e seus braços penderam para baixo, molengas. Eu corri. Corri como nunca, desejando atingi-lo com força. E então, antes mesmo que ele percebesse minha presença e conseguisse se virar completamente, cravei a faca na parte posterior de sua coxa, com probabilidade maior de que o fizesse cair no mesmo instante.

Ele estrebuchou e desabou sobre o piso, gritando de pavor.

Segurei o rosto de Anabelle. Estava coberto de sujeira, carvão e sangue. Tirei a camisa e tentei limpá-lo, desobstruindo suas vias respiratórias. Havia marcas profundas em seu pescoço.

— Anabelle! Você está me ouvindo?

Ela não respondeu. Sua respiração fraca demonstrava a situação de risco em que se encontrava, e eu quase não sentia sua pulsação. Anabelle estava indo embora! Então eu a coloquei em meus braços e caminhei para fora do galpão, desorientado, ouvindo os gritos do homem no chão enquanto ele retirava a faca da perna. Eu não sabia o que fazer. Queria chorar de desespero, ao mesmo tempo em que pensava numa solução. Tinha acabado de encontrar a mulher da minha vida, só para ela morrer nos meus braços?

Fui em direção à montanha-russa. Durante a caminhada, com o peso de Anabelle em meus braços, vi que seu tio saiu pela mesma porta com o machado nas mãos e mancando. Se eu a largasse ali e tentasse nos defender, era provável que ela morresse. Nós dois morreríamos.

Só havia uma opção, e eu precisava que desse certo.

Tentei me apressar ao máximo. Quando cheguei perto do carrinho de madeira, coloquei Anabelle dentro dele. O homem se aproximava, arrastando a perna. Era forte como um touro. Fui até o CLP e apertei novamente o botão de partida. Ele percebeu. Então eu corri e saltei para dentro do carrinho, acomodando Anabelle em meu colo, já que o veículo não havia sido projetado para duas pessoas. Enquanto subia, nosso peso fez a corrente ranger como nunca, e parecia que iria estourar em pouco tempo. Me agarrei a Anabelle, pedindo a Deus que nos desse essa chance. E chorei como uma criança perdida.

Anabelle abriu os olhos.

— Lucius...

— Anabelle! Por favor, não me abandone!

— Nós... estamos...

— Sim, em Belleville. Vamos andar juntos. O seu sonho realizado.

— Você... foi... ferido... — Ela colocou os dedos suaves em meu queixo e fechou novamente os olhos.

Me agarrei a seu corpo como se fosse o meu próprio. Aquilo não podia estar acontecendo!

O carrinho desceu a colina, e logo sem seguida veio a primeira curva. Depois, outra. Quando levantei a cabeça, percebi o borrão do homem que nos perseguia empunhar o machado próximo ao CLP, do lado oposto. Eu queria gritar para que ele nos deixasse em paz, que ficasse com tudo aquilo para ele, pois a mim e Anabelle só importava o amor que sentíamos um pelo outro. Então veio uma nova subida e outra descida. O vento se agarrou nas lágrimas do meu rosto, folhas de árvores pareciam despencar como pedras no chão. Ele tentou levantar o machado acima da cabeça, mas, sem forças, não conseguiu. Veio uma nova curva. "Deixe-nos em paz! Ela não pertence a você. Não pertence a este lugar!"

Outra curva. Estávamos na última parte. "Menos de um minuto", minha mente reverberou.

O homem fez uma nova tentativa. Subiu o machado, dessa vez até a altura do peito, o máximo que devia conseguir. Ele mirava os fios grossos que saíam do CLP e serpenteavam pelo terreno até os pilares. Então chegamos ao trecho final, e, junto dele, à desaceleração do carrinho.

Beijei Anabelle e fechei meus olhos quando o machado desceu com a força de um relâmpago e cortou os fios.

Não os abri mais durante muito tempo.

Por cinquenta anos.



Capítulo 47

Campos do Jordão, 23 de setembro de 2014.

Ilustre desconhecido,

Hoje começa a primavera, e, assim como é enorme a nossa expectativa pela mudança de estação, temos certeza de que você quer saber o que aconteceu depois de tantas desventuras. Anime-se, pois temos um final feliz para contar: como você deve prever, Anabelle e eu retornamos (ou avançamos?) cinquenta anos e estamos sãos e salvos. Sim, eu sei, não conseguimos compreender o que aconteceu esse tempo todo em Belleville, nem como os objetos iam e vinham ou como a passagem no tempo foi criada. Mas, no final das contas, isso pouco importa, não é mesmo? O que nos traz aqui é o envolvimento de nossas ações em Campos do Jordão. A única coisa que podemos certificar é que o fenômeno só ocorria entre nós dois, talvez porque fosse uma história destinada às nossas vidas, assim como quando os bebês nascem e seus nomes são escolhidos. Muitas pessoas andaram por Belleville, passearam na montanha-russa, mas nunca ocorreu nada diferente com elas, nunca desconfiaram de qualquer coisa. E achamos melhor que seja assim.

O passado? Ele ficou realmente para trás. Nunca mais o experimentamos no presente ou no futuro. Não encontramos mais nenhuma ligação, nem queremos que haja. Você deve compreender o porquê. Lutamos muito para chegar até aqui, e tudo parece perfeito. Em relação a isso, ao contrário do que acompanhamos nos livros e filmes, nada se modificou. O tio de Anabelle foi preso, acusado pelo desaparecimento dela depois que foi denunciado pela mulher que a libertou, e, tempos mais tarde, morreu na prisão. A

casa continua a mesma. Belleville está funcionando plenamente, e todos os nossos segredos estão enterrados dentro da velha caixa de madeira, no mesmo lugar de sempre, na companhia do valente e saudoso Tião. Exceto o colar com pingente, que reluz maravilhosamente no pescoço de Anabelle. Ela é incapaz de tirá-lo, e isso é ótimo, pois meu amuleto ficou completo agora.

Anabelle e eu estamos juntos e, mais do que nunca, apaixonados um pelo outro. Ela recuperou sua vitalidade e voltou a ser aquela menina linda da foto. Continuamos morando na mesma casa, pois, com a ajuda do meu pai, fizemos uma renegociação com o proprietário. Foi difícil fazer o velho compreender, mas, no fim, o que conta é o seu apoio incondicional. Ele é um pai bárbaro. Existe até mesmo a possibilidade de comprarmos a propriedade em infinitas parcelas, já que eu comecei a trabalhar. Nós preferimos permanecer por aqui, até por uma questão de adaptação para Anabelle. Ela está indo bem no presente. Acho que ela o faria de qualquer jeito, pois nunca conheci uma pessoa tão corajosa e feliz!

Amanhã Anabelle começa a trabalhar na loja de chocolates artesanais com a filha da Dona Odila, a "Dona Italiana". Depois de tantos anos, para ela parece que foi ontem! Entendemos que algumas coisas são bem estranhas, pois não é fácil viajar cinquenta anos em cinquenta segundos, exatamente o tempo que descobri que dura uma volta em Belleville. Mas temos o apoio de todos os nossos amigos, aqueles mesmos que tornaram esta história mais interessante. Aliás, você devia ter visto a cara do professor Miranda quando encontrou Anabelle pela primeira vez. Foi impagável!

Bem, acho melhor não me prolongar. Você já deve estar com vontade de conhecer outra história tão bonita e empolgante quanto a nossa. Eu o compreendo, é como um vício. Acho que estamos a todo momento à procura de aventuras como essa, que fogem à realidade. Espero que você a encontre logo, porque histórias assim devem permanecer para sempre em nossas memórias, ou, quem sabe, por cinquenta anos. Afinal, somos todos sonhadores, não é mesmo?

Aqui, nós nos despedimos. Sei que, da próxima vez que você olhar para uma montanha-russa, será de forma diferente. E, se sentir saudades da nossa história, reflita: quem sabe algum dia alguém pensou em construí-la para você?

Para sempre,

Lucius e Anabelle